



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA- PPGEOG

JEZIEL SILVEIRA SILVA

**“CLIQUE @QUI PARA O HIV”: FORMAS CONTEMPORÂNEAS
DE DIFUSÃO DO VÍRUS NO BRASIL**

São João del-Rei
2022



Universidade Federal
de São João del-Rei

“CLIQUE @QUI PARA O HIV”: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE DIFUSÃO DO VÍRUS NO BRASIL

JEZIEL SILVEIRA SILVA

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de São João Del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Análise Ambiental e Territorial.

Linha de Pesquisa: Dinâmica do Espaço Rural e Urbano.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Toledo (UFSJ)

Coorientador: Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel (UERJ)

**São João del-Rei
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586? Silva, Jeziel Silveira .
"CLIQUE @QUI PARA O HIV": FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE
DIFUSÃO DO VÍRUS NO BRASIL / Jeziel Silveira Silva
; orientador Márcio Roberto Toledo; coorientador
Ivan Ignácio Pimentel . -- São João del-Rei, 2022.
180 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Geografia) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2022.

1. Transmissão Consensual do HIV. 2. Ciberespaço.
3. Espaço Concreto. 4. HSH. 5. Brasil. I. Toledo,
Márcio Roberto, orient. II. Pimentel , Ivan
Ignácio, co-orient. III. Título.



Universidade Federal
de São João del-Rei

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“CLIQUE @QUI PARA O HIV”: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE DIFUSÃO PROPOSITAL DO VÍRUS NO BRASIL

Autor: Jeziel Silveira Silva

Orientador: Prof. Dr. Marcio Roberto Toledo

Coorientador: Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel

A Banca Examinadora composta pelos membros abaixo aprovou esta dissertação:

Documento assinado digitalmente



MARCIO ROBERTO TOLEDO
Data: 18/08/2022 09:42:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcio Roberto Toledo – Orientador
Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ

Documento assinado digitalmente



IVAN IGNACIO PIMENTEL
Data: 17/08/2022 12:34:28-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Ivan Ignácio Pimentel - Coorientador
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ



Documento assinado digitalmente

MARCIO JOSE ORNAT

Data: 17/08/2022 10:31:26-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcio Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG



Documento assinado digitalmente

NILTON ABRANCHES JUNIOR

Data: 18/08/2022 07:42:32-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Nilton Abranches Junior

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ



Documento assinado digitalmente

ADELAINE ELLIS CARBONAR DOS SANTOS

Data: 16/08/2022 19:39:22-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná- IFPR

I think... I think when it's all over it *just* comes back in flashes, you know? It's like a kaleidoscope of memories, it just all comes back. But he never does. I think part of me knew the second I saw him that this would happen. It's not really anything he said or anything he did, it was the feeling that came along with it. And the crazy thing is I don't know if I'm ever going to feel that way again, but I don't know if I should. I knew his world moved too fast and burned too *bright*, but I just thought, how can the devil be pulling you toward someone who looks so much like an angel when he smiles at you? Maybe he knew that when he saw me. I guess I just lost my balance. I think that the worst part of it all wasn't losing him.... it was *losing* me!

(I Knew You Were Trouble, Taylor Swift, 2012).

Dedico esta dissertação a minha mãe Arleida que durante toda sua vida sempre me incentivou a estudar e por diversas vezes ouviu meus desabaços, choros, engasgamentos acadêmicos. Não há palavras que podem explicar todo amor e carinho que sinto. Obrigado eternamente!

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de um árduo e longo período de trabalho que possibilitou o meu processo de amadurecimento acadêmico. Por isso, não hesito em chamá-la de "*The New Classic*".

Agradeço a minha família, em especial minha irmã Lívia Silveira pelo estímulo e ajuda nas tabulações de dados.

Ao meu orientador-parceiro de pesquisa Dr. Márcio Toledo (UFSJ) por toda confiança e amizade construída ao longo da minha trajetória na Geografia. Muito obrigado por estender a sua mão e confiar no meu trabalho. Gratidão por tudo!

Ao meu coorientador-amigo-parceiro de pesquisa Dr. Ivan Pimentel (UERJ) por toda orientação, reunião, risada, conversas paralelas, dedicação, apoio e compreensão. Obrigado por todo auxílio, dedicação e por inúmeras reuniões. Grato pela nossa amizade e pela troca simbólica de conhecimento acadêmico, pessoal e profissional proporcionado nesse tempo.

Aos professorxs Dra. Adelaine Carbonar dos Santos (UFSJ), Dr. Márcio Ornat (UEPG) & Dr. Nilton Abranches (UERJ) que aceitaram gentilmente compor a banca de defesa desta dissertação. Grato por toda dedicação, tempo e carinho com este trabalho!

Ao professor do Departamento de Psicologia Dr. Rafael Siqueira de Guimarães (UFSJ) que me aceitou em suas aulas de coração aberto no Departamento de Medicina e contribuiu para discussões importantíssimas a respeito de temas como Gênero, Saúde e Sexualidade. Obrigado pelo intercâmbio entre Geografia, Gênero e Saúde!

As professoras do Departamento de Geociências (DEGEO-UFSJ) Dra. Carla Juscélia de Oliveira Souza, Dra. Tatiane Godoy e Dra. Iola Boëchat pelas contribuições que ocorreram de forma direta e indiretamente ao longo do meu percurso acadêmico. Obrigado por cada momento de sabedoria e conhecimento!

Aos meus amigos de longa data Aline, Camila, Gustavo e Larissa pelo zelo comigo em momentos tão complexos e por compreender que nem sempre é possível estar junto.

Agracio insistentemente as minhas amigas amadas que a Geografia me possibilitou de conhecer e conviver durante quatro anos: Denise, Fernanda & Maria Julia por todos os trabalhos em grupo, encontros culinários, risadas, caronas & desabafos até altas horas da noite. Obrigado por todo o carinho e solidariedade. Eternamente grato a vocês!

Agradeço em especial à Mariana Chaves uma grande amiga-singular e plural que esteve comigo desde meus tempos de calouro e hoje celebramos junto à ciência, a universidade, a Geografia e as interfaces dessa longa vida. Obrigado amiga por toda paciência, carinho, conversa e conselho. Uma amiga-irmã para vida inteira!

Agradeço a Alicia Moreira pelos encontros na Casa Amarela\Casa da Matilda que possibilitaram longas e árduas conversas sobre Gênero, Sexualidade, Geografias Subversivas e que terminaram em um bom karaokê até a madrugada. Agradecido!

Aos meus demais companheiros da Geografia pela amizade, empatia, compartilhamento de saberes e experiência de vida nos “momentos de café”. Aos meus capatazios do “De Férias com o Ex (GEO)”. *“I don't have a crystal ball, but I always knew, you would stab me in the back with your stripper shoes” (Kesha,2020)*. Obrigado por me mostrarem um lado que eu jamais conheci. Luz sempre!

Agradeço ao Thiago Santos por me ajudar na criação do mapa de um tema extremamente rico e pouco conhecido e aos demais alunos do Laboratório de Humanas e do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) que por meio de diálogos, semanas acadêmicas e reuniões fizeram da universidade um importante espaço de troca de conhecimento, experiência e vivência. Um brinde a ciência!

Agradeço, sobretudo a Universidade Federal de São João del-Rei pelo amparo e fomento de bolsas durante meu trajeto acadêmico na Graduação e Pós-graduação.

RESUMO

O incômodo principal desta pesquisa é mostrar que o ciberespaço como “Espaço Abstrato”, pode ser considerado um importante instrumento para a realização de encontros e de relações sexuais no “Espaço Real”. De imediato, defende-se o espaço virtual como uma ferramenta que possibilita a criação de “comunidades imaginadas” e, dentre estas, o “Clube do Carimbo” – um grupo composto de Homens que fazem sexo com outros Homens (HSH) que vivem com HIV e renunciam aos tratamentos indicados de forma intencional, pois objetivam contaminar outras pessoas de forma proposital consensual ou não consensual (neste caso, ato criminoso) por\através formas contemporâneas, como o *Stealth*, *Generation*, *HIV In Capa* e *HIV In Vitro*. O objetivo geral desta dissertação é analisar a utilização do Ciberespaço como instrumento para a disseminação proposital do HIV entre HSH no\através Espaço Concreto. As bases teóricas utilizadas para alcançar os objetivos presentes na pesquisa advêm dos estudos da Geografia Cultural; Geografia de Gênero e Sexualidades; Geografia da Saúde e Geografia Crítica. Para corroborar com as bases teóricas, utilizamos como métodos: a triangulação de métodos (Marcondes & Brisola, 2014), análise descritiva (Mattos, 2011) e observação participante (Becker, 1992) com a presença de método de análise de conteúdo (Bardin, 1977) que por meio do discurso foi possível à construção de redes semânticas por agrupamentos, dentre estas, quais os motivos que levam o ator social a procurar, realizar e disseminar esta dinâmica. No decorrer da pesquisa foi plausível identificar, observar e mapear a espacialização do “Clube do Carimbo” no Brasil assim como as práticas e comportamentos sexuais que esses HSH se envolvem com auxílio do ciberespaço em 15 grupos identificados em um aplicativo de mensagens instantâneas, abarcando mais de 1.500 homens cisgênero envolvidos com essa prática intencional de transmissão do HIV, assim como as subjetividades desses atores sociais e a relação que eles possuem com o vírus. Por fim para muitos desses HSH, o HIV é um “troféu” a ser conquistado e compartilhado entre os demais HSH e ao adentrar na rede e difundir as práticas e trocas de experiências, possibilita com que a materialização e legitimação do fenômeno sejam concretizadas por meio dos múltiplos Espaços Concretos espalhados pelas cidades onde estes HSH deslocam-se e encontram-se.

Palavras Chaves: Transmissão Consensual do HIV, Ciberespaço, Espaço Concreto, HSH, Brasil.

"CLICK HERE FOR HIV": CONTEMPORARY FORMS OF SPREADING THE VIRUS IN BRAZIL

ABSTRACT

The main bother of this research is to show that cyberspace as "Abstract Space", can be considered an important instrument for the realization of encounters and sexual relations in "Real Space". Immediately, the virtual space is defended as a tool that enables the creation of "imagined communities" and, among these, the "Clube do Carimbo" - a group composed of Men who have sex with other Men (MSM) who live with HIV and intentionally renounce the indicated treatments, because they aim to contaminate other people in a consensual or non-consensual way (in this case, a criminal act) through contemporary forms, such as *Stealthing*, *Generationing*, *HIV In Capa* and *HIV In Vitro*. The overall goal of this dissertation is to analyze the use of Cyberspace as a tool for the purposeful spread of HIV among MSM in/through Concrete Space. The theoretical bases used to reach the objectives present in the research come from the studies of Cultural Geography; Geography of Gender and Sexualities; Geography of Health and Critical Geography. To corroborate with the theoretical bases, we used as methods: the triangulation of methods (Marcondes & Brisola, 2014), descriptive analysis (Mattos, 2011) and participant observation (Becker, 1992) with the presence of content analysis method (Bardin, 1977) that through the discourse was possible to the construction of semantic networks by groupings, among these, what are the reasons that lead the social actor to seek, perform and disseminate this dynamic. During the research, it was possible to identify, observe, and map the spatialization of the "Clube do Carimbo" in Brazil, as well as the sexual practices and behaviors that these MSM engage in with the help of cyberspace in 15 groups identified in an instant messaging application, encompassing more than 1.500 cisgender men involved with this intentional practice of HIV transmission, as well as the subjectivities of these social actors and the relationship they have with the virus. Finally, for many of these MSM, HIV is a "trophy" to be conquered and shared among other MSM, and by joining the network and spreading the practices and exchanges of experiences, it allows the materialization and legitimization of the phenomenon to be materialized through the multiple Concrete Spaces spread throughout the cities where these MSM move and meet.

Key words: Consensual HIV Transmission, Cyberspace, Concrete Space, MSM, Brazil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Mapa de Espacialização do Clube do Carimbo	132
Figura 02- Nuvem de Palavras Referente à Categoria Argumentos e Fundamentos para os Atores Sociais do Clube Do Carimbo	146
Figura 03- Nuvem de Palavras Referente à Categoria Sobre Práticas Para Transmissão Dentro do Contexto do Clube do Carimbo	147
Figura 04- Nuvem de Palavras Referente à Categoria sobre Perfil de Identificação dos Atores Sociais Dentro do Clube do Carimbo	148
Figura 05- Nuvem de Palavras Referente à Categoria Sobre Comportamentos Sexuais & Práticas Sexuais de Transmissão do HIV No Clube do Carimbo	150
Figura 06- Nuvem de Palavras Referente à Categoria do Virtual ao Real: Concretização do Fenômeno de Transmissão Consensual do HIV no Espaço Concreto por Meio dos Goddess Spaces	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Espacialização e Difusão Geográfica do HIV/AIDS no Brasil.....	33
Quadro 02- Origem da palavra Ciberespanalidade	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- As múltiplas estratificações dos desejos à flor da tel@	95
Tabela 02- As tribos disponíveis em aplicativos e a identificação de corpos.....	100
Tabela 03- Quantidade de Grupos do Clube do Carimbo de acordo com a UF e o DDD.....	132
Tabela 04- Códigos Presente nos Grupos de Whatsapp.....	135
Tabela 05- Catalogação de Grupos do Clube do Carimbo no Ciberespaço.....	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C	Antes de Cristo
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Humana
APPS	Aplicativos
ARV'S	Medicamentos Antirretrovirais
BARE	Abreviação do termo <i>Barebacking</i>
BDSM	Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo E Masoquismo
CD4+	Grupo de Diferenciação 4
CTA	Centro de Testagem e Aconselhamento
GGB	Grupo Gay da Bahia
GRID	<i>Gay Related Infection Disease</i> : Infecção Relacionada à “Doença <i>Gay</i> ”
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HSH	Homens que fazem sexo com outros Homens
IST'S	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, <i>Queer</i> , Intersexo e Assexuais+
MG	Minas Gerais
NET	Abreviação do termo Internet
ONGS	Organizações não governamentais
PEP	Profilaxia Pós-Exposição ao HIV
PrEP	Profilaxia Pré-Exposição ao HIV
PUDI	Pessoas que usam drogas injetáveis
PV	Abreviação do termo Privado
PVHIV	Pessoas que vivem com HIV
SUS	Sistema Único de Saúde
UAI	Unprotected Anal Intercourse – Sexo Anal Desprotegido
UDI	Usuários de Drogas Injetáveis
UNAIDS	Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: ABAIXO DA LINHA DO EQUADOR: O HIV E OS MÚLTIPLOS SUJEITOS NO BRASIL.....	21
1.1- Panorama Histórico do HIV: Da Pandemia dos Anos 80 aos dias Atuais	28
1.2- “Castigo Divino”: O Estigma Carregado Pelos Homossexuais.....	38
1.3- HIV Não Atinge Só “Bichinha”: Um Vírus, Múltiplos Atores Sociais.....	54
CAPÍTULO 2: “SE ESSE (CIBER_) ESP@ÇO FOSSE MEU”: A MULTIFACE DO ESPAÇO E A GEOGRAFIA CONTEMPLANDO OS CORPOS	66
2.1- A Transformação Da Vid@: Do Ciberespaço ao Espaço Concreto.....	73
2.2- Ciberespaço: A Criação de Um Mundo V!rtu@l Mágico Porque A Vida Real é Trágica.....	80
2.3- “My Second Life”: As Possibilidades De “Ser Quem Eu Desejar” no Ciber_Esp@ço.....	87
CAPÍTULO 3: A DISSEMINAÇÃO PROPOSITAL CONSENSUAL DO HIV PELO CLUBE DO CARIMBO: DO CIBERESPAÇO AOS GODDESS SPACES.....	106
3.1- O Ciberespaço e o <i>Goddess Space</i> : O Gozo Como Ponto de Encontros.....	114
3.2- Fetiche Pelo HIV: A Indústria Pornô Entra (EN) Cena.....	119
3.2.1- "Bug Chasing", “Gift” & "Gift Giving": Identidades em Evidência.....	123
3.2.2- As Práticas Transgressoras: <i>Stealthing & Generationing</i>	127
3.3- Anjos Ou Demônios: O Clube do Carimbo a Partir De Outros Olhares.....	130
3.3.1- Para Além da Anal (Ógias): HIV <i>In Vitro</i> & HIV <i>In Capa</i>	154
CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS	160
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

INTRODUÇÃO

Com seu aparecimento, a partir da década de 1980, o Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS têm se transformado em um dos enredos que mais atinge a população mundial, ultrapassando barreiras físicas, econômicas, políticas e sociais. O vírus tem sido capaz de proporcionar ao Brasil, recorte (ciber) espacial desta dissertação, uma repercussão impactante e importante para os países que se localizam abaixo da linha do Equador¹, nosso marcador da divisão espacial para as análises a respeito do HIV/AIDS.

Com o progredir dos anos 1980, a sociedade buscou então uma análise cartográfica social-urbana, capaz de esquadrihar as regiões da cidade, verificando onde estavam os focos da doença, a fim de buscar sua erradicação, segundo Christovam Barcellos et al., (1996). Não obstante, os *Goddess Spaces* – isto é, as saunas, boates, cinemas, darkroom, ruas desertas, vielas escuras, locais abandonados e desativados, banheiros públicos, praias, praças, parques, estacionamento de shoppings ou supermercados e similares – engloba espaços onde o amor, a sedução e a sexualidade se encontram, se entrelaçam e se tornam perigosos - passaram a ser categorizados como locais onde a patologia era disseminada, concebendo inicialmente que o homossexual masculino passasse a ser ainda mais marginalizado pela sociedade, tornando-se o principal foco e objeto de delineamento do HIV, o que desencadeou que seus espaços concretos de interação e convívio passaram a ser categorizados como espaços a serem combatidos.

Entretanto, a internet veio a se transformar em um meio de comunicação entre as pessoas ao redor mundo que possuem acesso a ela, concebendo o aumento das relações sociais e culturais e possibilitando novas reflexões sobre as fronteiras entre o espaço concreto e o ciberespaço, suas interfaces e correlações. Diante de uma sociedade marcada por inúmeras transformações, a questão tecnológica pode ser considerada um advento que, ao longo do tempo, vem proporcionando novas reflexões no campo geográfico, transformando seus estudos e investigações a partir de temas subversivos que fazem parte da rede como gênero, sexualidade, saúde, corpos abjetos. Dessa maneira, a internet passou a desempenhar um papel substancial para que se repensem os

¹ Novos casos de infecção por HIV aumentaram mais de 20% na América Latina na última década, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Disponível em: <

paradigmas fundados e estabelecidos acerca do HIV, nos quais se tem notado um alicerce de questões relacionadas ao prazer, ao erotismo, ao submundo, à subversão dos “invertidos”². Pensar o ciberespaço faz refletir sobre novas possibilidades de um ofício indispensável no horizonte das relações sexuais e das práticas sexuais Parker (2002).

Por conseguinte, este trabalho tem como sustentáculo o seguinte incomodo central: O ciberespaço como “Espaço Abstrato”, pode ser considerado um importante instrumento para a realização de encontros e de relações sexuais no “Espaço Real”. De imediato, defende-se o espaço virtual como uma ferramenta que possibilita a criação de “comunidades imaginadas” e, dentre estas, o “Clube do Carimbo” – um grupo composto de Homens que fazem sexo com outros Homens (HSH) que vivem com HIV e renunciam aos tratamentos indicados e disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil intencionalmente, pois objetivam contaminar as pessoas com o vírus de forma proposital, sem que o parceiro (a) saiba, ou seja, sem o consentimento, na qual a prática é vista como um ato criminoso, enquadrando-se nas seguintes artigos: Artigo 121 do Código Penal (foco no Homicídio Doloso); Artigo 129 do Código Penal (foco na Lesão Corporal); Artigo 130 do Código Penal (Exposição do sujeito a moléstia grave); Artigo 131 do Código Penal (Intenção de transmissão de moléstia grave); Artigo 267 do Código Penal (Causar epidemia).

Para esta pesquisa, tem-se como objetivo geral: (1) Analisar a utilização do Ciberespaço como instrumento para a disseminação proposital do HIV entre homens que fazem sexo com outros homens no/através Espaço Concreto. Como amparo, os objetivos específicos são: (a) Compreender as correlações entre o Ciberespaço e o Espaço Concreto para os sujeitos que compõem o Clube do Carimbo; (b) Entender as subjetividades dos atores sociais envolvidos no “Clube do Carimbo” expondo suas práticas cotidianas de transmissão do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’s); e por fim (c) Elencar quais são as práticas sexuais para transmissão intencional adotada pelos integrantes do Clube do Carimbo analisando as práticas e formas contemporâneas expostas como *Generationing* (prática em que consiste na contaminação efetiva e repetida várias vezes); *Stealthing*³ (remoção do preservativo intencionalmente sem que o parceiro saiba) e as novas práticas que categorizo neste trabalho, denominadas de *HIV In Vitro* (grande quantidade de esperma

² O contexto do termo refere-se ao que era visto como apostado ao natural, ou seja, contrário a lógica binária e sexual de homem cis\mulher cis.

³ Ato criminoso conforme o Artigo 215 do Código Penal.

que foi armazenado em utensílios como copo, potes e outros feitos em sua maioria de vidro e que com o auxílio de uma seringa ou plug anal vazado é depositado no ânus do outro ator social com seu consentimento) e *HIV In Capa* (ingerir sêmen que se encontra depositado no interior do preservativo).

Esta pesquisa mergulha na Geografia Cultural (base fenomenológica com pilar de interpretação hermenêutica) que apesar de ter sua origem de forma complexa, conforme expõe Paul Claval (2011) passou a ser reformulada a partir de 1970 com a chamada “virada cultural”, evidenciando investigações a respeito do espaço e, a partir daquele momento, levando em consideração o ambiente local e específico, contemplando, em suas observações, os estudos referentes ao indivíduo perante o mundo. A partir disso, cabe destacar que um viés que contempla a Geografia Cultural não se resume em discorrer apenas sobre cultura, mas revalidar com as espacialidades que advém do espaço. No entanto, inclino-me em frisar que a Geografia Cultural possibilitou que as perspectivas geográficas fossem ultrapassadas para além da Ciência Geográfica, aprofundando os debates e discussões epistemológicos de teóricos como Doreen Massey; Marcelo Lopes de Souza; Michel Lussault; Paul Claval.

Além disso, as diferenças que marcaram profundamente o espaço adotaram múltiplas escalas para analisar e principalmente atrelar as complexas relações e conexões entre os corpos, identidades, gênero, saúde, sexualidade e poder, elementos que foram substanciais para a compreensão da produção material e simbólica do espaço, conforme afirma Joseli Maria Silva e Marcio Ornat (2009b), contemplando nesta pesquisa um vasto campo da Geografia denominado de Geografia das Sexualidades, na qual me debruço em Benhur Pinós da Costa, Ivan Ignácio Pimentel; Joseli Maria Silva; Katherine Browne; Lynda Johnston; Marcio Ornat, Michael Brown. Por fim, a Geografia da Saúde na qual tenho um carinho enorme me auxiliou na compreensão de determinados contextos, principalmente a partir dos trabalhos de Mateus Fachin Pedroso & Raul Borges Guimarães e por fim, a Geografia Crítica por meio de estudiosos como Ana Fani Alessandri Carlos, David Harvey, Milton Santos, Neil Smith; Roberto Lobato Corrêa que contribuem para a discussão proposta neste trabalho.

Assim a pesquisa possui como métodos: (a) Revisão bibliográfica com a presença de triangulação de métodos segundo Marcondes & Brisola (2014) dado o exposto que o olhar do pesquisador, a partir de um mesmo fenômeno, contemplou mais de um ângulo – Ciência Geográfica, Ciência Social e Ciências Médicas; (2) Revisão bibliográfica com a presença de análise descritiva, na qual o estudo etnográfico foi

desenvolvido corroborando com Mattos (2011), pois o estudo é direcionado sobre o comportamento e a cultura de determinados grupos sociais na rede e no Espaço Real; (3) Partindo das bases do método de análise de conteúdo, proposto por Bardin (1977) buscou-se analisar o conteúdo do discurso por meio da construção de redes semânticas por agrupamento, contemplados através da observação participante (BECKER, 1992) buscando compreender e analisar, por meio das repetições de palavras, os discursos proferidos pelos atores sociais nos grupos do Whatsapp – nosso (ciber.) espaço de análises e coleta de dados.

Diante disto, para essa pesquisa foram utilizados os materiais: (1) Celular, a fim de: (a) Adentrar nos grupos de Whatsapp e outras redes sociais em que é possível localizar a temática proposta; (b) Realizar o levantamento de dados – observação participante e método de repetição de palavras com a presença de identificação de rede semântica por agrupamento a partir dos grupos do Clube do Carimbo e outros grupos que possuem a mesma ideologia: transmissão intencional do HIV; (2) Notebook com a função de: (a) Coletar dados referentes à temática proposta, inseridos a partir de um blogue disponível na rede e de livre acesso e a partir da correlação entre o Cíberespaço e o Espaço Concreto, catalogar quais são as práticas sexuais que possibilitam a difusão do HIV e os discursos que envolvem essa prática consensual e não consensual (criminosa) e, por fim; (c) Elaborar os gráficos, tabelas e figuras deste trabalho.

Além disso, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) decidiu no ano de 2006 que as conversas que ocorrem em ambientes virtuais não estão incluídas no sigilo das comunicações, pois ocorrem em locais de acesso irrestrito e destinado a conversas informais. Contudo, no ano de 2021, a Terceira Turma do Superior Tribunal de Justiça notificou de que a divulgação pública de conversas pelo aplicativo Whatsapp sem autorização dos interlocutores é visto como um ato ilícito e pode resultar em eventuais danos. Conforme evidencia a nota, o sigilo das comunicações está diretamente ligado a questões como liberdade de expressão que visa resguardar contextos como: direito a intimidade e a privacidade, ambos assegurados pelo Código Civil, nos artigos 20 e 21.

Assim sendo, torna-se necessário enfatizar (mesmo que isto esteja ocorrendo de forma fatigante no decorrer deste trabalho) que visando uma postura e uma índole que tange a ciência e pesquisa⁴, em nenhum momento ou circunstância iremos expor os

⁴ Segundo a Resolução nº 510, de 07 de Abril de 2016, da Universidade Federal de São João del-Rei, parágrafo único, as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP\CONEP, quando: II- pesquisa que utilize informações de acesso público; V - pesquisa com

participantes dos grupos analisados. Em nenhuma hipótese estamos tornando público, por meio de imagens e vídeos, as práticas e os discursos presentes nos grupos por meio de captura de tela ou transposição de narrativas que expõem e evidenciam de forma direta os nossos internautas interlocutores, sujeitos assim categorizados para esta pesquisa. Por fim, em nenhum momento, os dados expostos neste trabalho procuraram prejudicar\expor os grupos e os participantes e compactuamos com o sigilo das relações. Neste trabalho, busquei por meio dos Códigos Penais atos que enquadram algumas questões que apareceram no decorrer do texto. Entretanto, gostaria de deixar claro que cabe aos órgãos do Ministério Público monitorar e combater essas práticas por meio dos Códigos Penais, principalmente nos\através espaços e ambientes virtuais.

Mesmo diante das incertezas e armadilhas que poderia encontrar nessa trajetória evidencio que o meu vínculo com o projeto foi um importante combustível e força motriz para a concretização desta pesquisa e para a contribuição da Ciência Geográfica. Sabe-se que a pesquisa advém da curiosidade e que esta nos conduz, mesmo diante de dificuldades, a novas descobertas e, conseqüentemente, a saberes até então invisíveis diante da ciência e da sociedade. Durante minha trajetória acadêmica como Geógrafo (privilegiado inclusive pelo acesso a universidade pública e à Pós-graduação) tentaram de todas as formas invalidar este estudo. Ninguém pensou que eu faria isso e chegaria até aqui, então, mergulhem neste trabalho inédito na América Latina.

Recebi, ao falar do meu projeto, inúmeras frases e faces que buscavam me colocar em caixas e categorizar: isso é Geografia e isso não é. Afinal, o que é Geografia? Existe uma forma de se fazer Geografia? O que querem (tentar) dizer? Que eu não escrevo ou pertencço a Geo por não ser totalmente LIMITADO ao aspecto geográfico tradicional? Eu não sou GEÓgrafo de verdade por que não possuo “vertentes e rochas” de matriz tradicional? É sobre pagar alguém? Preciso de permissão? Isso é sobre imagem? Fruto de quatro anos, esta pesquisa, árdua e complexa e que por inúmeros momentos questioneei o lugar que eu, Jeziel - um homem cisgênero- ocupo na esfera acadêmica e a minha representatividade na ciência. Qual a minha contribuição? É útil? Fiz contribuições para Geografia ou não?

bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual e VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito. Disponível em< https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cepes_cco/Reso510.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

Por fim, compreendo a polêmica do tema desta dissertação, principalmente diante das subjetividades encontradas a partir dos discursos ditos (e não ditos) dos atores sociais envolvidos na transmissão intencional consensual do HIV nos grupos analisados. Por não vivenciar o “boom” da epidemia do HIV e toda sua complexidade-pânico, pavor e (des) informação- e por nascer em uma década privilegiada (anos 1990) devido a várias esferas, determinadas questões não fazem parte do meu local de fala, mas direciona-se para onde se fala e por quem se fala. Por ser um cara HIV- meu intuito aqui não é levantar o estigma, preconceito e sorofobia dentro\fora da comunidade hiv-positiva. A exposição aqui advém da denúncia, da investigação e de um estudo complexo em que ocorre no Brasil e que por "questões de ética" são negligenciadas.

Sugiro e notifico aos meus futuros leitorxs, sejam vocês acadêmicos ou não, que, os relatos aqui não são contos de fadas e não existem “felizes para sempre” para alguns atores. Em alguns momentos, confesso que pensei em desistir por adentrar cada vez mais em espaços, terrenos, zonas, territórios desconhecidos e inquietos. Nunca disse que ia ser justo, mesmo assim, nunca (des) conheci o medo durante este trabalho. Quando comecei a construir este trabalho em 2017, me vi diante de uma esfera em que poucos se atreveriam pesquisar ou freqüentar por possuir em suas vidas suas concepções. Durante dias, noites e meses, perguntei a mim mesmo se este era o trabalho, se o tema que ao mesmo tempo em que é polêmico é requintado, seria capaz de construir um trabalho rico e importante para a Geografia e hoje, digo que sim. Atrevo-me a chamar esta dissertação de “O Novo Clássico”.

Apreendi durante esse tempo a construir, reconstruir e desconstruir ideias, princípios, conceitos e julgamentos a respeito do próximo e das práticas em que ele (a) se envolve na sua vida. O ponto de vista, a visão do próximo diz mais sobre ele e sua própria vida do que nós mesmos e os julgamentos. Ao fazer minhas análises por meio da observação participante, visto que a Pandemia de 2019 me impossibilitou de fazer entrevistas e conseqüentemente por meio das medidas de distanciamento dos sujeitos nos *Goddess Spaces*, busquei ao máximo não interferir no que estava sendo verificado. Percebi que a construção e perspectiva de cada ator social que compõe o Clube do Carimbo é fruto da sua vida pessoal, cultural, social, política e como ele se enxerga no mundo e enxerga o mundo. Além disto, ao averiguar a insuficiência de pesquisas acadêmicas (Teses, Dissertações, Artigos, Livros e Capítulos de Livros) nas mais distintas redes e plataformas de conhecimento e difusão acadêmica brasileira, construir e apresentar este projeto com enfoque em um tema tão rico e ainda pouco (nulo, na

verdade) explorado pela Geografia acadêmica brasileira, tornou-se uma questão de honra, luta e comprometimento com a pesquisa.

Assim sendo, esta dissertação está dividida em três capítulos principais: o primeiro, *“Abaixo da linha do Equador: o HIV e os múltiplos sujeitos no Brasil”* têm como eixo a salientar a presença de doenças/infecções Abaixo da Linha do Equador, marcador cartográfico e divisão espacial para análise da transmissão do HIV no Brasil. Busco abordar a evolução do vírus na esfera geográfica, sua chegada e sua interiorização. Além disso, percorro na esfera das concepções religiosas e midiáticas, que apontaram normas, patologizações e estigmas por aqueles que foram considerados os responsáveis pelo surgimento e disseminação. Por fim, procuro desmitificar os sujeitos, apresentando as mudanças no perfil social e demográfico no que diz respeito à incidência do HIV, abrangendo múltiplos contextos, circunstâncias e espacialidades.

O segundo capítulo *“Se esse (ciber_) esp@ço fosse meu”: a multiface do espaço e a geografia contemplando os corpos*; trata da transformação da vida que a partir do conceito de ciberespaço, ganhou uma nova reorientação na forma de ver o Espaço Geográfico, tornando-se flexível e mutável. Apresento o ciberespaço como um ambiente em que se fragmentou em múltiplas j@nelas, criando um leque de possibilidades. É a partir desse leque infinito que trazem à tona as possibilidades de um "eu utópico" na rede, aflorando e construindo desejos camuflados e abafados que transpõem a tel@, incidindo no Espaço Concreto e em seus desdobramentos cartogeográficos, afinal, o corpo passa a ocupar o Espaço concreto e virtual.

Por fim, o terceiro capítulo *“A disseminação proposital do HIV pelo clube do carimbo: do ciberespaço aos Goddess Spaces”* apresenta o fenômeno de disseminação do vírus HIV, inserindo práticas contemporâneas e reflexões a partir do fenômeno da comunidade imaginada do Clube do Carimbo. O objetivo desse capítulo (que chega a ser conturbador) é expor a transmissão intencional do vírus HIV, que surge a partir do Ciberespaço e se transpõe para a vida real, incidindo em *Goddess Spaces*. Contudo, o HIV transita da rua para a casa onde uma vida dupla é vivenciada pelo ator social. Salientar práticas sexuais que possibilitam a transmissão intencional do HIV como o *Bareback* (sexo anal intencional consensual sem preservativo) e práticas contemporâneas e pouco difundidas como *Generationing*, *Stealthing HIV In Vitro* e *HIV In Capa*.

Por fim, fica proibida a reprodução total ou parcial não autorizada desta dissertação sem a concessão do autor. Todos os direitos autorais estão reservados.

CAPÍTULO 1: ABAIXO DA LINHA DO EQUADOR: O HIV E OS MÚLTIPLOS SUJEITOS NO BRASIL

Os impactos das novas doenças e infecções, principalmente as contagiosas e transmissíveis, emergidas pelos intercâmbios experimentados por diversas nações que tiveram como vetores verticais e horizontais as viagens, dado o exposto que um único paciente infectado pudesse facilmente transmitir infecções e doenças para um maior número de pessoas precisavam ser contidos, ainda mais depois que as taxas de mortalidade passaram a crescer rapidamente em certas regiões do mundo.

Diante disso, três pilares foram visados para conter as patologias: (1) o conhecimento e esclarecimento perante as causas dessas doenças e infecções; (2) a introdução de remédios preventivos e terapêuticos e (3) a vontade de erradicar essas enfermidades diante de uma esfera global e universal, conforme expõe Giovanni Berlinguer (1999). Mas, devemos frisar que os avanços para reduzir as doenças e infecções não surgiram no horizonte de bom apreço. O movimento que emergiu continha uma grande parte de pesquisadores e estudiosos que tinham ligação com esferas militares. Concretamente, nada passava de um jogo de interesses, afinal de contas, era necessário conhecer, analisar e procurar formas de mitigar as enfermidades, considerando que a conquista da exploração de novos locais não poderia ser interrompida, e as mortes ocasionadas não deveriam ser oriundas de processos desconhecidos. Contudo, todos passaram a se beneficiar com isso, principalmente as localidades que possuíam altas taxas de incidência de certas epidemias, mitigando, assim, e proporcionando uma melhora na saúde da população, interrompendo ciclos de vetores ao redor do mundo.

A indústria moderna estabeleceu o mercado mundial, para o qual a descoberta da América abriu esse caminho. Esse mercado proporcionou grande desenvolvimento do comércio, da navegação, da comunicação por terra (principalmente pelos mapas). Esse desenvolvimento, por sua vez, reagiu à ampliação da indústria, na medida em que a indústria, o comércio, a navegação e as ferrovias se desenvolviam, segundo David Harvey (2005). Obviamente que a produção de ciência e tecnologia e o provimento de infraestruturas sociais de educação, serviços sociais, justiça, administração, e, claro, saúde, definem áreas em que o tempo de gestação de projetos é longo e o retorno dos benefícios (se houver) demora muitos anos.

Entretanto, conforme Harvey (2008) o próprio conhecimento se torna uma mercadoria chave, a ser fabricada e vendida para quem pagar mais. Dessa maneira, as

condições se tornam cada vez mais organizadas, viabilizando bases competitivas. As universidades e os institutos de pesquisas passam a competir ferozmente, não apenas para alcançar uma boa mão de obra, mas também pela patente de novas descobertas científicas, afinal, a corrida pelos norte-americanos e pelo Instituto Pasteur na França para conseguir o antídoto para o HIV e da AIDS certamente teria bons lucros para quem encontrasse primeiro a forma de erradicar a enfermidade. Contudo, nesse caso, o que ocorreu foi à partilha de informações e direitos de patente entre os países. Dessa maneira, fica evidente que se criam tensões sociais e políticas agudas ao redor do globo. Assim, perante a euforia criada, formas políticas e ideologias podem manifestar-se.

A relação imutável entre políticas de saúde pública e do desenvolvimento do capitalismo no Brasil foram incontestáveis, principalmente por estarem sujeitadas e vinculadas aos interesses das classes dominantes. A servidão, nesse âmbito, fomentou diversos interesses, principalmente no que diz respeito à saúde. Logo, a única "racionalidade" era lançar operações e intervenções com orientações e direções sanitárias, que passaram a compor a esfera brasileira, amparados pelo escopo de controlar determinadas doenças\infecções, voltadas nitidamente para a reprodução da força de trabalho, até porque o cenário não era nada encantador: os casos de febre amarela explodindo, a tuberculose emergindo com força total e múltiplas patologias estavam prestes a vociferar, anos depois de acordo com Nísia Lima & Gilberto Hochman (2004).

As inspirações para as ações sanitárias tiveram pretextos amparados pelo racismo, pelos quais a raça branca responsabilizava os escravos negros (e indígenas) como os transmissores de doenças\infecções. Todavia o afloramento de um pensamento higienista da corte racista precisava de uma razão, afinal, o processo de transição do trabalho escravo para o regime de mão de obra livre que seria introduzido no país posteriormente necessitava criar um cenário deslumbrante, atraindo os olhares de diversas civilizações que se deslocavam em busca de melhores condições de vida, trabalho e qualidade de vida, segundo Marcos Maio (2004). Entretanto, quem seria responsabilizado após a explosão deste fenômeno? Até porque, inúmeras infecções\doenças que existiam do outro lado do Atlântico, foram introduzidas pelos colonizadores. Será que, na fantasia, no faz de conta da sociedade vigente, novas epidemias não seriam capazes de aparecer?

A insensatez dos intelectuais da época foi extremamente profunda, que a principal política sanitária a ser concretizada tinha como caráter uma “teoria

contagionista”, na qual os negros eram responsáveis pela transmissão de múltiplas patologias e que alguma coisa deveria ser feita. Afinal, o "corpo e a alma" européia, respaldada pelo eurocentrismo jamais colocaria uma “nação branca, civilizada, intelectual e desenvolvida” como transmissor de doenças e infecções. Logo, responsabilizar, incriminar, condenar e estigmatizar outras etnias aflorava como solução.

Em vista disso, os mestiços, indígenas, negros e toda população brasileira passaram a serem vistos como inferiores. As normas, orientações e práticas de higiene e as relações imaginárias de limpeza ou de sujeira são intensamente heterogêneas quando passados de uma sociedade e de uma cultura para outra, de uma classe social para outra. Entretanto, uma parte das condutas de higiene, na maioria das sociedades são marcadas pela soberania do modelo médico, uma visão de mundo que corresponde às janelas que negligenciam, freqüentemente, parte dos sistemas simbólicos que tangem a vida coletiva, que se localizam periféricamente do nosso modo de existência (LE BRETON 2007). Mas foi a partir da metade do século XIX e no caminhar do século XX que o mundo presenciou intensamente as mudanças e os progressos sanitaristas diante da contenção de doenças e infecções. De acordo com Berlinguer (1999) muitas enfermidades que foram disseminadas tiveram seu diagnóstico diante dos modos de transmissão ou contaminação revelada.

A introdução de medidas de erradicação como, por exemplo, vacina e soros, foram cruciais no combate de algumas epidemias. Além disso, muitas cidades passaram a contar com saneamento básico, diminuindo a exposição ao lixo e ao esgoto ao céu aberto, principalmente as cidades brasileiras de São Paulo e Rio de Janeiro. No horizonte, no que diz respeito à esfera de saúde pública, esperanças, fé e confiança se afluavam por parte dos cientistas, pesquisadores e, principalmente, da população, que poderiam conviver com certas patologias sem pânico, medo e insegurança.

Assim, as últimas décadas do século XIX e os primórdios do século XX, foram, portanto, profundamente pertinentes ao desenvolvimento das tecnologias médico-sanitaristas no Brasil, assim como as descobertas no cenário de patologia tropical, segundo Paul Singer et al., (1981). Os estudos realizados isoladamente por pesquisadores e cientistas e, posteriormente, nos Institutos de Pesquisa fundados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro emergiram como os pioneiros no contexto da medicina científica, favorecendo as bases para o desenvolvimento das organizações de

saúde e, conseqüentemente, para as ampliações do Estado na vida social, que viria a se acentuar no período consecutivo.

Não obstante, após o mundo presenciar, na sua trajetória histórica, a consolidação e queda de grandes civilizações, os conflitos oriundos das grandes guerras e o surgimento da tecnologia, e sucessivamente, os avanços médicos e sanitários para conter as epidemias e pandemias ainda restavam uma pergunta substancial para a humanidade e para os grandes teóricos das ciências da saúde: Seria possível emergir na história da humanidade uma infecção\doença que fosse capaz de acometer milhares de pessoas?

O propósito de universalizar as relações econômicas, sociais e políticas se deu com a expansão e abertura das fronteiras do comércio no princípio do século XVI, avançando através dos séculos de expansão capitalista. A partir desse fenômeno, mudanças qualitativas substanciais foram colocadas diante da relação corpo com a Natureza, conforme Milton Santos (1988) fazendo com que a possibilidade de conhecer tudo e utilizar em escala global se tornasse necessária para o quadro das relações sociais. Com isso, a evolução da economia capitalista foi capaz de proporcionar ao mundo uma nova racionalidade espacial para as sociedades. Contudo, a pluralidade dessa ação foi capaz de produzir paisagens geográficas distintas, pois, diante dos jogos geopolíticos de poder, as dependências com o mercado agregado às estruturas variáveis de relações espaciais favorecem determinadas áreas para a acumulação capitalista (HARVEY, 2005). Por fim, com as interações, novas modalidades de relações emergem, tecendo seus próprios ritmos de transmutação no movimento do mundo. Mas, conforme Santos (2006) como em épocas passadas e até mesmo atuais, o novo não é propagado de forma difusa e global.

O final do século XX trouxe à tona um novo desafio para a humanidade. Se, por um lado, o mundo já se configurava como globalizado em algumas áreas, principalmente em alguns países do hemisfério Norte, que, após longas e intensas epidemias, foram aprimorando seus métodos de erradicação, outras nações ainda tinham muito que conquistar. Segundo Santos (2006, p. 218) a modernização contemporânea faz com que todos os lugares se universalizem, mas isso cria disparidades, “ocasionando lugares globais mais simples e lugares globais mais complexos”. Nessa esfera, oriundas das especificidades de sua colonização e das desigualdades econômica e social em proporções alarmantes, os países que se localizam na porção Abaixo da Linha do

Equador⁵, nosso marcador de divisão espacial para a análise da disseminação de infecções\doenças principalmente no Brasil, nosso recorte (ciber.) espacial se transformaram em uma das regiões globais mais vulneráveis, devido às disparidades geoeconômicas mundiais, principalmente no que diz respeito ao contexto de saúde pública e ao acesso à mesma, conforme afirma Juliana Schober (2005) ao evidenciar que a África permanece em uma trajetória trágica com índices alarmantes a respeito da infecção do HIV do mundo.

A priori, são múltiplos os indicadores e marcos das metamorfoses diante da “circunstância de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas” (HARVEY, 2008, p.117). O momento do pós-guerra, entre 1945-1973, teve como alicerce um conjunto de práticas de controle do trabalho, tecnologias, hábitos de consumo e configurações de poder político-econômico segundo Harvey (2008) transformando e aprimorando a sociedade diante de um capitalismo pós-guerra (HOBSBAWM, 1995).

As inovações direcionadas para o rompimento de barreiras espaciais, em quaisquer aspectos, tiveram uma profunda e intensa relevância na história do capitalismo, na qual se transformou numa demanda necessariamente geográfica. A migração maciça de populações européias dos países “velhos para as nações novas” de acordo com Santos (1988) fez com que países recém-colonizados como os africanos e os asiáticos, além do resto da América Latina e do mundo alargassem dado ao exposto que as migrações internas e internacionais se tornaram mais frequentes, segundo Santos (1988). Conforme Santos (1988) as transições políticas sucessivas nos países subdesenvolvidos também fomentam várias e largas correntes migratórias, mas não podemos ignorar as migrações internacionais de trabalho que se tornam expressivas,

⁵ Apesar de o alarme inicial ter acontecido no primeiro mundo, os maiores números de casos sempre foram registrados nos países pobres abaixo da linha do equador. Os boletins do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontavam que em 1986, a doença já atingia entre 1% e 5% da população nos países da região central da África, e em Uganda, esse índice já alcançava entre 5% e 10%. Em 1991, a taxa passa dos 10% em Uganda, e Zâmbia e Zimbábue também chegam a esse patamar, que nesses dois países ultrapassaria a taxa de 20% da população infectada cinco anos depois, quando a AIDS começa a se concentrar mais ao sul do continente e a incidência cai em países como Uganda. No boletim de 2001, Uganda havia conseguido reduzir a taxa de infectados para um patamar entre 01 e 05%, enquanto a África do Sul e seus vizinhos mais próximos, a exemplo de Zâmbia e Zimbábue, amargavam taxas superiores a 20% da sua população com o vírus HIV. Atualmente, essa região, chamada África subsaariana, concentra entre 23,8 e 28,9 milhões de infectados, segundo a estimativa do mais recente relatório da Unaid/OMS, o que representa 64% do total de casos de AIDS no mundo – e entre as mulheres, esse índice chega a 77%. Disponível em: < <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=13&id=111>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ocasionando assim, que a distribuição dos atores sociais entre diversas áreas do globo, convertendo-se em esferas desiguais.

O antagonismo espacial entre localidades, cidades, regiões e países ganha um novo sentido, na qual a busca pela captura e retenção de benefícios se torna essencial de acordo com Harvey (2005). Apesar dos anos anteriores as grandes guerras terem sido os períodos de maior expressividade para a migração em massa na história, esses fluxos não foram interrompidos segundo Eric Hobsbawm (1995). Conforme Santos (2006) no mesmo instante em que os capitais fixos são aumentados, através de estradas, pontes, entre outros, os capitais constantes necessitam aumentar, seja por meio do maquinário, dos fertilizantes ou dos veículos. Imediatamente, a necessidade de movimento cresce, fazendo com que os fluxos se tornem um relevo especial para a vida de relações.

Nitidamente Santos (1988) aponta que dentro de cada país, a repartição geográfica da população se transmuta. Determinadas áreas perdem indivíduos em aplicabilidade de outras, tornando-se mais dinâmica. Isso pode ficar comprovado na paisagem do Brasil, dado a perda de massa demográfica da região Nordeste em prol do Sudeste. Portanto, homens e mulheres, crianças e idosos, migram não apenas para o outro lado de mares e oceanos ou até mesmo através de fronteiras internacionais, mas também do campo para a cidade, de uma região do território para o outro, observa Eric Hobsbawm (1995). De acordo com Santos (2006) um dado que merece destaque da nossa época é o alargamento dos contextos. Tal fenômeno faz com que a possibilidade de fluidez se torne mais profunda a partir da expansão do intercâmbio, pois o número de trocas aumenta, ocupando múltiplos lugares, espalhados pelos continentes, conectando-se entre si, cobrindo grande parte da superfície da Terra (SANTOS, 2006).

Segundo Harvey (2008), as práticas materiais e de reprodução social, variam de formas dispares nas esferas geográficas e históricas. Logo, verifica-se que o tempo social e o espaço social são erguidos de forma heterogênea. Assim, cada modo construtivo de produção ou formação social unifica agregados específicos de práticas e convicções diante do tempo e do espaço. Recapitular essas práticas materiais e de reprodução social é necessário para regressar num eixo que é substancial frisar a respeito das doenças e infecções: o comportamento e as práticas sexuais. Pois, o corpo quando ao materializar-se através dos atores sociais se tornam marca dos indivíduos, delimitando e impondo fronteiras, na qual tais limites, de alguma maneira, os diferenciam dos demais. Uma vez que se expandam as relações sociais e as ramificações

simbólicas, na qual insere em sua essência significados e valores, o corpo passa a ser a peculiaridade do ser mais evidente (LE BRETON, 2007).

A descoberta, e depois a conquista, e a colonização da América, colocaram-nos, bruscamente, em contato com civilizações que viviam com novas e desconhecidas enfermidades, criando uma relação de troca entre infecções\doenças. Neste cenário, verificamos outra Infecção Sexual Transmissível, a Sífilis, que passou a ser difundida pela Europa e outros continentes. Conhecida inicialmente como o "mal das Índias", a Sífilis apareceu desde a viagem inicial de Colombo. Com suas expedições, ele fomentou com que mais de um terço daqueles que chegavam fossem mortos. Todavia, para os contemporâneos, o berço desse mal não deixou nenhuma incógnita, velejando ao redor do mundo com índios colonizados por Colombo e seus marinheiros.

Por fim, a Sífilis amplia sua vivência agregado aos elos de sofrimento e morte perante a descoberta da América e as guerras posteriormente da Itália, fazendo com que as pessoas se amedrontassem segundo Carmen Bernard (1997). Retroceder a história da Sífilis é necessário para compreender as mudanças culturais, comportamentais e sociais após os primeiros casos de HIV\AIDS no mundo. Contudo, o que ninguém conta é que, muito antes do HIV\AIDS explodir no mundo, diversas infecções e doenças poderiam ser combatidas pelo uso da camisinha. De acordo com Afílio Neto et al., (2009, p.123) “o preservativo de látex foi criado, produzido a partir de 1880 e popularizado a partir da década de 1930”.

A eclosão e identificação do HIV e conseqüentemente da AIDS no fim dos anos 1980 fez com que o mundo transformasse suas dinâmicas políticas, econômicas e sociais. Enquanto os Estados Unidos da América nos primórdios dos anos 1980 reconhecia seus primeiros casos dessa nova enfermidade, na parte debaixo do globo terrestre, o Brasil entregava-se a um marco histórico: A queda do Regime Militar. A saída de um regime militar, totalitário, excludente fez com que o Brasil resfolegasse aliviado, mas foi a partir desse período também que os brasileiros passaram a testemunhar nas páginas dos jornais a enxurrada de matérias e manchetes em seu escopo diante dessa nova infecção\doença, que ficaram conhecidas na época como “Câncer Gay”, “Peste Gay”, “Peste Rosa” pela imprensa e opinião pública e pela comunidade científica, como GRID - Gay Related Immunodeficiency, ou em tradução livre, Imunodeficiência Adquirida dos Homossexuais conforme Veriano Terto Junior (2002).

Apesar de tantas mudanças oriundas desde o surgimento do primeiro caso da infecção\doença no Brasil, os movimentos sociais que tinham como base as lutas de

gênero e sexualidade foram os pioneiros nos primórdios dos anos de 1983 a criar e consolidar articulações para estabelecer estratégias mínimas em frente à enfermidade, que embora fosse desconhecida, já se tornava fatal, tal como afirma João Silvério Trevisan (2002). Mas, apesar de todos os esforços, era necessária uma maior mobilização nacional, principalmente no que diz respeito à prevenção e atendimento às vítimas da epidemia, que cada vez mais recorriam a Organizações não governamentais (ONGs) e outras instituições em busca de respostas e esclarecimentos, conforme observa Jane Galvão (1997).

Até o fim da década de 1980, diversos programas de IST-AIDS, sejam eles de caráter governamental ou não governamental, emergiram no horizonte brasileiro com intuítos distintos, que variam desde campanhas de prevenção até casas de acolhimento para indivíduos positivos que foram expulsos de casa. Mas, apesar de toda mudança política e social, parecia que um elemento se tornava mais enraizado reforçando posicionamentos e pensamentos excludentes e estigmatiza(dores). A figura do homossexual masculino ficou marcada durante décadas, sendo vista e reforçada como um dos principais vetores de transmissão do HIV, mesmo após o cenário epidemiológico apresentar novos membros diante do processo de infecção\doença e hospedeiro.

Mas, um inquérito ainda permeia o ar: Por que após 40 anos o HIV ainda é apercebido como uma infecção que “atinge alguns indivíduos”, mesmo após tantas mudanças comportamentais, sexuais e culturais?

1.1 – PANORAMA HISTÓRICO DO HIV: DA PANDEMIA DOS ANOS 1980 AOS DIAS ATUAIS

Mesmo após 40 anos desde o seu primeiro caso notificado, o HIV e a AIDS ainda é notável de proporcionar diversas transformações na sociedade, principalmente diante de certas populações, como por exemplo, os homossexuais masculinos que foram os primeiros a serem estigmatizados no começo da década de 1980 e até hoje são apontados como um dos grupos dos mais suscetíveis à infecção. Segundo Goffman (2004), a sociedade sempre buscou meios de estabelecer e categorizar as pessoas. O estigma que as diversas populações carregaram ao longo da história foi substancial para entrelaçar ainda mais a relação entre atributo e estereotipo (GOFFMAN, 2004).

Nos primórdios da epidemia, o ser humano teve que enfrentar esse cenário epidemiológico de forma acelerada, agressiva e com fortes conseqüências sociais cujos

desdobramentos foram capazes de ultrapassar barreiras de diversos seguimentos. Como resultado, a epidemia do HIV e da AIDS se tornou um quebra cabeça para a sociedade e conseqüentemente para a esfera de saúde pública, dado ao exposto que inicialmente, pouco se sabia das características e da origem dessa nova moléstia. Porém, após tantos anos, algumas incógnitas ainda permeiam no ar: De onde veio o HIV? De onde veio a AIDS?

A idéia vigente no decorrer dos anos 1970, conforme Gabriel Rotello (1999) e que qualifico ser o mais prudente possível em relação ao surgimento do vírus advém do seguinte caso: esporadicamente, apareceu um indivíduo infectado pelo HIV, digamos que um “paciente zero”⁶. A sua origem geográfica se torna desconhecida, podendo ser de qualquer parte do globo terrestre. Ao redor do mundo, a década de 1960 foi um período de liberação sexual e de experimentação para uma parcela de jovens adultos, sejam eles homossexuais ou heterossexuais que ultrapassavam as barreiras de diversos âmbitos culturais, como a moda, a música e a televisão. Com o advento dos métodos contraceptivos orais a partir dos anos 1960-1970, mudanças no comportamento sexual e maior aceitação de práticas diferentes da heterossexual normativa compulsória passaram a ter um papel relevante, principalmente a respeito de enfermidades que há séculos havia aterrorizado o mundo, dentre elas a Gonorréia, que no Antigo Testamento representava a idéia de impureza do homem segundo Emilio Rosales (2016). Acrescentado a isso, a livre mobilidade permitiu que as pessoas se deslocassem para as cidades de sua escolha, amparadas pelos movimentos de organizações estudantis, feministas e outros grupos, impulsionando e viabilizando a liberdade sexual, conforme relata Rotello (1998) amparado nas idéias de Laurie Garrett (1995).

A ampliação de serviços, disponibilidade e alargamento nos padrões de consumo e também a apropriação de modelos culturais pelo mercado emergem, produzindo transformações profundas na sociedade, de acordo com Regina Fachinni (2005). Provavelmente, o indivíduo entusiasmado com as mudanças comportamentais pós década de 1960, mergulhou-se em um novo estilo de vida, mais receptivo e aberto, sentindo-se magnetizado por novas práticas sexuais e comportamentais que até então eram desconhecidas. Nesse momento, a eventualidade estava prestes a ser introduzida:

⁶ O conceito de Paciente Zero nesta dissertação não advém do caso de Gaëtan Dugas, que, segundo cientistas da época, foi o responsável pelo transporte e disseminação do vírus HIV ao redor do mundo por ser comissário de vôo franco-canadense.

“o HIV encontrou o que estava procurando, a resposta para seus sonhos de vírus” (ROTELLO, 1998, p. 35).

Embora o surgimento dos primeiros casos de AIDS tenha ocorrido em Zaire (1976-1977); Haiti (1978-1978) e nos Estados Unidos da América (1978-1979) no fim dos anos 1970, a dimensão espacial global da doença só veio a emergir nos anos 1980, após a publicação dos primeiros casos notificados e documentados. Foi a partir desse período que o HIV/AIDS passou a ganhar uma dimensão global mais significativa. Sem admitir a globalização do vírus, muitos especialistas da época acreditavam sobre forte influência de um pensamento cultural “contemporâneo” que as novas patologias não eram capazes de atingir as cidades ocidentais. Mas, rapidamente esse pensamento foi desvinculado, fazendo prevalecer à concepção de que o HIV já existia há muito tempo em populações humanas, independentemente de ser no ocidente ou oriente. Porém, embora o HIV já se apresente há décadas ou mais tempo do que o previsto, mas e a AIDS? Afinal, uma patologia desconhecida gerava muitas dúvidas, principalmente a respeito da diferença entre o HIV e a AIDS, dado ao exposto que no começo, ambas eram tratadas de forma igualitária, causando ainda mais susto, temor e terror para quem convivesse com a infecção.

Todavia, a resposta para essa pergunta não é tão complexa como se parece. Apesar de todos os esforços científicos da época, devemos lembrar que os sintomas causados pela doença são diversificados, sendo os principais: mal-estar geral, febre, tosse seca e dor de garganta, que muitas das vezes são associados aos sintomas de gripe ou resfriado comum, fazendo com que a doença não fosse analisada singularmente e caminhasse despercebido durante anos. Além disso, acredita-se que um dos fatores principais a respeito da AIDS advém da sua eclosão lépida.

Apesar de uma possível existência precoce entre os seres humanos em consonância com Rotello (1998) as taxas de incidência eram tão baixas e esporádicas, que não se destacavam ao ponto de ser considerada uma epidemia. Mas, um pensamento eclodiu com força no campo das idéias daquela época. De certa forma, após a liberalização comportamental, combinado com várias mudanças sociais, políticas e econômicas que vieram pós anos 1970, o HIV foi capaz de alcançar escalas tão protuberantes no decorrer do final do século XX que se configurou em uma epidemia global. Agora, uma coisa era mais do que certa: estava na hora de providenciar uma seqüência de esforços para mitigar a transmissão e a sua incidência ao redor do mundo.

Nos primórdios dos anos 1980, o vírus do HIV se tornou capaz de proporcionar uma série de esforços para mitigar a transmissão e a sua incidência, que passaram a atingir várias escalas, desde o local até o global. Todavia, a luz no horizonte começou a emergir após os avanços científicos e, conseqüentemente, dos desdobramentos a respeito do conhecimento diante do vírus e suas características, que os estudiosos da época perceberam que o vírus provocava o enfraquecimento no sistema imunológico humano. Sem o tratamento adequado, o HIV passa a afetar o sistema imunológico humano e começa a destruir as células que compõe esse sistema (mais precisamente, as células de CD4, ou células T), tornando o organismo inabilitado de lutar contra doenças e futuras infecções oportunistas. Quando isso acontece e o organismo se encontra enfraquecido, a infecção por HIV pode fomentar à AIDS. É através do vírus do HIV que a AIDS pode manifestar no corpo humano e levar a diagnósticos sérios, como o acometimento em massa de pessoas que ocorreu no decorrer dos anos iniciais da década de 1980.

Para Henri Lefebvre (2001, p.22) “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade”. É nessa mesma cidade, conforme Santos (1988) que o discurso das ações e os discursos dos objetos às vezes se interligam, arquitetando estruturas que variam entre a desinformação e da contrainformação e não são necessariamente informações. Logo, a utilização do discurso dos objetos serve unicamente para legitimar uma possível ação, entretanto, sem transparecer suas propriedades escondidas. Quando se ocorre o contrário, o inverso, ou seja, o discurso como base de uma possível ação comandada, esta se fortifica, planejada a construir uma história através de práticas opostas.

Segundo Harvey (2005) os espaços particulares da cidade são criados por uma profusão de ações, todas elas trazendo a marca da intenção humana. A tecnologia da época fez com que diversas ferramentas tivessem um papel substancial na conquista do mundo, como o radar, o motor a jato e várias outras técnicas. Em consonância com Hobsbawm (1995) o processo de inovação se tornou profundo que os gastos com o desenvolvimento de novos produtos se tornaram uma parte indispensável na produção. Além disso, as indústrias voltadas para o mercado de massa, como os produtos farmacêuticos ganhava mais espaço, afinal, em um mundo marcado por corridas em distintos contextos, a competição por direitos de patente elevaria qualquer civilização a uma esfera talvez jamais alcançada. Nitidamente, aqueles que não possuem um

posicionamento privilegiado, ficam em segundo plano, agravando ainda mais a problemática social (SANTOS, 2006). Desta forma, o aumento da vulnerabilidade passa a crescer nessas áreas, possibilitando o aumento de várias enfermidades, que vão desde quadros locais até as enfermidades que ocorrem em uma espacialização maior.

Com isso, as áreas que sofreram com os processos de empobrecimento, na qual grande parte são reflexos da exploração capitalista de séculos passados e atuais, passaram a dispor de distintos problemas sociais como, por exemplo: ausência de moradias regulares e seguras, ausência de saneamento básico e coleta de lixo, ausência de serviços ligados ao bem estar social e principalmente, ausência no que diz respeito ao acesso e disponibilidade dos serviços de saúde pública, seja individual ou coletiva.

Perante a esse horizonte, a vulnerabilidade presente no continente americano, principalmente na América Central e na do Sul, fez com que as populações dessas localidades se destacassem diante do HIV e da AIDS, contribuindo para um diagnóstico drástico e violento perante as sociedades latinas- americanas conforme salienta Parker (1997). Assim, conforme o Boletim Epidemiológico da AIDS (2001) dos anos 1980 até começo 1990, o país apresentou 24.856 casos de AIDS e taxas de incidência em todo território. No fim da década, mais precisamente em 1999, o número de casos de AIDS e as taxas de incidência no Brasil foram de 18.287 casos.

Atualmente, existem cerca de 37,7 milhões de pessoas vivendo com HIV ao redor do mundo, conforme as Estatísticas Globais sobre HIV (2021) do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS, 2021). Ao analisar os dados, percebemos que o continente americano se destaca principalmente no que diz respeito à América Latina e, sucessivamente, o Brasil devido a sua quantidade de casos. Hoje, identificam-se cerca de 920 mil pessoas vivem com HIV no país, sendo 41.919 casos novos de HIV no ano de 2019, segundo o Boletim Epidemiológico 2020- HIV/AIDS. Além disso, conforme William Dartora et al., (2017) o Brasil é também o país que mais concentra casos de novas infecções por HIV na América Latina, respondendo por 40% das novas infecções (UNAIDS, 2016).

Visto como um país de grande expressividade no contexto global, mas com importantes disparidades sociais, econômicas e demográficas em sua população, o Brasil apresentou o seu primeiro caso clínico da AIDS no decorrer de 1980 em um paciente do sexo masculino que contraiu o vírus a partir de relação sexual desprotegida. No ano seguinte, o Sarcoma de Kaposi, uma das primeiras enfermidades oportunistas reconhecidas na infecção pelo HIV e que até hoje ainda se apresenta como a neoplasia

maligna (câncer ou tumor maligno) mais comumente associada à AIDS, conforme observa Maria Fonseca et al., (2000) aparece no mundo, fazendo com que a mídia direcionasse as suas manchetes jornalísticas e cheias de preconceito aos homossexuais da época, mesmo que o perfil demográfico já expressasse novos sujeitos, dentre eles, mulheres.

Ao mesmo tempo em que a divisão (técnica e social) do trabalho se amplia, a cidade passa a conceber mais mobilidade e mais encontros. Assim, os deslocamentos se tornam mais freqüentes, pois conforme Santos (2006, p.216) “o intercambio efetivo entre pessoas é a matriz da densidade social”. Igualmente, a cidade muda quando a sociedade transforma seu conjunto segundo Henri Lefebvre (2001). Desde já, o corpo passa a atravessar fronteiras, principalmente as nacionais, tornando as concentrações urbanas gigantescas, atingindo densidades inquietantes (LEFEBVRE, 2001). No mesmo instante, as pessoas se deslocam, seja para as periferias ou para os centros urbanos, fazendo com que determinadas áreas da cidade passem a se deteriorar ou explodir. Por fim, como vimos anteriormente, na mesma medida em que o sujeito cruzava fronteiras, as doenças e infecções o complementavam.

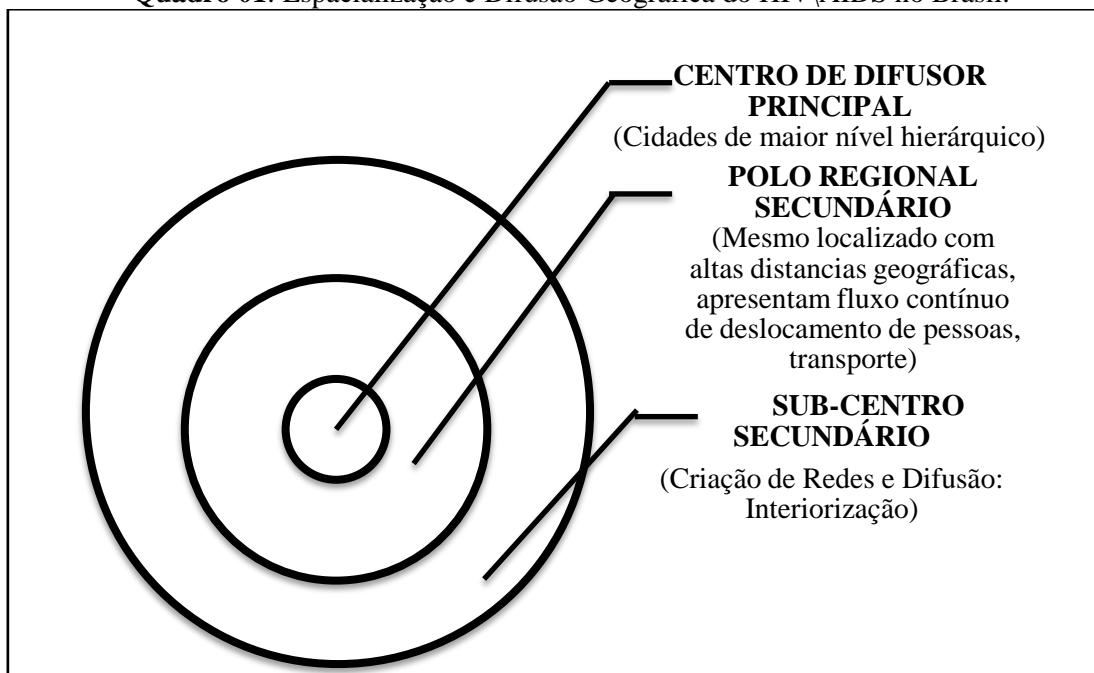
No decorrer dos anos 1980, a incidência de novos casos se manteve centralizada aos estados nacionais brasileiros São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente nos grandes centros urbanos. As mudanças no perfil da espacialização da epidemia no Brasil fizeram com que o HIV e a AIDS se interiorizasse, incidindo desta forma, através da difusão geográfica, sucessivamente em direção aos municípios de médio e pequeno porte de todo o território nacional no final daquele decenário (**Quadro 01**).

Esse panorama de difusão espacial ocorreu de formas distintas e hierárquicas no Brasil, conforme aponta Christovam Barcellos et al., (1996). Com isso, na medida em que o HIV ia se disseminando nos centros urbanos brasileiros, a probabilidade de encontrar mais populações convivendo com o vírus do HIV se tornava freqüente. Desta forma, verificou se que, a difusão da patologia no país ocorreu inicialmente em todo o território nacional de forma igualitária, primordialmente nas grandes metrópoles e foi se difundindo para outras localidades de menor porte.

Ademais, a respeito do Brasil, o comportamento da epidemia não se demonstrou de maneira homogênea em relação aos indivíduos. Tal esfera fez com que a epidemia no país fosse categorizada como concentrada, ou seja, a infecção pelo HIV ocorreu de forma acelerada e rápida em um determinado grupo populacional, diga-se de passagem, os homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo, assim como em

outros locais na América, África e Ásia, segundo Ana Maria de Brito et al., (2000) mas ainda não havia se constituído na população de forma geral.

Quadro 01: Espacialização e Difusão Geográfica do HIV/AIDS no Brasil.



Fonte: Christovam Barcellos et al., (1996) adaptado por Silva (2021).

No período do surgimento e difusão do HIV no Brasil, vários mecanismos foram criados para combater o vírus, como por exemplo: vigilância epidemiológica, orientação a profissionais de saúde, garantia de atendimento a pessoas convivendo com HIV e com o estágio mais avançado do vírus, além da propagação de informações para a população. Contudo, o preconceito ligado à falta de informação ainda eram incidentes no território nacional, fazendo com que o enfrentamento não se limitasse mais apenas ao agente biológico, mas se entendendo em diversas formas. A disseminação do vírus acontecia de forma rápida e um dos maiores desafios era conhecer e identificar as pessoas que viviam com o vírus, a fim de analisar os diagnósticos e medidas de erradicação.

Enquanto o Brasil passava por uma reestruturação no contexto de saúde pública, a respiração aliviada da nação vinha com o caminhar do fim do regime militar. Nesse mesmo período, médicos sanitaristas e profissionais ligados à saúde, passaram a se organizar em prol da formulação de novas Políticas Públicas de Saúde, visando ocupar uma maior quantidade de assistência para os setores da saúde conforme destaca Singer et al., (1981). Em decorrência, mais tarde, o primeiro caso de HIV que emergia no Brasil foi capaz de assegurar uma série de eventos. Se por um lado, a mídia associava a epidemia de forma profunda aos homossexuais, fazendo com que a sociedade discriminasse o grupo LGBTQIA+, do outro, a movimentação da sociedade por grupos

militantes pelos direitos desse mesmo coletivo dava voz aos sujeitos, pois na difusa esfera brasileira foi o movimento negro, homossexual e feminista que tiveram que edificar seus adversários a favor da invisibilidade e do esfacelamento do preconceito efetivo da nossa cultura segundo Marco Aurélio Prado & Frederico Machado (2012) buscando atitudes do governo perante a nova enfermidade, de acordo com Vagner Cezar & Patrícia Draganov (2014).

Foi a partir do “Grito dos Excluídos”⁷ que o Brasil passou a abrigar o primeiro programa de controle da AIDS, na cidade de São Paulo. Mas, foi em 1996 que o Brasil deu seu maior passo diante do combate epidêmico devido às mobilizações, concebendo com que a Lei 9.313 conhecida como Lei Sarney se concretizasse, garantindo o acesso gratuito aos medicamentos para o tratamento da AIDS, por meio do Sistema único de Saúde (SUS) para todos os brasileiros com a patologia, conforme salienta José Adriano Silva (2015). O SUS emergiu após um profundo e intenso processo de lutas, que ganharam visibilidade no decorrer dos anos 1970.

O envolvimento de múltiplo movimento popular, sindicalista, militante e distinto movimento social se consolidou e se constituíram sincronicamente a esta época. Dentre os mais notáveis movimentos e demandas, o movimento feminista, as lutas dos movimentos antimanicomial e do movimento LGBTQIA+ passaram a acentuar as resistências, lutas e reivindicação pelos direitos de cidadania e disponibilidade de serviços segundo Marta Santos (2013). Foram esses movimentos que introduziram um novo período histórico ao Brasil, suscitando o pensamento crítico diante do horizonte da saúde e seus desdobramentos.

A maioria desses movimentos participava ativamente das elucidações e das demandas da sociedade vigente, constituindo assim uma estratificação de conhecimento nos diversos campos, tanto teoricamente quanto na prática, emergindo assim múltiplos procedimentos que até então eram ilusórios ou imaginários, como por exemplo, práticas a respeito da saúde da mulher, alimentação infantil e diminuição da taxa de mortalidade, saúde do trabalho e saúde da população LGBTQIA+ tal como demonstram Roberto Gouveia & José Palma (1999). Assim, as construções na elaboração de propostas para a saúde ganharam um novo espectro, introduzindo contemporâneas possibilidades na

⁷ Refere-se às populações marginalizadas que através de atos políticos e sociais passaram a ser ouvidas na sociedade. O movimento feminista, o movimento LGBTQIA+, o movimento negro entre outros fazem parte desse contexto.

esfera de saúde e de outros fenômenos, fragmentando-se e ultrapassando os limites para além da medicina.

Os limites ultrapassados foram capazes de reorganizar os serviços, interessando de forma substancial os municípios, principalmente a partir dos profundos impactos nos indicadores de saúde. Os impactos ultrapassavam as linhas de assistência médica, seja coletiva e individual, mas inaugurava uma nova particularidade nas ações que eram reveladas a partir do coletivo social.

As experiências do sujeito passaram a ganhar mais escopo, ampliando suas escalas e necessitando de novas demandas por todo o território. Assim, a espacialização do SUS e conseqüentemente dos mecanismos que o compõe passaram a abranger além das dificuldades fixadas, como por exemplo, a falta de recursos e profissionais, abranger e englobar a necessidade de mais serviços de saúde. Mas, apesar de todas as dificuldades são visíveis até a época vigente, o SUS hoje proporciona ao Brasil um importante e vital serviço para a população.

Isso se deve muito ao seu prisma: público, universal, igualitário e participante que foi concretizado a partir de propostas democráticas oriundas das lutas, resistências e revoluções de múltiplos atores e organizações. O meu intuito aqui não é traçar uma linha do tempo salientando todas as conquistas e derrotas em relação ao SUS. Meu objetivo é salienta a necessidade da sua criação e difusão no território, diante das demandas levantadas por diversos atores, que passaram a compor a rede de profissionais propostos a atender as necessidades da sociedade e que infelizmente, muitos desprestigiam.

Por fim, segundo Lefebvre (2001) os paradoxos são características deste tempo, vigentes entre os fatos da sociedade e os fatos da civilização na qual nela se registram. De um lado, o prisma do genocídio e do outro os esforços (médicos e outros) que permitem salvar vidas ou em último caso, prolongar um martírio segundo Lefebvre (2001). Conforme já salientavam Prado & Machado (2012, p. 21) “nunca a vida em sociedade exigiu tanto a discussão sobre direitos sociais e formas de reconhecimento humano, e nunca a política foi tão importante para o cotidiano de todos nós”.

No caminhar dos anos 1980 e início dos anos 1990, as medidas de combate ao vírus já haviam ganhado muita força no território nacional: o Brasil já contava com testes para detectar a presença do HIV no corpo. A criação do SUS com a distribuição e fornecimento de medicamentos necessário para o tratamento de doenças que atingem os pacientes com AIDS se tornou destaque em todo o mundo. Mas, sobretudo foi diante do coquetel, uma combinação de medicamentos que são utilizados para conter a

infecção pelo vírus, que utiliza uma como base a tríplice, um esquema de antirretrovirais, dois inibidores de transcriptas reversas e um de protease que o Brasil experimentou seus anos dourados diante da infecção\doença, proporcionando as taxas de mortalidade por AIDS uma queda significativa que até então crescia no país.

Ao contrário do que se pregou no decorrer dos anos 1980, que o HIV era uma sentença de morte, as medidas de erradicação que afloravam no Brasil passaram a se configurar como uma esperança de vida nova para indivíduos soropositivos, inaugurando no horizonte pessoal e coletivo da sociedade brasileira perspectivas novas a respeito do vírus e da expectativa de vida, que até então eram estarecedora, principalmente com as manchetes jornalísticas da época que além de pregar o HIV\AIDS como uma sentença de morte, ainda insistiam em marginalizar certos grupos populacionais e causavam pânico na população.

"Se não se cuidou, o problema é deles". A pitoresca frase expressa pelo atual presidente do Brasil simboliza a desmoralização de uma luta de anos para o acesso aos tratamentos de HIV, disponibilizados de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde. Harvey (2008) explicita que a micropolítica concebe relações de poder em determinadas localidades, contextos e situações sociais distintas. Desta maneira, produzem uma profunda e íntima relação entre os sistemas de conhecimento – discursos – que fornecem técnicas, práticas, margens para que o exercício do controle e principalmente, dos domínios sociais ocorra.

A virada do século marcou inúmeras transformações no Brasil e no mundo. Após ganhar um destaque substancial na esfera de saúde pública devido aos tratamentos oferecidos de forma gratuita pelo SUS aos cidadãos que convivem com o HIV, os esforços brasileiros para barrar a incidência do HIV ao longo do seu território ainda era vaga em alguns contextos. Se por um lado, a população podia contar com tratamentos e conseqüentemente, o acesso aos tratamentos, algo enigmático ainda prevalecia no país: o estigma. Durante anos, o HIV foi atrelado a determinadas parcelas da população fazendo com que estes ficassem marcados para sempre. Contudo, algo ainda era necessário se questionar: Se nessa altura do campeonato o vírus já se tornava global, por que a incidência nos demais corpos não pode ser?

A incidência que aponto, não é no sentido de globalização do HIV, universalização ou espacialização, mas a incidência diante das classes da sociedade. Até hoje, a associação entre HIV\AIDS e certos grupos populacionais, faz com que velhos estigmas sejam dissipados e enraizados na sociedade brasileira. Apesar disso, para que

se possa compreender o porquê desse enraizamento, é necessário discutir algo que ainda incomoda muito num país conservador: a sexualidade e seus desdobramentos, como por exemplo, os comportamentos sexuais e as práticas sexuais.

1.2 – “CASTIGO DIVINO”: O ESTIGMA CARREGADO PELOS HOMOSSEXUAIS

*I feel like God playin' tricks on me, got a fix on me
Feel the weight of the world like I got a brick on me
Had a dance with the devil and he got a grip on me
I'm just tryna get to heaven, hope you got a ticket for me, huh
I've been sending up prayers, I need feedback
Past full of sin, can someone delete that?
My path got muddy; I feel like my feet trapped
Can you give me the strength now to beat that?
Iggy Azalea- Savior*

Os líderes religiosos, que fazem parte da sociedade humana, determinam de forma violenta e profunda o valor de todas as coisas que se inserem no grande imaginário do “reino de Deus” (NIETZSCHE, 2002). Logo, tudo aquilo que foge à regra e aos simbolismos dessa conduta precisa de um utópico "salvador". O epitáfio anterior da rapper feminina Iggy Azalea cheio de metáfora realça a construção moral das religiosidades em torno do corpo, principalmente do corpo que precisa ser patologizado, controlado, vigiado e punido. Poderia, então, o homossexual masculino, diante de tanta moralidade construída em torno da sua identidade, dançar com o Diabo e enviar orações ao mesmo tempo? Um passado cheio de pecados, quem define quem chega ao reino de Deus? Do lugar que a força para continuar emergir ao sentir o peso do mundo nas costas é o mesmo espaço que a passagem ao paraíso é conquistada? A verdade é única: as religiosidades necessitaram adotar conceitos e paradigmas desumanos para obter domínio sobre todos os corpos que são considerados divergentes daquele que a religião defende conforme expõe Friedrich Nietzsche (2002).

A relação da mídia e AIDS no Brasil, desde os seus primórdios, sempre esteve atrelada ao horror da pandemia. O que se pode tirar como conhecimento é que o denominador comum nas matérias jornalísticas possuía um único objetivo: conectar a doença\infecção com a homossexualidade (FELBERG, 2015). "A vida por um fio: Dramas e esperanças dos aidéticos no Hospital Emilio Ribas" foi capa da Veja São Paulo em 1992. O termo aviltante, “aidético”, desempenhou, durante anos, o estigma, o preconceito, a intolerância na construção de sentidos sobre a vinculação da imagem do corpo homossexual masculino e o HIV\AIDS. Os “inspetores” da sexualidade alheia

durante um tempo estavam convictos de que a “epidemia gay da AIDS” adveio unicamente porque os gays eram “promíscuos” ou pelo motivo de que ser homossexual e ter práticas homossexuais são motivos de objeção à natureza, ou até mesmo porque o sexo anal é fundamentalmente sujo, reprovável e impuro (ROTELLO, 1998).

As matérias jornalísticas da época de 1980 até meados de 1990 reforçaram ainda mais esses estereótipos, lançando em suas manchetes notícias que tinham como intuito atrair a atenção da população, como a publicada pelo jornal O Dia em 1984 - "*Povo de Sidnei caça os gays por temor ao AIDS*". É perceptível que toda manifestação que ameace as relações pré-matrimoniais, como por exemplo: a masturbação, a homossexualidade, o divórcio e até mesmo os métodos contraceptivos repercutem como uma memória desumana, cruel, terrível (MARINA, 2008).

Corroborando com o pensamento de Lefebvre (2001, p.66) “inversamente, a cidade é um pedaço do conjunto social; revela porque as contém e incorporam na matéria sensível, as instituições, as ideologias”. Segundo Carmem Guimarães (2004) um mesmo comportamento de atributo sexual poderá se replicar em tempos e espaços sociais distintos. Assim, ele poderá ser categorizado ou não, vindo a se classificar como “desviante”, dependendo de cada âmbito.

A repartição da sexualidade e as práticas sexuais ganharam força no fim dos séculos XVIII e início do século XIX. Nitidamente, no contexto burguês, a distinção entre os sexos não passou de uma justificativa para colocar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos conforme apresentam Paulo Ceccarelli & Samuel Franco (2010). As hierarquias estratégicas a respeito do sexo que foram desenvolvidas abarcavam como base, o poder e o saber. Logo, cria-se uma possível ordem diante dessa esfera. Imediatamente, a *Histerização do Corpo da Mulher, a Pedagogização do Sexo da Criança, a Socialização de Condutas de Procriação e a Psiquiatrização do Prazer Perverso* ganham força nos mais variados campos de debate, tornando-se dispositivos a ser controlado a respeito da sexualidade (FOUCAULT, 1988).

Dessa maneira, o sexo e as práticas sexuais passam a se inserir nessa esfera, estremecendo ainda mais a harmonia entre ciência e religião, dado o exposto que, em determinadas religiões, o prazer é considerado pecado, vergonhoso e anormal, pois todo o ódio e a negação contra o intelecto, a coragem, a liberdade, a alegria, os sentidos, os prazeres são de pilar cristão conforme revela Nietzsche (2002). É a partir da idéia de psiquiatrização do prazer perverso que condutas de normalização e patologização

adentram, tornando qualquer sexualidade e qualquer indivíduo que caminhe fora das condutas tradicionais, vistas como "normais" da época, indivíduos anormais, compostos por anomalias (FOUCAULT, 1988).

A necessidade de classificar tudo que faz parte do universo direciona-se para além dos objetos. As pessoas passam a ser inseridas nessa esfera. Contudo, a atenção voltada para esse fenômeno só detém os traços identificáveis, impondo uma profunda e violenta versão retificada do corpo. Tudo aquilo que se apresenta diferente de um modelo "normal" é transformado em errado, anormal, criando e dissipando o estigma. O corpo exótico passa a ser visto como um corpo estranho. A existência do *Outro* passa a ser simplificada como a presença do corpo. A anatomia não passa de um destino. O corpo deixa de ser resultado da história pessoal de distintos sujeitos que compõem inúmeras sociedades e passam a ser visto, punidos e negados a partir de distintas existências conforme David Le Breton (2007).

O que podemos notar é que a questão da identidade e da diferença constrói um profundo laço de dependência, difíceis de fragmentar. É a partir de múltiplas afirmações, a partir de determinados contextos que fazemos uma identidade, que se esgota ao mesmo tempo, como por exemplo, falar "eu sou brasileiro". Ao mesmo tempo em que isso define contextos, extrapola. Logo, criar e enfatizar essa afirmação só ocorre porque existem outras pessoas que se afirmem norte-americanos, mexicanos e gregos. Assim, o mesmo acontece com outras esferas da vida, como dizer "sou heterossexual".

Isso seria insignificante se não existissem pessoas que não se afirmem heterossexuais, conforme observa Tomaz Tadeu da Silva (2000). Dessa forma, a legitimidade da heterossexualidade compulsória se torna cada vez mais invariável, esmagadora, intensa quanto mais uma orientação ou prática sexual diferente da heterossexual for vista como doença, perversão, pecado, degeneração ou anomalia, conforme Prado & Machado (2012).

Estar em determinadas condições de posições identitárias, isto é, homossexuais ou não, representa muito mais do que ter uma prática ou comportamento sexual com alguém do mesmo sexo. Tais posições englobam outras esferas da vida, principalmente as possibilidades que se inserem nos âmbitos públicos e privados. Assim, as condições de existência de determinados indivíduos, agregadas aos seus sofrimentos e alentos estão profundamente ligadas pelas relações sociais e institucionais que se encontraram na história da vida social em sociedade (PRADO & MACHADO, 2012).

O termo *Outro* conforme Lynda Johnston & Robyn Longhurst (2010) é utilizado para descrever todas as demais subjetivadas. O *Outro* é alguém que é diferente do eu. É entendido como alguém menor ou carente de alguma forma. A presença do *Outro* engloba o processo de alteridade, isto é, um sistema\processo pelo qual alguns atores sociais, grupos, indivíduos são construídos - psicologicamente, discursivamente ou moralmente como “diferentes”. Esse processo do *Outro* está profundamente associado com relações de poder desiguais que excluem e marginalizam alguns atores sociais, grupos e comunidades. As construções das identidades ocorrem através da diferença e não fora dela. É unicamente perante a relação com o *Outro*, da relação com aquilo que não é, com meramente aquilo que falta conforme expõe Stuart Hall (2000).

Nos passos de Tomaz Tadeu da Silva (2000) ao se definir a identidade, emergem marcas na esfera da diferença. Tais marcas, símbolos e significados criam nexos com as profundas relações de poder, nas quais diferenciações são criadas, ordens de seguimentos de incluir\excluir, normalizar, classificar e demarcar fronteiras. Assim, hierarquias inseridas nas esferas da sexualidade se emergem: normal e anormal; bons e maus; santos e pecadores, puros e impuros; desviante e não desviantes, sadios e doentes.

O dispositivo da sexualidade, então, se desvincula da reprodução, seu pilar inicial, e passa a ocupar, apoderar-se dos corpos de forma minuciosa, com o designo de controlar, reprimir as sexualidades modernas da sociedade conforme revela Michel Foucault (1988). Existem normas e condutas de origens mitológicas, outras de raízes higiênicas econômicas, sociais, políticas e religiosas. Logo, as múltiplas modificações ideológicas, políticas ou científicas acabam materializando seus vestígios nas esferas das morais sexuais segundo José Antonio Marina (2008).

Trazer à tona as possíveis ideologias – principalmente às de ordem religiosa, política e moral – reforça o processo de estigmatização, fazendo com que a população que possui “maus antecedentes morais” seja controlada. O que não podemos negar é que a moral pode ser manipulada como meios de dominação de acordo com Marina (2008). Assim, sob o mesmo ponto de vista de Erving Goffman (2004, p.111) “a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade”.

A “imagem” de que o HIV pudesse ser transmitido por um simples aperto de mão ou um abraço representou, durante a sua epidemia, o quão perigoso era a sua incidência, e conseqüentemente, conviver com alguém soropositiva ao seu lado, principalmente no convívio social era algo a ser combatido. Rotular e responsabilizar

um grupo de indivíduos de contribuir para a disseminação de doenças é uma forma violenta de estigmatizá-lo, pois conduz esse grupo à posição de contaminador dos outros. Isso se torna ainda mais perturbador quando o grupo em si já é marginalizado e desprivilegiado (ROTELLO, 1998).

O público estigmatizado passou a ser omitido na sociedade por serem indivíduos apontados como os “transmissores” de uma infecção\doença que tinha como “pedestal” a sentença de morte. Conforme Harvey (2008, p.51) “os reinos do direito, da academia, da ciência e do governo burocrático, do controle militar e político, da política eleitoral e do poder cooperativo circunscrevem o que pode ser dito e como pode ser dito de maneiras importantes”. Se existe um fato extremamente transparente como água na sociedade é o fato de as funções e condutas tradicionais da religião ordenar e comandarem o mundo. Tal fato tinha como alicerce a rédea de impor ritos salvadores, promulgar normas de comportamento e julgar o que era permitido ou não. Entretanto, o único dogma diante disso tudo é que as normas nada mais passavam de uma alternativa para resolver os conflitos, até porque as religiões eram encarregadas de salvaguardar – claro que também de esconder a população contra os saberes que ultrapassam suas crenças, dentre eles, a sexualidade conforme Marina (2008).

A epidemia do HIV\AIDS fomentou uma reconstrução da homossexualidade, fomentando uma série de ações normatizadoras e enraizando inúmeros modos que caminharam nas esferas da saúde, da cultura e do social. Dessa maneira, a utopia criada no entorno da expressão “sair do armário” fez com que ocorresse uma valorização profunda a respeito da identidade homossexual e da comunidade LGBTQIA+ como um todo (SEDGWICK, 2007). Um “armário sem portas e com sete chaves” pode ter uma capacidade transformadora, mas ele também pode ter um potencial profundamente violento principalmente quando velhos estigmas que estão enraizados são profundamente encontrados nas gavetas da sociedade.

Por conseqüência, conforme aponta Eve Kosofsky Sedgwick (2007) o “armário” desempenha uma defluência substancial na forma de conduzir os modos de vida, da cultura e do saber\pensar durante o caminhar do século XX. Logo, o “armário” passa a ser a maior força de opressão LGBTQIA+, tornando-se definidor de toda uma vida e de todo um grupo, principalmente no que diz respeito à divisão entre o “sair do armário” e “ficar no armário”. Não obstante, seria possível criar um “armário” dentro de “outro armário”? Positivamente!

À vista disso, as Patologias do Silêncio⁸, que fazem com que o indivíduo se afaste da ocupação de espaços que dizem respeito à sua vivência e pertencimento, seja individual ou coletivo, transformando a sua vida em um eterno silêncio, ramificado em medo, insegurança, constrangimento, sofrimento e desespero, afastam-no da sua própria experiência social de interação com outros atores sociais, seja na esfera pública ou privada.

Frente ao exposto Gabriel Abreu (2014) evidência de que os homossexuais masculinos que convivem com HIV/AIDS necessitaram criar um “segundo ‘armário’, cheio de cabides, gavetas e repartições, fazendo com que algumas delas se apresentem como um armário sem portas e a outra extremamente trancafiada, aprisionada a sete chaves, pois todo mundo tem segredos guardados em seus armários interiores. Todavia, a veracidade desse fato deve ser enunciada: nem sempre viver no armário significa desistência, em todo tempo e instante sinaliza (re) existência!

Ao contrário do que muitos acreditaram no passado, é importante ressaltar que viver com HIV é diferente de viver com AIDS. Existem milhares de pessoas convivendo com HIV que permanecem durante anos sem manifestar os sintomas e sem desenvolver o seu estado mais avançado, a AIDS. Entretanto, pessoas que vivem com o HIV que desconhecem a sua sorologia ou não fazem os tratamentos antirretrovirais disponíveis, podem transmitir o vírus através de algumas dinâmicas e processos.

Dessa maneira, a infecção por HIV se torna possível através de secreções (fluídos) como sangue, espermatozoides e secreção vaginal. Para ocorrer a transmissão, o fluido contaminado do indivíduo necessita penetrar em outro organismo. Essa prática ocorre, em especial, através da relação sexual desprotegida, do compartilhamento de agulhas e instrumentos de pessoas que usam drogas injetáveis – PUDI e da transfusão de sangue, além de outros mecanismos (UNAIDS, 2017). Logo, em um mundo precedente aos anos 1980, com práticas estigmatizadas e de pouco esclarecimento diante da esfera de relação

⁸ O termo foi criado e inspirado em Christophe Dejours (2004) diante do conceito de patologias da solidão. Segundo João Batista Ferreira (2013) "o termo Patologias da Solidão tem origem, como entendida aqui, na psicodinâmica do trabalho, como uma forma de adoecimento decorrente do contexto sócio-histórico e da organização de trabalho na qual se manifesta e que afeta as relações sociais e de trabalho. (p.265). Já Patologia do silêncio refere-se “a forma de adoecimento das relações sociais e de trabalho decorrente da impossibilidade de utilização da palavra [...] muitas vítimas ressaltam que suas vidas passaram a ser vividas como um resto no silêncio” (p.247). O que o termo criado aqui se difere das idéias de Dejours (2004) e Ferreira (2013), pois diz respeito ao espaço geográfico que esse corpo abrange, indo muito além de um adoecimento decorrente do espaço de trabalho e do emprego do indivíduo. Ele incide em qualquer espaço concreto, seja de trabalho, de fé ou de diversão.

sexual, transfusão com compartilhamento de seringas, acreditava-se que poucas pessoas poderiam ser infectadas pelo HIV.

As sociedades criam, escrevem e impõe regras de condutas, costumes, que introduzem uma ilusória ordem, uma previsibilidade nas ações e atitudes conforme apresenta Marina (2008). No entanto, o que os “inspetores” da época se descuidaram é que a sociedade está em constante transformação. Dessa maneira, diante de um espaço marcado por disputas, o novo invalida o velho em múltiplos aspectos. Todavia, as desigualdades que foram produzidas nesse cenário fúnebre possibilitaram distintas tensões sociais, além de profundos e resistentes movimentos sociais por parte dos que eram considerados excluídos e seus adeptos conforme expressa Harvey (2008). A indagação realizada por Marina (2008, p.44) ainda flutua sobre a minha cabeça: Existiriam, na história da sociedade ou nas sociedades atuais, questões ligadas à sexualidade que não fossem brutalmente reguladas?

Sem dúvidas, se a história da sexualidade simboliza algo, é a veracidade de que o comportamento sexual e suas práticas sexuais não são imutáveis segundo Rotello (1998). Ademais, os impulsos, as vontades, os desejos sexuais são uma força perigosa, estabelecendo e constituindo sua regulamentação diante de múltiplas culturas em similaridade com Marina (2008). Tudo aquilo que desobedecer a uma determinada regra, sejam elas inseridas na esfera do comportamento ou de práticas impostas, e emergir, de forma demasiada, fica anormal, tornando, assim um elemento a ser combatidos atravessadamente por punições, leis, perseguições e óbitos (FOUCAULT, 1988).

O corpo é uma existência transmutada de uma sociedade para a outra. As concepções que o definem e dão aceção à sua dimensão invisível procuram estabelecer ritos, símbolos e crenças que o colocam socialmente como um produto social, resultado das materializações das relações sociais. Logo, o corpo passa a ser reputado para além de uma coleção de órgãos, emaranhado por células e tecidos. Le Breton (2007) argumenta de que o corpo assume assim, uma estrutura simbólica, na qual isso se desdobrará em conceitos para os distintos comportamentos que ele passa a constituir-se.

Na história das civilizações, as homossexualidades sempre estiveram presentes a partir de múltiplas formas, assim como a própria organização moral e cultural. Incontáveis estudos que regressaram nos tempos históricos evidenciaram o quanto as homossexualidades sempre foram práticas sociais e sexuais muito vigentes na esfera da diversidade humana e de suas experiências de acordo com Prado & Machado (2012). A

guerra do Peloponeso que assombrou o mundo antigo, em 431 A.C.⁹ fez com que Atenas e Esparta ficassem em evidência e se tornassem duas sociedades respeitadas para a época. As transformações políticas e econômicas não eram as únicas singularidades que ambas as civilizações possuíam. Pontos que costuravam a vida cotidiana, inseridos no horizonte da esfera social também se diferenciavam, aumentando ainda mais os antagonismos entre os locais.

Uma parte da história da sexualidade advém justamente desta data. Através da arte, os jovens guerreiros eram retratados e descritos, em grande parte, segurando lanças, protegidos apenas por escudos ou peças de metal, e o mais notável: nus. Nas ruas, praças e locais públicos, o corpo masculino ficava exposto. Para a época, a exibição de corpos gregos desnudados mostrava quem era de fato civilizado, fomentando, assim, a distinção entre os fortes e os vulneráveis. Logo, conforme observa Richard Sennett (2003) o corpo ao ser exposto na Grécia civilizada passou a se tornar um objeto de admiração e respeito.

A sexualidade do macho – forte, participante, quente¹⁰ - era um espectro básico e bem-quisito da cidadania na Grécia Antiga, pois ela era quem definia quem deveria ser honrado, admirado, venerado. Os ginásios tinham como objetivo ensinar ao homem como usar o corpo, de maneira com que ele pudesse desejar e ser desejado com honra. Ao caminhar da sua vida e ao adquirir maturidade, o homem grego passava a ser amado por outros homens, mais velho e rapazes, apaixonando-se também por outras mulheres. Na esfera da fisiologia do corpo, os homens com corpos “frágeis” agiam como as mulheres, sendo reduzidos e submetidos por outros homens a um papel feminino (SENNETT, 2003).

⁹ “A Guerra do Peloponeso havia sido travada entre confederações de polis que combatiam ou a favor de Atenas ou a favor de Esparta, num jogo de interesses que poderia muitas vezes alterar as alianças de acordo com as facções políticas internas existentes em cada polis consorciada. Vinte e sete anos de guerra provocaram um saldo de enormes perdas: com cidades destruídas, campos arrasados, milhares de pessoas desenraizadas de seus lugares de origem, retração da atividade comercial, o que se pode observar é uma Hélade enfraquecida” (LOURO, 1997, p.337).

¹⁰ O corpo feminino era reduzido, fazendo com que as mulheres, vistas como versões mais “frias” dos homens, ocupassem apenas o interior das moradias, como se a sombra fosse vital para suas vidas. O mesmo acontecia com os escravos, as duras condições de servidão e trabalho reduziam a temperatura dos seus corpos. Todavia, a posição expressava *status* social, em que a mulher ou o rapaz efeminado se subordinava através das posições, abaixando ou curvando-se para ser penetrado (SENNETT, 2003). O fato incontestável é único: os gregos utilizavam da ciência do calor corporal para decretar e impor regras de dominação e subordinação.

Na medida em que verificamos o itinerário histórico da história da sexualidade e agregados aos comportamentos sexuais, mapeando múltiplas civilizações, assumimos que as relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo a todo instante permaneceram vigentes na estruturação das sociedades. Todavia, é substancial destacar que na história da humanidade, em todas as épocas, encontram-se comportamentos não heterossexuais orientados segundo Prado & Machado (2012). É nítido que os códigos inseridos na óptica da sexualidade e das práticas sexuais dos indivíduos transmutam de acordo com as épocas, sendo influenciadores diretos do que se torna permitido, do que é proibido, o que é patológico ou normal conforme exibem Ceccarelli & Franco (2010).

Na história da sexualidade, a estratificação sexual concede uma maior legitimidade e domínio a uma (inautêntica, diga-se de passagem) “sexualidade boa” na qual os protagonistas – heterossexual, conjugal, monogâmicos, de mesma geração com intuítos de reprodução e não comercial entram em embate com uma “sexualidade má”, marginalizada, composta por intérpretes – homossexual, fora do casamento, não monogâmico, entre gerações e que não possuem intuítos de reprodução e são comerciais em conformidade com Edgard Felberg (2015). Tais hierarquias entre o que é bom e mau no horizonte do sexo dispõem como base alocar no topo da pirâmide sexual, a heterossexualidade e nas camadas abaixo, os descendentes, localizando, assim, os desvios sexuais dessa heterossexualidade. Logo, aqueles que não são incorporados nesse molde de forma coerente, nessa dialética binária de feminino e masculino, são posicionados no espaço da abjeção, do estigma, do desvio, da doença, da perversidade, do menos humano.

A intensa disseminação causada pelo HIV ao redor do mundo fez com que algumas populações ficassem marcadas como as mais vulneráveis à infecção. Gabriel Rotello (1998) argumenta de que não existem categorizações como grupos de risco, mas sim, comportamentos de risco. Para a comunidade gay, os comportamentos que eram praticados anteriormente inseridos numa escala limitada, com poucos participantes, que foram ao que tudo apontam inofensivos, ou então fomentaram adversidades insuficientes que passaram despercebidos. Todavia, a aderência em totalidade desses comportamentos por uma grande parte dos homossexuais masculinos, reservadamente, nos comportamentos de riscos concentrados fez com que uma situação diferente até então emergisse, nas qual suas conseqüências ainda não são profundamente e completamente compreendidas de acordo com Rotello (1988). Dessa maneira, eclode a necessidade de catalogar e identificar determinadas práticas, principalmente às

consideradas “antinaturais”. Foi a partir disso que as sexualidades foram colocadas no centro de debates, principalmente as marginalizadas, ganhando inúmeros *status*, como perigosa, criminosa e pecadora. O objetivo era proteger, separar e prevenir (FOUCAULT, 1988).

Assim como as culturas, as sexualidades não podem ser mais vistas como unificadas e internamente coerentes que de alguma maneira podem ser isolados e estudados, interpretados e compreendidos individualmente como exemplos de diversidade e diferença. Pelo contrário, assim como a vida humana e seus emaranhados, a sexualidade se tornou cada vez mais vinculada aos processos de transmutações de rápidas acelerações e na maioria das vezes, desunidos, que passaram a ganhar uma maior visibilidade a partir da esfera da globalização, principalmente a que marcou os finais da década do século XX (PARKER, 2002).

Conforme evidência Trevisan (2002) através da circulação de jornais como o *Lampião da Esquina*, a consolidação de projetos de combate ao HIV/AIDS como o Grupo Gay da Bahia (GGB) e Grupo Somos, o acolhimento de pessoas expulsas de casa ou portadoras do HIV e principalmente, a despatologização da homossexualidade proporcionaram transformações vitais a respeito das autopercepções e crenças dos homossexuais, principalmente a partir de meados dos anos de 1980 (FACCHINI, 2005). Uma parte da chamada liberação sexual não passou de nada além do que a libertação, liberação, desprendimento de várias instituições culturais. Logo, toda institucionalização se totaliza, estruturando movimentos que lhe são antagônicos (MARINA, 2008).

A visibilidade de que os homossexuais sempre são subversivos é uma representação (que foge da realidade, diga-se de passagem) que caminha por séculos. Tal abstração não passa de um falso imaginário o qual se colocou no caminhar da história da sexualidade, das normas e infecções, o homossexual como o epicentro, inserido na esfera de desviante, pervertido, que possui como “ideologia” danificar, estremecer a tranquilidade e o bem-estar social. Todavia, se os homossexuais insistem em subverter essa farsante ordem social, significa então que essa ordem não abrange a diversidade.

Sob o mesmo ponto de vista de Guimarães (2004) as relações sociais que integram o espetáculo de construção de identidade homossexual fomentam que discursos sobre a sexualidade sejam revogados. Sistemas de hierarquização e de organização de categorias sociais e sexuais da sociedade dominante – macho branco

hetero cis – vai socialmente estigmatizar a categoria homossexual, rotulando os indivíduos desse grupo como “desviantes”, “imorais” ou “anormais”, conduzindo esse grupo para fora das fronteiras sociais, tipificando-os como “outsiders”, reais e violentos ameaçadores da estrutura e hierarquia e da reprodução biológica e social. Todavia, o que ocorre na sociedade advém das diferenças e hierarquias, concebendo com que múltiplos atores sociais continuem sendo condenados diante de distintas esferas, categorizando com que práticas, comportamentos e relações homoeróticas sejam enclausurados em “sexo imoral”.

Conforme argumenta Marina (2008) o sexo imoral não existe. O que existe, em primeiro caso são práticas sexuais criminais: o estupro, o mercado (tráfico e exploração) de mulheres, a exploração sexual infantil, a zoofilia, a pedofilia¹¹ entre outras. Em segundo, não podemos negligenciar de que a rede (internet) possibilita através da sua liberdade com que o mercado de mulheres, a exploração sexual e trabalhista infantil, o tráfico de órgãos, drogas, pessoas e armas. Logo, a imoralidade ainda é algo presente no cotidiano, condenando múltiplas práticas que estão fora da utopia heterossexual. Por que punir e apontar as relações homoafetivas masculinas é mais fácil do que ensinar a população sobre os comportamentos de risco?

Sodoma e Gomorra se respaldam na pressuposta punição de Deus às práticas e atos homossexuais ali cometidos. As passagens bíblicas ressalvam bem essa idéia. Todavia, gostaria de dar o enfoque a uma em específico – *“Para os que vivem na prática de imoralidades sexuais e os homossexuais em geral, para os seqüestradores, para os mentirosos e os que fazem juramentos falsos; e para todo aquele que se revolta contra a sã doutrina” (Timóteo 1: 10)*. Retomar especificamente essa passagem bíblica faz compreender como muitas questões sobre o gênero e a sexualidade foram moldadas através dos séculos, sobre as quais Guimarães (2004, p.21) exemplifica bem, ao afirmar que “o jogo de seleção e classificação de identidades está vinculado ao jogo do poder”.

Ao longo da história da humanidade, as fundações de poder – nesse caso, o social – estiveram vinculados à centralização de determinadas entidades, dentre elas: a família, o lar, as instituições escolares e psiquiatras, além de médicos, educadores e administradores de instituições diversas conforme elucida Guimarães (2004). É a partir dessa centralização de vigência (poder) e da proximidade (prazer) que as formas diante dos discursos sobre o sexo se multiplicam, fazendo com que “a saturação sexual dos

¹¹ Estupro (Art.213 do Código Penal); Tráfico de Mulheres (Art. 231 do Código Penal); Exploração Sexual Infantil (Artigos.214 e 218 do Código Penal), Zoofilia (Art. 164-A); Pedofilia (Art. 241-B do Código Penal)

espaços e os ritos sociais, em que formas de sexualidade não conjugal, não heterossexual, não monogâmica são solicitadas e instaladas” (GUIMARÃES, 2004, p.37). Entretanto, respaldado em José Antonio Marina (2008, p. 123), “a procriação não é a única fonte de normas sexuais”.

Foi no fim do século XVIII que inúmeros códigos, símbolos e normas para regular a moral e os costumes foram capazes de dominar, comandar e controlar as práticas sexuais, principalmente quando a lei civil e a religião cristã ganharam poder para ditar o que é permitido ou não. Qualquer peça que estivesse fora das diretrizes impostas deveria ser penalizada, principalmente as práticas que eram “contra-natureza”, pois era necessário manter a ordem, tanto dos seres quanto das coisas (FOUCAULT, 1988). Como resultado, o corpo e o próprio sexo transpassam por um reconhecimento ininterrupto que procura comprovar e qualificar a heterossexualidade para propósitos de procriação. Assim, todo o sexo que não seja para procriação, que não cumpra com as ânsias do desenvolvimento social, do progresso, do trabalho, passa a ser visto como uma “desorientação” fatal aos “imagináveis” interesses sociais (FELBERG, 2015).

O próximo século, apesar da perda de velhos paradigmas da Igreja ter ganhado espaço, fez com que a medicina penetrasse de forma violenta no que diz respeito aos prazeres coletivos e individuais, consolidando mecanismos de vigilância, seja por viés pedagógico ou terapêutico conforme expõe Michel Foucault (1988). A esfera que rege a vida dos indivíduos exige um profundo raciocínio no que se insere no horizonte dos elos entre o corpo e o espaço, tornando-se assim uma análise no contexto geográfico. Analisar o contexto geográfico demanda a descodificação das peculiaridades e individualidades geográficas de determinado lugar, que se torna resultado das relações com os outros lugares. Logo, conforme argumentam Mateus Pedroso & Raul Guimarães (2017) ergue-se uma nova Geografia, disposta a incorporar e a expor um conjunto de eventos geografizados.

A esfera geográfica apresenta em seu horizonte a identificação dos espaços, onde se produzem socialmente distintas contrariedades e, conseqüentemente, incorpora múltiplos corpos, que constituem o âmbito desse horizonte, reconhecendo cenários relevantes, desencadeando assim o entendimento, percepção e assimilação de opostas situações geográficas. Além disso, de acordo com Doreen Massey (2008) não existe uma única história universal, e sim, um almanaque de múltiplas trajetórias históricas.

Neste instante, é importante reconhecer a heterogeneidade e da multiplicidade, a partir da visão da espacialidade.

É a partir de múltiplas espacialidades e com diversas relações que podemos reconhecer a existência e coexistência de outros, levando em consideração as suas próprias trajetórias históricas e que, em determinado ponto da intersecção da vida humana, se encontram, se conectam e se desconectam, construindo e edificando o espaço a partir dessa intersecção de relações. Precisamente, ao salientar a compreensão geográfica, verificamos que tal investigação nos proporciona penetrar nas múltiplas perspectivas espaciais, concebendo as experiências relacionadas de cada ator com o espaço que o seu corpo significa, reproduz e simboliza. No mesmo oceano que Massey (2008) navega, Michel Lussault (2015) mergulha profundamente. Segundo o autor, o espaço é retratado a partir do corpo, de forma expressiva, englobando regimes de visibilidade e regulamentação social, dado o exposto que “um corpo não ocupa um mesmo espaço”.

À vista disso, o espaço pessoal – do corpo - concebe com que cada sujeito seja afetado de uma forma (vítima, testemunha, espectador entre outros). Ele passa a ser o centro dessa dinâmica a partir da sua posicionalidade, isto é, a partir do seu grau de envolvimento e da maneira que esse envolvimento é apresentado. Diante disso, o espaço funde a coexistência de inúmeras vidas. O espaço urbano desconhece, recusa, esconde e segrega os corpos, por serem corpos profundamente enraizados como transitórios e doentes, afastando-se de uma biotipologia utópica fixada e edificada socialmente, fazendo com que múltiplos corpos sejam ocultados, escondidos, marginalizados e segregados na cidade, ao mesmo tempo em que esses mesmos corpos se tornam instrumentos de resistência, persistência e luta (PEDROSO & GUIMARÃES, 2017).

Conforme Massey (2008) o espaço geográfico vai muito além de algo fixado, estático, imutável. Ele é visto como soma, divisão, multiplicação e subtração das inter-relações, expostos diante das múltiplas possibilidades da existência. Ele é aberto, inacabado, incompleto e só existe diante de um espaço de pluralidade, onde não existe nada de forma definitiva, encorpada, permanente. O espaço geográfico é flexível, acoplado em múltiplos fatores que proporcionam a sua constante construção. De acordo com Pedroso & Guimarães (2017) o corpo ao ser inserido no espaço, não representa apenas uma partícula, pelo contrário, ele incorpora as distintas relações intrínsecas que são fixadas pelo corpo em suas múltiplas escalas, pois as marcas que o corpo carrega

abarcam horizontes de esferas materiais, subjetivas, simbólicas e, sobretudo, espacialmente.

Segundo Joseli Maria Silva (2013) amparada em Johnston & Longhurst (2010) a Geografia tem potencial para analisar o corpo como espaço e, conseqüentemente, os corpos no espaço, visto que esses mesmos corpos fazem a diferença quando se trata de nossas experiências no espaço. Na concepção de Silva (2013) amparada por Jon Binnie e Robyn Longhurst embora o corpo apresente materialidades, essa materialidade é sempre (re) construída pelos discursos, assim como o espaço. Logo, conforme afirma Silva (2013) tal como o corpo, o espaço também é (re) produzido discursivamente, apresentando lacunas entre uma força extremamente heteronormativa e forças de resistência advindas das lutas contra o poder hegemônico e regulatório. Ao se deslocar, o corpo é lido perante a escala tempo-lugar em que ele se insere.

Nessa esfera, os lugares adquirem um significado mais abrangente do que a simples concepção de localizações topográficas, coordenadas e extensões. Compreende as posições espaciais, ou seja, um conjunto de relações entre a localização do indivíduo em um campo social que se torna permitido ou restrito e as localizações que pode ocupar no espaço material (LUSSAULT, 2015). Emergem, assim, novas expressões espaciais a partir desse corpo e do imaginário coletivo, produzindo conflitos de localização, abrigando mercado de lugares, no qual determinados sujeitos podem ou não consumir esses espaços. Dessa maneira, o espaço social passa a se tornar um potencial para legendar qualquer evento, criando meridianos e trópicos diários de luta, poder, resistência e libertação.

Certos espaços e relações espaciais escondem, apagam e negam determinados corpos. Essa itinerante presença\ausência certamente levanta a questão de que, para abrir uma porta do armário, deve-se fechar a outra. O armário, nesse caso, significa uma metáfora espacial, pois ele se torna um mecanismo regulamentador de múltiplos espaços, territórios, áreas, zonas, distanciando a acessibilidade e a interação entre os atores sociais. Contudo, existe mobilidade entre espaço e armário, comprovado pela onipresença do público LGBTQIA+, que está em todos os lugares, que ao mesmo tempo em que denota estar perto, ao nosso lado, passando por nós na rua ou em nosso próprio lar, ao mesmo tempo, está separado, invisível, não ouvido e silenciado conforme afirma Michel Brown (2000).

A corporeidade é a união de manifestações simbólicas, nas quais o corpo se torna a existência do ser – construindo, (re) construindo, apagando e ocultando – no

tempo-espaço da sociedade. A legitimidade de corpos é fundamentada por meio dos modelos hegemônicos criados, através das idéias de condutas e ordens. As sociabilidades são construídas, dividindo o mesmo espaço com as abjeções. Um cubo mágico é criado, no qual os lados agregam sofrimento, frustrações e, ao mesmo tempo, criam um encaixe perfeito com o prazer e o desejo. A partir disso, a cortina de ocultamento que enclausura a ampla discussão da sexualidade é encoberta a partir dos jogos de poder, fazendo com que eles passem a adotar um termo que, por muito tempo, marcou gerações, denominados “desviantes”. O constituinte sexual visto como “desviante” do comportamento individual é apercebido como determinante da sua identidade social, fazendo com que critérios de discriminação para as múltiplas atitudes sociais se estabeleçam conforme apresenta Guimarães (2004). É a partir dessa concepção que determinadas experiências adquirem valores, critérios, simbolismos morais de valor, como "perigoso, perverso, prejudicial à saúde física e mental" (GUIMARÃES, 2004, p.41).

Ademais, foi a partir desse controle social que, durante anos, a sociedade acreditou que os indivíduos que foram categorizados como imorais e indecentes pudessem corrigir diretamente seus defeitos, de forma direta. Claro que o mundo é palco de diversos discursos que se contradizem. Ao mesmo tempo, sexualidades distintas do padrão hegemônico são consideradas anormais, desumanas ou pecado, enquanto uma atitude violenta ainda continua se perpetuando: a inserção das filhas na sexualidade através dos pais conforme evidência Marina (2008). As concepções de pureza e impureza personificavam violentamente os domínios da sexualidade, fazendo com que profundos e constantes tabus fossem capazes de determinar o comportamento de múltiplas gerações. Por mais que o mundo já se configura diferente de trinta, quarenta, cem anos atrás, alguns tabus ainda persistem camuflados na sociedade vigente segundo José Antonio Marina (2008).

Durante muito tempo, uma geração inteira acreditou que grande parte dos seus contratempos com a sexualidade estava ligada às forças de repressão às quais foram submetidas como expõe Marina (2008). O lado mais difícil de resolver a respeito da sexualidade nas sociedades modernas não advém diretamente do fato de terem condenado o sexo a permanecer no vale das sombras. O lado mais árduo de desemaranhar advém do ocultamento, do pique esconde, da condenação que se criou no entorno dessa temática de acordo com Foucault (1988). Os estigmas que foram

impostos para diversos grupos durante a eclosão da epidemia do HIV fizeram com que toda a sociedade se reorganizasse, perante as leis, os costumes e a família.

No grande jogo de tabuleiro chamado vida, muitos dos peões ainda vivem estacionados no grande campo da sexualidade. Entretanto, para que esse jogo sofra quaisquer mudanças, alguns movimentos ainda precisam ser realizados, principalmente os movimentos que têm como função derrubar as torres solidificadas que foram impostas durante o processo de formação da sociedade brasileira. Logo, para que isso aconteça, um movimento ainda maior precisa ser executado: as armaduras da organização cultural e moral que se costuram com distintas formas de violentar os direitos sexuais, usadas pelos cavalos, precisam ser removidas, assim como os antolhos que são impostos pelos campos educacionais, religiosos e militares. No fim, o único objetivo a ser conquistado será a igualdade, que será adquirida quando as rainhas: conservadorismo, preconceito e discriminação, caírem. Após isso, o sexo e as práticas sexuais que restaram no tabuleiro ganharão perspectivas distintas, ocasionando na sociedade que assiste de fora, um grande movimento: *o check mate*.

Apesar das mudanças nesse grande tabuleiro diante de algumas peças, principalmente no que tange a igualdade e a discriminação, os avanços e absorções que a homossexualidade proporcionou ao Brasil, principalmente nos períodos de 1970-1990, ainda usavam como pano de fundo, argumentos conservadores pelos cantos do país. Entretanto, o jogo de interesse mudava quando casos de sensacionalismo e escândalos envolvendo populações LGBTQIA+ apareciam, fazendo com que uma camada da sociedade manifestasse seus interesses, colocando-se apta a julgar e ser vista como detentora do saber e do conhecimento.

Para compreender um pouco mais sobre esse processo, é necessário se debruçar a respeito de alguns conceitos que, por mais que estejam fragmentados através de discursos de liberdade e da liberação individual e coletiva, ainda sim, são mecanismos de controle, poder, e estabelecem papéis hierárquicos dentro da sociedade. O ponto alto dessa montanha russa de símbolos e modelos a respeito da sexualidade nada mais passa de uma teorização sobre as diferenças dos sexos, construídas e amplamente difundidas nos séculos XVIII e XIX segundo Ceccarelli & Franco (2010). É a partir da falsa perspectiva a partir das coisas que as pessoas constroem o conceito moral, inseridos nos ambientes de virtude, santidade, puritanismo. A boa consciência se torna o fundamento principal, construindo uma única visão, um único espectro. Só existe uma única verdade, nenhuma outra tem valor conforme observa Nietzsche (2002).

O que não podemos negar é que em nenhum outro tipo de civilização, os discursos a respeito e sobre o sexo tenham sido tão profundos e acelerados, principalmente diante de um período histórico comparativamente curto e cheio de transições. O discurso que emerge após o tabuleiro do "jogo da verdade e do sexo" conforme apresenta Foucault (1988) perpassa pela arte erótica como verdade, e mais tarde, a partir do século XIX, tenha se modificado, criando uma única e singular verdade a respeito do sexo, inserido no pólo oposto da arte erótica. Essa verdade que emerge fomenta discursos que buscam, por meio de práticas médicas, padronizar o sexo, as sexualidades e as práticas sexuais, em prol de uma utópica ciência do sexo. É essa mesma ciência, violenta e transformada, que todos os discursos amedrontadores, aterrorizantes e trágicos sobre o saber sexual são referidos (FOUCAULT, 1988).

A subjetividade do sujeito passa a ganhar visibilidade a partir do mesmo espelho criado a partir da divisão binária. Além de uma divisão entre macho e fêmea, homem e mulher e heterossexual e homossexual, a moeda ao ser jogada para o alto diante do ambiente de subjetividade releva dois lados possíveis de interpretação: o segredo e a revelação conforme expõe Sedgwick (2007). Os símbolos e significados que o HIV/AIDS trouxe ao emergir no mundo moderno não ficaram apenas no campo econômico, geográfico e sanitário. As atitudes que vieram nos campos político e social foram cruciais para que o medo, negação, pânico, intolerância, discriminação fossem enraizadas, atingindo diretamente e indiretamente as pessoas. Se, por um lado, os avanços diante dos antirretrovirais foram substanciais para melhorar a qualidade de vida das pessoas, desmistificando a infecção como uma sentença de morte, conviver com o HIV e a AIDS continua sendo, para muitos, um sofrimento, uma tortura, um silenciamento patológico e social, principalmente devido ao preconceito estabelecido e ainda propagado pela sociedade conservadora.

1.3 – HIV NÃO ATINGE SÓ “BICHINHA”: UM VÍRUS, MÚLTIPLOS ATORES SOCIAIS

*“AIDS é castigo de Deus, porque bicha é uma raça desgraçada”
(Jornal Luta Democrática, 1983).*

A escandalosa frase (e, diga-se de passagem, revoltante) foi capa de um jornal que poderia ser adquirido nas bancas e estabelecimentos comerciais do Brasil no ano de 1983. A “angelical epígrafe” foi apenas mais uma, dentre as inúmeras manchetes que retratavam a epidemia do HIV/AIDS no Brasil, acarretando, assim, que distintos corpos e sexualidades ficassem marcados pelo resto de suas vidas. A esfera geográfica

apresenta, em seu horizonte, a identificação dos espaços onde se produzem socialmente distintas contrariedades e, conseqüentemente, incorpora múltiplos corpos, que constituem o âmbito desse horizonte. Segundo Brown (2000), tais áreas podem ser compreendidas como dimensões corpóreas, prendendo, escondendo, confinando, ou, até mesmo, desejando outros atores sociais.

Vulgarmente conhecido no decorrer dos anos de 1980, os "5H" – Homossexuais (masculinos) Haitianos, Hemofílicos, *Hookers* (profissionais do sexo) e Heroinômanos (UDI) foram os primeiros a constituir o leque de sujeitos que foram acusados de disseminar e contrair o vírus. Conforme argumenta Luiz Mott (2002) diante disso, o pânico e o medo passaram a tomar conta da vida urbana. Para os guardiões do saber e da moral da época, escoltados pela mídia que fomentava matérias de cunho pejorativo, algo deveria ser feito, dado o exposto que as infecções aumentavam com o passar dos tempos.

O impacto da AIDS e do HIV no âmbito da ciência, mídia e na imaginação popular fez com que uma aura negativa em torno dos indivíduos que conviviam com a nova epidemia fosse instaurada, conforme observa Rosana Soares (2002). Foi a partir disso que diversos mecanismos foram introduzidos, como por exemplo, o conceito de grupo de risco ou grupo-chave, condutas e práticas sexuais de risco para atribuir exclusivamente a determinados grupos esse "mal". Assim, além de enraizar ainda mais o estigma, uma utópica noção foi disseminada rapidamente, forjando com que todos os grupos adjacentes que não estivessem inseridos nessas esferas (desvio, doença, grupo chave, grupo de risco, práticas de risco) fossem ilesos, protegidos, imunes ao vírus, merecedores da vida.

Contudo, o castelo do conto de fadas da sociedade vigente parecia ter fissuras, desmoronando cada vez mais rápido e brutalmente. À vista disso, um cenário foi instituído, tornando a feminização e a heterossexualização como panoramas opostos à idéia inicial a respeito do vírus. A feminização do HIV e da AIDS exposta a partir da década dos anos noventa tal como apresentam Ana Maria Brito et al. (2001) não ocorreu na escala social diante de contextos como o estigma, a vergonha e o preconceito, na mesma proporção como anteriormente, a partir dos grupos apontados como os transmissores da infecção. A investigação científica da época passou a evidenciar a mudança no perfil demográfico-social da epidemia, desmistificando a abstração que emergiu na década de 1980 a respeito do público responsável pelo fenômeno e abraçando novos atores sociais.

A partir desse novo prisma social, com múltiplos sujeitos, a ideia de que apenas determinados sujeitos contraíam o vírus foi desconstruída, amparados por dados epidemiológicos que salientavam que todas as pessoas estavam suscetíveis à contaminação. Todavia, a metamorfose social-histórica no perfil demográfico da epidemia ocorreu de forma tardia. Com isso, o estigma que, durante anos, ficou fixado na sociedade, fez com que os homossexuais masculinos fossem alvo de condutas, normas, patologizações perante as distintas instituições, realçando, assim, a intervenção e influência do Estado, da política e das organizações religiosas nos setores das ciências da saúde.

“Um relato-bomba: OS HETEROSSEXUAIS E A AIDS”
(MANCHETE, 1987).

No ano de 1987, a revista Manchete estampava em sua capa a epígrafe acima, dando ênfase ao novo grupo que passava a conviver com os casos de HIV. Ao ganhar esse novo escopo, diversos veículos de comunicação passaram a estampar em suas capas ou manchetes principais conteúdos nos quais mostravam a mudança no perfil de transmissão e contágio pelo HIV, adotando um vocabulário e um teor sensacionalista diferente das matérias anteriores, nas quais o público LGBTQIA+ era estigmatizado, visto como uma criatura anormal a ser combatido, a todo custo e a toda força. A partir da década de 1990, a revista Veja salientou as mudanças demográficas perante o HIV. A capa de 1993 enunciava como manchete principal *“MULHERES E AIDS: Cresce o número de vítimas femininas da doença”*. O irônico é que agora palavras de comoção como “vítima” “coitada” “não merecia” foram empregadas nas matérias, causando sensacionalismo e compaixão.

Peço licença e gostaria de explicar que meu intuito aqui não é criticar e condenar às mulheres e conseqüentemente a incidência do HIV nesse grupo, mas sim, criticar a forma como as manchetes jornalísticas utilizam adjetivos e conceitos para se referirem aos múltiplos grupos diante de um mesmo tema. Para os homossexuais, no início da epidemia, conviver com HIV não passava de um castigo devido, em outras palavras, bem-feito, e ao metamorfosear o perfil demográfico, passam a se tornar vítimas. Ora, os homossexuais não foram vítimas? Foram! Vítimas de uma associação preliminar que fez com que a exclusão, estigma, preconceito e “caça aos gays” fosse profundamente difundido.

Com a difusão de um novo perfil demográfico no decorrer da década de 90, o fenômeno da redistribuição do vírus\doença fez com que os estudiosos e pesquisadores

daquela época detectassem novas tendências epidemiológicas a respeito da incidência do HIV, que são elas, conforme Barcellos et al., (1996, p.14): “(1) aumento da participação feminina nos novos casos de AIDS; (2) aumento da relevância da transmissão heterossexual; (3) aumento da participação do segmento de pessoas que usam drogas injetáveis – UDI entre aqueles mais atingidos pela doença; (4) proletarização ou pauperização (empobrecimento) da epidemia”. Assim, segundo argumenta Francisco Inácio Bastos (2006) múltiplos atores passaram a compor a grande esfera da epidemia, desmitificando a idéia inicial dos "5H".

Peguei AIDS do meu marido: histórias dramáticas de mulheres que foram contaminadas pelos homens em que confiavam cegamente (VEJA,1998). Segundo Brito et al., (2001, p. 210) “entre as mulheres, 57% são donas de casa, em todos os níveis de escolaridade, na faixa etária de 20 a 39 anos”. Nessa sociedade, de quem é a culpa? Na resposta a essa questão, não nos cabe utilizar a palavra culpa, pois, a partir de múltiplos prismas, ao ser analisada, ela concebe diversas interpretações, tanto religiosa, pois culpa nessa esfera tem sentido de desobedecer a algum dogma ou princípio religioso e aludir ao pecado, como mencionado anteriormente, quanto jurídico, ao apontar que a culpa está atrelada à omissão ou ato criminoso, crime, delito e prejuízo à outra pessoa, sobre o qual falarei num momento futuro. À vista disso, emprego o termo responsabilidade, visto que o termo designa “dever de responder pelo próprio comportamento, pelas ações de outras pessoas ou instituições; obrigação: é responsabilidade do Estado garantir condições de sobrevivência a todas as pessoas”, conforme aponta o dicionário online de português – (DICIO, 2009).

O que é nítido ressaltar é que grande parte dessas mulheres foram realmente vítimas de seus parceiros, maridos, companheiros ou cônjuges. Esse contexto evidencia a realidade de muitas mulheres: a maioria desses homens mantinha relações desprotegidas com outros atores sociais na rua e levavam o vírus para o espaço da casa, transmitindo para suas parceiras, dado o exposto de que, conforme a revista Manchete (1996) “*Peguei AIDS do meu marido: 75% das mulheres com HIV foram contaminadas por seus maridos ou companheiros*”.

Diante disso, percebemos que, efetivamente, inúmeras mulheres foram e ainda continuam sendo vítimas de seus parceiros, que freqüentam múltiplos espaços que, diante do pensamento machista hegemônico, não condenam os *Goddess Spaces* voltados para interações heterossexuais, como os “puteiros” e zonas de prostituição. Na

visão utópica desses homens, ao que tudo indica, está tudo bem criar esse tipo de conjuntura, inclusive perder a virgindade com uma prostituta ou com um animal.

Não tardou para que profusos mecanismos fossem introduzidos, anexados e estabelecidos, penetrando a vida sexual coletiva e individual, como por exemplo: o código da camisinha, a redução do número de parceiros sexuais, a desconstrução do sexo oral-anal-vaginal, adotando práticas sexuais que não tivessem penetração e troca de fluídos conforme argumenta Richard Parker (2002). Além disso, a construção do discurso moral diante de múltiplos espaços eram profundamente propagandas com o intuito de combater, de erradicar a interação sexual de pessoas nesses espaços. Assim, esses pontos de encontro necessitavam ser combatidos, pois eram vistos como espaços contaminados, transmissores de infecções ou doenças.

As estratégias traçadas no decorrer dos anos de 1980 e começo dos anos 1990 para o enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS tinham como base principal o combate aos *Goddess Spaces*. Néstor Perlongher (1985) justifica de que essas estratégias de caráter proibicionista e repressivo possibilitaram que o espaço fosse transformado em uma zona de caça, na qual os “veados” eram os alvos preferidos. Os corpos que agora andavam em verdadeiros campos minados deveriam ser exterminados. Conseqüentemente, os *Goddess Spaces*, que eram vistos como espaços possíveis de transmissão, deveriam ser interditados e fechados.

A disciplina dos corpos e paixões seguia uma visão de mundo em que transformações eram inexistentes, intocáveis. Ao proferir esse pensamento ao redor do mundo, inúmeras vozes foram silenciadas e impedidas de formar, construir e consumir distintos espaços. Doreen Massey (2008) argumenta que as escalas de ações e atitudes não devem seguir uma idéia fixa, enraizada, pois é necessária a construção de espaços heterogêneos, múltiplos e com infinitas pluralidades. Assim, concepções, idéias, pensamentos de outro mundo, de outras coisas e modos de viver emergem, tornando-se verdadeiros requisitos para a condição humana e a vida em sociedade.

Conforme argumenta Michel Foucault (1987) as mesmas luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas. O prisma do Iluminismo no século XVIII se amparava na concepção de que o indivíduo deveria buscar a sua própria felicidade, denunciando, principalmente, as injustiças e dominações religiosas conforme evidência e possuir uma consciência individual, livre, espírito de progresso, pensamento laico, autenticidade e autoridade própria perante o seu pensamento eram os pilares desse grande semáforo.

Segundo Dilene Nascimento (1997) para cada três homens infectados pelo vírus corresponde a uma mulher, e a maioria delas são casadas. Essas mulheres que fazem parte de relações conjugais estáveis criam uma utópica imaginação de que não poderão conviver com o vírus HIV, dado o exposto que, para mulheres, a contaminação ainda é atrelada à prostituição, promiscuidade e relações extraconjugais. Logo, para muitas, estar em uma relação conjugal parece estar isenta de vulnerabilidades e situações que as comprometem segundo Gilclécia Lourenço et al., (2018). Contudo, e do outro lado? E seus parceiros?

Seus parceiros mantêm outros relacionamentos sexuais, extraconjugais, sem proteção ou fazem o uso de substâncias injetáveis, escondendo tais práticas de suas parceiras. A partir disso, elas estão se transformando em um dos segmentos mais vulneráveis à infecção conforme observa Dilene Nascimento (1997). Além disso, observam-se a responsabilidade de proteção às mulheres, isentando os homens de responsabilidade e compromissos, conforme apontam as campanhas da Casa de Oswaldo Cruz (1995): “As mulheres têm muito mais jeito para escolher as camisinhas dos homens” ou “Quem se ama se cuida. Preserve a vida. Evite AIDS”. Essa responsabilidade direcionada à população feminina denuncia uma sociedade machista e sexista, atualizando e fortalecendo as desigualdades de gênero. Dessa forma, emerge uma série de problemáticas a respeito de saúde pública, relações sociais e históricas, delegando à mulher, na sociedade, qual (quais) lugar (lugares) ela deveria(m) ocupar diante da infecção do HIV.

A ausência de responsabilidade do homem no que diz respeito à sua própria saúde reprodutiva é salientada por meio de comportamentos e condutas diárias. Assim, práticas extraconjugais, que se tornam aceitas pela sociedade por estarem inseridas na esfera de masculinidade hegemônica, fazem com que homens casados, mesmo que pratiquem comportamentos de risco, acreditem estar “ílesos”, por viverem em um casamento, tornando o matrimônio uma barreira contra HIV/AIDS, criando uma utópica idéia de que, nessas relações esporádicas, isto é, “puladas de cerca”, a infecção se torna mais difícil conforme evidência Patrícia Pinheiro et al., (2012).

As práticas de infidelidade matrimonial possuem contornos que variam de casos fixos com outros atores sociais, como mulheres cis, mulheres trans e travestis ou outros homens. A presença em prostíbulos, casas noturnas ou *Goddess Spaces* onde o sexo é fácil de concretizar torna-se um espetáculo para que as alianças sejam arrancadas dos dedos e passem a ser colocadas em bolsos de calças ou guardadas em porta-luvas de

seus carros, omitindo, assim o status civil. A partir disso, o homem que utiliza os hormônios como desculpa para suas práticas, permitindo, assim, uma vida sexualmente ativa, se possível, com múltiplos atores sociais, frisando a sua virilidade e masculinidade, reforça para sociedade o que é “ser macho” de acordo com Pinheiro et al., (2012).

Por mais que os avanços eram consideráveis, abarcando uma totalidade e salientando que o vírus era universal, os velhos paradigmas ocultaram os avanços sociais-geográficos tornando, até hoje, determinados grupos alvo de patologizações. Assim, meu questionamento diante do que foi apresentado se debruça em uma incógnita central: Por que atualmente, mesmo o vírus do HIV sendo universais, específicos grupos populacionais ainda são mantidos aprisionados aos tratamentos?

A resposta diante desse pensamento arcaico, que insere alguns grupos populacionais na linha de frente de tratamentos, está ligada com a hierarquia das masculinidades, que cria e estabelece divisões hierárquicas entre homens e mulheres, fazendo com que determinados atores sociais, principalmente, o segmento populacional constituído de homens (homossexuais ou bissexuais) se torne alvo de exclusão e subordinação. São os próprios homens que julgam o que é necessário para si mesmos, adotando comportamentos, normas, ordens e estratificações hegemônicas a todo instante.

Quando se tornam desejáveis, eles se afastam desse comportamento compulsório hegemônico – o velho discurso de que “sou homem e não sou machista” – e quando convém se torna desejável, eles incorporam os discursos, práticas, atitudes e ações – “profilaxia para HIV é coisa de ‘bicha’” –, acentuando sua masculinidade hegemônica tal como evidência Robert Connell & James Messerschmidt (2013). Essas práticas discursivas (ao mesmo tempo em que são vistas como masculinidades subordinadas por desviarem do comportamento compulsório hegemônico masculino reiteram a masculinidade hegemônica) servem para que esses homens se posicionem, tome partido e, principalmente, estabeleçam movimentos de controle e poder. Alguns homens heterossexuais que utilizam dessa “imagem” como posicionamento reproduzem discursos de dominação, materializando nas minorias sociais, como as mulheres e outros homens que estão utopicamente em estratificações menores, segundo Robert Connell & James Messerschmidt (2013).

Os modelos culturais impostos diante do gênero fazem com que os pensamentos, afetos e condutas sejam estruturados, favorecendo o homem e sua identidade. Ao se

aproximar cada vez mais dessa masculinidade hegemônica, posições de autoridade, poder e privilégio são concebidas livremente a esses indivíduos, tornando a heterossexualidade e a dominação como seus escudos mais protetores conforme apresenta Joilson Júnior et al., (2012). Com isso, acontece o envolvimento em inúmeras práticas, a fim de satisfazer suas fantasias e desejos sexuais, posto que “um copo de água e um “boquete” não se nega a ninguém”. Todavia, grande parte desses homens defensores da moral e dos bons costumes e que para a sociedade se apresentam como ótimos maridos, trabalhadores, excelentes maridos, ao freqüentarem os *Goddess Spaces*, desprezam o fato de que, ao praticar comportamentos antagônicos sem responsabilidade com outro ator social, colocam em contaminação outras vidas, possibilitando o contato e a disseminação de enfermidades que poderão se tornar verdadeiras companheiras de suas vidas e de outros indivíduos por tempo indeterminado, visto que algumas IST's não possuem cura.

O jogo entre a onda e barco se instaura violentamente, marcando, dirigindo, suplicando e sujeitando o corpo, obrigando-o a tradições, rituais, passagens, entrelaçados por relações de dominação e normalidade conforme menciona Foucault (1987). Porém, o que os teóricos e especialistas obliteraram é que múltiplas práticas sexuais e comportamentos surgem à margem de comportamentos extremamente moldados. Assim, nesse grande centro de moldes, normas, condutas, emergem, ao mesmo tempo, ao seu redor, culturas e subculturas que divergem sobre os comportamentos impostos.

O corpo existe no espaço e deve submeter-se a uma simbólica autoridade, criando assim território de ambigüidades, de contradições e lutas conforme salienta Harvey (2008) pois o corpo, ao materializar-se através do ator social, se torna marca do indivíduo, delimitando e impondo fronteiras, nas quais tais limites, de alguma maneira, os diferenciam dos demais. Corroborando com esse pensamento Natália Alves et al., (2019) evidenciam de que se torna necessário atentar-se aos corpos que falam, que gritam, que são ocultados, que sinalizam e reivindicam seu espaço. Assim, de acordo com as concepções de Alves et al., (2019, p.19) “o corpo humano não é como os outros, pois antes é um corpo aberto ao exterior, que não se limita a pele, uma vez que avança para além da superfície, e esta o coloca em relação com o espaço e com os outros corpos”.

A escala, nesse contexto, conforme apontam Elizete Santos & Francisco Silva (2014) torna-se uma esfera privilegiada de luta política, pois é através desse processo

que determinados grupos se organizam e buscam confrontar o poder estabelecido. Diante disso, a desagregação de fronteiras espaciais passa a compor a vida, possibilitando a produção e a reprodução do cotidiano. Segundo Niel Smith (2000) uma sistematização de escalas passa a esculpir a vida, definindo-a e caracterizando-a.

No modelo de sociedade vigente, múltiplas práticas sexuais e comportamentos compõem a esfera da vida humana, abrindo espaços para que novas experiências, até então ocultadas, secretas e marginalizadas, se aflorem. Essas práticas carregam simbologias e significados perante os seus adeptos. São fundamentados nos heterogêneos corpos que vagam na escuridão da sociedade, e múltiplos fetichismos transformam os corpos marginalizados em objetos, entretanto, grande parte apenas dentro de quatro paredes, ficando restrito apenas ao espaço da cama e depois retomam ao armário para serem escondidos e ocultados, retornando à escuridão de onde nunca deveriam ter saído. Assim, o corpo se torna símbolo de encontros, uma lança apontada que vai à luta com um sistema de preceitos, moral e regras consideradas repressivas, excedendo o que é necessário para metamorfosear a emancipação do despertar individual (LE BRETON, 2007).

O medo, o tabu, as simbologias carregadas pelos fluídos com imaginação de pureza, procriação e reprodução social deram espaço a fronteiras que colocaram no palco principal das discussões, de forma amarrada, a relação entre homossexualidade e morte. Os estudiosos e especialistas consideravam que os comportamentos e condutas homoeróticas possuíam uma estratificação “anormal” (distúrbios, doença, anomalia, problema, mal e etc.) carecendo de assistência médica ou tratamentos psicológicos – psiquiátricos para converter as condutas e curar o indivíduo. A repressão e controle por parte das famílias faziam com que os comportamentos e condutas homoeróticas fossem como uma profunda problemática, inserida em esfera imprópria ou constrangedora.

Em conformidade com Edgard Felberg (2015) as práticas de redução de danos são recursos da esfera da saúde pública que se projetam como possibilidades de censurar práticas que sejam vistas socialmente como perigosas. Assim, o objetivo central visa diminuir as práticas e comportamentos de risco. Diante disso, práticas como: redução do número de parceiros, retirada do pênis antes da ejaculação, segurança negociada¹², *Serosorting*¹³ e posicionamento estratégico compõem essa esfera. Além

¹²Conforme Felberg (2015, p.78), segurança negociada é compreendida pelo acordo entre dois parceiros numa relação de compromisso, podendo não se utilizar o preservativo, eventualmente.

¹³*Serosorting* é a escolha de parceiros com o mesmo *status* sorológico para HIV (FELBERG, 2015)

disso, a prática do *Bareback* aparece em primeiro plano, sendo apontada como uma das práticas de maior possibilidade e transmissão do vírus. Assim, os discursos de sexo responsável, saudável, prevenção, cuidado, entre outras coisas, resultaram em uma simbólica moralidade, possuindo seus pilares moralistas em cima da castidade, matrimônio e monogamia conforme argumentam Denise Portinari & Simone Wolfgang (2017).

Dessa maneira, as mudanças substanciais epidemiológicas do HIV apontam alterações no quadro epidêmico, inserindo a pauperização e a interiorização como escalas a serem analisadas, além da “redução da participação dos homossexuais” (VIEIRA, 1998, p. 30) e salientando a ocorrência progressiva e crescente dos novos casos de HIV em heterossexuais. A hierarquia das masculinidades fez com que os homossexuais masculinos ficassem enclausurados em espécies de “enfermarias do armário”, isto é, recintos em que determinados “pacientes” devem ocupar e “se tratarem”.

Por conseqüência, um saber, técnicas, “discursos científicos” se formam e se entrelaçam, utilizando como sombreiro a punição. Apesar de existir uma diferença a respeito do significado, e conseqüentemente, da utilização cultural das palavras reprimir, corrigir, reeducar, curar, quando essas se voltam para questões ligadas à sexualidade, gênero e, sucessivamente, ao HIV/AIDS, elas possuem o mesmo peso e significação: um mecanismo administrativo burocrático que se livra do mal a partir da justiça, seja ela a dos homens ou a de Deus. Dessa forma, o corpo passa a ser afundado cada vez mais no mar da esfera política, fazendo com que as múltiplas relações de poder se manifestem.

A busca por estratégias de intervenções que têm como coluna principal prevenir a infecção do indivíduo antes ou depois de um comportamento ou exposição de elevado risco ganhou um papel substancial nas estratégias seguras e eficazes de reduzir o risco de transmissão do HIV. Construtivo, nessa esfera, é o uso e adoção da Profilaxia Pré - Exposição (PrEP) como método de prevenção, consistindo na ingestão diária de um medicamento capaz de impossibilitar com que o vírus adentre as células do sistema imunológico. A medicação passou a ser disponibilizada de forma gratuita pelo Ministério da Saúde, em 2017, que ainda mantém como componente das políticas de prevenção e controle da disseminação a utilização da PEP – Profilaxia Pós Exposição de Risco, que consiste na ingestão de medicamentos antirretrovirais para diminuir o risco de infecção em casos ou episódios de exposição ao vírus segundo.

Esse tipo de prevenção é diretamente e altamente aconselhada para determinados casos, como por exemplo, casos de violência sexual, relação sexual desprotegida (com ou sem o rompimento da camisinha), acidente ocupacional que resiste no contato direto com o material biológico, entre outros conforme afirmam Carlos Carvalho & José Azevedo (2019). Paradoxal! Apesar da disponibilidade universal diante do tratamento do vírus para múltiplos atores sociais a partir de 2017, que ultrapassa a lógica binária, isto é, homem\mulher, heterossexual\homossexual, ao que tudo indica a “fantasia” com que apenas determinados grupos populacionais se tornam suscetíveis à infecção ainda é perceptível.

Ao mesmo tempo em que determinados grupos são apontados como vulneráveis a infecção, isso cria outro espectro que faz com que todos os demais atores sociais, que não se inserem ou se enquadrem nessa lógica, sejam vistos como intactos ou protegidos. Logo, determinados grupos que compõem a esfera utópica de centro *versus* periferia na globalidade da sexualidade continuam a se apresentar e a compor escalas populacionais (imaginárias) que ficam ilesos, imunes e distantes do contágio, contato e incidência do vírus. Apesar da sua universalização, das mudanças do perfil demográfico, geográfico, político e social, a transparência é singular sobre os tratamentos: permanece difícil de engolir!

Os asteróides escuros provocaram, ao se chocar com os múltiplos meteoros brilhantes, uma grande constelação no sistema da vida. A partir desse choque, os raios de luz foram impedidos de incidir diretamente em determinados pontos, escalas, eixos, ideologias. Como consequência, os *flashes* solares que refletiam nessa grande atmosfera não retornavam ao céu para construir magníficas auroras boreais, mas sim, construíam cada vez mais radiações. Assim, a luz não está voltando para devolver o que a escuridão roubou, pelo contrário, além de não devolver, ela também oculta e exclui. Se não for a sua visão, é o fim da linha.

Os novos horizontes inseridos na radicalização dos princípios de igualdade e liberdade só foram possíveis de serem conquistados através da violenta e atuante militância que passou a se organizar em torno de várias demandas a respeito desse eixo, politizando, com o caminhar dos tempos, novos espaços da vida social, e configurando novos antagonismos sociais que antes eram impensáveis. É inevitável discordar que foi a partir do século XIX que a multiplicação de novas sexualidades foi substancial para abrir caminho para novos discursos, abrangendo novas heterogeneidades sexuais. Todavia, isso proporcionou também para que pensamentos reforçassem as idéias de

perversões conforme observa Foucault (1988). Uma vez que as leis normativas da sociedade se retornam para o domínio do corpo, a sexualidade emerge, tornando-se um elemento primordial na construção de múltiplas identidades, na qual identificamos que a sexualidade incorpora uma noção de poder segundo Prado & Machado (2012).

Os crescentes casos de AIDS em mulheres tornaram-se um dado preocupante no decorrer dos anos 1990, conforme afirma Galba Vieira (1998) dado o exposto que isso contribuía para o aumento dos índices de transmissão vertical (de mãe para filho). Ao não serem priorizadas pelas políticas de prevenção ao HIV, às mulheres torna-se um alvo limitado, direcionando a atenção apenas para as gestantes, impedindo que outras mulheres iniciem os tratamentos e recebam seu diagnóstico em um tempo cabível. As doenças oportunistas que possuem relação com o HIV compõem o terceiro lugar da causa de morte de jovens mulheres, com idades entre 15 e 29 anos, e passam a ser a principal causa de mortalidade entre mulheres de 30 e 49 anos de acordo com Lourenço et al., (2018).

A exclusão faz com que todas as identidades funcionem. É através da construção discursiva de um exterior construtivo e da (re) produção de sujeitos abjetos e marginalizados, distantes da esfera simbólica do representável conforme expõe Stuart Hall (2000) amparado nas alegações de Judith Butler (1993). A homossexualidade e a heterossexualidade não passam de identidades socioculturais que são fundamentais para determinar nossas emoções, maneiras de agir, pensar e de se comportar, afastando de forma profunda de uma essência universal segundo Ceccarelli & Franco (2010). É diante dessa intersecção de variedades de práticas discursivas e disciplinares, do moldado e remodelado, que o corpo é construído de acordo com Hall (2000). Dentro de pouco tempo, emergem dessa esfera os papéis de ativo (inserido) e passivo (penetrado), contemplados dentro da cultura e subculturas da sexualidade, definindo noções de identidade sexual, valor social e prestígio, pois, perante uma utópica masculinidade, “homens de verdade nunca dariam o rabo”.

CAPÍTULO 2: “SE ESSE (CIBER_) ESP@ÇO FOSSE MEU”: A MULTIFACE DO ESPAÇO E A GEOGRAFIA CONTEMPLANDO OS CORPOS

Os homens que fazem sexo com outros homens (HSH)¹⁴ concederam a internet um importante espaço para encontrar múltiplos parceiros sexuais. Ao se conectarem mantendo o seu anonimato, a materialização de seus desejos e fantasias pode vir a se tornar real no espaço concreto. O mundo virtual permite que o usuário desfrute de uma rapidez e facilidade na busca de outros atores sociais, sem que sua figura, identidade e principalmente rosto sejam expostos. Assim, torna-se opcional, para esses indivíduos, freqüentar o espaço concreto por meio dos *Goddess Spaces*, possibilitando que os encontros iniciados no ambiente virtual, ao serem concretizados, transfigurem-se menos embaraçosos do que o contato direto cara-a-cara. Esse fenômeno, então, esclarece por que o ciberespaço se configura como um espaço popular contemporâneo para que os HSH encontrem seus múltiplos pares sexuais e convertam seus sonhos, fetiches, desejos e vontades imaginários em realidades.

A transposição do imaginário sexual no espaço concreto através da internet concebe com que vários sujeitos, ao adentrarem e criarem um perfil em sites e aplicativos descubra aquilo que estavam procurando em seus sonhos mais selvagens e íntimos. Todavia, na mesma proporção em que os encontros se tornam mais voláteis e fluidos, observa-se conforme Davey Smith et al., (2006) que a internet tem se transformado em um catalisador em potencial para com que determinadas práticas e comportamentos sexuais sejam responsáveis para o aumento da transmissão do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis.

No que convém expor, converte-se embaraçoso e difícil para múltiplos indivíduos imaginar que, na sociedade vigente, existam cidadãos – especificamente homens – que gostariam de contrair HIV, principalmente de forma intencional conforme afirma Christian Grov (2004). Para além, os esforços direcionados a essa atitude não

¹⁴ O termo HSH surge a partir das campanhas de prevenção e controle do HIV. Visando englobar uma maior quantidade de homens, o termo passou a ser usado em diversos contextos e áreas do conhecimento. Entretanto, o que parece é uma totalidade de dados, de identidades e práticas sexuais, mas que está longe de ser realmente isso. A sigla define muito bem que são os HSH, afastando outros corpos, isto é, identidades dessa grande paisagem. As dificuldades e divergências podem ser conferidas nos formulários presentes nos centros de testagem e aconselhamento (CTA) que seguem uma padronização. Apesar do pano de fundo sustentado pelos órgãos de saúde, o preconceito velado se manifesta, ao se analisar um formulário. Se o termo HSH é adotado com o intuito de abarcar uma maior "adesão" de relações de homens com outros homens, diversas categorias de análise parecem estar presas no passado.

parecem ter fronteiras simbólicas e reais, tornando esses atores sociais verdadeiros caçadores de infecções. No entanto, uma subcultura pouco conhecida no Brasil se materializa através da denominação “Clube do Carimbo”, a qual carrega, em cada identidade cultural de seus usuários, espalhados pelo território nacional, por meio de grupos de Whatsapp e blogues, o segredo ou a revelação da busca proposital pelo vírus e tornar esse fenômeno cada vez mais difundido.

Os últimos trinta anos do século XX foram substanciais para as revoluções, principalmente no que diz respeito aos comportamentos e práticas sexuais e, conseqüentemente, aos tratamentos e terapias para pessoas vivendo com HIV (PVHIV). Os avanços na esfera da saúde, acesso aos tratamentos e conhecimento fizeram com que uma parcela de sujeitos desconsiderasse as medidas de profilaxia e adentrasse em uma viagem em busca de prazer, erotismo e experiências. Enquanto o movimento da contracultura ganhava cada vez mais espaço, buscando debater contra a cultura hegemônica e proporcionar mudanças significativas para a vida, principalmente da população alvo das medidas de prevenção de ISTs, o outro ângulo da sociedade estava deslumbrado ao descobrir que agora era possível conectar-se com outras pessoas ao redor do mundo a partir de um único dispositivo, aumentando as redes de sociabilidade e interação.

De acordo com as justificativas de Massey (2008), o espaço deve ser analisado mais do que como uma superfície, abarcando, em sua totalidade, as identidades, pautas da multiplicidade para o interpretarmos. Essas interpretações consideram muito mais do que o contato, a exclusão ou dominação espacial. O espaço necessita (e deve) ser pensado como produto e produtor das inter-relações, principalmente na pós-modernidade. Para Eloisio Souza (2012) amparado nas alegações de Madan Sarup (1996) a pós-modernidade pode ser explicado a partir do nível cultural, direcionando o afastamento do cidadão com o movimento moderno com suas artes, filosofia de cunho existencialista e estilo arquitetônico de nível internacional. Assim, a pós-modernidade está relacionada com a cultura, com a econômica, conhecimento e esfera de dinâmica social, distanciando de uma hierarquia entre elas.

Conforme afirma Souza (2012) seguindo os fundamentos de Harvey (1992) a pós-modernidade esta interligada com as transformações no viés da economia e dos saberes. Para o autor, o mundo está em constante mudança, veloz e que esse movimento produz fragmentações e que a pós-modernidade é a rejeição da modernidade. Vale ressaltar que, para Hall (2006) essa fragmentação evidencia que determinadas

sociedades têm passado por mudanças estruturais que estão fragmentando paisagens culturais no que diz respeito à sexualidade, gênero, etnia, classe. Assim, ocorre o que Hall (2006) chamou de "descentralização do sujeito" agregada com uma crise de identidade, concebendo com que o sujeito (re) crie a sua identidade. Por fim, Hall (2006) evidencia que o sujeito estável, coerente, unificado é deslocado para um sujeito instável, fragmentado e nada unificado na pós-modernidade.

A grande contribuição que a Geografia Crítica nos trouxe, a partir da sua explosão no Brasil no decorrer dos anos de 1980, tornou-se um grande aparato para nós geógrafos, que, a partir das suas especificidades, possibilitou com que novas alternativas de investigação geográficas fossem contempladas. Ao inserir os processos sociais em seus estudos, amparados pelo espaço, categoria de análise substancial da ciência geográfica, as disfunções e problemáticas sociais tornavam-se cada vez mais evidentes. Agora, diferente do que ocorreu anteriormente na Geografia, o espaço – que era visto como homogêneo – necessitava mais do que nunca ser revisto, verificando então que o exame dos fenômenos no espaço carecia de ir além de uma investigação que contemplava singularmente a explicação.

Conforme Joseli Maria Silva (2009a) a nova Geografia Cultural possibilitou que as perspectivas geográficas fossem ultrapassadas para além da ciência geográfica, aprofundando os debates e discussões epistemológicos. Além disso, as diferenças que marcaram profundamente o espaço adotaram múltiplas escalas para analisar e principalmente atrelar as complexas relações e conexões entre os corpos, identidades e poder, elementos que foram substanciais para a compreensão da produção material e simbólica do espaço segundo Silva (2009b). Ao emergir com mais totalidade a partir da “virada cultural” de acordo com Claval (2011) a Geografia Cultural permite que o espaço, a partir desse momento, seja analisado levando em consideração o ambiente local e específico, contemplando, em suas observações, os estudos referentes ao indivíduo perante o mundo (FURLANETTO & KOZEL, 2014).

Conforme argumenta Claval (2007) ao inserir essa nova abordagem nos estudos geográficos, o reconhecimento da subjetividade, dos sentimentos, dos simbolismos e das experiências passa a contemplar a pluralidade geográfica, levando em consideração a compreensão do mundo e do ser humano e suas multiplicidades. No momento em que a Geografia passa a interpretar o espaço vivido, a dimensão da experiência humana ganha um novo escopo, afastando-se dos estudos iniciais limitados da Geografia. Dessa maneira, os espaços, os lugares e as redes de valores e significados passaram a

necessitar de análises materiais, imateriais e afetivas, superando velhos paradigmas a respeito da conceituação de espaço, tornando, assim, as observações e estudos a respeito desse conceito multifacetados e plurais.

Como proposto por Claval (2011) as realidades são percebidas, sentidas, experienciadas pelos atores sociais. Ao inserir os atores sociais da sociedade no centro de sua análise, a Geografia Cultural concebe que novas abordagens sejam construídas, principalmente no que diz respeito à construção de identidades, dado o exposto que essa atribuição está associada à experiência dos múltiplos atores sociais diante da natureza, do meio, do planeta conforme elucidam Beatriz Furlanetto & Salette Kozel (2014). Além disso, a Geografia Cultural permite que a descoberta da corporeidade se torne uma variedade a ser analisada, dado o exposto que a corrente epistemológica possibilita ao geógrafo (a) compreender os múltiplos sentidos da vida, contemplando suas inúmeras formas de expressão e sensibilidade.

Enfatizo aqui que o ciberespaço – categoria de análise deste trabalho – torna-se uma paisagem imaterial, concretizado a partir de soma, subtração, divisão e multiplicação de ações, elementos, processos e dinâmicas físicas e sociais. Esses componentes tornam-se capazes de metamorfosear os elementos naturais, reconfigurando o espaço e o tempo conforme observa Hindenburgo Pires (2009). Atrevo-me a comparar o ciberespaço com um vasto oceano, na qual a circulação é elementar, a alteração de hierarquias torna-se reduzida, o crescimento individual e coletivo é ampliado e as ações humanas permitem que a navegabilidade nunca termine. Assim, o ciberespaço torna-se um espaço vinculado à vida, repleto de sentido e expressões.

Como conseqüência, a humanidade estava prestes a criar uma história dentro do seu próprio “*histórico*”, ao inserir a esfera do ciberespaço em sua vida real. Ao estudar uma Geografia das Redes – e não em um viés extremamente econômico ou urbano – tornou-se, a partir dos anos 1990, uma das investigações substanciais para analisar o ciberespaço e os seus desdobramentos na Geografia Contemporânea (PIRES, 2009). Ao me referir ao ciberespaço, gostaria de mencionar que as redes virtuais possuem um laço difícil de desfazer, tornando-se cada vez mais abertos em relação ao espaço concreto. Nesse ponto, os espaços virtuais se tornam uma ferramenta de influência e reconhecimento para múltiplos atores sociais, traçando uma reta longa e contínua que torna a dimensão vivida no espaço virtual e no espaço concreto amplamente acentuado no que diz respeito às nossas experiências sociais e espaciais. Assim, emergem novas

dinâmicas sociais no espaço concreto que são possíveis graças às articulações, movimentos e as posicionalidades na rede.

Diante do exposto, questiono: É possível pensar o espaço somente a partir do espaço real?

Corroborando com o pensamento de Harvey (2012) o espaço é um conceito complexo no qual seu significado, símbolos e signos devem ser decifrados. Conforme o autor, o espaço pode ser observado, analisado e examinado a partir de uma tríade: espaço absoluto, espaço relacional e espaço relativo, na qual as representações e contradições do mundo se manifestam ao se observarem as transformações histórico-geográficas. Assim, o espaço absoluto é compreendido como fixo, onde eventos e ações são registrados ou planejados. Torna-se direcionado ao espaço do mapeamento, da posição e localização, das cidades, propriedades públicas e privadas, cheio de fronteiras e barreiras físicas. Trata-se de “um mundo de espaço (e de tempo) absoluto onde todas as incertezas e ambigüidades podem em princípio ser banidas e onde o cálculo humano pode florescer sem entraves” (HARVEY, 2012, p.10).

Já o espaço relacional revela-se diante das relações internas. Uma ação, atitude, evento não pode ser analisado e compreendido diante de um único ponto, pois depende de tudo que está no seu entorno. Torna-se impossível separar o espaço e o tempo. É o espaço dos desejos, sensações, vontades, medos, sonhos. Importante salientar que o espaço relacional se refere também ao ciberespaço, sobre o qual me propus dissertar neste trabalho. Por fim, o espaço relativo insere dois sentidos substanciais, nos quais múltiplas possibilidades podem ser escolhidas, e o quadro espacial depende de quem está relativizando esse espaço e por quem. É o espaço onde a multiplicidade aparece e concebe que diferentes localizações afluam. É o espaço direcionado à circulação de fluxos, do movimento, da aceleração e compreensão do espaço-tempo segundo Harvey (2008).

A concepção de Harvey (2008) aponta que a nossa experiência subjetiva nos leva a domínios de percepção, imaginação, aventuras e fantasias, nos quais produzimos espaços e múltiplos mapas mentais, miragens, em um grande oásis de coisas que supostamente estão na concepção “real”. Em simetria, nesse grande mar chamado de espaço Lefebvre (2006) navega ao lado de David Harvey, atribuindo ao espaço outras vertentes de análises, concepções e reflexões. Para o autor, não há dúvidas de que todo espaço é social, dado o exposto que, ao inserir as pessoas nesse contexto, as produções, a partir das ações humanas, tornam-se constantes. Da mesma forma, em a terra gira em

torno do sol, esse constante movimento é percebido no espaço e no tempo, no qual Lefebvre (2006) categoriza o espaço em três tríades, tornando, para nós, o Espaço Absoluto como uma categoria importante de ser analisada. Essas divisões são caracterizadas por algumas particularidades de cada momento, mas amparados pelo mesmo pilar: o Espaço-Temporal.

O Espaço Absoluto é o mental (em outras palavras, o Espaço Abstrato) que precede a realização de ações humanas. Corresponde à produção do espaço, na qual o mental se transforma em real a partir de signos, como monumentos, falas, textos e discursos. Tudo que existe no mundo sensível é a realização do mental. Não aflora do zero, necessita do encontro entre o real e o mental. Em síntese, seria o espaço material, onde a presença do espaço da experiência e da percepção torna-se possível a partir do toque físico.

Todavia, as disfunções desse espaço inserem a apropriação e a alienação entre as pessoas e o espaço, tornando determinadas áreas da cidade limitadas no que diz respeito à sua ocupação. Não cabe dizer que se tornam espaços vazios, pois um espaço pode ser ocupado por diferentes atores sociais, justamente numa escala espaço-tempo. Uma fábrica abandonada pode se tornar um espaço para que grafites e pichações manifestem os silêncios em forma de desenhos, frases e símbolos de uma sociedade. No que cabe a este trabalho, essa mesma fábrica transforma-se em um *Goddess Spaces*, na qual os encontros, sensações, aventuras, gozos e vida ocorrem. Logo, esses lugares públicos que aparentam estar vazios, sem sentido, manifestam-se “ocupados, vividos, usufruídos” (MATIAS, 2021, p. 95).

Contudo, o Espaço Diferencial refere-se ao que lidamos em nossas vidas contemporâneas, fazendo parte do espaço percebido, isto é, relacionada aos fenômenos (transporte, movimentos de corpos, festa, turismo, religião, valor de troca, experiências, dinheiro e claro, relacionamentos e práticas homoeróticas – sexuais e amorosas). Esse espaço de representações, do que foi vivido e do que deixou de se viver, das sensações, emoções, inseguranças, medos e repleto de significados, dominado pelo capitalismo, que a todo segundo, momento e tempo tenta vender seus produtos a nós, atores sociais, ou mesmo transformar os sujeitos em produtos, objetos a serem comprados: mercantilização do corpo.

Mergulho na concepção de Joseli Maria Silva (2009a), ao frisar algo que a autora destacou há mais de uma década: a importância do geógrafo (a) em contemplar, em seus estudos, a multidisciplinaridade da ciência geográfica, atentando-se a percorrer

um caminho que ultrapasse as metodologias descritivas, do mapeamento de espaços ocupados e de produção. Com isso, pesquisador deve refletir e (re) considerar a respeito das idéias e concepções construídas sobre o espaço diante de um único prisma, dogma, conceito e valor. Assim, transfigura-se necessária a criticidade perante as inúmeras diferenças entre as sexualidades, gênero, raça e outras temáticas das “Geografias Subversivas” conforme evidencia Joseli Maria Silva (2009a).

Na esfera do corpo, torna-se necessário tratar essa anatomia como escala, considerando que ele se transforma em uma fronteira viva, direcionado ou não a ocupar determinados espaços e encorpado de simbolismos, sentidos, experiências e vivências. No instante em que negamos a “Geografia do Corpo” conforme argumenta Camila Xavier Nunes (2014) estamos eliminando a experiência do sujeito, as diferenças do espaço-tempo e a realidade do mundo vivido e experimentado, pois o corpo deve ser reconhecido na geografia como uma espacialidade: ponto de partida, ponto de chegada, fronteiras, limites, mercantilização e conexões e desconexões, transformando a concepção do espaço fixo, concreto em um “espaço andante, mutável”, repleto de simbolismo, resistência e heterogeneização, oriundos de múltiplos espaços e das relações sociais que ele engloba.

Os atores sociais estão em relações constantes, articulando um movimento duradouro diante das “dimensões microespacial e macroespacial” (NABOZNY, 2009, p.156). O espaço, segundo Massey (2008) deve ser enxergado como aberto, diversificado, mutável. Um espaço que contém texturas, pele, corpo, chão, cheiro, simbolismos, cidade. As relações entre corpo-cidade são produzidas por movimentos, memórias, cultura, identidades, exclusões. A rua, calçada, praça e arranha-céus é corpo e o corpo é cidade. O corpo acontece ao produzir e re (produzir) acontecimentos, lugares, paisagens, territórios. Torna-se paisagem visível e invisível, cabível de ser percebido e analisado para além da retina.

O corpo é sentido pelo toque dos dedos, pelo cheiro, transforma o contato entre os indivíduos. Corroborando com o pensamento de Jon Binnie et al., (2001) corpos são lugares de identidade, moralidade, estética, ação, jogo, prazer, dor. Nossos corpos têm uma materialidade que, no entanto, sempre se constitui no discurso. Vira mercadoria, mercantilização corporal, objeto a ser alcançado e almejado a partir dos múltiplos espaços – reais ou virtuais - que ele está presente. Desta maneira, “os corpos que circulam pela cidade carregam consigo marcas de suas espacialidades” (NABOZNY, 2009, p.158-159). Ao desconsiderar a existência da pluralidade geográfica para além da

descrição de fenômenos físicos, ignorando a totalidade da Geografia Humana, a diversidade, as espacialidades múltiplas e toda uma vida em sociedade passam a ser ocultada, silenciada, desprezada, legitimando os discursos hegemônicos de uma Geografia produzida por atores sociais brancos, racistas, machistas, heterossexuais e homofóbicos conforme menciona Joseli Maria Silva (2009b).

Diante do exposto, este capítulo busca verificar o conceito de ciberespaço que, ao emergir na ciência geográfica, ganha uma nova reorientação no modo de ver e compreender o espaço, tornando essa categoria heterogênea, flexível e mutável, principalmente quando consideramos o corpo como elemento substancial no processo de percepção do espaço-cidade.

Através das contribuições da Geografia Cultural e da Geografia da Saúde, apresento como núcleos centrais a transformação do corpo, tornando-se escala geográfica, além de construir um leque de possibilidades a respeito da identidade e das práticas e comportamentos sexuais. Ao evidenciar as possibilidades de novas formas de produzir experiências, o ciberespaço possibilita ao ator social que a sua vida ganhe novos contornos, uma verdadeira “caixa de pandora”, rica de desejos, vontades, fetiches que ao ser identificado no espaço concreto-real, é abafado, camuflado devido aos mecanismos de poder, moralidade e manutenção da vida.

Assim, o corpo se transforma em espaço na qual as abstrações do “eu” passam a ser materializadas no espaço concreto, amparadas pela internet e pela tel@, que possibilitam que a casa e a rua se tornem palcos, verdadeiros espetáculos para manutenção da vida individual e coletiva. É a partir da tela, seja inserida no canto da sala (casa), por meio de um computador ou no banheiro público de alguma estação (rua), mediada pelo celular, que diversos HSH exploram, vivenciam e experimentam as suas fantasias mais íntimas, gozando de múltiplos significados, simbolismos e imbricações.

2.1- A TRANSFORMAÇÃO DA VID@: DO CIBERESPAÇO AO ESPAÇO CONCRETO

Foi a partir de diretrizes militares como forma de vigiar as demais nações, um jogo político de poder e domínio que a Internet emergiu, tornando-se um forte artifício. Assim, ao mesmo tempo em que ela se limitava a essa função, ela estava aberta aos centros de pesquisas, fazendo com que os cientistas da época passassem a empregar seu

uso para além do militarismo e agora para uso próprio, para a comunicação entre si, criando toda uma rede interligada conforme evidência Manuel Castells (1999).

Mas foi em 1983 que a internet passou a construir dois caminhos. Com a fusão das utilizações da ferramenta, as bases de pesquisas militares se misturavam com as comunicações pessoais. Era necessário fragmentar, dividir, separar esses dois ambientes virtuais. A vista disso, a fragmentação que ocorreu, originou a MILFNET, enclausurada nas aplicações e restrições militares enquanto a ARPANET, que anteriormente era de bases militares, passou a dedicar-se aos fins científicos e aos estudos diversos de acordo com Castells (1999).

Logo, um novo ambiente tecnológico passou a compor a vida da maioria da população, contemplando ferramentas de comunicação e informação que passaram a emergir no horizonte da sociedade a partir dos anos de 1980 e que foram disponibilizadas de forma desigual para o resto do mundo. A incidência da rede não ocorreu de forma igualitária, seja no espaço concreto, geograficamente fixado ou no espaço virtual, geograficamente mutável. A disparidade regional, local, global da internet é expressa a partir das disparidades sociais, raciais, sexuais do meio em que ela está inserida e abrange.

Geograficamente fixado, no espaço concreto, controles a partir da escala de poder são criadas a partir da rede, ditando o que é permitido ou não. A rede passou a ser um ponto de inclusão, mas quem as controla, fez com que esse ponto fosse “*deletado*”.

A desigualdade espacial-virtual vira um “spam” prejudicial e deve ser combatida, pois é através das redes que múltiplas entidades operam como bancos, comércio, transporte e principalmente questões ligadas a saúde. Sem uma espacialização da rede, mais universal e ampla, muitos atores sociais acabam sendo excluídos, incapazes de acessar serviços e infraestruturas que são assegurados por lei. Todavia, nenhum outro meio de comunicação foi mais veloz e profundo quanto a Internet conforme expõe Castells (1999). Por mais que as disparidades espaciais entre as nações sejam visíveis, o acesso à internet tem crescido cada vez mais, conectando o mundo entre si, criando teias centralizadas como salienta Castells (1999).

É inquestionável que o ciberespaço possibilitou em termos econômicos, sociais e políticos a construção de um novo mapa-múndi, concebendo alguns lugares do planeta, verdadeiras redes globais na qual se conectam e desconectam com outros países tal como elucida María Gudiño (2008). A gestão centralizada em determinadas áreas é possível graças ao encurtamento do tempo-distância, que se materializam através de

infraestruturas rodoviárias, portuárias, ferroviárias, telefonia e satélites de redes de telefonia fixa e móvel, expandindo a formação de corredores comerciais e conseqüentemente, a expansão da econômica e de corpos.

A partir de agora, as relações se tornam cada vez mais integradas, impactando a vida mundial e individual do sujeito em escala micro e macro. A nova cartografia do mapa-múndi amparado pela escala da internet permite com que buscamos ver, analisar, perceber e refletir sobre as múltiplas situações da vida cotidiana conforme aponta José D'Assunção Barros (2020). A cartografia permite com que possamos analisar um relevo, uma ocupação urbana irregular ou até mesmo um *Goddess Spaces*. Mas é inegável questionar que ao mesmo tempo ela oportuniza com que exploremos o espaço do corpo do sujeito que a cada instante torna-se mapeado por uma série de “*shappes*” que criam abstrações reais e utópicas a respeito da sua escala identitárias, social, sexual e comportamental.

A década de 1990 permitiu a expansão da internet e sua integração pelo mundo. Contudo, os internautas desligados possuíam dificuldade de navegar nesse sistema. A transmissão de gráficos assim como a localização e recebimento informações eram limitados, apresentando instabilidades que dificultavam a sua propagação “sem fronteiras”. Assim, era necessária, a difusão da internet de forma ampla pela sociedade, capaz de inaugurar uma nova transição tecnológica. O crescimento exponencial em larga escala nas comunicações necessitava de que as redes fossem aperfeiçoadas conforme destaca Manuel Castells (1999).

A tecnologia de transmissão precisava urgentemente de um “*upgrade*”. Agora, a teia principal, o world wide web – *www*- chegava, organizando todos os sítios da internet por informação e não mais por localização como ocorreu anteriormente. O internauta agora podia acessar as informações desejadas, independente da sua localização geográfica no globo. Desta maneira, estar na rede transformou-se em vantagens, ampliados pelo maior número de conexões ao redor do mundo. A partir de agora, a conexão, as tecnologias de transmissão, os aparelhos estariam cada vez mais sofisticados, aprimorados e profundamente integrados como afirma Castells (1999).

Ao contrário da sua função inicial, a internet passou a ganhar novas composições, capturada pela prática social, como o caso da criação de fóruns on-line para conversas do universo “*hi-tech*”, como a Usenet, que veio a se tornar um dos primeiros mecanismos de conversas eletrônicas de acordo com Castells (1999). As construções cooperativas, redes de apoio e ajuda com um denominador comum em

múltiplos grupos fizeram com que o ciberespaço criasse laços, mas que ao transpor o espaço concreto, geograficamente são espalhados tal como afirma Pierre Lévy (1996), tornassem primordiais para a vida em sociedade e para a criação de relações. A vista disso, a sociedade passou a construir e a produzir uma dependência cada vez maior das redes e do ciberespaço, tornando a vida cada vez mais dominada pela realidade virtual segundo Castells (2003).

Logo, por se tratar de uma ciência plural ao analisar o espaço, a Geografia não pode ser vista apenas por meio de um ângulo. O espaço, de acordo com os argumentos de Massey (2004) é a esfera das possibilidades, da multiplicidade onde inúmeras trajetórias coexistem. Ocorre a presença de mais de um ângulo, sentido, voz. Sem isso, não há espaço. Ele é fruto das relações e inter-relações, ampliando a sua existência e a sua pluralidade. Na história da ciência geográfica fica demonstrada de que ela é uma ciência multifacetada, detentora de múltiplas faces, ângulos, lados.

O espaço possui características variadas e peculiares. Reduzir a sua análise apenas a um ângulo seria desconsiderar toda a sua trajetória como ciência e análise espacial. Assim, examinar hoje o espaço, ignorando o ciberespaço torna-se arriscado e equivocado da minha parte (e de outros geógrafos (as)), pois verificar o espaço somente a partir do espaço real ou de um espaço abstrato ou virtual seria ignorar a totalidade do sujeito conectado como afirma Richard Miskolci (2017) ao salientar que com o advento de uma internet mais acessível e popularizada, a rede transformou a vida do indivíduo e ao seu entorno, expandindo e contraindo o seu cotidiano e que a partir desse processo é labiríntico separar o que se faz dentro e fora da rede.

Todavia, é a partir da tecnologia, da rede, do ciberespaço, que a miscelânea da vida real e virtual do indivíduo acontece, persuadindo múltiplas camadas da sua vida e conseqüentemente, do seu corpo. Agora, o corpo, o real e o virtual se mesclam, construindo um ator social dotado de um corpo supranumerário do espaço cibernético conforme as concepções de Le Breton (2013). A tecnologia hoje é uma das condições necessárias para a vida humana, mas devemos salientar que não é a principal. Podemos dizer que é a partir das atividades, desenvolvidas nas redes de comunicação digital que a vida se materializa, ultrapassando barreiras e transcendendo algumas fronteiras, que no espaço real da vida seriam impossíveis de serem combatidas.

Em uma vida virtual, a internet é o nosso sangue. É ela que nos mantém vivos e conectados a todo o momento, diante de múltiplas janelas. A rede funciona como o corpo humano, inteiramente conectado e interligado como as células e moléculas que

fazem parte de um sistema. Entretanto, ao contrário do corpo que até determinado momento é limitado, a máquina opera de forma ilimitada, expandindo sua capacidade e se superando a cada momento. A vista disso, ela é capaz de dominar as atividades humanas, e ao mesmo tempo em que ela rompe fronteiras, ela estabelece novas fronteiras. A verdade é só uma: apesar de parecer um espaço flexível e sem fronteiras, as hierarquias existem, englobando mecanismos de poder e ordem.

O novo espaço, paradigma tecnológico é flexível, fluido, cheio de mudanças. Entretanto, esse espaço pode ser uma “*pasta*” libertadora, mas não podemos desconhecer que os espaços virtuais, tal e qual como os espaços físicos criam armários, silenciando diferentes identidades e estimulando opressões conforme mostram Diego Nunes & Susana Silva (2020). Corroborando com o pensamento de Castells (2003, p.100) “a internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana”. Oponho-me a essa colocação, pois seria surreal dizer que a internet não possui esse papel. E os espaços de interação humana, como chats, aplicativos e fóruns? E os bancos, farmácias e transporte que dependem da internet? Por mais que retrocedemos no tempo, voltamos nos contextos sociais, econômicos e políticos da sociedade, no início dos anos 2000, conforme aponta o autor, realmente não interfere na vida e no cotidiano das pessoas?

Muitos podem falar que o Tinder é um fenômeno recente, transições bancárias a partir do Pix ou aplicativos de transporte individual ou coletivo (*Uber* ou *Buser*), mas antes desses segmentos, a internet já aproximava a vida cotidiana da real ou passamos a menosprezar a história da internet? Afinal, a divisão ocorrida separando as bases militares das relações pessoais salientadas anteriormente fez com que a rede fosse reconfigurada, atendendo as necessidades e possuindo um efeito sobre a vida cotidiana. E as salas de bate papo, como por exemplo, o bate papo UOL, que chegou às funcionalidades do site Universo Online (UOL) em 1996 e possui mais de 20 anos de existência e que até hoje permanece, tornando-se um espaço de resistência?

O que eu considero ser o mais correto possível a respeito da opinião de Castells (2003) é de que as redes nos primórdios dos anos 2000 não se limitavam a construir relações na rede, extremamente profundas e radicais. A internet, que através do modo desigual, da dificuldade e a falta de acesso para múltiplos indivíduos no mundo era uma “mercadoria de luxo”, na qual poucos possuíam e tinham acesso. As relações no espaço concreto eram muito mais intensas, isto é, a interação era cara a cara. Contudo, com a difusão da rede, chegando a vários pontos e cada vez mais na vida social, a partir dos

anos 2000, mesmo que em poucos "bytes" foi capaz de mudar a vida, proporcionando uma interação virtual-real muito mais ativa e acentuada. Com isso, inúmeras problemáticas emergem, fomentando casos de *cyberbullying*, criminalidade, violência, discurso de ódio e produção de ideologias machistas, homofóbicas, racistas e violentas. *Maldita inclusão d!git@l...*

A 'Era da Informação' chegou energeticamente, mudando a história da tecnologia e se consolidando por onde entrasse conforme observa Castells (1999). O mundo hoje abriga milhões de internautas e a conexão que anteriormente estava circunscrita a pesquisas de esfera religiosa, política e científica passa a dividir o ciberespaço e produzir novas descobertas que em tempos remotos, eram controladas, vigiadas ou ocultadas. O que percebemos agora é que as mãos rejeitam o Dicionário Aurélio, ferramenta concreta de pesquisa e palpável e concebe o Google esse novo ramo, tornando-se a nova ferramenta de pesquisa em um mundo virtual. É a partir dele que a curiosidade, o desconhecido, o inexplorável são alcançáveis, permite uma "atualização", longe de ser trocado ou substituído e continua nas palmas das mãos. Contudo, a internet, a rede, o ciberespaço detêm a comunicação humana em seu núcleo principal.

Na rede, imagens são apresentadas a todo instante aos múltiplos internautas, tematizando os limites do prazer (masturbação sem as mãos, vendas), do "nojo" (fetiches por sebo, odores corporais, chulé), da capacidade física corporal (*fisting*, dupla penetração) apresentando-se de forma espectacularização o insólito e o inusitado em forma de fantasias sexuais, fetiches conforme afirma Jorge Júnior (2006). Entretanto, iremos desconsiderar ainda mais esse cenário, dado ao exposto que o Brasil é o país que consome mais pornografia trans? Porque quando o sistema entra em modo avião, a tela é desligada, o Brasil também é o país em que mais transexuais são mortas.

Ademais, devemos frisar que a internet hoje serve também como espaço de debate, interação e denúncia. Muitos casos de preconceito, racismo, LGBTfobia que, no espaço concreto, seriam arquivados ou esquecidos agora na rede ganham chances de serem denunciados. É a partir da internet e da ordenação em rede que os movimentos sociais organizam a massa popular disposta a lutar em prol de seus direitos e contra as insatisfações nos espaços concretos, como praças, avenidas e ruas em forma de manifestação e protesto. Anteriormente, esses processos, essas redes sociais eram limitadas, cercadas de fronteiras, que mantinham a identidade do indivíduo aprisionada.

Ocupar a internet, no sentido de se apropriar dela funciona como um espaço de lutas na qual o meio de comunicação ampara as articulações do indivíduo e os influencia diante de várias janelas da vida real. A ação é fluida, dispersa, mas possui objetivos. Conforme as concepções de Scott McQuire (2015) a possibilidade de criar informações e sociabilidade é expandida, a intervenção no espaço geográfico concreto passa a ser possível, o indivíduo virtual vira um ator político fora da tela. A vida virtual “*influência*” a vida real.

O que caminhou na concepção de muitos teóricos e estudiosos era de que a vida social e a interação seriam perdidas, substituídas pelas comunicações eletrônicas, fazendo com que as formas urbanas, as ocupações do espaço entrassem em decadência. De tal maneira, acreditou-se de que a interação social localizada espacialmente seria perdida, criando verdadeiras lacunas. Uma verdadeira fábula, ficção, lenda, ilusão. No entanto, não podemos dizer de fato se isso ocorreu ou não. O que é válido mencionar é de que o espaço real passou a ser visto e ocupado de outra forma como parte do indivíduo, palco de intensas manifestações e reivindicações. É preciso dizer que o contato pessoal e a interação não foram abalados de forma violenta pelos meios de comunicação, pelo contrário, a construção de laços foi fomentada.

Na prática é na esfera do ciberespaço que cada indivíduo passa a ser emissor e receptor ao mesmo tempo, inserido em múltiplos espaços. Esse ambiente é mutável, explorável, longe de ser algo fixo. Tal como evidência Lévy (1996) sua posição geográfica ou social, seu nome, sua idade tão pouco importam. Uma nova maneira de experienciar o tempo advém da velocidade nos meios eletrônicos. A presentificação que ocorre através da conectividade e interatividade on-line faz com que o tempo real altere nosso tempo e espaço, criando nossa tele presença tal como elucidam Carlos Silva & Michele Tancman (1999). É através dos sistemas avançados da esfera da telecomunicação que nós, indivíduos e internautas, possuímos uma localização dispersa pelo globo, fomentando um novo modelo espacial de ocupar os espaços, conforme argumenta Castells (1999).

Um das boas partes das experiências que no passado ficavam escondidas, desconhecidas ou ocultadas, ganham lugares na rede, principalmente a partir dos aplicativos. Não há como contradizer esse fenômeno. As preocupações, medos, inseguranças, valores que antes ocorriam de forma isolada ou silenciada agora se encontram na rede, em diversos pontos do planeta, múltiplas escalas, inúmeros indivíduos. O anonimato não é totalmente seguro na rede. O risco de ser descoberto

pode ser visto para muitos como um fetiche, aventura em ser descoberto. O que torna relevante são os pontos de encontros, o horizonte comum do sentido, da vontade, do prazer. Através do uso da internet o trabalho, a família e a vida cotidiana hoje se conectam, seja para falar com quem está longe ou marcar um café no fim da tarde conforme, expõe Castells (2003). *Click, Click & Post*: o “passarinho” do Twitter é capaz de criar toda uma organização, mobilização, interação e prazer ao redor do mundo em no máximo 280 caracteres.

2.2- CIBERESPAÇO: A CRIAÇÃO DE UM MUNDO V!RTU@L MÁGICO PORQUE A VIDA REAL É TRÁGICA

A cronologia a respeito da criação e desenvolvimento da Internet insere uma parcela humanidade, convocada a viajar dentro das telas. É a partir dessa jornada, entre seguidores, curtidas, *feed*, *reels*, janelas anônimas, comunidades, grupos, bate papo, conteúdos sexuais privados e públicos, que o indivíduo conquista o direito de ultrapassar ordens e metas que fora da tel@ são obscuras. Outra forma de enxergar o mundo é criada e estabelecida, produzindo novos espaços nos quais múltiplos atores sociais os integram e os instituí tal como evidência Castells (2003).

O que torna o ciberespaço singular é que, através da internet e de suas ferramentas, o mundo cabe na palma da nossa mão, fazendo com que novas experiências sejam realizadas, sem sair de um lugar ou espaço específico tal como expõem PauloVaz (2013). Os nossos dedos se tornam verdadeiros foguetes nessa galáxia virtual, adquirindo uma liberdade incomparável. É possível ir até a lua, sem sair de casa¹⁵. A eclosão da internet como uma contemporânea ferramenta de comunicação está associada à emersão de novos modelos de interação social conforme afirma Castells (2003). Agora, o “*Tik Tok*” não para ou foi substituído, pelo contrário, os Rolex incertamente fazem *Tik Tok* e o tempo custa muito. Arrasta para cima, porque 30 segundos são suficientes para engajar e cancelar!

¹⁵ Contudo, gostaria de destacar que a universalização da internet não é algo igualitário, transformando o acesso a rede algo restrito para aqueles que podem pagar para consumi-la. A rede não engloba todos e os que estão englobados não estão na mesma proporção. Recentemente temos presenciado as brigas pelo 5G, uma rede com protocolos que fornece uma maior acessibilidade na rede. Em contrapartida, tem locais ao redor do mundo que não possuem nem 1G, isto é, um acesso mesmo que precário. Outra abordagem a respeito dessas “não totalidade da rede ” advém do uso de redes sociais que em determinados países é controlada pelo governo, como o caso do Twitter, Facebook e Instagram como na China, Rússia e Venezuela. Disponível em: <<https://www.psafe.com/blog/inimigos-da-internet-paises-limitam-liberdade-rede/>>. Acesso em: 16 mar.2022.

As estratificações das novas tecnologias seguem uma ordem, na qual, a partir de 1970, o processo foi fundamental para a reestruturação socioeconômica da década seguinte, e assim por diante. O que não podemos “*mover para lixeira*” é que o surgimento da sociedade em rede foi resultado de duas “*tags*”: "o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de emparelhar com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder” (CASTELLS, 1999, p.98).

Num instante, os anos 1980 abriram inúmeras janelas ao mundo, principalmente devido ao capitalismo, fazendo com que toda uma reestruturação organizacional e econômica fosse “*maximizada*” em uma nova “*aba*”, exercendo que a tecnologia da informática virasse uma extensão crucial para seu funcionamento. O espaço, a partir de agora, se torna outro diante de múltiplas janelas, de múltiplos tempos. Da mesma forma que a sociedade assistiu, no século XIX e primórdios do XX, às mudanças no contexto dos transportes, passando da malha ferroviária para aérea, o fim do século XX proporcionou ao indivíduo as mudanças dentro do próprio âmbito do audiovisual, saindo da televisão e chegando ao ciberespaço, ao computador e ao celular.

Não há como desconhecer que a internet serve como um sucessor das atividades e práticas sociais conforme apresenta Castells (2003). Por mais que não seja diretamente, afastando de velhos costumes como rádio, TV e leitura, a tela agora agrega isso e muito mais. No passado, as novelas faziam sucesso, prendendo o telespectador. Atualmente, a tela do computador ou do celular prende esse mesmo telespectador, diante de uma infinidade de opções, desde novelas até óculos de realidade virtual que permitem o indivíduo viver sensações que custariam caro e tempo.

A revolução da tecnologia da informação foi determinada a partir de várias “*teclas*”, de esfera cultural e histórica, se desdobrando em “*pastas*” muito específicas que afirmaram a sua evolução segundo Castells (1999). A priori, o ciberespaço não designa a aniquilação do espaço geográfico concreto. O que ocorre é a justaposição do que está longe com o que está perto, simultaneamente. É a partir do virtual que as oportunidades são multiplicadas. Dessa maneira, o virtual não substitui o real, mas o atualiza, complementa, torna-se uma “*extensão*”. Incoerente é pensar que as relações virtuais são capazes de substituir as relações reais, conforme afirma Lévy (1999).

A veracidade do ciberespaço pode ser comparada à estratificação geomorfológica: uma nova camada emerge no horizonte, fazendo com que nossa perspectiva aumente, abrindo inúmeros ângulos e ópticas. Todavia, todo processo,

sistema, circuito que existia anteriormente não desaparece rapidamente. É necessário tempos, anos, séculos, tal como evidencia Marc Guillaume (2013). Impossível “*deletar*” e recuperar em seguida. Segundo Castells (1999) a internet representa hoje, a partir das suas inúmeras ramificações e manifestações, o meio de comunicação universal interativo via computador com mais expressividade da Era da informação. O “*enter*” para um novo mundo foi concedido.

Poderíamos, na contemporaneidade, negar o espaço virtual no qual a imaginação, identidade, desejos e abstrações afloram? Negar o mundo virtual, nos tempos atuais é incoerência. É através dos mundos virtuais que o mundo concreto até então prolifera, materializa, se transforma, ao abrir novos acessos de identificação, personalização, particularização. A satisfação, os interesses e os desejos só foram possíveis devido à capacidade do usuário de adaptar as novas tecnologias a seu favor conforme observa Castells (2003). À vista disso, a circulação de informações a partir de signos como imagens, vídeos, textos faz com que o espaço virtual se torne um espaço social, cheio de trocas simbólicas entre múltiplos atores sociais ao redor do planeta tal como elucidam Silva & Tancman (1999). Conforme propõe Lévy (2013) as experiências virtuais se tornam cada vez mais rápidas, emaranhadas e conectadas.

Ao mesmo tempo em que o nascer de novas formas de comunicação aflora, reunindo pessoas on-line com os mesmos propósitos, valores e interesses, agora deixa de ser único, e passam a ser compartilhado em rede, construindo espaços de amizade, apoio, ajuda, ultrapassam as demarcações do espaço virtual e se estendem na interação cara a cara conforme observa Castells (2003). Assim, as relações sociais que estavam por um “*fio*”, por serem voláteis, passam a (re) configurar um recente contexto, ganhando um “*refresh*”.

Um novo tipo de sociedade emerge, na qual os internautas e cidadãos rompem e estabelecem, ao mesmo tempo, com as regras sociais, valores e normas do mundo concreto. Assim, a construção e reconstrução da realidade acontecem conforme mostram Maria Magnoni & Wellington Figueiredo (2019). Através da visibilidade no ciberespaço, os grupos de discussões são construídos e reconstruídos a todo o momento. O contato não advém do nome ou posição geográfica, mas a partir dos seus interesses. Assim, novos endereços e ruas são produzidos, construindo prédios que abrigam debates, temas e conhecimento tal como afirma Lévy (1999). À vista disso, o que observamos é o surgimento de uma comunicação híbrida, servindo como suporte ao

indivíduo, tanto na esfera do concreto quanto na esfera do virtual segundo Manuel Castells (2003).

Novas formas de contatos interpessoais emergem no ciberespaço a todo tempo. A concepção de que um lugar está distante da nossa realidade é refeita. Novas escalas afloram para além dos fusos horários e meridianos. Relações sociais, econômicas, culturais são criadas, abrindo um panorama para algo de outro mundo, transcendental, um mundo futurístico. Nos trilhos da rede, estamos, ao mesmo tempo, em todos os lugares e ao mesmo tempo em lugar nenhum, conforme afirma Vaz (2013). A troca de informações, a interação com outros indivíduos ocorre no nosso tempo, não no cronológico, fixado, definido. Quando quisermos, desejarmos, nos conectamos e (des) conectamos.

O fim do “*filtro*” se torna real quando a sociabilidade do indivíduo junto com a sua identidade¹⁶ se manifesta na rede, segundo Vaz (2013). Desfazer vínculos, relações no espaço concreto demanda muita paciência, calma, equilíbrio, diferente da internet. Na rede, o indivíduo se conecta e desconecta no instante que quiser independente do espaço geográfico que ele esteja inserido e no tempo. As vontades, desejos, interesses mudam rapidamente, fazendo com que sua identidade permaneça (caso prefira), anônima. Estamos pertos e longe de qualquer um, no mesmo momento. Podemos encontrar o que ou quem quisermos num universo infinito. Melhor que encontrar é ser. Podemos ser quem quisermos, experimentarmos o outro em nós, numa grande “*aba anônima*”. A internet se torna um “Jardim do Éden”, um vergel da vida em um universo artificial. Passamos a construir, ser e difundir uma nova “*persona*” na tel@.

Construímos e produzimos um mundo virtual mágico porque a nossa vida real é trágica. Não quero me referir à “vida trágica” como algo relativo à tragédia, problemas e disfunções da natureza de cunho grave, muito menos algo terrível. Retomo novamente a Grécia, pela qual tenho um apreço particular e pela sua arte, em especial o teatro. Permito-me ir além dos gêneros teatrais da civilização grega, enraizados em peças nas quais as tragédias e dramas eram freqüentes, evidenciando paixões humanas, tensões e um final infeliz. Quero me atrever a dizer que a vida trágica remete a uma vida que ninguém enxerga uma vida acinzentada e que, ao abrir-se atrás da tel@, torna-se um

¹⁶ É através da rede que as pessoas são "convocadas" "a ser" 'mas elas mesmas, a "sentirem", a se analisarem, a se libertarem dos papeis e dos complexos. A cultura pós-moderna é a cultura do *feeling* e da emancipação individual estendida a todas as categorias" (LIPOVETSKY 2005, p.5).

espetáculo, uma catarse de sentimento e sensações coloridos, verdadeiros arco-íris de emoções.

A tragédia grega tinha como pilar aludir a questões de poder, possibilidades e limites da ação humana conforme evidência Matheus Silva (2013). Era a transformação do pensamento em forma de espetáculo. Produz, assim, uma sociedade do espetáculo, na qual toda a vida em sociedade em que as condições modernas de produção incidem, provocam uma acumulação de espetáculos tal como afirma Guy Débord (2003). Todavia, falar de espetáculo, nesse sentido, abre um leque de interpretações a respeito da diversidade e de fenômenos aparentes.

Ao analisar o espetáculo, é necessário perceber que ele é dotado de poder, símbolos e fronteiras, e se apresenta como algo “grandioso, positivo, indiscutível e inacessível” (DÉBORD, 2003, p.17). De acordo com o autor, a visão que necessita ser vista sem máscaras é de que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” transformando qualquer outro espetáculo da vida como uma tragédia com um final de fato infeliz e que deve ser combatido, regulado e contido.

Bravo! Bravo! O abre - “*abas*” que agora queremos navegar por meio da internet que os intercâmbios sociais sejam concebidos, fomentando as pessoas vivam suas fantasias, desejos, vontades, afastando-se parcialmente das regras do mundo real e transformando as suas vidas trágicas em verdadeiros espetáculos. Esse fenômeno passa a ocupar a própria prática social do indivíduo do lado de fora da tel@, fazendo com que a internet, nesse caso, se apresente como (utopicamente) um espaço seguro, anônimo e privilegiado, para que as fantasias sejam reveladas e aplaudidas.

O ciberespaço se dá a partir de inúmeras abas abertas. Contudo, ele também é capaz de “*travar*”, congelar a tela e a realidade. Ambigüidades se tornam “*vírus*”, espalhados por toda rede. Alguns são combatidos, outros são difíceis de “*bloquear*”. O indivíduo é capaz de conectar e separar os espaços conforme seus interesses. Criam-se conexões profundas a partir de novos objetos e em outra janela da vida, as intensidades e velocidades são perdidas. Pulamos de uma aba a outra, em busca de um novo espaço. Logo, perdemos lugares ganhando lugares.

Geograficamente, o ciberespaço ganha o papel principal no teatro da vida para os exilados, refugiados, excluídos, recusados. Rapidamente, a jornada, caminhada, trajetória para inúmeros espaços e horizontes improváveis e inesperados, ergue-se. Criam-se “*comunidades*” parcialmente livres e libertas de inúmeras concepções estabelecidas no espaço concreto. Nada mais é do que um mapa, no qual inestimáveis

marujos e piratas saem em busca de terras e tesouros até então inexistentes e desconhecidos. A esfera digital não pode ser considerada mais um mundo paralelo ao nosso, separado. O on-line e o off-line se imbricam, consolidando laços e rompendo fronteiras. Um “*prompt de comando*” é construído, cuja base localiza-se as redes digitais, concretizadas com materiais e contextos culturais específicos, e no outro pilar as redes permitem com que novas escalas, de temporalidade e interação se alterem, assim como a nossa concepção e compreensão de lugar, horizonte e localidade conforme explicita Scott McQuire (2015).

Pensar em rede vai muito além de uma escala social ou de uma idéia de sistema. Remete a considerar a comunicação, o tempo, o espaço virtual como lugar da modificação, da renovação e do acontecimento segundo André Parente (2013). A morada do indivíduo não se fixa em espaços unicamente concretos, como se fossem tijolos e portas. Janelas a partir de espaços afetivos, estéticos, sociais e históricos são abertas. As cortinas se abrem fazendo com que horizontes de significações sejam vistos, cercados por campos de significações, legitimidade, valores e particularidades. A elucidação e criação desses novos espaços surgem como uma possível alternativa à vida real. É a partir dessa dinâmica conforme afirma Heloisa Pait & Juliana Laet (2015) que palavras não ditas, desejos não expressos, lutas e reivindicações ganham um “*pg up*”. Agora, a “*aba*” do aprisionamento é aberta perante a janela chamada “*explore*”.

É inegável que a experiência do indivíduo está preceituada a transformá-lo, conforme afirma Parente (2013). Não se trata de uma perspectiva de que a realidade virtual irá asfixiar a realidade real, mas é porque as práticas no ciberespaço se tornam capazes de fomentar a criação de heterotopias, isto é, lugares e espaços que possuem múltiplas estratificações de significação e que não são vistas no mesmo momento. Produzimos, assim, espaços nômades, criando moradores temporários, verdadeiros ciganos da rede. Um espaço (quase) invisível. É nesse espaço que conhecimentos, saberes, potenciais emergem e se espalham pelo globo, através da conexão de lugares, da conexão de múltiplas escalas, tempos distintos. Mas esse tempo dura quanto? Às vezes, um segundo, mas asseguro que o “país das maravilhas” existe conforme narra Lewis Carroll (2002).

Lévy (1998) observa que o ciberespaço é a produção de um novo mundo, à parte (mas não sem monitoramento) das instituições e dos Estados. Mas, o Estado não fica totalmente inerte nessa esfera dos meios. Ele estabelece novas vias, elabora novos jogos nos quais a ordem, o poder e a censura fazem parte. Torna-se um jogo de labirintos, no

qual novas formas de sociabilidade se cruzam, inclusive contra o Estado e algumas a favor. Entretanto, sem os meios de comunicação, o Estado não poderia concretizar suas ações. Para chegar ao fim desse labirinto, dois caminhos se cruzam intensamente, sendo o primeiro amparado pelos meios de comunicação, que fazem com que o Estado se amplie, ultrapasse os limites. Já no outro setor percebemos que a disciplina e o domínio de múltiplos grupos são rasos, concebendo aos grupos a realização de opiniões, atos, falas no contexto de desgosto e insatisfação desse Estado de acordo com Pait & Laet (2015). Dessa maneira, a fala, o texto, a imagem se tornam símbolo, quer dizer, um “emoji” capaz de representar milhões de pensamentos.

A sociedade se (re) constrói, rompendo protótipos, ultrapassando fronteiras de forma ilegal ou legalmente. O espaço se torna dinâmico, fluido, desfixado. Os castelos de areia do poder, das disciplinas e das ordens começam a desmoronar, mesmo que reformas sejam feitas. A humanidade encontra jeitos, “fios”, “redes”, “janelas” de se auto (re) inventar. A satisfação, os interesses e os desejos só tornaram possíveis a partir dessa oportunidade e possibilidade. As “fribas” da internet abrigam milhares de camaleões, dispostos a mudarem de acordo com as suas experiências individuais. Desse modo, percebemos que o ciberespaço nos proporciona outro universo, onde podemos entrar e sair, residir e mudar a qualquer momento.

Visitar os lugares de maneira estática em 360° e conversar com alguém de outro continente, enquanto nosso corpo permanece inerte, nos faz refletir que o ciberespaço se aproxima de um sonho. Mas é necessário mantermos nossos pés no chão enquanto nossa mente está nas nuvens. Por fim, assim como um sonho, não podemos voltar para lá ontem, porque hoje já somos outra pessoa conforme afirma Carroll (2002).

Seja perante uma tela do computador, do celular ou de qualquer outro dispositivo com acesso à internet, que vozes silenciadas no espaço concreto, escondidas e ocultadas emergem, conquistando destaque no universo virtual. Além de utilizar ocupando esse espaço, elas produzem discursos, materialidades, sociabilidade com outros grupos, outros indivíduos, tanto numa escala local quanto global segundo Sabatine (2015). Vivemos em um novo terreno, selvagem, livre, enclausurado por inúmeros perigos, mas tudo se encerra ao desconectar e desligar a tela.

A tel@, conectada no universo virtual é responsável pela telepresença, produzindo uma magnífica onipresença, permitindo ao indivíduo transitar todos os lugares sem sair do seu lugar conforme observa Parente (2013). É através da internet

que os elos de variadas coletividades territoriais aumentam. A localização no espaço informacional é fortificada, pois não depende e pouco importa a localização geográfica concreta, como salienta Jean-Lois Weissberg (2013). O mundo virtual é uma grande constelação, iluminando os navegantes pelas suas orbitas e sistemas, contribuindo para a descoberta e surgimento de novos planetas.

A partir de agora, o espaço “*cyberal*” solitário recebe inúmeras naves espaciais, cheias de astronautas em busca de uma viagem só de ida para as galáxias. O ciberespaço, dessa forma, se torna outra dimensão. Fomos abduzidos a viajar nesse ambiente cheio de possibilidades do mundo real. Não existe distorção digital. A partir de agora é através do *click* que as expansões da vida ocorrem, sem guias, cheias de temas e painéis. Dessa forma, páginas iniciais são fechadas e abertas a todo o momento, os desejos e as vontades se atualizam em tela cheia. Agora, o endereço é ocultado e o único “*histórico*” que interessa vem da rede de sentimentos do indivíduo. O “*download*” é da alma em direção ao futuro.

2.3- “MY SECOND LIFE”: AS POSSIBILIDADES DE “SER QUEM EU DESEJAR” NO CIBER_ESP@ÇO

Muito antes das civilizações capitalistas modernas, que surgiram pós 1970, as tribos¹⁷ já faziam parte da sociedade. Hábitos, modos de vida e principalmente a organização já eram características primárias desses grupos. A cultura, a partilha de sabedorias, conhecimentos e valores sempre estiveram ligadas a esse ambiente. A globalização fomentou uma série de transformações no mundo, principalmente na forma do indivíduo buscar e encontrar peças do quebra-cabeça identitário, que jamais estará completo. Os jovens que vieram do movimento da contracultura passaram a se identificar com outros indivíduos, compartilhando das mesmas idéias, ideologias e ideais. Esse fenômeno abrange múltiplas particularidades que podemos identificar como as roupas, formas de se expressar e até os locais da cidade que determinados atores sociais ocupam, como por exemplo, as tribos de skatista que estão sempre reunidos perto de locais onde o esporte é praticado. Entretanto, esse fato não é algo moderno tal como afirma Michel Maffesoli (1998).

¹⁷Tribos referem-se à criação de grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência. Estas tribos surgiram num esforço de diferenciação dos jovens e evocam particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identifiquem (SOUZA & FONSECA, 2009, p. 209 *apud* MAFFESOLI, 1998).

A grande passagem que nos importa aqui advém do processo de globalização, englobando o individualismo, a identidade e a uniformização. Diante disso, emerge o conceito de “tribo urbana”, manifestada por Maffesoli (1998) que se caracteriza pela criação de pequenos grupos que se unem a partir de elementos primários que consideram ser à base de suas identidades, como a música, a arte, o teatro, a dança ou as formas de se expressarem como os cabelos, as performances, as falas.

As particularidades emergem distinguindo na sociedade um indivíduo do outro e identificando os inúmeros atores sociais e os espaços que eles ocupam. Entretanto, ao emergir através da tribo, o indivíduo pode ser recebido de forma positiva quanto negativa. Logo, são reforçados sentimentos que variam de forma incontável, caminhando entre o ódio e o amor, a pacificação e a violência. Nessa paisagem, emerge o conceito de tribos rivais. Estar inserido numa tribo, mesmo que seja simbolicamente, imbrica dizer que os jovens podem se apropriar delas ou não em qualquer fase de suas vidas, sem considerar o tempo cronológico. Não necessitam de fixar, construir códigos para serem seguidos pelo resto da vida. Conforme expõe Maffesoli (1998) tudo se transforma, conforme suas necessidades, atribuindo novas e velhas referências, além da união de novas e arcaicas identidades.

Os meios de comunicação funcionam com a habilidade de proporcionar às tribos o poder de fomentar novas teias comunicativas, criando novos espaços sociais, conforme elucidam Pait & Laet (2015). Os primeiros usuários da internet originaram as comunidades virtuais, que passaram a ser berços de valores, comportamentos e organização social como aponta Castells (2003). Os membros desse novo mundo estão agrupados, reunidos devido aos seus interesses. Assim, eles vivem em um lugar de referência estável, podendo encontrar seus membros em qualquer lugar ou em lugar nenhum. Então, o ciberespaço possibilitou a interação entre os indivíduos, que ocupam distintos espaços, afinal, posso estar em uma sala de aula virtual e ao mesmo tempo em um aplicativo de pegação.

A interação entre os múltiplos atores sociais já acontecia fora da tela, na qual os espaços de sociabilidade permitiam que o contato fosse possível, conectando os corpos e entrelaçando as almas. A interação, importante frisar, não se perdeu ou foi substituída, mas ela foi acelerada em determinado tempo-espaço, concebendo a aproximação de muitos atores sociais, para muitos. Agora, com o ciberespaço possibilitando as trocas e experiências, as mesas de bar dividem a atenção do sujeito que está conectado. O

ciberespaço permite que essa mesma mesa seja reservada para um jantar a dois ou com amigos, sem necessidade de pegar filas ou esperar.

O surgimento dos aplicativos denota um panorama que anteriormente era improvável, ou seja, a busca de um parceiro do mesmo sexo que não necessite da exposição no espaço público. Os *apps* de relacionamentos viabilizaram novas e múltiplas maneiras de sociabilidade, que a partir desse momento são mediadas virtualmente e geolocalizadas, conforme as concepções de Nunes & Silva (2020). Dessa maneira, essas ferramentas aproximam os atores sociais dos possíveis parceiros a partir da seleção, isto é, a busca por parceiros que se pareçam consigo. Logo, esse mercado é responsável por transformar a busca e as subjetividades.

A partir das mutualidades construídas pelos corpos que os signos e os compartilhamentos específicos ocorrem na rede, frutos da cultura, da família, da religião. Essas interligações são produtoras de socioespacialidade, conforme salientam Nunes & Silva (2020). Da casa nômade à rua eletrônica, a internet possibilita com que o deslocamento e acessibilidades de corpos incidam no espaço concreto. A diferença perante uma comunidade real advém de sua concretização no espaço real, do cara a cara. A interação e a sociabilidade das comunidades imaginadas não ocorrem diretamente de frente os nossos rostos. Porém, ela pode se materializar, pois o ciberespaço permite a interação, e conseqüentemente sua transposição para a esfera do real, como proposto por Anderson (2008).

A cultura nômade é reinventada pela virtualização, se reconfiguram diante de uma inércia minúscula conforme evidência Lévy (1996). Construções cooperativas, redes de apoio e ajuda com um denominador comum em múltiplos grupos fazem com que o ciberespaço crie laços que, ao transporem o espaço concreto, geograficamente são espalhados tal como apresenta Lévy (1996) isto é, a internet passa a ser a “igreja” para os inúmeros cidadãos que desejam estarem “salvos” de todo moralismo, condutas e práticas regulamentadoras. Do mesmo jeito que a sociedade possui suas fissuras, seus momentos de heterogeneidade e contradição, o mundo social da internet não se afasta desse panorama. As comunidades virtuais encontradas na rede não simbolizam uma estratificação fechada, fundamentada em valores e normas sociais. Se isso não existisse na rede, os hackers e toda a cultura “facínora” desse fenômeno não existiriam conforme afirma Manuel Castells (2003).

Como argumentado por Johnston & Longhurst (2010) o mundo virtual proporcionou novas oportunidades para o surgimento de conexões, interações e

comunidades sexuais. Ele permite com que as pessoas experimentem novas identidades sexuais sem restrições pelas limitações de seus corpos reais. A vista disso, as novas maneiras comunicacionais foram capazes de criar um novo cenário para os desejos que já existiam, mas passaram a modificá-los. Tal fenômeno, chamado de “desejos digitais” (MISKOLCI, 2017, p.100) revela uma nova forma de expressar os desejos na era das telas comunicacionais e das redes, produzidas e construídas pelas ferramentas de comunicação, que não se limitam ao espaço on-line, mas se estendem ao mundo real, ao *off-line*.

As comunidades virtuais operam a partir de dois pilares comuns, extremamente fundamentais. O primeiro diz respeito ao valor da comunicação de forma livre, autônoma, tornando possível a livre expressão, que fora da rede se torna alvo de ordens e burocracias midiáticas e governamentais. À vista disso, essa comunicação despreendida de estratificações de poder se estende por toda a internet, fomentando a criação autônoma do sujeito e da rede. É a partir dessa criação autônoma que o segundo pilar se concretiza, pois é fundamentado dela que o indivíduo consegue deslindar sua própria essência, conforme menciona Castells (2003).

Uma comunidade virtual não pode ser considerada ilusória ou imaginada. Isso seria um “*vírus*” letal à sua história. Não é um sonho, poderia ser uma memória, mas esse (novo) mundo é real tal como propõe Carroll (2002). Ela fomenta a construção de laços, relações interpessoais livres, contatos segundo Lévy (1999). As restrições, normas, estratificações e hierarquias que existem no mundo real perante as esferas da política, religião, tradições antigas são transformadas no ciberespaço. Um leque de soluções, múltiplas extensões são adicionadas nessa grande janela da vida, de acordo com Pierre Lévy (1999).

Os fatos se tornam exploráveis, registrando e se transformando a partir do ciberespaço (LÉVY, 1996). Dessa forma, emergem na internet recreações da vida real, na qual são produzidos mundos abertos e que não seguem normas, critérios e fases. Logo, a construção de comunidades imaginadas – expressão exposta por Benedict Anderson (2008) - começa a ganhar todo um escopo, invadindo as telas e a mente do ator social. O termo “comunidades imaginadas” foi introduzido por Anderson (2008) nas últimas vinte décadas do século XX, diz respeito ao fenômeno da modernidade. O seu objeto tinha como base questões ligadas ao nacionalismo e suas esferas. Mas, o conceito passou a ser introduzido de forma ampla pelas diversas camadas da sociedade, principalmente quando nos referimos a uma comunidade cujo núcleo se insere nas

marginalidades da sociedade, como as questões ligadas à sexualidade e ao gênero, segundo Anderson (2008).

Em síntese, as comunidades imaginárias possuem em seu interior, o compartilhamento de símbolos e signos que “explodem” em nossa mente, uma imagem mental que abraça as múltiplas afinidades. À vista disso, torna-se imaginada, pois a relação face a face, incertamente, ocorre, tornando impraticáveis os encontros e as existências. O indivíduo é percebido de forma abstrata, mas dificilmente visto. É válido mencionar que o fluxo não se encerra, pois as atividades continuam a alimentar esses contextos, múltiplas janelas são abertas a inúmeros horizontes. Em suma, a paisagem passa a englobar a totalidade do ser. Sendo assim, é a partir dos interesses, ideias e articulações que comunidades são criadas, reunindo atores sociais heterogêneos que se encontram num mesmo espaço: o virtual.

Os ambientes virtuais proporcionam, através da interação on-line e off-line, que a vivência e a experiência de uma nova corporeidade sejam realizadas. O corpo real é transportado para a tela, reconfigurando a partir de *bytes e pixels* conforme observa Micheline Batista (2009). O mundo em que vivemos é transportado (em partes) para dentro da tela, abrindo um leque de possibilidades de ser quem quisermos ser, principalmente de forma anônima. Richard Miskolci (2017) argumenta de que o acesso de forma individual e anônima às plataformas na rede, como bate-papos e sites de busca de parceiros passou a ser a experiência do flerte de múltiplos indivíduos, em variações distintas de processos de seleção. Nitidamente, aqueles que se localizam a margem das estratificações do desejo, inseridos em esferas de valores, culturas, comportamentos sofrem estigmas.

A imaginação, ao mergulhar nesse longo oceano virtual, faz com que o indivíduo experimente múltiplas sensações dentro da tela, principalmente diante dos desejos e das vontades, dado o exposto que existe uma proximidade entre ambos os mundos. Da mesma maneira, a transformação dos desejos ultrapassa a tela, alcançando novos horizontes que, anteriormente, eram marcados por simbolismos que moldavam as vidas sexuais e amorosas. Agora, a relação face a face ganha um novo contexto, passando a conduzir e a moldar a vida do cidadão, colocando em evidência a sua aparência, seu desempenho, seus desejos. A tecnologia incentiva um remodelado estilo de vida na qual o ser humano necessita se encaixar para ser desejado, contemplado, isto é, objetificado, conforme argumenta Miskolci (2017).

Desde os primórdios do século XX, a pornografia já apresentava, em seus horizontes, cenas de: adoração de pés ou mãos, práticas com urina, espermatozoides, fezes, rituais sadomasoquistas, introdução de objetos inusitados como vegetais, garrafas, vidros e até mesmo, partes do corpo como a mão e punho entre outras no ânus ou vagina. É por meio da pornografia que tudo aquilo que era proibido se torna permitido. Torna-se necessário ir cada vez mais longe, em busca de novas terras nas quais o corpo e a sua utilização estarão livres, libertos e serão testados ao limite e ao extremo. Ao contrário do que se diz a respeito da pornografia, ela se tornou ao longo do tempo um importante horizonte intermediário para que a (des) padronização do sexo para o sexo ocorra, além de fomentar a construção de novas subjetividades que são cruciais para os movimentos de liberação sexual e para as identidades (LIPOVETSKY, 2005).

O movimento da contracultura possibilitou com que a sexualidade fosse vista de outra maneira, para além das questões ligadas ao matrimônio. Agora, passava a se tornar expressão de prazer, afeto, emoções e não estava mais enclausurado nos simbolismos e dispositivos de casamento e formação de famílias (tradicionais do comercial de margarina ou panfleto de enclaves fortificados residenciais). Todavia, foi com o crescimento e dispositivo cênico da indústria pornográfica que a separação entre o “sexo convencional – papai e mamãe” e as práticas vistas como “indecentes” foram intensificadas e ressignificadas. O desejo pode fomentar a decodificação de controles, e conseqüentemente, transformar a vida social conforme argumenta Miskolci (2017). À vista disso, o distanciamento entre imoralidade, ilegalidade, doença e outros atributos ao sexo passaram a ser distanciados de determinadas esferas e ganhavam cada vez mais aceitação social e legitimidade conforme observa Júnior (2006).

É através da internet que a produção de elementos ocorre, possibilidades eróticas e sexuais afloram. A linguagem do desejo, da sexualidade, do erotismo se transforma em imagens, figuras, discursos escritos e falados. O inegável é que todo esse jogo de sedução e de carnalidade agora faz parte dos meios de comunicação como afirma Thiago Sabatine (2015). Assim, o online vigora a conversa, a troca instantânea de mensagens e informações, a textualização dos desejos e de si mesmo. Contudo, uma nova maneira de socialização emerge, sobrepondo o subjetivo e colocando os discursos a respeito do desejo e de se reconhecer nele em pauta, conforme observa Miskolci (2017).

A potência que esse corpo alcança advém das possibilidades que ele desempenha no imaginário do outro, a partir da tela. Ele passa a ser cobiçado quando estimula, por meio de ângulos, virilidade, submissão, transgressão, além da evocação de movimento,

cor, cheiro. É nítido que existe uma íntima relação entre o imaginário social e a realidade, e que, a partir de dispositivos, tudo aquilo que era visto como “perversidade”, doença, imoralidade se materializa conforme expõe Júnior (2006). Os corpos se tornam arapucas para que as presas e os predadores se misturem, realizando seus desejos selvagens, conforme explicita Gilmaro Nogueira (2020). A melhor maneira de chamar atenção, quer dizer, despertar o interesse do outro, advém da utilização de *nickname*, isto é, apelido que de forma curta e breve atraia o outro para uma conversa informal.

De acordo com os argumentos de Nogueira (2020) os apelidos na rede são mais do que expressões, termos soltos. São signos e significados que carregam toda uma simbologia, comunicando intenções e principalmente atraindo outros usuários. Nesse sentido, aspectos produzem um “Regime Erótico On-line” como afirma Miskolci (2017), no qual inúmeras estratificações são apresentadas ao internauta, como aparência física (gordo, magro, musculoso, sarado), origem socioeconômica (médico, universitário, caminhoneiro, policial) comportamento e valores (casado, monogâmico, relação aberta) e acrescento questões ligadas às performances de gênero, masculinidade e sexualidade (assumido, discreto, versátil, ativo, fora do meio, sigiloso, macho, ativo). Os apelidos são os espetáculos do ator social na rede. Para Nogueira (2020) eles servem de cartão de visita aos demais usuários, criando no outro uma imagem abstrata do “eu”. Ainda por cima, o anonimato torna-se peça-chave para estes corpos desejantes.

O uso das mídias fornece acima de qualquer linha que as relações sejam construídas a partir do anonimato, garantindo a manutenção de relações homossexuais sob a esfera do “sigilo”, considerando que a rua segue perigosa para aqueles que desejam pessoas do mesmo sexo e optam pelo segredo, o anônimo. A internet e o corpo não andam separados. A mesma rua que antes assistia aos desfiles de corpos que desafiaram os múltiplos regimes regulatórios do sexo, no presente ainda mata, agride, segrega e humilha quem arrisca viver fora da esfera heteronormativa de acordo com Miskolci (2017). Ao mesmo tempo em que, fora da tela, o corpo é moldado, segregado, ocultado, na rede ele também assume esse posicionamento.

É indiscutível que é a partir do corpo estigmatizado e condenado no espaço real que um jogo de ambigüidade aflora no ciberespaço. Na rede, esse mesmo corpo passa a desempenhar êxtases, envolvendo e anexando práticas que ultrapassam os limites de sensibilidade. Como resultado, esse corpo encarna a maravilha, de que, dentro de um determinado espaço, isto é, a tela ou um quarto de motel, ele desempenha funções e papéis criados utopicamente em torno dele segundo Júnior (2006).

O corpo no ciberespaço adquire um novo significado, passa a ser um dispositivo de comunicação, repleto de movimento. A realidade virtual passa a ser compartilhada e curtida na quais milhões de pessoas seguem. Logo, as repercussões atingem as atividades políticas, econômicas e culturais. A transformação acontece na mesma intensidade que a vida em sociedade permite novas condições conforme afirma Lévy (1999).

O espaço virtual permite que o indivíduo se desloque. Logo, os códigos e as normas comportamentais que foram construídos e produzidos por padrões dominantes, tanto na esfera de gênero quanto nas experiências sexuais do indivíduo são afastadas, distanciadas nessa nova área. Dessa maneira, múltiplas regras que enclausuram os corpos passam a ser rompidas, conforme afirmam Ivan Pimentel & Ana Carolina Barbosa (2020). As fantasias que anteriormente eram restritas ao espaço concreto agora passam a abarcar todo um universo virtual, repleto de mostruários, catálogos que se tornam extensão da vida perante as telas.

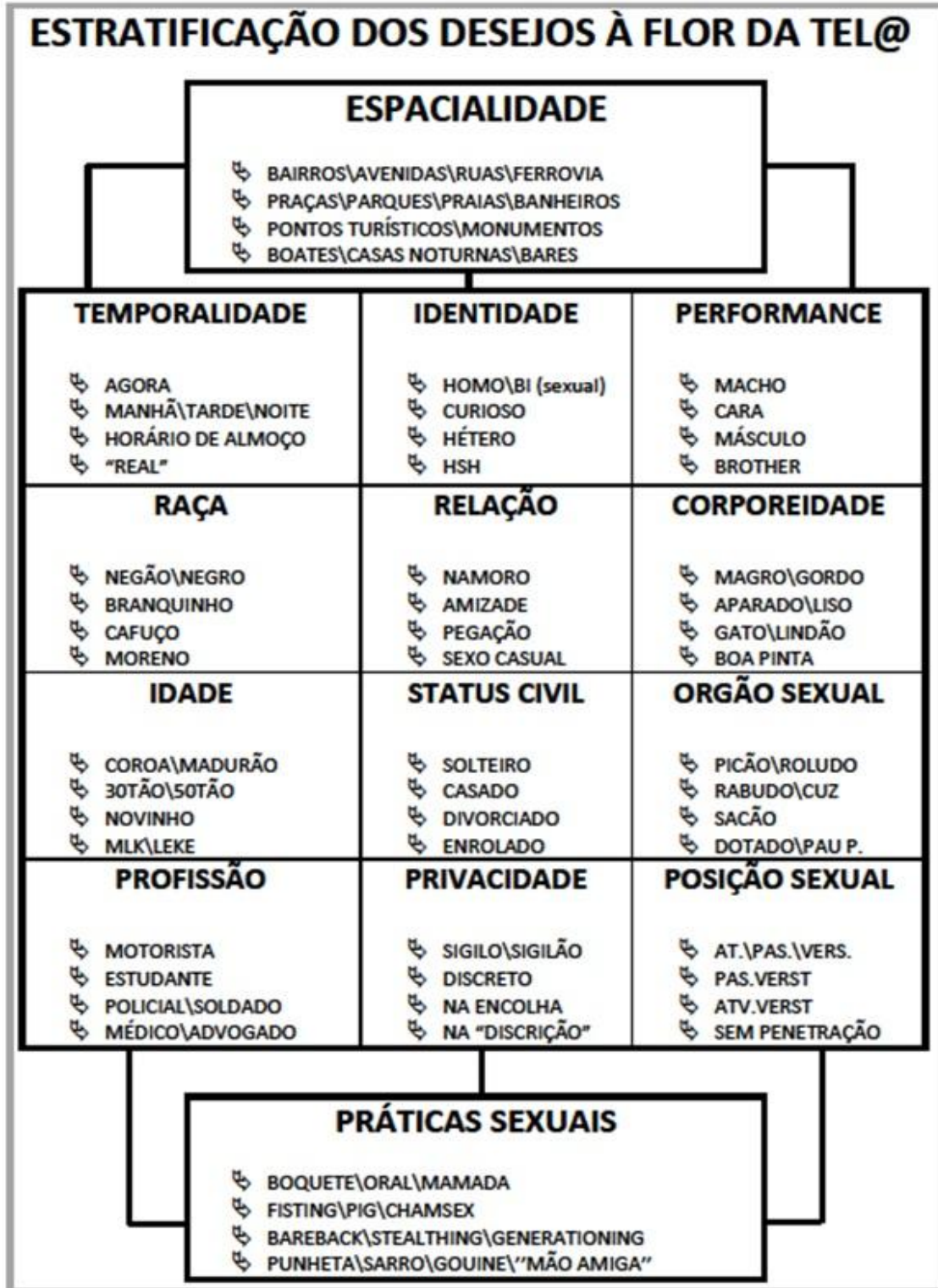
Dessa maneira, esse “corpo-real-digital” passa a ser visto com desejo, cobiça e idealizações de múltiplas fantasias. Porém, para muitos, esses desejos são colocados em modo “avião”, isto é, continuam conectados, mas invisíveis, ocultados no espaço real. A intersubjetividade passa a ser produzida a partir da internet, que passou a se tornar um dispositivo que conecta as fantasias aos desejos e afetos, conforme expõe Nogueira (2020).

Diante disso, construo o termo “Estratificações dos desejos à flor da tel@”¹⁸, no qual as fantasias, desejos e vontades seguem um tipo de “ordem” sendo possíveis de serem encontradas na tel@ (**Tabela 01**).

A crescente preocupação com o corpo na sociedade, que, de forma profunda e violenta, molda corpos a partir da mídia, faz com que esse mesmo corpo se torne objeto, independente do espaço, principalmente perante a esfera de consumo, mudando o lugar que ele ocupa na sociedade. O corpo é um fato, uma construção cultural e social e a forma com que nos relacionamos com ele, reproduz múltiplos papéis que desempenhamos conforme observa Micheline Batista (2011).

¹⁸ O termo estratificação à flor da tel@ surgiu a partir dos escritos de Gilmaro Nogueira: *Caças e Pegações On line: subversões e reiterações de gênero e sexualidade* (2020), e de Luís Augusto Vasconcelos da Silva: *Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2008.

Tabela 01: As múltiplas estratificações dos desejos à flor da tel@.



Fonte: Silva (2021), baseado em Nogueira (2020) & Silva (2008).

O corpo virtual é a afirmação de uma identidade, dentre muitas outras de múltiplos atores sociais. A sua carga cultural, moral, religiosa não se afasta diretamente do sujeito, isto é, não é abandonada. Na verdade, ela é aperfeiçoada a partir de novas oportunidades

e possibilidades que são abertas, mesclando a realidade com a fantasia. Conseqüentemente, essa miscelânea de apreciações criada por alguns indivíduos passa a compor as comunidades virtuais e as tribos da rede. Um novo mundo é aberto, com ou sem máscaras. Assim, paralelamente, cria-se um segundo corpo, cheio de fantasias e identidades, o que ficou conhecido como “*Second Life*”.

Conforme proposto por Pimentel & Barbosa (2020) é a partir da esfera do “*second life*” que encontramos e vivemos múltiplas possibilidades de tentar provar, vestir e saborear uma segunda vida. À vista disso, um novo ambiente é confeccionado, provocando que os atores sociais explorem e reinventem si mesmos, a partir de inúmeras probabilidades, chances e perspectivas. Logo, é a partir da internet que milhares de pessoas constroem uma espécie de “*My second life*”, isto é, uma segunda vida é construída e (re) formulada a partir do hibridismo entre realidade e imaginário, transportando-se para a vida virtual. Diante disso, a realidade virtual ganha corpo, esqueleto e vida, na qual produzimos múltiplos significados sem que seja necessário separar a realidade da fantasia.

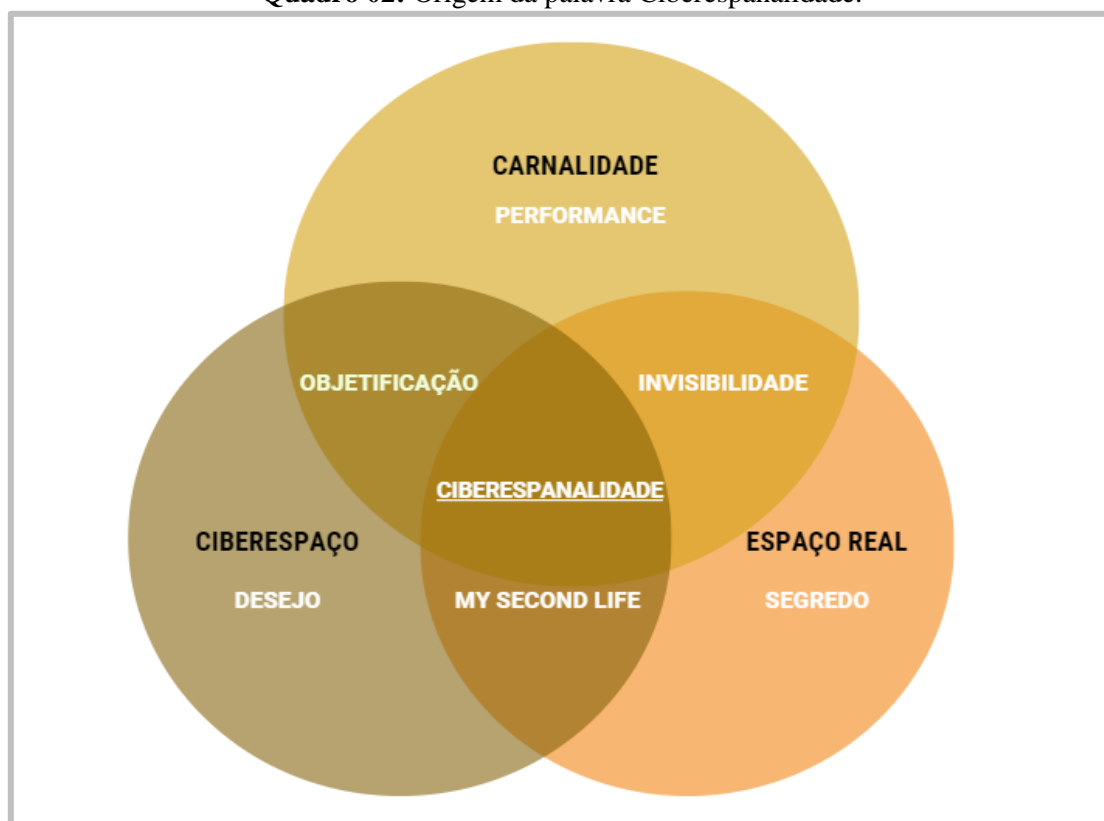
Ao entrarmos na rede, as comunidades virtuais se tornam uma segunda morada visto que para muitos corpos “a distância em relação àqueles considerados divergentes aumenta e tudo isso fica evidente pela presença dos muros reais ou imaginários” que são construídos no Espaço Real (Pimentel & Silva et al., 2022, p. 196). Ao encontrar um “espaço seguro” podemos ficar o tempo que quisermos e sair quando quisermos, sem dar satisfações ou pedir licença para entrar. À vista disso, “as sexualidades “desviantes” são grandes beneficiárias de uma contemporaneidade interconecta em redes de interesse” (BONFANTE, 2019, p.250). O que percebemos é que, no ambiente virtual, a partir dos desejos e segredos, a oportunidade de ser outra pessoa e de viver múltiplas experiências é um elemento primordial do internauta. Dessa maneira, a sociedade regular, normatizadoras, deixa suas lacunas e ruínas, que precisam ser preenchidas, na qual as performances se apropriam desses espaços, construindo, produzindo, preenchendo de forma espontânea os desejos, vontades, as fantasias, que, ao sair da tela, se apagam, passam a ser vistas como obscuras e são consideradas abjeções sociais conforme afirma Gleiton Bonfante (2019).

A representação opera simbolicamente para categorizar e identificar o mundo e as nossas relações no seu interior conforme elucida Kathryn Woodward (2000). Os símbolos e códigos que existem na realidade também são encontrados no espaço virtual. Diante disso, o ciberespaço produz e reproduz esses elementos que se manifestam

através da visibilidade, da transparência. Agora os corpos se alteram, tornando-se desejáveis, o que Sharif Mowlabocus (2015) denominou de cibercarnalidade. Em síntese, estaríamos falando de uma “*sedução à la carte*” (LIPOVETSKY, 2005, p.2), na qual diversas partes do corpo humano – boca, coxas, bíceps, pés, nádegas e pênis – são disponibilizadas em vitrines, tornando-se verdadeiros cartões-postais na rede. A partir desse momento, o “*self-service*” e o atendimento “*à la carte*” são responsáveis por produzir uma organização da vida na sociedade vigente, disponibilizando cada vez mais um leque de corpos, desejos, fantasias, imaginário e sucessivamente atraindo diversos olhares e materializando os desejos reais.

Por conseguinte, conforme Thiago Oliveira (2016) amparado por Mowlabocus (2015, p.133) cibercarnalidade pode ser resumida “na produção de um corpo virtualizado que gera efeitos através de suas estratégias discursivas que reiteram no nível do conteúdo e de formas determinadas”. Mas, gostaria de ir além e criar um termo chamado Ciberespanalidade (**Quadro 02**).

Quadro 02: Origem da palavra Ciberespanalidade.



Elaborado por Silva (2021).

É a partir da intersecção de ciberespaço, espaço real e carnalidade que o conceito se funda. Ele emerge no ciberespaço, abrindo janelas, para que as possibilidades ocultas aflorem, despertando o desejo e as vontades do indivíduo. Ele

engloba a carnalidade, pois o corpo é materializado na rede, cheio de símbolos e significados, dotado de identidade e liberdade, além de ser acentuado através da produção, germinando um reforço pornográfico de corpos como afirma Mowlabocus (2015). Esse corpo passa a ser objetificado, tornando-se mercadoria de desejo na rede, enquanto no cotidiano ele é inviabilizado, escondido, segregado, estigmatizado. Ele é espaço real, porque o indivíduo não se fragmenta, mesmo desconectado, as suas vontades e seus desejos não desaparecem, tornando-se difíceis de *'deletar'*.

A vista disso existe uma vida real imbricada na vida virtual e vice-versa. A materialidade é transportada da janela da alma para a alma da tela, e, posteriormente, para a cama, através dos encontros reais. O inverso também ocorre a partir das experiências na cama, os desejos retornam para a tela e se constroem novos discursos, vontades, desejos, fetiches. É um universo simétrico, híbrido e que se torna um só. A essência do ser real carrega um pouco da essência do virtual. Será árduo repartir esse indivíduo em vários, por mais que a identidade seja fluida, ela se conecta quando dois mundos paralelos se encontram, em uma reta perpendicular.

Constatamos que o ciberespaço, as comunidades virtuais na rede possibilitam a troca de experiência entre múltiplos atores sociais. Dessa forma, os corpos na tela extrapolam as concepções e construções simbólicas a respeito da “organicidade e fixidez” conforme observa Nogueira (2020). É inquestionável que o ciberespaço fomenta o usuário à manipulação corporal, ou seja, na internet a sua apresentação advém de uma ordem, afastada de padrões e simbolismos da vida real. Dessa maneira, os *chats* possibilitam que os atores sociais construam suas subjetividades a partir da interação na rede.

A linguagem corporal agora não é mais orientada, padronizada, seguindo normas e ordens, ela é abstrata, imaginária, apresentável de acordo com os desejos, desconhecida de outros indivíduos. A descrição de si próprio potencializa a busca de semelhantes perante as inúmeras representações. A partir das trocas, das afinidades e liberdade que esses indivíduos procuram maneiras para concretizar os seus desejos mais secretos, obscuros e selvagens junto a outros cidadãos. Assim, o risco de serem descobertos, flagrados ou de perderem suas reputações no espaço real não se torna comprometido conforme mencionam Pimentel & Barbosa (2020). A vida no virtual: Armário Escondido ou Liberdade Compartilhada?

Nosso corpo é a fonte de grande parte de nossas experiências espaciais, de acordo com Claval (2002). A imaginação faz com que a nossa experiência corporal

flutue entre os espaços, ao se materializar pelo cheiro, lembranças e outras sensações, que ultrapassam a esfera do olho, do campo de visão. O espaço concreto e o espaço abstrato não serão vistos ou categorizados como neutros na vida. Ele é produção e resultado das ações humanas, das memórias coletivas, das transformações. Arrisco a dizer que a vida no virtual seria um armário escondido que guarda a liberdade compartilhada.

O sujeito da cidade constrói e reconstrói os espaços a todo instante, mas em um cenário social e íntimo isso se torna limitado, abrangendo espacialidades menores. O que emerge nessa esfera, na qual categorizo de “*Holy Space*”. Evidencio que o termo *Holy Space* se difere dos termos Lugar Sagrado e Lugar Santificados apresentados por Santos & Kozel (2013). Para as autoras, lugar sagrado refere-se a um espaço único para cada crença e sempre será sagrado, referindo-se a religião, cultos, santos, ritos, Deus e religiões. Já o lugar santificado diz respeito aos locais que adquiriram condição de santos, os quais, anteriormente, não possuía o que posteriormente pode ser tirado.

Aventurei-me a dizer que o *Holy Space* seria a junção do Espaço Sagrado e do Espaço Santificado. É um espaço que possui signos e símbolos da cultura e da religião do indivíduo, evidenciando características da religião ou crença de cada ator social, santificando aquilo que lhe convém. Não me refiro a um espaço santo, no sentido religioso, como as igrejas, templos, mesquitas ou sinagogas, onde as pessoas, de alguma forma, encontram o “divino” perante a sua fé, mas um espaço que, moralmente, socialmente e culturalmente, torna-se santificado e, ao mesmo tempo, torna-se um espaço apto a proporcionar contatos e relações sexuais, tanto concretas quanto imaginárias. Seja no ônibus, em uma lanchonete, na fila do supermercado ou na padaria, atos contínuos de paquera são construídos, principalmente através do olhar. Assim, ver uma cidade significa ir além de estar com os olhos abertos. Simboliza um jogo de sentidos, no qual os desejos, as vontades, o risco e aventura se misturam, invadindo o corpo e a mente dos indivíduos.

Como proposto por David Le Breton (2013) o espaço cibernético é o meio que permite aos seus usuários o sentimento e emoções de serem transportados do mundo físico, concreto, para um mundo abstrato, imaginário. Paixões, sensações, emoções e medos são vividos no virtual, deslocando o corpo e reproduzindo a sua existência. O ciberespaço torna-se uma espécie de sonho acordado para os múltiplos atores sociais que possuem insônia, utilizando como “cantigas de ninar” o prazer e o imaginário conforme observa Le Breton (2013). Os aplicativos são verdadeiros engenheiros na

construção de identidades, fantasias e símbolos para diversos homens que adentram nessas “obras virtuais”.

A casa digital agora abriga milhares de atores sociais que buscam por sentimentos, desejos, afetos. O virtual se transforma em um território no qual práticas espaciais, significados e representações (reais ou imaginárias) são possíveis. A porta é aberta e as relações homoeróticas são realizadas. Agora, o seu vizinho, primo ou até mesmo pai pode estar mais próximo do que você imagina, com um “local” disponível para seus anseios. No Brasil, os aplicativos com mais notoriedade são o *Grindr*, *Hornet*, *Scruff*, que passaram a configurar uma espécie de cartografia das sociabilidades homossexuais conforme salienta Thiago Mozer (2019). Em cidades consideradas como metrópoles e em alguns locais ao redor do mundo, aplicativos como *Manhunt*, *Growl* e *Jack'd* ganham uma expressividade maior segundo Darren Whitfield et al., (2017). Já o Tinder, disponível para inúmeros gêneros e sexualidades, apresenta outro caráter. Ouso dizer que o Tinder é um *Holy Space*, enquanto os demais se tornam o *Goddess Space* na rede.

Contudo, os *apps* produzem uma linha, um meridiano que fragmenta inúmeros hemisférios para quem adentra. De um lado, temos um espaço que gera experiência, satisfação e prazer para múltiplos usuários, transformando seus desejos e vontades em realidade. Contudo, do outro lado, esse mesmo espaço transforma a vida de diversos indivíduos, criando vítimas constantes de atos e atitudes preconceituosas, além de potencializar exigências a respeito do corpo, da utopia de descrição e da masculinidade. Esses espaços seguem uma espécie de corporificação, na qual intitulei anteriormente de estratificação dos desejos à flor da tel@ e que encontram as afirmações de Maffesoli (1998) a respeito das tribos, conforme a tabela abaixo (**Tabela 02**):

Tabela 02: As tribos disponíveis em aplicativos e a identificação de corpos.

IDENTIFICAÇÃO DE CORPOS EM APLICATIVOS	DEFINIÇÃO
Atleta	Homens que se exercitam para além da academia e praticam esportes\atividades físicas como natação, futebol e boxe.
Barbie**	Homens que se exercitam bastante em academia e possuem relações exageradas do cuidado com o corpo, como cirurgias plásticas.
Bissexual	Homens que possuem relações com outros homens, afetiva-sexualmente e com mulheres.

Caçador	Homens que “caçam” por outros corpos. Em grande parte, são homens com mais de 40 anos e que se relacionam com homens mais novos.
Cafuçu	Expressão estereotipada para categorizar homens oriundos de periferia, esteticamente com perfil de “marginal, bandido”.
Couro	Homens que possuem desejos e fantasias com couro, associados a prática de BDSM.
Discreto	Homens que não são assumidos sexualmente ou que não manifestam comportamentos que possam ser associados aos desejos homoeróticos. Ser assumido é ser diferente de ser discreto e vice-versa.
Drag	Homens que utilizam a arte como forma de expor sua feminilidade, carregada de performances e trejeitos femininos.
Elegante	Estereótipo de homem com barba feita, arrumado, bem-vestido, que não fuma e bebe socialmente, educado.
Garotos	Homens mais novos, com idades de 15 – 18 anos e que possuem poucos traços de um corpo masculinos (barba, pelos).
Gordinho	Homens que possuem um corpo com mais curvas, não sendo exatamente magros ou plus size. É diferente de urso, pois os pelos são opcionais. Não é o mesmo que parrudo, pois parrudo a estatura é menor e os homens são malhados.
Lontra	Homens magros que possuem pelos pelo corpo principalmente no peito, pernas e barriga.
Malhadinho	Homens malhados que possuem a barriga tanquinho, definida. Não é o mesmo que sarado\bombado. Os músculos são definidos e não avantajados.
Militar	Homens cuja profissão está ligada as forças armadas, seja policial, bombeiro, soldado ou marinheiro.
Nerd	Homens que possuem um perfil intelectual avançado, estereotipado de filmes e que em grande parte gostam de jogos eletrônicos.
Novinho	Homens que estão saindo da puberdade e não entraram na fase adulta ainda. São rapazes de

	18 a 24 anos.
Papai	Homens que possuem mais de 35 anos, grisalhos, de barba. Se aproximam do termo “Daddy”, um rapaz mais velho, bem apresentável e às vezes com um poder aquisitivo estável.
Queer	Pessoas que não seguem o modelo padrão de sexualidade ou de gênero.
Rapaz Comum	Homens comuns, que não se aproximam de estereótipos.
Rústico	Homens que se aproximam de modelo antigo de comportamento masculino. Costumam ser relacionado com homens dos anos 80-90.
Sarado	Homens que possuem os músculos definidos do corpo, mais avantajados. É diferente do sarado (Barbie e do malhadinho).
Sóbrios	Homens que fazem uso de drogas ou álcool no dia a dia, independentemente de ser socialmente ou não.
Soropositivo	Homens que convivem com o vírus do HIV.
Trans	Homens trans que se relacionam com outros homens trans ou homens cis.
Universitário	Homens que frequentam centro de ensino superior como estudantes.
Urso	Homens peludos e gordos, com uma estatura de média para alta.
*	Pessoas que não se identificam com nenhuma das tribos anteriores, mas frequentam os aplicativos a fim de encontros homoeróticos.

Fontes: Grindr & Scruff, elaborado por Silva (2021).

** Barbie neste contexto de aplicativos refere-se aos homens que possuem corpos sarados e com procedimentos estéticos (Lifting facial, botox, silicone, harmonização facial). Na epidemia do HIV, ser sarado (“Barbie” dos anos 2000) era sinal de saúde, visto que o corpo passa a enfrentar questões ligadas à Lipodistrofia.

Utilizar esses aplicativos cria uma multiplicidade de espaços, revolucionando a forma e a maneira das pessoas buscarem relações homoeróticas na escala espaço-tempo, além de abrir caminho para que múltiplos atores sociais explorem suas identidades, desejos, fantasias, concebendo a sua concretização nos *Goddess Spaces* e produzindo novas práticas sexuais. Em síntese, os aplicativos funcionam com base na geolocalização do

indivíduo, em tempo real, possibilitando que vários perfis sejam vistos entre os usuários, na qual podemos alterar o espaço (lugar, neste caso) a partir da distância. Logo, mais conexões são criadas, contudo limitadas, pois uma parte abundante dos aplicativos proporciona ferramentas que só podem ser alcançadas mediante o pagamento (mensal ou anual). Todos em busca do *Super Like*!

Todavia, o desejo, a aventura e a construção de homoerotismo são presenciados a todo o momento no espaço geográfico. Seja através dos cantos ou das árvores das praças da cidade, que facilitam as trocas sexuais devido à falta de infraestrutura, como luz ou as excursões para praias desertas enclausuradas por relevos íngremes e vegetação, não interrompem os jogos de sedução, pelo contrário, ao mesmo tempo em que eles são ocultos, eles são essenciais para que o homoerotismo de rua/calçada no Brasil dilate.

Tanto os *Goddess Spaces* quanto os *Holy Spaces* são substanciais para a manutenção da vida, tecendo uma rede real e abstrata simbólica que influencia a experiência humana. Como proposto por Claval (2007) os grupos humanos, ao explorarem o espaço, passam a criar representações a respeito deles, batizando os lugares, transformando-os em um objeto cheio de marcas. Nitidamente, a cultura mistura-se com a religião, produzindo um grande labirinto, interminável e cheio de paredes e caminhos tortuosos.

Esses espaços seguem uma ordem de estratificação, isto é, são criados e disponibilizados de acordo com o público que se deseja alcançar. Grandes partes dos frequentadores de aplicativos de sociabilidade homossexual são: homens que fazem sexo com outros homens, rapazes que se consideram bissexuais ou homossexuais, e os curiosos, que, em grande parte, só desejam ver um “*nude*” e brincar sozinho.

Conforme elucidado por Timothy Snyder (2019) existem regiões no mundo em que a utilização desses aplicativos é proibida, como o caso da Rússia, onde as relações entre homens são severamente penalizadas indo totalmente na contramão da liberdade e das democracias contemporâneas. Os casos de HIV/AIDS no país apresentam escalas alarmantes, tornando-se um desafio para além das questões de gênero e sexualidade. Conforme afirmam Dominique Moran & Jacob Jordan (2007) a Federação Russa tem mais pessoas vivendo com HIV/AIDS do que qualquer outro país da Europa, sendo que a epidemia é particularmente direcionada a cidadãos com menos de trinta anos.

E agora? Será que Anastásia Romanov tornou-se uma mãe, dona de casa e que se envolve involuntariamente em práticas e comportamentos sexuais que desafiam as

moralidades de seu país devido ao ocultamento da "*second life*" de seu parceiro ou estaria Vladimir Putin ultrapassando os espaços simbólicos da casa e vivenciando a rua e os *Goddess Spaces* na noite de Moscou, transformando masculinidade hegemônica dominante em masculinidade subversiva, permitindo que suas fantasias, desejos e vontades sejam realizados por outros atores sociais a partir de Roletas Russas do HIV? Ao que tudo indica, parecem existir lacunas, poros abertos no contexto "democrático-russo", possibilitando que o HIV incida sobre o seu vasto território.

Os espaços digitais inseridos no véu do espaço geográfico (território, lugar, área, zona) transportam e transferem novos significados, símbolos e culturas que passam a incidir no pessoal, nos múltiplos corpos. Assim, o espaço virtual é construtor de encontros e relações que se transferem, em grande parte, para além da tela. Em oposição do que propagam na rede, os aplicativos e outros fóruns de interação para desejos e práticas sexuais direcionadas para e entre os homens não se configuram como um território neutro – pelo contrário, ele é cheio de conflitos e de formalidades – no qual a masculinidade se torna regularizadora, organizando esse espaço virtual em uma espécie de "*script*".

Logo, o poder que caminhou e ainda caminha pelas ruas, neste instante, configura uma nova mobilidade, agora virtual e que se espalha por todos os espaços. À vista disso, a misoginia e a homofobia se perpetuam, violentando cada vez mais os corpos, ignorando a rede urbana e a rede virtual. A teia mundial de computadores tornou-se uma incontável multiplicidade, a qual parece reproduzir as idéias de presa e predador. Uma savana cheia de presas, dispostas a atrair múltiplos predadores, na qual os desejos, fantasias e vontades se tornam prováveis de serem realizadas. Perante isso, corpo e discurso se tornam "*Oásis*" favoráveis para que a perseguição ocorra. Nesse grande campo dos desejos, não há perdedores, apenas ganhadores. Mas, é necessário dizer que existem mortes, seja de formas simbólicas ou materiais.

Os homens que freqüentam esses espaços de desejo – os grupos no Whatsapp, salas de bate papo ou fóruns – nos quais materializam suas vontades transversalmente, pelos corpos marginalizados, em geral, são os mesmos que, ao desligarem a tel@, gritam na rua "viadinho, traveco, putinha", tomando como performance uma masculinidade hegemônica que se manifesta de forma violenta no espaço real. Seja dentro da tela ou no banco de trás de um carro, os papéis de gênero escapolem do nosso controle, construindo um indivíduo (utopicamente) liberto. Sem embargo, verifico, assim, que existe uma intersecção entre desejo-culpa-ódio, produzindo que todo o

desejo reprimido, após o clímax, se transforme em culpa e imediatamente ódio, fomentando diversos episódios de raiva, irá, frustração, aversão repulsa, nojo, fúria, agressividade conforme afirma Caio Jade (2019).

Verificamos que as relações de sociabilidade medidas pela internet (em específico, os aplicativos) constroem, produzem e reforçam prismas de uma enigmática e contraditória masculinidade hegemônica, na qual utopias, para ser considerado um "verdadeiro homem", ganham escopo. É na rede, por meio de estratos como peso, altura, idade, etnia, desempenho, posição sexual e exames de ISTs, que a masculinidade é medida, comparada, quantificada e qualificada.

A respeito dos aplicativos, eles não representam a totalidade da interação entre homens que se relacionam com outros homens. Outros mecanismos inseridos na esfera de interesse, desejo e conectividade homoerótica se entrelaçam, criando cada vez mais uma conectividade. Assim, qualquer rede social proporciona possibilidades de encontros e sexo entre esses indivíduos, como o *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Não obstante, as antigas práticas de “caça aos ovos” ainda vigoram no presente. Estamos falando de espaços que, com o passar do tempo, perderam um pouco sua força, mas que não foram extintas, configurando um novo modelo de *Goddess Spaces* bastante freqüentados por moradores de metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo: no escurinho do cine [mão]!

As saunas, os clubes de sexo são locais altamente favoráveis para que atividades sexuais sejam concretizadas, além de proporcionarem que o desejo e a paquera aflorem como afirma Rotello (1998). É inquestionável que os banheiros (neste caso, o masculino) configuram um espaço onde as trocas simbólicas ocorrem, produzindo e construindo múltiplas masculinidades, conforme aponta Silva (2009a). Os mictórios concedem a idealização (mesmo que imaginária) de práticas culturais e sociais que têm em seu núcleo a vigilância da norma heterossexual e imediatamente o rompimento dessa mesma ordem. Um jogo de ambivalência entra em campo, incitando os múltiplos corpos que utilizam esse espaço às experiências e experimentos sexuais, que podem ocorrer nas cabines ou no espaço transitório do banheiro, sem fixar-se em um lugar delimitado e socialmente marcado.

Transitar pela madrugada em busca da realização dos desejos é visto por muitos homens como uma aventura que mistura riscos e prazeres. A procura pode proporcionar que múltiplas possibilidades sejam alcançadas, inclusive a frustração de não conseguir “nada na madrugada”. A insatisfação e a decepção de retornar para casa faz com que os

desejos e as fantasias sejam reduzidos e reprimidos, concebendo aos atores sociais envolvidos o retorno para seus armários pessoais, abafando ainda mais seus desejos e fantasias. De acordo com Brown (2000) amparado pelas concepções de Aaron Betsky (1997) o armário não é o lugar, o espaço, a zona onde você vive, mas é onde você guarda e armazena todos os seus desejos e fantasias. É onde você esconde e cria mundos para si mesmo, longe do passado e próximo do futuro.

Mencionar o armário em que o indivíduo retoma, acreditando ser seguro, nos remete a mergulhar nas idéias de Sedwick (2007) de que os espaços virtuais podem produzir novos armários, nos quais o anonimato se manifesta. Para muitos atores sociais que se frustraram no espaço real, os desejos passam a ser escondidos no fundo da gaveta, ficando esquecido e, uma vez ou outra, são procurados, mexidos, revirados. Como seguimento, é incontestável que outros armários – abertos, fechados, sujos, velhos, novos, reformados, escorados ou remendado – sejam fornecedores de novos contos, construindo novas histórias ou para aqueles que se escondem, “conto de fadas”. E você leitor (a), no seu armário, o que tem?

A veracidade dos fatos advém do real “monstro”, conhecido de todos como “*bogeyman*”, personagem híbrido (real, virtual, imaginário), que habita em nosso próprio interior, em nossos armários pessoais. Logo, é pelo meio, interior, beirada ou centro que esse armário funciona como uma dimensão corpórea – prendendo, escondendo e confinando as múltiplas sexualidades, desejos, fantasias, performances e corpos. Para muitos homens que vivem no armário, outra forma de vivenciar suas experiências é viajar, deslocar-se pelo espaço geográfico, seja para outra cidade, estado ou país, em busca de se “autodescobrir”, segundo Fabrício Viana (2014) distanciando-se da vida real trágica que foi criada, a vida dupla, a “*Second Life*”.

O problema é que, nesse grande armário, existem rachaduras das quais nos libertamos aos poucos, incapazes de resistirmos aos desejos, vontades. Quanto mais a negação, aceitação repulsa por esses desejos ocorre mais pensamentos a respeito do corpo criamos fazendo nos sentirmos vivos, concebendo uma dinâmica letal, fatal, mas que em nossos sonhos, utopias, imaginário, parece certo. A pluralidade dos corpos que “residem” em aplicativos fornece um tabuleiro cheio de damas e reis cercados de dualidade, na qual se manter em cima do “cavalo” ou ficar “escondido” atrás do “peão” motiva formas de organização, controle e sociabilidade perante os corpos, até porque já foi mencionado, ao longo deste trabalho, que o binarismo hétero\homossexual concebe relações de poder. Assim como o armário, muitos desses jogadores acabam ficando

presos, enclausurados na torre, reprimindo seus desejos, mas viabilizando os sistemas de vigia, controle e dominação, verdadeiros “bispos” da vida real.

De antemão, os aplicativos não passam de um baile de máscaras no qual a multiplicidade, diversidade e pluralidade de sujeitos demonstram os seus corpos como uma metáfora da masculinidade e da representação de ser “homem de verdade”. A partir disso, o shopping da carne emerge, mesmo que não seja produto principal dos aplicativos, mas um verdadeiro regulamentador de corpos, concebendo cenas de valorização à desvalorização de corpos na “net”. Dessa maneira, torna-se relevante mencionar que aquilo ou aquele que não se encaixa aos “padrões utópicos da vida homoerótica” se torna uma peça a ser combatida, descartada, retirada do jogo da vida. A invisibilidade de múltiplos corpos se torna disseminada, apagando identidades, lutas, resistências e desejos. Logo, todo aquele corpo carnal que “foge à regra” é ignorado, jogado para escanteio, sendo bloqueado na rede e no espaço concreto.

Concluindo, mas não finalizando, é inegável que os corpos na rede se tornam desejados e disponíveis de acordo com o *self-service* ali apresentado, seja via “*ifood (a)*” ou “(c) *uber-eats*”, as fantasias, os desejos, e o tesão não param. Todos estão famintos, à procura de empanturrar-se de “carne”, sejam as coxas, as maminhas, o lombo ou os “ovos”. Logo, a dinâmica é só uma: “vem *rapp(idinho)*”!

CAPÍTULO 3- A DISSEMINAÇÃO PROPOSITAL CONSENSUAL DO HIV PELO CLUBE DO CARIMBO: DO CIBERESPAÇO AOS *GODDESS SPACES*

Richard Parker (2002) afirma que as identidades e as fantasias se tornam cada vez mais negociadas diante da possibilidade obtida por meio da sociabilidade homoerótica, transformando-se a cada momento, fazendo com que as marchas para os direitos, para os desejos e encontros logrem mais escopo entre a sociedade. À vista disso, foi através da cidade que esses corpos – subalternos e excluídos - puderam ser vistos como espetáculos, verdadeiras obras de arte espalhadas por toda a urbe, tornando-se objetos de consumo a serem alcançados e conquistados arduamente. Excepcionalmente, pouco importa a direção que a bússola apontasse para o ator social, pois o mais importante era caminhar nos quatro cantos da cidade, encontrando milhares de corpos curiosos e excitados que estivessem em busca de outros corpos excitados, visto que agora a densidade primordial da rua, conforme apontam Cássio Hissa & Maria Nogueira (2013) passa a ser singularmente o corpo.

Os desejos construídos e aflorados na rede são transportados para o espaço real, organizando e distribuindo as áreas e territórios conforme os desejos, segundo Parker (2002). Dessa maneira, conforme afirmam Hissa & Nogueira (2013) a sensibilidade que as ruas apresentam possui como núcleo a resistência, que emerge a partir das formas como as demarcações da cidade são dispostas, inserindo as fronteiras concretas, abstratas, simbólicas, visíveis e invisíveis do corpo, elevando essa materialidade como fronteira, cerca viva, enclave fortificado.

A partir da análise de Parker (2002) podemos verificar que a relação entre erotização, desejo e espaço público urbano no Brasil foi capaz de criar uma tendência homoerótica camuflada (mas não oculta) que permeia o espaço urbano da cidade, distanciando-o de demarcações extremamente limitadas no passado. Em outras palavras, conforme Benhur Pinós Costa (2010) as subversões relacionadas às práticas sexuais em que significados e signos são identificados a partir desses espaços - bares, boates, cinemas, assim como a vida nas ruas, parques e praças que se tornam frequentemente ocupados por esses atores sociais e que passam a ser valorizados e reinventados. Nesse momento, o espaço da cidade passou a ser observado a partir de outros horizontes, distanciando (parcialmente) do controle social e da ordem oriundos de sociedades passadas, apresentando olhos famintos e olhos desejanter que instigam a sedução em

ambientes urbanos. Agora as inúmeras “abelhas rainhas” e seus respectivos “zangões” passam a ser observados com olhos além de patológicos. Liberdade para baterem asas!

Os indivíduos que compõem os principais centros urbanos e as principais cidades que possuem um maior nível hierárquico, conforme salientaram Barcellos *et al.* (1996) podem espontaneamente desfrutar de centenas de parceiros no decorrer do ano, como destaca Rotello (1998). Um cidadão pode facilmente sair em busca de parceiros toda a noite, aos finais de semana e na quarta-feira de futebol, durante anos, em busca de corpos que rejubilem seus desejos e anseios. Como efeito, existem exequibilidades que só os atores sociais de uma “cidade grande” podem alcançar, como por exemplo, a multiplicidade de corpos propensos a práticas sexuais, independente da hora, visto que “a velha rapidinha na hora do almoço” é uma prática cotidiana na urbe.

Uma das singularidades mais marcantes desses espaços urbanos é o anonimato, que permite que distintos atores sociais experimentem e vivenciem o sexo de aspecto diversificado, sem que sua identidade seja revelada ou ameaçada, visto que, nas médias e grandes cidades, o fluxo de cidadãos é renovado, a cada instante, com a chegada ou partida de atores sociais. Em síntese, pouco importa para os moradores das metrópoles se a “Cabeleira do Zezé (será que ele é?)” ou a “Maria Sapatão que durante o dia é Maria e de noite é João”. A veracidade crucial é de que “mamãe, eu quero mamar”.

Entretanto, em equivalência com Michel Shernoff (2006) a era pós-aids está intensamente ligada por uma maior difusão e dinamismo das informações, processo que veio a se tornar mais difuso, devido ao advento da internet e da construção de redes digitais no ciberespaço que permitiu a interação entre os atores sociais e ao compartilhamento de saberes. Enquanto alguns usuários estão usando a internet para procurar informações a respeito do HIV conforme afirma Alfredo Neto (2015) opostos atores sociais têm buscado, especificamente na rede, parceiros sexuais que estejam profundamente interessados em se envolver em práticas e comportamentos sexuais em que a camisinha é desconsiderada de forma intencional.

Segundo Whitfield *et al.*, (2017) com o uso da internet para encontrar parceiros sexuais, percebe-se que as preocupações dos pesquisadores no que concerne à transmissão de HIV e IST's têm aumentado, principalmente a partir do contexto de risco, visto que a rede desempenha um papel substancial na formação de comportamentos sexuais e difunde-se de forma acelerada. O recrutamento de parceiros via ciberespaço ganha destaque, visto que a internet, conforme apontam Brignol & Dourado (2011) tem se tornando um espaço facilitador para encontros de parceiros

sexuais entre HSH. Em similitude com Whitfield et al., (2017), muitos usuários da rede estão em busca de parceiros online, e uma grande proporção desses indivíduos têm demonstrado se envolver em práticas e comportamentos de risco nas interações no espaço real, conforme expõem Sheana Bull & Mary Rietmeijer (2002).

Nessa perspectiva Bonfante (2019) salienta que a internet tem promovido a circulação de sintaxes do desejo muito específicas, criando um maior entrosamento entre os atores sociais que desejam e estimulam de certa maneira a práticas desejantes. Conforme Luís Augusto Silva (2009) a prática de *Barebacking* – tratado aqui como sexo anal consensual sem camisinha - tem sido fundamental para compreender, no contexto atual, a respeito da epidemia do HIV/AIDS, visto que a prática passou a ser vista como um comportamento de risco, ao fragmentar-se em três conceitos de praticantes desse fenômeno: (a) *Bug Chaser* – ator social que busca se infectar de qualquer forma com o vírus; (b) *Gift* - pessoa que um dia já teve comportamento *Bug* ou *Gift Giving* e que recorreu aos tratamentos e (c) *Gift Giving* – ator social que transmite, de forma proposital, o HIV, seja de forma consensual ou não, segundo Felberg (2005).

Visando corroborar com o trabalho, investigamos como objetivo geral deste capítulo: identificar os grupos no ciberespaço que possuem como ato difundir o HIV de forma proposital consensual entre os HSH no espaço concreto. Além disso, contemplou-se: (a) catalogar quais e quantos são os grupos na rede; (b) mapear os grupos a partir da Discagem Direta à Distância (DDD) e (c) compreender por meio da repetição de expressões e a proporção os discursos que potencializam esse fenômeno por meio da análise de conteúdo e repetição desses termos.

A busca pelo prazer sem limite durante a prática de *Barebacking* envolve prazeres que a masturbação não é capaz de contemplar, visto que outras práticas advêm entre quatro paredes e com a dinâmica do *Bare*. À vista disso, tal como a prática de *Sexo Pig*, exposta por Victor Hugo Barreto (2019, p.130) essa esfera adquire um universo hiperclassificatório em torno de suas praxes como: “mijo, merda, *bukkak* (banho de esperma), suor, sebo, cuspe, chulé” entre outros. O contato da pele com pele faz com que o corpo “vibre”, um verdadeiro terremoto de magnitude “34+35” quando o toque, a boca, a ponta dos dedos e conseqüentemente, os fluídos corporais entram em cena. No decorrer do ato sexual, o contato do esperma com o ânus torna-se um apogeu a ser alcançado, visto que o fenômeno do *bare*, conforme aponta Silva (2009) adquire um simbolismo em torno da masculinidade, transformando a gozada em um valor estético de “ser macho”.

Vale ressaltar, conforme Silva (2009) que a excitação, aventura, emoção vividas por meio das práticas e comportamentos de risco adquirem novos contornos ao ultrapassarem o sexo “meramente sem camisinha” e adentrarem em um longo labirinto com múltiplas possibilidades de contrair alguma Infecção Sexualmente Transmissível. Ao longo desse caminho, a maior intimidade, o incômodo diante do látex, o contato direto com fluídos corporais se torna referência importante que se desloca dentro do núcleo *Barebacking* e por quem pratica. Logo, cabe mencionar que na sociedade vigente, quem gosta de “foder” sem preservativo sabe dos riscos e conseqüências e as assume “sem neurose”. Em tempos de PrEP e PEP, “só contraí quem realmente deseja”¹⁹, principalmente ao abandonar as medidas de profilaxia “remotas” (camisinha) e atual (Profilaxias pré-pós expositiva). Quem adentra na prática de bare conforme aponta Vladimir Bezerra & Vera Silva (2019) sabe o caminho que está traçando e quais curvas ele poderá derrapar.

O denominado “Clube do Carimbo” foi apresentado nacionalmente no ano de 2015, através de matérias de programas televisivos, como o (1) Fantástico, na rede Globo (Veja como age o “Clube do Carimbo”, 2015²⁰); (2) Balanço Geral, da rede Record (Jovens com HIV contaminam de propósito parceiros em “Festas do Carimbo”, 2016²¹) e (3) Brasil Urgente, na Rede Bandeirante (Band) (RJ: Homem com HIV infectava vítimas de propósito, 2019²²). O fenômeno ganhou uma repercussão ao denunciar a prática (criminosa) principal do grupo: a transmissão do HIV através de HSH que se dizem ser soropositivos e que renunciam aos tratamentos antirretrovirais (ARV’s).

As reportagens evidenciavam um determinado grupo de homens que, de acordo com Romário Nelvo (2017), intitulou-se de “Clube do Carimbo” tinha como intuito a busca e propagação do vírus do HIV de forma intencional, sem que o parceiro (a) tenha esclarecimentos e conhecimento de sua sorologia. As coberturas jornalísticas tinham

¹⁹ Essa fala foi proferida por um internauta interlocutor em um dos grupos analisados. Na visão dele, infectar-se pelo HIV em 2022 é diferente do começo dos anos 1980, dado o exposto que as medidas de profilaxia estão disponíveis de forma gratuita no sistema de saúde.

²⁰ Durante quase dois meses, o Fantástico investigou um tipo de crime assustador. Pessoas com HIV positivo passam AIDS de propósito para outro parceiro. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4037058/>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

²¹ Grupos de jovens marcam encontros pela internet, esses encontros são chamados de "Festa do Carimbo", o objetivo dela é transmitir o vírus do HIV para outros integrantes. Confira a reportagem completa! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Og3BpC7JcsU>>. Acesso em: 17 fev. 2022.

²² O homem é suspeito de infectar cerca de 50 mulheres após marcar encontros pela internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_541aZB5GR0>. Acesso em: 17 fev. 2022.

como base o propósito: apresentar o fenômeno de disseminação do vírus no espaço concreto, a partir da ótica do “Clube do Carimbo”, demonstrando os comportamentos e práticas sexuais adotadas por esses indivíduos.

Então quer dizer que todo cidadão que convive com o HIV transmite o vírus de forma proposital? Não. Negativo. Isso seria (re) produzir a linha de pensamento que emergiu nos anos 1980 a respeito do vírus e que, durante muito tempo, foi difundida, violentando, segregando e impedindo que determinados corpos e indivíduos vivessem a vida. Nesse sentido, é importante ressaltar que estamos em um contexto extremamente diferente dos primórdios da epidemia, e que a sociedade brasileira passou por inúmeras reestruturações políticas, econômicas, sexuais e sociais, e que esse tipo de concepção não deve ser mais (re) produzida.

Entretanto é importante ressaltar de que ato que é categorizado como criminoso advém de uma parte de HSH que se intitulam soropositivos detectáveis com carga viral alta e que transmitem o HIV de forma intencional sem que o parceiro saiba. Mas, apesar dessa linha complexa, existem aqueles atores sociais que estão dispostos a receber o vírus de forma intencional, transformando o contexto criminal em algo consentido, em um ato consensual.

Segundo Gleiton Bofante (2019) a formação de comunidades digitais em distintas mídias contemporâneas potencializa a criação de redes de interação e solidariedade entre os membros, conforme evidencia o aplicativo de mensagens Whatsapp. Dentro desses grupos, é estimulada a articulação entre desejo, ator social e verdade, que se manifesta através da confissão pública ou privada a respeito da excitação e das práticas e comportamentos sexuais.

Muitos desses atores comportam-se com naturalidade²³ diante do que está sendo exposto. Além da troca de mensagens de textos, as imagens e os vídeos relacionada às práticas que circulam entre inúmeros usuários ganham novas definições, contornos e admiradores. No que diz respeito à prática de carimbada, como observado nas reportagens e *in lócus*, percebe-se que a criação de um grupo, isto é, o “Clube do Carimbo” é um fato verídico, desenvolvido para reunir, difundir e incentivar essa

²³ Durante a pesquisa alguns comportamentos conhecidos como Gore (um subgênero cinematográfico dos filmes de horror, que é caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais) ganharam espaço nos grupos. Os administradores removiam os conteúdos e os respectivos autores do grupo após reivindicações dos participantes. Vídeos com pedofilia eram excluídos e o usuário que mandou era banido. Alguns de zoofilia ganhavam admiradores e outros usuários manifestavam repúdio.

prática transgressora, de acordo com Sergio Martinez & Gabrielle Oliveira (2016) e que, até determinado ponto, se torna lesiva e criminal.

Utilizando como substância o método de análise de conteúdo, mencionado por Laurence Bardin (1977) e com a presença\enfoque da observação participante exposto por Becker (1992) busco compreender e analisar por meio das repetições de palavras os discursos proferidos pelos atores sociais nos grupos do Whatsapp – nosso espaço de análise e coleta de dados. Ao adentrar nos grupos de forma anônima, utilizando outro número de celular e preservando a minha própria imagem, os (poucos) relatos transpostos a esta dissertação serão adequados ao trabalho evitando qualquer identificação.

A análise de conteúdo temático por agrupamento semântico se fundamentou em dois períodos distintos. O primeiro foi realizado de janeiro de 2020 a março de 2020. Todavia, as medidas sanitárias de distanciamento sociais colocadas a partir da pandemia da coronavírus (COVID-19), fizeram com que vários *Goddess Spaces* fechassem as portas por tempo indeterminado, ocasionando, assim, a redução de atores sociais no espaço concreto. O outro período compreendeu-se entre janeiro e março de 2022, no qual temos retomado “a vida real em sociedade” a partir da flexibilização que foi acarretada pela diminuição do número de casos e principalmente pelos avanços sanitários, com a chegada de vacinas na sociedade. Assim, muitos atores sociais que estavam “enclausurados” em casa, puderam retornar a sua vida “antiga e normal”, e sucessivamente as práticas e comportamentos sexuais que por um tempo (mesmo que isso não tenha ocorrido) foram interrompidos por outro vírus.

Diante disso, para a coleta de dados desta pesquisa, adotou-se o seguinte procedimento: (I) utilização do pseudônimo intitulado como “Internautas Interlocutores” para se referir aos atores sociais envolvidos neste trabalho, preservando as suas respectivas identidades. Em conseqüência, para os grupos catalogados, bem como os possíveis criadores do grupo, utilizaremos também códigos. Logo, temos então: (a) para os grupos catalogados, utilizaremos as siglas de cada grupo, evidenciando a descrição presente no próprio grupo tal como a quantidade de participantes de cada grupo e (b) ao criar um mapa interativo de onde estão localizados os fundadores dos grupos, utilizando a Discagem Direta à Distância (DDD) de cada número, do criador e dos administradores do grupo, visando atender a magnitude de determinadas práticas e comportamentos do território brasileiro. Para essa etapa, evidenciaremos o estado brasileiro dos criadores dos grupos como espacialidade.

Por fim, tal comportamento de transmitir conscientemente, consensualmente e propositalmente o HIV torna-se um comportamento perverso e transgressor por aqueles atores sociais que difundem esse fenômeno no espaço concreto apenas quando não ocorre o consentimento dos demais atores sociais envolvidos. Contudo, gostaríamos de evidenciar que esse contexto adquire duas posicionalidades, na qual: (I) advém da criminalização da transmissão intencional do HIV, conforme mencionamos anteriormente neste capítulo e na introdução, e a (II) ocorre a partir do fenômeno de "oferta e procura" consentida, na qual não ocorre de fato, um crime, visto que existe um acordo mútuo entre os indivíduos dessa prática. Assim, observamos dois tipos de comportamento: o consentido (sem criminalização) e o não consentido (ato criminoso).

Dessa forma, a internet, conforme apontamos anteriormente tornou-se um espaço na qual essa prática pode ser encontrada, difundindo táticas, maneiras, formas de concretizar esse ato no espaço real. Assim, a partir de grupos na rede, inseridos em um aplicativo de mensagens instantâneas, dicas e trocas de experiências são compartilhadas, concebendo que essa prática ganhe mais adeptos e maneiras de se materializar no espaço concreto.

3.1 – O CIBERESPAÇO E O *GODDESS SPACE*: O GOZO COMO PONTO DE ENCONTROS

A grande e média cidade capitalista se torna um lugar beneficiado para que múltiplos processos sociais ocorram, dentre eles a reprodução social e a troca de experiências. Esses processos são produtores de funções e formas espaciais, isto é, constroem e concebem atividades e materializações nas quais a distribuição espacial passa a ser produto espacial urbano, conforme a reflexão de Roberto Lobato Corrêa (1989). Segundo James Green (2000) a urbanização e industrialização proporcionaram aos indivíduos impactos, principalmente no que diz respeito às trocas simbólicas, impulsionadas pela migração interna no país, desde os primórdios dos anos 1970.

Na mesma intensidade, o espaço urbano passou a assistir o adensamento populacional que se deu a partir da chegada de milhões de pessoas, principalmente devido à inserção de mulheres no mercado de trabalho. Com o cenário urbano em rápida mudança, diversos atores sociais passaram a compor o chão da fábrica, dos supermercados, farmácias, hospitais e outros ambientes, produzindo verdadeiros formigueiros humanos simbólicos. Dessa forma, o processo de urbanização brasileira foi capaz de intensificar as experiências, potencializando a mão de obra existente em mercantilização sexual, em trocas sexuais entre os corpos.

Segundo Parker (2002) surge uma ponte entre o mundo impessoal da rua e o mundo pessoal da casa. Em similitude com Ana Fani Alessandri Carlos (2014) a rua e a casa são duas perspectivas que se encontram sobre a mesma escala: o corpo. Mateus Pedroso & Raul Guimarães (2017) afirmam de que toda a alteração que ocorre na vida do ator social, apesar de suas distintas trajetórias, ocasiona mudanças significativas e que impactam a sua posicionalidade espacial, isto é, as formas de manifestação corpórea no espaço. Ainda nas mesmas colocações, os autores ressaltam que a constituição do corpo, enquanto espaço, estabelece uma profunda conexão com o ator social, principalmente no que diz respeito à insurgência de doenças e infecções, dado o exposto de que estas se transformam em dinâmicas que alteram o modo de vida dos indivíduos e da sua forma de vivenciar e experienciar o espaço ao seu entorno.

De acordo com as concepções de Pedroso & Guimarães (2017) ao compreender o corpo como um espaço que aglutina interações que se imbricam com outros fenômenos e conseqüentemente gera novas dinâmicas e trocas simbólicas, o corpo de um ator social soropositivo transforma o HIV em uma “marca”, um limite e divisória da relação com a cidade e os espaços. Dessa maneira, essa ruptura em corpos passa então a (re) organizar toda a vida dessas pessoas. Posto isto, ao interpretar as transformações físicas, emocionais e principalmente espaciais desses sujeitos, verificamos de que a rua se torna elemento estruturador do espaço urbano, núcleo de encontros, trocas, uso e ocupação. É um espaço dialético que proporciona, a partir de sua ambigüidade, aprendizados, pois, ao mesmo tempo em que está o excitante, está o perigoso.

Conforme pontuado por Almir Nabozny (2009) é na rua que a possibilidade de signos, códigos e comunicações ocorrem, tornando-se uma galáxia repleta de estrelas, corpos celestes dispostos a observar inúmeros eventos e relações. Ao viver e experienciar o espaço urbano, as fronteiras estabelecidas concretamente e de forma abstrata a respeito do espaço de forma moral, cultural, social fazem com que as distintas relações entre milhares de atores sociais tornem-se uma espécie de gatilho, no qual armaduras e armas emergem ao serem confrontadas pelas práticas insurgentes do grande tecido urbano.

O que interessa de fato aqui é a compreensão de que o espaço não se restringe apenas a uma mera definição de distâncias ou escalas cartográficas, mas sim, a uma área urbana que concebe por meio de seus lugares com que a cartografia sexual se edifique, gerando mapeamentos culturais, sociais e sexuais. Ela abarca toda a particularidade real e virtual entre as pessoas, em conjuntos contínuos, pontos e escalas, nos quais a

intensidade das relações é vivida. Não se trata de definir uma relação apenas de cunho econômico, mas circunscrever a totalidade das relações sociais, políticas, culturais, conforme afirma Milton Santos (2006).

Os indivíduos que vivem em cidades com uma determinada (de) limitação populacional podem dispor de múltiplos parceiros, mas não chega a ser a mesma magnitude que em cidades médias ou grandes. Esse fato deve-se às barreiras encontradas em cidades menores, devido à falta de espaços de sociabilidade e interação homoerótica e atrativos para a vida social. Além disso, o anonimato se torna um empecilho maior, pois, em uma cidade menor, o cruzamento de corpos a todo instante é mais efetivo. Assim, grande parte desses atores sociais recorre às interações on-line por meio de ambientes virtuais, adquirindo seus contatos iniciais por meio de uma comunicação mediada por tel@, que por meio dos aplicativos, pode aumentar seu nível de interação através do raio (Km) que o aplicativo dispõe.

As estratégias tradicionais para encontrar parceiros sexuais por meio de *Goddess Spaces* foram profundamente ampliadas, com o caminhar dos anos, pela prática de encontrar e recrutar parceiros sexuais no espaço virtual. Esse meio, além de possibilitar um contato sexual, permite que a interação cara a cara, logo de início, conforme Bull & McFarlane (2000) ocorra de forma facultativa. Em conformidade com Parker (2002) verifica-se que qualquer espaço público parece tornar-se um *locus* para que a interação homoerótica aconteça. A linguagem do corpo ultrapassa qualquer linha, divisa, marcação e manifestação através de gestos, olhares, sorrisos, levantamento de sobrancelha ou inclinação da cabeça. Assim, os *Goddess Spaces* ganham um novo ângulo, tornando-se um prisma infinito para a construção e concretização de relações, subjetividades e desejos.

Richard Miskolci (2015) aponta que as novas formas comunicacionais advindas com o mundo virtual não só criaram um novo recorte para os desejos preexistentes, mas passaram a modificar esses próprios desejos, visto que o universo on-line se tornou um verdadeiro mercado amoroso e sexual. Conforme denota Luís Augusto Silva (2009) a internet facilmente amplificou as práticas sexuais existentes, visto que no espaço concreto da casa, sob a forte influência da religião e machismo, ainda existem temas e falas que são considerados tabus, principalmente aqueles contextos que conectam o corpo, gênero, sexualidade, conforme evidenciamos ao longo do trabalho. Logo, o ciberespaço transformou-se em uma porta com múltiplas funcionalidades e interesses

entre os mais distintos atores sociais, concebendo, assim, transformações substanciais no que diz respeito à tecnologia, à cultura, à vida pessoal e coletiva desses usuários.

A internet tornou-se um epicentro supremo da informação, visto que sua evolução permitiu que o crescimento de salas de bate-papo na rede e anúncios pessoais ganhasse um maior escopo. Isso permitiu a facilidade e anonimato em conectar HSH, dado o exposto de que, em uma sociedade homo-negativa esse contexto poderia ter sido impedido, impossibilitando de encontrar novas formas para existir interações entre HSH, conforme Grov (2004). A internet agora desempenha um papel parecido com a funcionalidade dos espaços concretos de sociabilidade homoerótica, potencializando e aumentando o número de encontros sexuais anônimos entre HSH, segundo Daniel Haney (2003).

De acordo com Brignol & Dourado (2011), os HSH recrutam parceiros sexuais na internet, indicando que a rede proporciona uma maior facilidade para o encontro de parceiros sexuais e para o sexo desprotegido, principalmente para a prática de *barebacking*. Segundo Whitfield et al., (2017), com o aumento da popularidade da internet e seu uso como um mecanismo para encontrar relacionamentos e parceiros sexuais, não é surpreendente que muitos HSH usem a internet em várias formas de encontrar potenciais parceiros sexuais casuais ou adentrar em relações românticas.

Para Davey Smith et al., (2006) a internet tem proporcionado recentes aumentos na incidência do HIV, levando uma preocupação a respeito da rede, que se tornou um espaço catalisador para que a prática de transmissão intencional do HIV aconteça. Em alguns casos, fatores como o deslocamento pelo território se tornam um mecanismo viável, afinal, a interação on-line proporciona que a descoberta e difusão de redes sociais (interação entre corpos) sejam alcançadas, conforme aponta Silva (2009) dado o exposto de que, através da potencialidade transgressiva da internet, a expansão e consequentemente explosão de discursos que caminham na contramão da saúde e medidas de profilaxia emergem, vinculadas a temáticas como a prática de *Barebacking*, que aparece atrelada a uma dimensão mais artificial do seu conceito propriamente dito.

Se, no passado, a invisibilidade dos desejos e vontades vinha a partir dos vieses que utilizavam como base a culpa, arrependimento e pecado, na sociedade vigente, os prazeres são acionados e transpõem todas as normas estabelecidas, criando uma profunda relação, mediada pelas redes de interação on-line entre os atores sociais presentes, concebendo, assim, uma espécie de confessorário, produzindo um intenso elo entre confessando e confidente, conforme Bonfante (2019).

Além disso, o ciberespaço permite que inúmeras práticas sexuais sejam encontradas na rede, principalmente aquelas que desafiam as normas da sociedade, como a zoofilia, pedofilia e necrofilia, que se categorizam como parafilia²⁴, isto é, preferências e práticas sexuais que caminham contra os comportamentos e práticas sexuais “normatizadas” pela sociedade e que passam a serem considerados, de acordo com a sociedade analisada, transtornos mentais, conforme aponta o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM – V- (2014).

Conforme Grov (2004) ao que tudo indica grande parte dos homens que buscam contrair o HIV tornam-se “escravos da morte”, visto que buscam, a todo custo, se infectar, ultrapassando barreiras físicas e simbólicas estabelecidas diante das esferas de saúde e da penalidade. O que tem sido observado é que, para uma grande parte dos HSH que procuram se infectar com o vírus, uma simbologia nos parceiros que lhe concedem esse ato é notável, tornando os sujeitos envolvidos nesse fenômeno verdadeiros senhores e servos. Ao que tudo indica, parecem chegar a um utópico estado de “eu sou foda, invencível, um super-herói”. Entretanto, muitos destes esquecem que os verdadeiros heróis usam “capa” ou “tenofovir + entricitabina”.

Entretanto, para essa subcultura, essa mesma “capa” deve ser combatida a todo custo, seja por meio do *Barebacking* que passou a ganhar um olhar mais crítico e apurado dos fiscais da saúde, através do *Generationing*, na qual os parceiros tentam a todo custo a transmissão ou pela prática do *Stealthing*, em que a camisinha é removida ou adulterada propositalmente sem o consentimento do parceiro (a). Ao realizar essa vontade, esses senhores tornam-se dispostos a transmitir, para qualquer ator social, independente das conseqüências, visto que grande parte destes emplaca em jornadas intermináveis para contrair o vírus, deslocando-se pelo território ou comercializando infecções sexualmente transmissíveis.

Romário Lourenço (2015) em seu livro intitulado “*Bug Chaser*” descreve minuciosamente a sua busca incansável pelo HIV. Após inúmeras tentativas (falhas) de tornar-se HIV positivo, o desejo do autor foi concretizado após realizar uma transfusão de sangue por meio de seringas em um apartamento, intermediado por um rapaz que ele havia conhecido em um *Goddess Spaces*. Dessa maneira, segundo Silva (2009) o uso da internet tem se tornado um espaço que propicia encontros sexuais e amorosos, mas

²⁴ Conforme Yan Lopes (2017, p.2), a parafilia “estabelece uma linha de possibilidades a partir do espectro do desejo sexual, onde a obtenção de prazer se dá ao lado do convencional ou ao que é estabelecido como “anormal” em cada contexto sociocultural”.

ressalta-se que esse fenômeno não se restringe apenas ao mundo on-line, visto que as pessoas, mesmo com a difusão da rede e com os avanços do universo virtual, ainda continuam freqüentando *Goddess Spaces* e outros espaços de sociabilidade homoerótica, para encontros de parceiros em potencial para práticas e comportamentos de sexo desprotegido e de alto risco.

Por fim, Miskolci & Pelúcio (2017) expõem que os signos e significados que fazem parte do mundo virtual e on-line são capazes de conceber críticas a respeito dos limites morais, sexuais e de gênero a partir de várias épocas. Logo, esse emaranhado na rede tem obtido, a partir dos discursos culturais por meio da rede, que transformações a respeito de corpos e práticas sexuais moralizadas sejam desconstruídas, principalmente a partir de atores sociais que historicamente tiveram seus corpos vigiados e regulados. Assim, a internet (re) produz e (re) constrói diariamente espaços de diálogos, desejos, anseios e fetiches que, no mundo real concreto, isto é, atrás das telas, são vistos pela sociedade moralista como segmentos subalternizados a serem combatidos e ocultados.

3.2 - FETICHE PELO HIV: A INDÚSTRIA PORNÔ (EN) CENA

De acordo com Luís Augusto Silva (2009) foi a partir dos anos 1990 que o termo *Barebacking* ganhou popularidade ao redor do mundo por meio da indústria pornográfica e da mídia que passaram a difundir esse tipo de prática em filmes e cenas de sexo explícito, direcionados aos filmes com temáticas que envolvessem o público homossexual. Ao declarar de forma transparente esse “segredo”, observa-se assim que o *bareback* passa a se enquadrar em um ato transgressor, visto que, nas convenções sociais aceitas, os conteúdos homoeróticos deveriam seguir um parâmetro inserido na óptica de "homossexualidade normativa", que carrega em si símbolos, significados e signos de um passado extremamente condenatório, visto que o sexo entre dois homens ainda é uma esfera intocável, apontado diversas vezes ao longo de sua história como uma anormalidade, uma doença, pecado ou desvio segundo Osmundo Pinho (2012).

A mídia, que no passado utilizou como base o uso da religião para condenar e criminalizar os homossexuais por meio de seus discursos constituídos em idéias de pecado e moral, de acordo com George Lima & Marta Queiroz (2017) agora utiliza esses atos que até então são categorizados como transgressores a seu favor. Assim, a mercantilização de corpos marginalizados se torna valor e objeto de troca, transformando a transgressão representada pelos HSH em uma cena, detalhada, cheia de vida, cores que despertam o desejo, fantasia, cheiro e vontade. Logo, a indústria pornográfica, por meio da mídia, e conseqüentemente por meio da difusão da internet,

transformam esses atores sociais em espetáculos, reformando as concepções da hipermasculinidade hegemônica, conforme Connell & Messerschmidt (2013). Além disso, esses conteúdos deslocam o espaço abstrato da mente do ator social, transformando esse ato em algo a ser consumido\ vendido e alcançado, reforçando, assim, a utópica idéia de verdade e transgressão, conforme analisa Osmunho Pinho (2012).

Outro lado da mídia pornográfica tem ganhado destaque na sociedade, ao evidenciar o envolvimento de atores soronegativos que, a partir das filmagens, descobrem ser soropositivos. Recentemente, conforme aponta o jornalista Ricardo Feltrin (2022) na coluna de cinema do jornal Folha de São Paulo, os casos de atores sociais HIV positivos interromperam a indústria pornô do país, que se mostra "avessa à camisinha". Segundo o autor, duas atrizes infectadas haviam participado de cenas de sexo grupal com trocas de parceiros no ano de 2021, sendo possível conferir que, no vídeo, nenhum dos atores envolvidos estava usando preservativo.

Ao evidenciar esse episódio no ramo pornográfico, percebem-se as falhas presentes nos estúdios que, além de adotarem práticas e comportamentos que são considerados de risco, não aderem à combinação de medidas preventivas, seja pelo tratamento, pelas profilaxias ou pela testagem rápida, isto é, “prevenção combinada”, que se torna um mecanismo eficaz no combate e erradicação do HIV, conforme salientam Martinez & Oliveira (2016).

Outro “gozo” que merece destaque a respeito da indústria erótica advém do filme polêmico lançado pela produtora norte-americana *Treasure Island*, no ano de 2014. O filme intitulado *Viral Loads* – em português “Cargas Virais” – expõe abertamente a fetichização pelo HIV, em uma cena de gang-bang (sexo grupal) com mais de vinte atores envolvidos. Segundo o enredo do filme:

"O sexo masculino é um vírus que usa os homens como seu hospedeiro. Alguns tentam resistir. Outros abraçam como fonte de vida e significado. Vivemos para criar o vírus sexual e passá-lo para todos os outros caras anônimos e aleatórios que encontramos e fodemos. É como nos reproduzimos, cara. Nós disseminamos cargas virais todas as vezes. Nossa porra não é para fazer bebê. Nosso sexo se espalha como fogo, esguichando do pau de um homem, atirando profundamente dentro de outro e assim sucessivamente. Participe amigo. Você nunca vai olhar para trás" (*Treasure Island*, 2014, tradução do autor).

Conforme afirma Edgard Felberg (2015) muito antes de o termo *Barebacking* explodir na mídia e ser associado a práticas e comportamentos sexuais entre HSH, o sexo sem preservativo já existia na sociedade, conhecido popularmente, conforme

apontam Fengyi Jin et al., (2009) como *Unprotected Anal Intercourse* - UAI (sexo anal desprotegido), utilizado para referir-se a relações anais desprotegidas entre bissexuais, gays e heterossexuais. Contudo, ao ganhar notoriedade na mídia, a prática tem sido associada às altas taxas de HIV, apresentando riscos e perigos para quem adota esse comportamento sexual, dado o exposto de que a sua ambigüidade, conforme salienta Silva (2009) tem sido empregada de uma forma substancial para designar qualquer sexo anal desprotegido, de forma ocasional ou intencional.

Nessa direção, existe a dimensão erótica existente na relação que transforma os fluidos corporais – em especial o sêmen – em algo precioso, transformando, assim, as relações sem camisinha em escolhas a serem decididas e compartilhadas entre os sujeitos. Existe, dessa forma, um tipo de reflexão, decisão ou intenção (racional), ao abandonar o preservativo. Não podemos omitir que muitas decisões são tomadas à flor da pele, no calor do momento e no esfrega-esfrega de corpos. Assim, muitos atores sociais postergam a camisinha, visto que, ao interromper as interações sexuais, o “clímax” da relação é quebrado, resfria e enfraquece o ato, já que, para muitos HSH, conforme enfatizam Luís Augusto Silva & Jorge Iriart (2010, p. 747) “o esperma era o ‘clímax’: uma sensação prazerosa que eu comparo com o orgasmo. Dessa forma, se usasse a camisinha, não ia sentir “o gozo dentro dele”. À vista disso, o contato direto com o sêmen significa excitação extrema, um jogo erótico de prazer e desejo que concebe ao sujeito analisar e identificar suas escolhas e decisões, conforme aponta Silva (2009) visto que concebe ao sujeito um tesão inimaginável, com liberdade e felicidade ao transar sem camisinha.

Dessa maneira, percebe-se que o sêmen não está ligado apenas à procriação enquadrada em uma lógica binária de pênis e vagina, que são as únicas vias de prazer. O prazer sexual obtido na prática de *Barebacking* está relacionado ao contato com outras partes do corpo, da "*Cunexão*" pênis-ânus, pênis-boca e boca-ânus e, conseqüentemente, do esperma, o apogeu mais rico a ser conquistado nesse intenso e opulento “game” de prazer. Para os atores sociais que se envolvem em práticas de *Bare*, o sêmen é um troféu a ser obtido, empurrado para dentro e tirado para fora que se transforma em algo inestimável, caro, rico, farto, espesso, cheio de contornos, variáveis. É algo a ser conquistado a todo custo, principalmente quando esse esperma adquire o significado de “vitamina”, isto é, esperma que contém o HIV, conforme descreve Lourenço (2015) ao “caçar” sêmens infectados em camisinhas, prática na qual categorizo de “*HIV in Capa*”

em *Goddess Spaces* como festas de orgia, saunas, cinemas, banheiros públicos, entre outros espaços.

Anatomicamente o ânus é um mecanismo delicado de pequenos músculos e vasos e seu potencial de danos é grande, dado o exposto de que a única camada que separa as células do tecido vascular é o sangue. Logo, do ponto inicial da penetração até o ato de ejaculação, o reto se transforma em uma porta mais susceptível a infecções do que a vagina, que possui uma rede de músculos e uma lubrificação própria que ajuda nos movimentos de fricção. Entretanto, apesar das diferenças anatômicas, a transmissão de infecções sexualmente transmissíveis em uma vagina tem a mesma importância e magnitude do que em um ânus, tornando-se necessária a conscientização de exames frequentes e de medidas de prevenção. Por mais que o ânus se apresente mais “exposto” devido à sua anatomia, a vagina também possui suas particularidades no que diz respeito às infecções, tornando-se “exposta” às infecções sexualmente transmissíveis como Clamídia, Gonorréia, Sífilis, Tricomoniase como afirma Catherine Lowndes (1999).

A rosa do vento presente no corpo aponta para diversos horizontes. Em pé, o ânus aponta para o hemisfério Sul. Deitado, ele pode atingir posicionalidades do Leste ou Oeste. O corpo quando está de cabeça para baixo, em prática de “69” torna-se o Norte. É pelo ânus que as fronteiras são borradas, ultrapassadas e desafiam os sistemas binários penetrador\penetrado, público\privado, dominador\subjugado, forte\vulnerável, aberto\fechado, ativo\passivo e perspectivas de masculinidade hegemônicas dominantes que localizam os papéis de gênero socialmente, conforme clarificam Vicente Filho & Gabriela Freitas (2020).

Além disso, o ânus se transforma em um demarcador, uma escala nítida da masculinidade hegemônica²⁵, visto que o "homem" que sente prazer e se deixa ser penetrado, faz do cu um espaço de entrada, não é considerado um “homem de verdade”, visto que essa parte do corpo se transforma a partir dos discursos em um escudo, um

²⁵ Conforme evidencia o Instituto Nacional de Câncer (INCA) do Ministério da Saúde, em 2020, o câncer de próstata, com o câncer de cólon e reto juntos, somatizaram mais de 85.000 novos casos no Brasil, representando mais de 38% dos casos de câncer em homens no Brasil. Esse dado expõe um toque violento e profundo na masculinidade, visto que muitos homens que deixam de fazer os exames ainda se mostram resistentes, pois acreditam que o exame pode influenciar na construção de suas masculinidades. Além disso, uma crítica pessoal é a faixa etária em que os exames de próstata começam a ser realizados, direcionado a homens com mais de 40 anos de idade. Por mais que existam os "fatores de risco", a saúde do homem ainda é algo que precisa ser discutida, deixando de lado a concepção de "forte, saudável, aguenta tudo". Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

espaço supremo da masculinidade e deve manter intacto e íntegro até o fim da vida, conforme afirmam Javier Sáez & Sejo Carrascosa (2016). A negação anal faz parte de uma masculinidade hegemônica dominante, visto que “ser homem” é ocupar uma posição de sujeito ereto, transformando o ânus em um lugar a ser esquecido, sem privilégios, espaço de vergonha, um espaço abjeto, conforme expõe Rick Rocha (2021).

Ao “abrir o cu” às funcionalidades comuns construídas em torno de determinadas partes humanas do corpo são subvertidas, concebendo a esse corpo “conexões, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens, distribuições de intensidade, territórios e desterritorialização”, enaltece Nogueira (2020, p. 190). Ao excluir determinadas áreas do corpo, o autor evidencia que a privatização anal realiza contornos sexo-político do corpo, transformando a diferença sexual e compreendendo o sexo anal com gênero, masculinidade homossexual e questões sociais. Dessa maneira, a lógica heterocentrada é questionada através das práticas e excitações que envolvem o ânus, principalmente aquelas que utilizam outras partes do corpo como boca, dedos, língua, desafiando o regime binário que considera a relação pênis (homem) e vagina (mulher) como um modelo “natural”, higiênico, moral e harmonioso.

3.2.1 – “BUG CHASING”, “GIFT” & “GIFT GIVING”: IDENTIDADES EM EVIDÊNCIAS

Conforme afirma Marcelo Lopes de Souza (2021) o conceito de território vem sendo revisto através dos tempos. O termo tem sido empregado de forma abrangente, concebendo múltiplas interpretações, dentre elas, a corriqueira, que o define como uma “vasta extensão de terra do Globo Terrestre” ou a “área de um país, estado ou cidade”. Ao transpor essa análise para as multifaces da Geografia, essas investigações ultrapassam esses demarcadores fixos que observam o território apenas como uma “Porção de Terra”. Quando falamos em território, o conceito nos remete as concepções de limite, fronteiras, domínio, pertencimento, resistência, luta.

Não obstante, outro fator substancial dessa concepção advém de um mecanismo que cerca e determina a vida em sociedade: o poder. Logo, a partir dessa perspectiva, nos apoiamos então na concepção de território a partir das relações de poder. Nesse território, há domínio e poder, estabelecidos por discursos privilegiados, repletos de normas e regras formais ou informais que determinam como os atores sociais que compõem a sociedade devem conduzir-se, pensar, andar, comportar, comer, viver suas experiências conforme a sexualidade, gênero e comportamentos/práticas sexuais. Não muito distante dessa interpretação, o corpo também tem sido centro de questionamentos,

ao ser investigado como território, visto que ele possui construções que o dominam, cercado de regras, narrativas regulatórias que determinam um modelo e princípio a ser seguido.

O corpo é hierarquizado a partir de uma heterossexualização dominante, fazendo com que os corpos, que são marcados pelo gênero, sexualidade e raça, se tornem “menos importantes”. Logo, determinados elementos se configuram como escalas de privilégio, condicionando que determinados comportamentos e práticas da vida cotidiana sejam regulamentados. Dessa forma, conforme Katherine Browne (2011) a heteronormatividade não se restringe apenas ao espaço cotidiano como a casa, o trabalho e a rua. Ela domina questões ligadas ao próprio corpo, às sexualidades, às identidades e, conseqüentemente, às formas de prazer que podem ser alcançadas pelas múltiplas partes do corpo e pelos fluídos corporais expelidos por ele.

Para esses atores sociais, ao mesmo tempo em que sofrem com as opressões de poder oriundas de normas heteronormativas regulamentadoras, criam-se mecanismos com o intuito de (sobre) viver a essa dominação, [re] produzindo estratégias em que o poder é subvertido e desregulado, dado o exposto que a cultura dominante classifica e rotulam os valores e significados para as minorias (mulheres, negros, LGBTQIA+, obesos, deficientes, moradores de rua, PVHIV, etc.) como propostas por Joseli Maria Silva et. al., (2013).

A necessidade de (re) conhecer as múltiplas diferenças que tangem as relações de poder marcadas diretamente 'na pele', ou seja, corporificadas, nos direciona para (re) pensar uma análise que marcha conjuntamente com o movimento de desconstrução dessas concepções e idéias. Como afirma Silva et al., (2013) a anatomia não deve ser conceituada apenas como uma categoria de classificação, mas prestigiada como objetos discursivos que se tornaram escalas substanciais na vida e se diferenciam em cada espaço-tempo. É através de um movimento, de uma ação constante que possibilitam a desestabilização de uma hegemonia estabelecida, concebendo, dessa forma, novas posicionalidades, novas configurações territoriais e espaciais, inseridas em heterogêneas escalas.

Geograficamente, não guiamos a problemática de escala apenas como uma natureza ou posição cartográfica que mapeia os múltiplos corpos no espaço e onde eles estão em um sentido concreto de ocupar e resistir, uma superfície representada em um documento, mapa ou planta georreferenciada, mas sim, abranger para uma escala geográfica que corrobora com o pensamento de Souza (2021, p.181) evidenciando a

“própria extensão ou magnitude do espaço que está se levando em conta”. Assim, avançamos no debate do espaço-corpo-território posicionando o ânus como uma escala, visto que, conforme o pensamento de Souza (2021) amparado nas concepções de Eric Sheppard & Robert McMaster (2004) as múltiplas escalas utilizadas pelos geógrafos humanos caminham através do corpo humano, lar, e se deslocam até uma magnitude global.

Ao caminhar por esses espaços, como o corpo e a casa, somos capazes de identificar de que as múltiplas escalas que tangem a geografia se fazem presentes. Segundo Souza (2021) ao analisar a escala em um nível regional, identifica-se que a região é acima de tudo, um lugar. Assim, no que diz respeito ao corpo, por que o ânus seria um lugar, uma região, um território a ser combatido? Corroborando com o pensamento de Paul Beatriz Preciado (2014) e mergulhando nas afirmações de Larissa Pelúcio (2016) a resposta vem do sistema heterossexual, que cria dispositivos sociais de produção a respeito da feminilidade e masculinidade, os quais fragmentam e dividem os corpos: recortam órgãos e produzem verdadeiras zonas de alta te(n)são que podem ou não ser eletrizantes. Essas regulamentações criadas a partir dos atributos direcionados aos gêneros e às sexualidades são capazes de limitar a exploração e benefícios sexuais, privilegiando corpos e produzindo erotizações aos órgãos, privilegiando sempre o pênis.

Sob esse mesmo ponto de vista Preciado (2014) identifica e afirma que as práticas e comportamentos heterossexuais são capazes de objetificar as práticas de poder e privilégio que são sustentadas pela sociedade vigente e que ativam profundamente a segregação de gênero e das sexualidades não tradicionais. Essa condenação anal não poderia ser diferente, visto que o sexo atual tem o poder de causar múltiplos incômodos sociais, por ser visto como um “usurpador” na minúscula escala das práticas sexuais naturais e associadas unicamente à reprodução.

Porém, a escala de análise anal aqui está longe de ser evidenciada como um terror anal (termo exposto por Preciado em 2014) e sim salienta que o “cu” funciona como um espaço, lugar, território, zona, área, enfim, uma Geografia em que é possível alcançar o prazer. A edição comemorativa de 36 anos (nº435) da revista direcionada ao público masculino heterossexual *Playboy* que o diga né?!

Embora a prática de *Barebacking* tenha sido objeto de muitas controvérsias nos últimos anos, conforme aponta Silva (2009), uma subcultura ainda mais recente atraiu a atenção do público, intitulada de *Gift Giving, Gift & Bug Chasing*, de acordo com Jeffrey Parsons & Christian Grov (2006), e o termo *Gift*, discutido por Felberg (2015).

Para Parsons & Grov (2006), *Gift Giving* (doador de presentes em tradução livre) refere-se a homens soropositivos que procuram passar o HIV de forma proposital para outros homens soronegativos. Em contrapartida, o termo *Bug Chaser* (caçador de presentes em tradução livre) é o termo direcionado para homens soronegativos que procuram por parceiros soropositivos a fim de se infectarem com o HIV.

Em relação ao termo *Gift*, Felberg (2015) o categoriza como o ator social que adquire o HIV a partir da óptica de *Bug Chaser*. Dessa maneira, o que podemos perceber é que, em sua categorização mais simples, os “*Bug Chasers, Gifts e Gifts Giving*” são, em grande parte, homens que se relacionam com outros homens e que fetichizam o HIV conforme denota Jaime García-Iglesias (2019) fantasiando a infecção e, sucessivamente, buscam, de forma demasiada, infectarem e serem infectados por meio de encontros e comportamentos sexuais de alto risco, os quais, em grande parte, são provenientes das relações e interações no ambiente on-line, de acordo com Silva (2009).

Segundo Grov & Parsons (2006) quando determinados atores sociais buscam por esse tipo de dinâmica, eles argumentam que a infecção pelo HIV é algo inevitável, tomando como ideologia de suas próprias vidas o controle. Para eles, ao invés de viver com medo de “quando vai contrair” ou com a angústia de passar por uma sala no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), preferem assumir, assim, o domínio a respeito de sua própria infecção, e encerram esse conjunto de sentimentos.

Nesse âmbito Deann Gauthier & Craig Forysth (1999) apontam que nessa subcultura existem quatro razões que direcionam os atores sociais a buscarem a infecção, sendo elas: (I) o medo constante de contraírem o vírus e, ao se infectarem, não se preocupam mais com isso; (II) o comportamento de risco, que se transforma em um erotismo, mas não buscam ativamente pelo vírus; (III) sentimento de pertencimento, dado o exposto de que amigos, familiares e parceiros (as) foram infectados e, dessa forma, o indivíduo se sente excluído, sem pertencimento, e por fim (IV) discorrem a respeito da ação política, direcionados e dispostos a tomarem o próprio controle de suas vidas.

Perry Halkitis & Jeffrey Parsons (2003) assim como Grov & Parsons (2006) analisam e afirmam que os fenômenos de *Bug Chaser* e *Gift Giving* têm relacionado essa subcultura com o aumento da prática de *Barebacking*, que passou a ganhar mais contornos e notoriedade com o uso da internet, visto que a rede desempenha um papel substancial para localizar parceiros sexuais entre HSH. Assim, segundo Richard

Tewksbury (2006) a presença de sites da internet, salas de bate papo e outros recursos na rede, como aplicativos, possibilitam que indivíduos sorodiscordantes naveguem em uma viagem incansável em busca do HIV, a fim de conhecerem, infectarem e transmitirem o vírus, consensualmente ou não, tornando esse comportamento uma dinâmica que beira a margem da criminalidade, em determinados casos.

Mateus Oliveira (2018) afirma que a transmissão do HIV não consensual se enquadra principalmente em três artigos do Código Penal Brasileiro, visto que eles levam em consideração a Periclitacão da vida e da saúde dos atores sociais. Segundo Dalila Morais (2017):

Art. 130 - Expor alguém, por meio de relações sexuais ou qualquer ato libidinoso, a contágio de moléstia venérea, de que sabe ou deve saber que está contaminado:

Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa.

Art. 131 – Praticar, com o fim de transmitir a outrem moléstia grave de que está contaminado, ato capaz de produzir contágio:

Pena – Reclusão, 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

Art. 132 - Expor a vida ou a saúde de outrem a perigo direto e iminente:

Pena - detenção, de três meses a um ano, se o fato não constitui crime mais grave.

Dessa maneira, conforme afirmam Carla Pereira & Simone Monteiro (2015) a transmissão intencional do HIV deve ser passível de punição quando o ator social conhecer sua sorologia e efetivamente ambicionar a praticar o fenômeno de “carimbada” por meio de práticas sexuais e comportamentos sexuais que ofereçam riscos maiores à infecção, como a prática de *Stealthing* e *Generationing*, produzindo, assim, a transmissão do vírus de forma proposital e não consensual.

Indubitavelmente, ao adentrar nessa dinâmica, esse ator social coloca em risco uma série de sujeitos, ocasionando danos à integridade física da vítima. Por fim, a sua integridade física, moral, psicológica não é mais recuperada, como afirmam Martinez & Oliveira (2016) visto que seu impacto no organismo necessita de acompanhamento à vida toda, e extensos tratamentos.

3.2.2- AS PRÁTICAS TRANSGRESSORAS: STEALTHING & GENERATIONING

Para Wendell Ferrari et al., (2021) *Stealthing* é o ato que consiste na remoção intencional não consensual do preservativo durante a relação sexual. Essa prática transforma a atividade sexual consensual em sexo não consensual, ou seja, estupro, dado o exposto de que o crime de estupro sempre fora caracterizado pela violência de gênero contra a mulher, homens e crianças, diante de uma imposição da dominância do

sexo masculino em face da submissão e passividade de outros corpos, conforme apontam Danilo Nunes & Lucas Lehfeld (2018). Apesar de aparecer gradualmente nos horizontes científicos, a prática de *Stealthing* ainda é pouco discutida no Brasil, transpondo suas análises e apontamentos para questões jurídicas envolvendo as mulheres, as maiores vítimas dessa prática segundo Paloma Gonçalves (2021).

Esse ato criminoso de forma intencional é visto como uma atitude enganosa, transformando a relação sexual em algo violento, segundo Nunes & Lehfeld (2018) visto que a vítima, ao perceber a prática de *Stealthing*, é submetida a um jogo violento pelo agressor, que, de maneira astuciosa, faz uso de violência física, psicológica, verbal e, conseqüentemente, articula graves ameaças, coagindo, assim, a vítima a aceitar, calada, a ação. Segundo Juliana Lima (2017) a prática de *Stealthing* envolve uma discussão interessante a respeito da violência de gênero, dado o exposto de que o ato ocorre com mais frequência entre um homem e uma mulher. Dessa maneira, o homem, dentro dessa esfera, corporifica atos de violência contra a mulher, que, ao sentir-se coagida e ameaçada, deixa de contar com seu consentimento e coloca toda sua integridade física e psicológica em risco, sendo silenciada a todo custo pelo seu agressor.

Nessa perspectiva de violência, essa prática também tem sido notada na esfera de HSH, dado o exposto de que, ao definir hierarquias sexuais articuladas a partir do binarismo ativo\passivo, o ator social que desempenha o papel sexual de passivo é visto como subalterno e inferior, tornando-se alvo da violência de gênero a partir de um modelo único de masculinidade e de “como ser homem”. De acordo com Ivan Pimentel (2016) ao adotar comportamentos de ser “ativo”, a masculinidade adjunta do espectro de virilidade aflora, de forma violenta, transformando o ser “passivo” (mesmo que subconscientemente) em um papel inferior, atrelado ao feminino, à vulnerabilidade, à passividade, ao silenciamento. Assim, observa-se que a violência presente na prática de *Stealthing* direciona-se para fora do eixo heterossexual e passa a compor outras esferas de práticas e comportamentos homoeróticos.

Essa prática tem sido vista como um grave problema de conduta na atualidade, principalmente no que diz respeito às esferas sociais e jurídicas, visto que é um ato criminoso, conforme Alexandra Brodsky (2017) que transforma uma relação sexual consensual em uma relação sexual não consensual, violentando profundamente os corpos existentes naquele ambiente. Todavia, existem indivíduos que não percebem o preservativo sendo removido, violando seus direitos e, conseqüentemente, sendo

expostos a riscos como, por exemplo, à transmissão de infecções sexualmente transmissíveis para atores sociais femininos e masculinos, conforme apontam Nunes & Lehfeld (2018). Logo, ao efetivar essa prática, danos físicos, emocionais, psicológicos são freqüentes para quem é acometido por esse ato criminoso.

Podemos observar que a prática de *Stealthing* tem se tornado, na atualidade, um grave obstáculo, principalmente direcionado aos HSH, visto que determinados indivíduos fazem dessa prática algo substancial em suas vidas, removendo a camisinha no ato, sem que os parceiros saibam. Conforme aponta Hugh Klein (2014), a prática de *Stealthing* é examinada como uma atitude em que o homem soropositivo tenta ativamente infectar um homem soronegativo, sem o conhecimento ou consentimento dele, representando, assim, um risco muito alto de transmissão do HIV. Dessa maneira, na relação HSH, quando ocorre a fricção peniano-anal, a camisinha adulterada apresenta falhas, vácuos, e torna-se vulnerável ao rompimento. Além disso, outras denominações para essa prática têm emergido nessa subcultura, como os termos *Sneaking* e *Stealth Fucking*, conforme afirmam David Moskowitz & Michel Roloff (2007).

Outro fenômeno emergente de grave magnitude da subcultura do *Stealthing*, que também tem composto a grande e tortuosa estrada de práticas sexuais criminosas, advém da prática de *Generationing*, conforme Klein (2014). O ato consiste em ações até que a contaminação seja efetivada. Ao infectar com “sucesso” um homem HIV negativo, estes dois homens agora colaboram para um esforço para soroconverter outros e assim sucessivamente, seja de forma consensual ou não.

Para Joseph Brennan (2017) a prática de *Bare*, em que a camisinha é removida durante o ato ou perfurada antes do sexo com penetração é denominada de “*Stealth Breeding*”. Corroborando com o pensamento do autor, essa atitude resulta na ejaculação interna (“*Breeding*”) de um dos parceiros, na relação HSH, sem o conhecimento ou consentimento do outro. O parceiro sexual que desempenha o papel de ativo, isto é, o que penetra, não comunica o parceiro que desempenha o papel de passivo, tornando-se, assim, a troca de fluidos na relação existente, e fomentando, conseqüentemente, uma potencialidade na transmissão do HIV. Dessa forma, apesar de o parceiro que se identifique como ativo ter uma maior facilidade de remover ou adulterar a camisinha, essa prática não é exclusivamente para esse grupo, visto que o parceiro sexual passivo, isto é, o que recebe os fluídos, também pode conspirar para receber fluídos às escondidas. Logo, o termo “*Breeding*” designa a intenção de depositar e receber o

esperma por meio anal sem o conhecimento e, conseqüentemente, consentimento do parceiro sexual.

Dessa forma, segundo as afirmações de Sumayya Ebrahim (2019) esses atos têm desafiado os mecanismos de saúde pública direcionados para a prevenção e combate de infecções sexualmente transmissíveis, dado o exposto de que essa prática proporciona a transmissão deliberada do HIV. A disseminação dessas práticas tem ganhado cada vez mais adeptos, por meio de grupos na rede, os quais difundem artimanhas e maneiras de remover e adulterar a camisinha sem que o parceiro saiba conforme McKenney Cornett (2021).

Entretanto, apesar dessas táticas de adulteração do preservativo e remoção, verifica-se que a prática de *Generationing* se torna mais eficaz quando uma pessoa HIV positiva, por meio da prática de *Barebacking*, deseja infectar intencionalmente alguém HIV negativo, já que, nesse ato, a ejaculação interna se torna um ponto principal. Em grande parte da situação, conforme aponta Klein (2014) o *Bare* é repetido várias vezes durante uma determinada sessão de sexo, de modo que as chances de infectar o parceiro soronegativo aumentem, transformando seu status sorológico.

3.3- ANJOS OU DEMÔNIOS: O CLUBE DO CARIMBO A PARTIR DE OUTROS OLHARES

"Cavalheiro, o seu teste deu reagente". A primeira coisa que se passa na cabeça de um indivíduo, ao receber o diagnóstico identificando o status sorológico para positivo diante do HIV é: "Por que eu"? Emerge um filme na cabeça, o chão parece sumir sobre os pés, as pernas tremem como se inúmeros terremotos estivessem abalando a Terra ao mesmo tempo em uma magnitude jamais medida. A fala desaparece, a garganta seca, o olhar congela. O giro do corpo se transporta para 360°, buscando determinadas justificativas ou os verdadeiros culpados e o que poderia ter sido feito para evitar. E agora? Como conto aos meus pais? Amigos? E o pessoal do meu trabalho? Não há o que fazer. "Estou liquidado". Como será a minha vida daqui para frente?

Para muitos, ao receber o diagnóstico do HIV, é como se estivesse caindo de um arranha-céu de mais de quarenta andares, sem um amparo. Mas e o contrário? Existiria alguém que fosse capaz de buscar incansavelmente por HSH soropositivos detectáveis e com carga viral alta que estivessem dispostos a compartilhar esse vírus de forma intencional consensual? POSIT(HIV)O! Tudo isso está profundamente ligado a subcultura do Clube do Carimbo, uma comunidade no espaço virtual feita de HSH que

possuem, como ideologia, disseminar o HIV de forma proposital consensual e de forma não consensual, adotando práticas e comportamentos de risco e difundindo táticas que ensinam a “enganar” o parceiro (a) na “Hora H”.

O “Clube do Carimbo” **não é para amigos**. Só entra quem tem peito de assumir a sua causa e consequência. **Está espalhado por todo Brasil. Com diferentes nomes e formas na internet, sob disfarce de blogs sexuais**, o clube cadastra pessoas que curtem sexo sem camisinha a fim de encontrar parceiros com o mesmo objetivo. Outros são mais enfáticos, **buscam caras soropositivos que queiram carimbar outros. Ou seja, contaminar**. A primeira lei diz que tem gente que gosta e quer. **A segunda, porém, ensina técnicas para carimbar as pessoas sem que elas saibam. As técnicas vão de furar a camisinha** até maneiras de conquistar o cara, fazê-lo se apaixonar por você e daí carimbá-lo e depois sumir fingindo que nada aconteceu. **É uma realidade chocante, mas que existe. E está espalhada por aí, basta abrir os olhos e vê** (*O anjo do Mar*, 2015, grifos do autor).

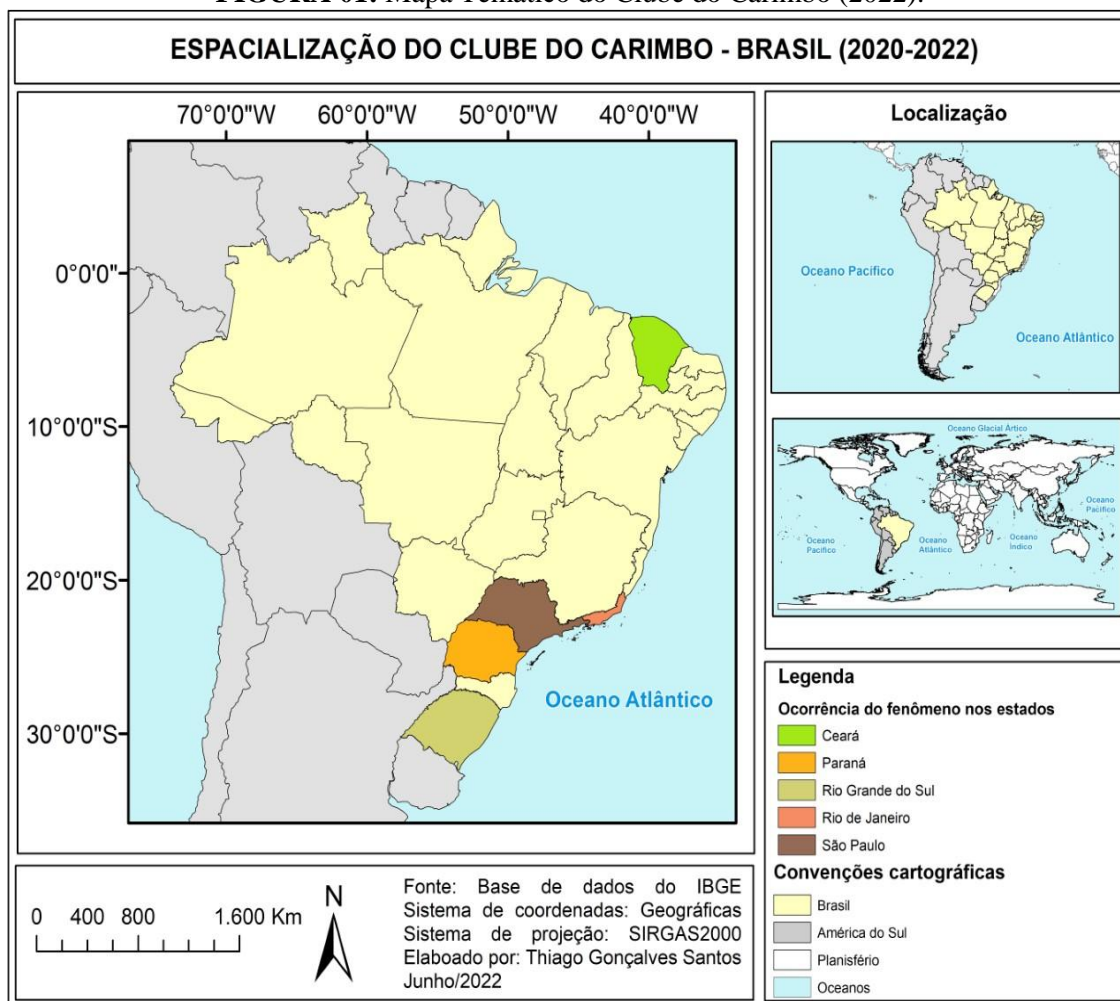
O epílogo acima, retirado do primeiro episódio do curta-metragem *Anjos do Mar* (2015) evidencia algo que a sociedade brasileira tenta esconder: o Clube do Carimbo. Encontrados em formas de blogues ou outros espaços da internet, como grupos do Whatsapp e sala do bate papo, os atores sociais são homens cis soropositivos detectáveis que renunciam a tratamentos de profilaxias e que possuem a carga viral em seu organismo alta – que possuem práticas homoeróticas com outros atores sociais.

Suas práticas são nítidas: transmitir e infectar o HIV de maneira proposital para seus (suas) múltiplos (as) parceiros (as) de forma intencional criminosa (e consensual, em alguns casos) sem o conhecimento deles (as). Essa prática, espalhada por todo Brasil, de transmissão involuntária e deliberada do vírus, com o desconhecimento do parceiro (a), tornou-se nacionalmente conhecida como carimbo, carimbar ou carimbada, conforme apontam Martinez & Oliveira (2016).

A figura abaixo (**Figura 01**) apresenta o mapeamento, por meio da análise ciberespacial, do Clube do Carimbo, na qual utilizamos o código da Discagem Direta à Distância (DDD), levantada durante os períodos de coleta de dados para esta pesquisa. A respeito da localização exata do Clube do Carimbo no território brasileiro, e consequentemente, por se tratar de uma pesquisa em que se levantaram dados a partir da rede e por uma questão de ética profissional, que visa a preservar o anonimato dos atores sociais envolvidos no fenômeno, o mapa (**Figura 01**) foi criado utilizando como

base a área, o código de DDD por Unidade Federativa brasileira, com base no número dos criadores dos grupos analisados e catalogados²⁶.

FIGURA 01: Mapa Temático do Clube do Carimbo (2022).



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, elaborado por Santos (2022).

A abrangência significativa de áreas de espacialidade do Clube do Carimbo é observada com maior adesão na Região Sudeste como pode conferir na tabela (**Tabela 03**).

²⁶ Grupos na rede possuem os criadores e os administradores. Para o mapa, construímos a espacialização do Clube do Carimbo a partir dos criadores do grupo. Muitos desses participantes não frequentam os grupos ou mudaram seus números, mas o aplicativo registra o número (com o DDD) que criou. Assim, foi a partir dessa esfera que construímos e espacializamos os grupos do Clube do Carimbo no território brasileiro.

Tabela 03: Quantidade de grupos de acordo com a UF e o DDD.

UF	Número da Discagem Direta à Distância	Quantidade de Grupos
SP	011	Seis Grupos
RJ	021	Quatro Grupos
RS	053 054	Dois grupos
PR	041 043	Dois grupos
CE	085	Um grupo

Elaborado por Silva (2022).

As áreas com maior ocorrência, conforme os grupos levantados e catalogados no ciberespaço que dialoga com a Figura 01 e com a Tabela 01, representam os estados brasileiros de São Paulo e Rio de Janeiro, com uma dimensão marcante no que diz respeito ao Clube do Carimbo, sendo seis grupos para São Paulo e quatro grupos encontrados no Estado do Rio de Janeiro. Percorrendo o território brasileiro, encontramos, consecutivamente, os estados do Rio Grande do Sul com dois grupos, Paraná com dois grupos e o Ceará com um grupo, como outros locais em que o Clube do Carimbo é difundido.

Todavia, o mapeamento realizado a partir dos grupos na rede, evidencia apenas uma parte da existência do fenômeno no Brasil, e isso não exclui a possibilidade desses grupos estarem presentes no interior e em outras cidades, com níveis hierárquicos distintos. Como mencionamos ao longo deste trabalho, a catalogação dos grupos foi construída a partir de um período específico, e por se tratar de dinâmicas na rede, os grupos, os administradores, os participantes, as temáticas, são reconfigurados, flutuantes e fluídos, nos quais a entrada e saída dos participantes ocorrem a todo instante, acarretando mudança nos nomes, criadores e administradores.

Esses grupos possuem mecanismos próprios para driblar os usuários *outsiders*, removendo os participantes indesejados presentes nos grupos²⁷, tornando o “espaço” mais harmonioso e interessante para quem deseja e gosta das práticas sexuais ali evidenciadas. Negociações e aproximações são fundamentais para esses atores sociais que, insatisfeitos, interrompem seus discursos e contatos que agora são marcados pela saída dos grupos. Nesse sentido, observei nos grupos, a partir dos internautas

²⁷ Por não ser assíduo das conversas e diálogos nos grupos, fui removido de 05 grupos. O discurso do administrador do grupo – o “chefe” que mantém a ordem desses espaços – foi a seguinte: “Estou removendo quem não participa ou aparece às vezes. Velhos membros dão lugar para novos”.

interlocutores, que as estratégias de interação, nesses flertes digitais, nas quais um emoji pode sinalizar interesse\desinteresse para quem está do outro lado da tel@.

É por meio do ciberespaço e da rede que a (re) construção da identidade coletiva e individual acontecem, segundo Marina Mendes (2011) principalmente quando um emoji pode significar uma série de contextos inseridos na esfera do HIV, como os *ícones* (linguagem gráfica – emojis) de Seringa (pessoas que fazem uso de drogas injetáveis) e Escorpião (HSH que são carimbadores) presentes no aplicativo de mensagens e em aplicativos.

Larissa Pelúcio (2017) afirma que as buscas permanentes por determinadas experimentações, sempre arriscadas, colocam o ator social em relação com uma esfera de gestão de riscos, afetos, e abre uma caixa de pandora no que diz respeito às suas emoções e sensações. O ciberespaço colabora com a idéia de que existe uma esfera inesgotável que tange o prazer e as possibilidades de ele ser alcançado, além de construir múltiplas experimentações, conforme presenciei nos quinze grupos analisados. Apesar da presença de (dês) fluxos contínuos nos grupos, muita das vezes esses grupos parecem cair em uma espécie de “esquecimento virtual”. Os freqüentadores presentes ali passam a se tornar verdadeiros “porteiros” da vida, dialogando apenas com o “Bom dia, Boa Tarde ou Boa Noite”. O tempo e o espaço são imensuráveis, visto que algumas interlocuções são soterradas por silêncios e sentimentos de abandono, desprezo ou desinteresse pelo que “rola” no grupo.

A identidade torna-se [re] transformada a todo instante, principalmente quando os sistemas culturais contribuem para esse fluxo contínuo. Ao organizar-se em torno de uma subcultura – a do “Clube do Carimbo” – o ator social passa a enxergar aquela prática por meio de outro prisma, acarretando, individualmente ou coletivamente, um conjunto de noções, idéias e concepções que possibilitaram a construção de uma comunidade simbólica e concreta repleta de representações culturais, na qual o discurso opera como construtor de ações tal como salienta Antônio Miranda (2000).

Logo, é por meio da pesquisa de viés exploratório\descritivo virtual, com o auxílio do aplicativo de mensagens instantâneas, que a nossa coleta de dados foi efetuada, utilizando como alicerce a análise dos discursos a partir da repetição de palavras, oriundos dos grupos disponíveis na rede, que podem ser identificados e acessados a partir de um blogue disponível na internet – STUB²⁸ (2018-atual), do

²⁸ Visando ao anonimato, utilizamos as siglas do grupo, conservando a identidade do criador e dos internautas que freqüentam os grupos analisados.

mesmo criador de outros dois blogs famosos do espaço virtual intitulado como: (a) Aventuras de um Barebacker (JÚNIOR, 2017) & Novinho Barebacker (SITE TERRA, 2015)²⁹ que foram removidos da rede após as denúncias do Clube do Carimbo. Os tópicos observados nos grupos de Whatsapp constroem papéis e performances dentro desses espaços, tanto no que diz respeito aos produtores de conteúdo quanto aos consumidores.

Nesse sentido, identificamos, nos trabalhos de Grov e Parsons (2006) signos e significados que dialogam com o Clube do Carimbo no contexto brasileiro (**Tabela 04**).

TABELA 04: Códigos Presentes nos Grupos do Whatsapp

VERBETES DO MUNDO DO CLUBE DO CARIMBO	VERBETES ABORDADOS EM TERRITÓRIO NACIONAL	SIGNIFICADOS
"The Gift"	HIV	Atores sociais que possuem o HIV e estão dispostos a transmiti-los.
"Bug chaser"	CARIMBADO	Atores sociais que foram infectados propositalmente ou não pelo HIV.
"Gift givers"	CARIMBADOR	Atores sociais que possuem o HIV e o disseminam de forma proposital.
"Bug brothers"	GRUPO DE CARIMBADORES	Grupos de atores sociais que possuem táticas e difundem dicas de transmitir o HIV, além da troca de informações a respeito de outras práticas de risco.
"Conversion parties"	FESTAS DE SOROCONVERSÃO	Orgias organizadas com a presença de HIV+ carimbadores e HIV- que buscam ser HIV+.
"Russian roulette parties"	FESTAS DE ROLETA RUSSA	Festas privadas também conhecidas como Batismo ou "Foda da Morte" que ocorrem em locais silenciosos, como apartamentos, sítios, chácaras, que misturam

²⁹ Grupo difunde táticas na web para espalhar o vírus HIV. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/soropositivos-usam-web-para-incentivar-contaminacao-pelohiv,2d2024d11c71b410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

		HIV+ e HIV-, além de práticas de Chamsex.
“Charged cum ou poz cum”	VITAMINA, LEITE VITAMINADO, PORRA COM BICHO, BICHADO	Definição para o esperma com a presença de alta carga de HIV.
“Biohazard”	ESCORPIÃO, +, “Biohazard”	Símbolos do perigo biológico ou o poder do veneno do escorpião, tatuado por alguns participantes do clube do carimbo.
*	Depósitos	Atores sociais que desempenham o papel sexual de servir outros. Podem ser considerados depósitos de esperma anal ou oral

Fonte: Elaborado por Silva (2022) com base em Grov & Parsoons (2006), Oltamari (2005) e M.M.B (2018).

As expressões acima (Tabela 04) foram observadas nos grupos estudados a partir de uma visão exploratória\ descritiva. Nos grupos analisados, percebi que os “internautas interlocutores”³⁰ presentes naquela comunidade apresentam uma espécie de perfil de identificação dentro dessa esfera. Ao adentrar nesses espaços, os HSH adotam comportamentos e práticas conforme seus desejos e fetiches, concretizando suas vontades e transpondo para o espaço concreto da cidade.

No que diz respeito aos termos encontrados e catalogados nos grupos, evidenciamos que um dos termos que mais chamam atenção e aparece com certa frequência e proporcionalidade é “Carimbadores”, demarcação empregada para referir-se aos atores sociais positivos, que renunciam aos tratamentos de profilaxia e disseminam o HIV de forma intencional. Esses sujeitos possuem dois tipos de comportamento a partir desse fenômeno: (1) Eles não avisam\notificam os seus parceiros (as) sobre a sua sorologia, expondo outros sujeitos à infecção e, conseqüentemente, ao contágio, transformando a prática em um ato criminoso. Nesse caso, esse perfil se associa ao termo *Gift Giving*, visto que o sujeito transmite para quem desejar o HIV. Nesse contexto, não existe comportamento negociado, isto é, não há tomadas de risco consciente e sim, inconsciente, conforme Grov (2004). Nessa dinâmica, não há esclarecimentos, conversas, diálogo.

³⁰ Respeitando o anonimato e individualidade dos sujeitos presentes nos grupos, tratarei os HSH desta pesquisa como Internautas Interlocutores.

A única conduta adotada é a do “*Don’t Ask, Don’t Tell*”³¹, isto é, não pergunte, não fale, conforme aponta Felberg (2015); (2) Eles são procurados por outros atores sociais que buscam a soroconversão, transformando o seu esperma em mercadoria a ser conquistada, seja de forma gratuita, por meio de *Goddess Spaces*, ou por meio da comercialização³².

Ao recorrer a inúmeras práticas e comportamentos que concretizem esses desejos o sujeito, inúmeros contornos são realizados. A ausência do conhecimento do estado sorológico concebe que os parceiros adentrem no comportamento de *Serosorting* (relação entre pessoas do mesmo estado sorológico), tal como explicitam Smith et al., (2006) e em relações em que esse conhecimento se torna desconhecido, acarretando uma maior adesão às práticas desprotegidas por meio do sexo *barebacking*, tornando, assim, uma possibilidade provável para contrair o vírus. Além disso, o HIV não é a única IST presente nessas práticas. Por mais que o intuito do Clube do Carimbo seja a difusão do HIV³³, outras infecções sexualmente transmissíveis, são elencadas e procuradas, tais como Sífilis, HPV e Gonorréia.

A partir do acompanhamento de grupos online e amparado pelo método de observação participante proposto por Howard Becker (1992) conforme alguns relatos de nossos interlocutores internautas, a soroconversão – outro termo que apresenta uma magnitude nos discursos – ocorre a partir da possibilidade acarretada através da participação em festas temáticas em alguns *Goddess Spaces*, visto que a camisinha é algo a ser negociado, dependendo dos atores sociais envolvidos, e a possibilidade de ocorrer a soroconversão emerge. Entretanto, as festas direcionadas à concretização (direta) da soroconversão advêm de festas extremamente fechadas, fundamentadas para que o ato de soroconversão seja materializado.

Singularmente, as festas de soroconversão são reuniões que são organizadas com o intuito de soroconverter HSH através de táticas como o *Barebacking*, conforme aponta Barreto (2019). Trata-se de festas privadas (em grande parte) ou públicas,

³¹ A prática do “don’t ask, don’t tell” diz respeito ao fenômeno que envolve a discussão a respeito do status sorológico, conforme Felberg (2015).

³² O internauta 02 (2019) proferiu em um grupo de Whatsapp, o seguinte o discurso: "Quem quer leite vitaminado? Viajo para atender casais e homens solteiros. Sou ativo, vitaminado. Vendo meu leite para quem quiser leite rico em lactobacilos".

³³ Pamina Gorbach et al., (2004) expõem que muitos HSH não revelam seu status de HIV para seus parceiros, adotando, a todo custo, comportamentos anais desprotegidos. Esse ocultamento do status sorológico advém de inúmeros fatores, principalmente o da necessidade de um contato mais profundo com o parceiro, visto que se é apenas sexo, não existe a necessidade de contar, mesmo você sentindo-se responsável pela saúde do seu parceiro, conforme apontam Pamina Gorbach et al., (2004).

sempre com sexo coletivo e de caráter sigiloso, conforme afirma Leandro Oltamari (2005). De acordo com Michael Scarce (1999) casas e apartamentos são utilizados para que essa prática se concretize, compartilhando, assim, entre os envolvidos, o interesse sexual semelhante: o sexo anal intencional sem preservativo e com o intuito de transmitir o HIV de forma consensual.

Assim, ao deslocar-se a festa *Barebacking* para a presença de atores sociais heterogêneos com status sorológico negativo e positivo, emerge outro fenômeno, apontado por Paulo Sérgio de Paula (2010) como as festas de Roleta Russa do HIV/AIDS, organizadas por atores sociais que intercalam a presença de HSH soropositivos e soronegativos. Todavia, conforme Felberg (2015) é válido referenciar que as festas de soroconversão se diferem das festas de *Bareback*, visto que elas possuem características distintas: (I) somente para homens soronegativos; (II) somente para homens soropositivos. Dessa maneira, festas de soroconversão/Roletas Russas são diferentes de festas de *Bare*. Nitidamente, apesar do caráter variegado, as festas podem viabilizar os dois cenários, encadeando uma festa na outra e vice-versa.

Segundo Victor Hugo Barreto (2019) adjunto a esse cenário, além das festas de soroconversão, outra dinâmica tem emergido nessas festividades: a utilização de drogas, como por exemplo, a cocaína, a ketamina, o cristal de metanfetamina, conforme Adam Bourne et al., (2014). Essa prática em que atividades sexuais estão envolvidas em sexo grupal ou com grandes números de parceiros sob a influência de drogas, consumidas antes ou durante a sessão sexual, ficou denominado de *Chamsex*, conforme expõe Fernandes (2019) tornando-se uma ação/comportamento ainda pouco discutida no Brasil.

Ao envolver-se em práticas como o *Chamsex*, percebe-se, nos últimos anos, um crescimento acelerado que foi capaz de despertar a preocupação das autoridades de saúde pública, dado o exposto de que, segundo Belmiro Fernandes (2019), ao adentrar em comportamentos de alto risco, a associação entre o uso de drogas em festas de soroconversão tem contribuído para o aumento e transmissão nos casos de HIV. Nessa perspectiva, James Carey et al., (2009) afirmam que HSH que fazem o uso de drogas durante as relações sexuais desprotegidas são mais suscetíveis a se envolverem na transmissão do HIV, principalmente para aquelas relações inseridas na esfera do *Chamsex* em que ocorre "*Booty Bumping*" – inserção anal de drogas com utilização de seringas, conforme aponta Ymke Evers et al., (2019). Atenção: o nariz do Pinóquio está

escorrendo, como uma viagem de "neve" em Tóquio, amanhece no México... Buenas Noches!

Por conseguinte, os espaços destinados às festas de orgia entre HSH funcionam como uma verdadeira “casa dos homens”, um espaço no qual estes homens atribuem exclusivamente o uso e a presença sobre a estrutura masculina, criando-se lugares e espaços onde as práticas homoeróticas podem ser vividas e experimentadas em grupos de pares, conforme Barreto (2017). Esse grupo coletivo de atores sociais se reúne no espaço virtual para troca de informações, experiências e dicas de como é possível transmitir o vírus do HIV para outras pessoas, sem que eles percebam.

Assim sendo, de acordo com Leonardo Carvalho & Luciana Carvalho (2005) a ação obtém novos contornos, ainda mais dramáticos e complexos quando praticantes de práticas sexuais e comportamentos de risco buscam por carimbadores com o objetivo de contrair o HIV. A transmissão agora definida como *Gift* navega na internet, sendo encontrada em múltiplos grupos do Whatsapp, listados e atualizados mensalmente a partir de um blogue de prática “*Bare*” na internet. Diante do exposto, existe concretamente o “Clube do Carimbo” ou seria apenas uma manipulação midiática que causou pânico e pavor na sociedade no decorrer da década passada?

Pode parecer utópico pensar, mas de fato, o Clube do Carimbo existe e encontra-se espalhado no ciberespaço, contemplando múltiplos atores sociais brasileiros. É através dos grupos de Whatsapp (**Tabela 05**) que o nosso objeto de estudo virtual – Grupo que possui práticas explícitas referentes à ideologia do Clube do Carimbo – foi concretizado.

Tabela 05: Catalogação de Grupos Sobre Clube do Carimbo no ciberespaço.

GRUPOS NO WHATSAPP REFERENTE AO CLUBE DO CARIMBO			
<i>SIGLA DOS GRUPOS</i>	<i>QUANTIDADE DE MEMBROS</i>	<i>UF & DD</i>	<i>DESCRIÇÃO DO GRUPO E DATA DE CRIAÇÃO</i>
CAHS\R	50	São Paulo 011	Grupo para carimbadores e bugchaseres que desejam ser carimbados. Aqui a única regra é não usar camisinha, pois todos sabemos que o verdadeiro sexo seguro é aquele praticado sem capa. HIV, sífilis, gonorreia, clamídia, candidíase, HPV, Herpes, entre outras

			Data da Criação: 14 maio 2018.
V&BC	91	São Paulo 011	Grupo para quem tem fetiche ou é barebacker vitaminado. Se entrar e não deixar visível foto de rosto no perfil em até 24 horas será removido. Somente maiores de 18 anos. Proibido Pedofilia. Data de Criação: 3 julho 2016.
PPP	30	Rio Grande Do Sul 053	Only Gay Data de Criação: 7 novembro 2016.
FE	129	Rio de Janeiro 021	Grupo destinado a fetiches. Proibido perfil sem foto, menores, mulheres, discriminações, divulgação de outros grupos, zoo, gore, pedofilia, mutilação, qlq conteúdo político, religioso, números estrangeiros, propagandas comerciais, notas falsas, qlq outra prática ilegal. Boa diversão, seus putos. Data de Criação: 12 abril 2019.
SCTB	30	Rio de Janeiro 021	Grupo destinado a pessoas que curtem a brincadeira de começar de camisinha e terminar sem, de propósito ou não. A preferência aqui é quem curte leite dentro, ser depósito ou leitar. Data de Criação: 26 dezembro 2020.
PB	30	Paraná 041	Se você curte leitar ou ser leitado! Tudo é liberado, compartilhe fotos, vídeos. A intenção é a união de adeptos. Entre apenas se curtir. Data de Criação: 14 agosto 2018.
V	45	Ceará 085	Quem tem dificuldade de se contaminar, basta entrar no grupo

			que nós podemos ajudar. Data de Criação: 1 janeiro 2016
DSM	256	Rio de Janeiro 021	Putaria gay liberada para maiores de idade. Data de Criação: 29 fevereiro 2020.
100%P	25	São Paulo 011	* ³⁴ Data de Criação: 6 out. 2016.
BS	113	São Paulo 011	Putaria sem pudor e sem camisinha. Para quem deseja ser convertido em uma prática perversa. Save Satan. Data de Criação: 22 novembro 2019.
ACO	93	São Paulo 011	Soropositivos sem tratamento que curtem carimbo e carimbada. Sem capa, sem condom, “no pelo”. Data de Criação: 11 maio 2018.
NC	241	Paraná 043	Aqui é tudo liberado, mas compartilhem fotos e vídeos. Somente homens, maiores de 18 anos, foto no perfil liberada, no spam, no pedo. Data de Criação: 17 dezembro de 2016.
CDC	45	Rio Grande do Sul 055	Grupo destinado a pessoas que curtem um sexo totalmente sem frescura, sexo na pele, sem capa, sem camisinha. Preferência por pessoas que curtem carimbar. Curte leitar ou ser leitado, divirta-se! Data de Criação: 21 dezembro 2020.
L100%P	257	São Paulo 011	Encontre aqui o link de algum grupo de seu gosto. Data de Criação: 6 outubro 2020.

³⁴ O símbolo “*” foi utilizado para descrever aqueles grupos que não possuem uma descrição.

LCV	40	São Paulo 011	Data de Criação: 14 maio 2018.
-----	----	------------------	---------------------------------------

Elaborado pelo autor (2022).

Através das performances auto-pornográficas, conforme aponta Bonfante (2019) por meio de textos, imagens, vídeos, áudios e emojis que circulam através desses grupos (Tabela 02) que o fenômeno ganha adeptos, repletos de signos e significados. Nesses espaços virtuais, observa-se uma participação flutuante, ou seja, os participantes entram quando querem, saem quando querem, são adicionados pelos administradores ou através dos links compartilhados em outros grupos ou conversas privadas. Além disso, observa-se que o nome de alguns grupos sofre alterações com o passar do tempo, transformando um grupo de carimbadores em um grupo de troca de vídeos, por exemplo. Como a participação é instável, diversos grupos que têm seu ingresso por meio de convites compartilhados, acabam se perdendo, ocorrendo a “quebra do link” e impossibilitando o contato e acesso a esses grupos.

Visando corroborar com nossas análises a partir da catalogação dos grupos no aplicativo de mensagens instantâneas, observou-se que alguns administradores removem os participantes que não seguem as instruções/regras expostas ao entrar, como por exemplo, a utilização de uma foto nítida do rosto no perfil do aplicativo de troca de mensagens instantâneas. Ao dispor dessa atitude, esses administradores recorrem ao monitoramento e, conseqüentemente, aos seus papéis hierárquicos dentro dos grupos, com o objetivo de limitar a participação de *outsiders* dentro desse espaço, visando à precaução referente à exposição dos participantes. Por fim, o acesso aos grupos é limitado pela própria plataforma, visto que a quantidade permitida em cada grupo contempla duzentas e cinquenta e seis pessoas, direcionando (caso for necessário) todo o enredo on-line para grupos secundários, terciários e assim sucessivamente.

Com relação aos grupos, percebe-se que os diálogos, em grande parte, seguem um *script*, uma espécie de roteiro com objetivo de levantar algumas questões como: onde o sujeito mora, sua idade, posição sexual, o que ele procura e assim sucessivamente, como qualquer outra conversa presente em fóruns virtuais. Esses usuários enviam (mesmo sem interpelações) informações pessoais, visando atrair parceiros sexuais. Esse modelo de mensagem é repetido várias vezes, tornando-se algo repetitivo na maioria dos grupos, atrapalhando em determinado ponto a pesquisa. Aquela comunicação que não segue um roteiro caminha (caso o sujeito deseje) para

uma conversa direta, chamada nos grupos de “PV” (privado). Ao sair do grupo e transpor a conversa para outra janela, mas no mesmo aplicativo, as perguntas continuam seguindo um roteiro (diga-se de passagem, pré-definido).

Observa-se que, por se tratar de um grupo que reúne múltiplos participantes de todos os cantos do Brasil, a próxima etapa, após longas trocas de mensagens (de conteúdos eróticos – caseiros ou comerciais), pode facilitar um encontro real por meio de deslocamentos que abrangem uma longa escala, como de uma cidade de Minas Gerais para a capital do Rio de Janeiro ou em uma pequena escala, de um bairro para outro, dentro de uma mesma cidade em São Paulo. Uma parcela de HSH³⁵ que buscam pelo HIV de forma consensual e aqueles que transmitem de forma consensual relataram que estão sempre viajando – principalmente eixo Rio de Janeiro e São Paulo³⁶ buscando por novos parceiros, experiências, vivências com outros parceiros carimbadores, depósitos e soropositivos.

Seguindo os objetivos propostos neste capítulo, produzimos, a partir das investigações, cinco categorias de análise de conteúdo temático por agrupamento semântico a partir de repetições e proporcionalidade das expressões que foram observadas e catalogadas a partir dos grupos na rede e dos nossos internautas interlocutores. Para o processamento da criação dessas subcategorias, agrupamos por meio de rede semântica as palavras e organizamos graficamente, de acordo com a sua frequência de repetições, possibilitando, assim, a identificação dos discursos manifestados nos grupos analisados, por meio da proporção da repetição.

Contudo, torna-se necessário enfatizar que, por se tratar de uma pesquisa virtual que analisa os discursos a partir da repetição de palavras e essa frequência, fica árduo e fatigante quantificar a partir de números quantas vezes aquele termo foi enunciado, pois: (1) Os grupos possuem fluxo contínuo de mensagens, chegando a ter entre 50-350 mensagens por dia, dependendo da quantidade de participantes desses grupos; (2) Os interlocutores repetem várias vezes o mesmo vocábulo ao longo das mensagens, tornando, assim, a pesquisa um pouco circunscrita e, por fim, (3) Selecionou-se então a

³⁵ Em contrapartida, algo que chama atenção é a quantidade de HSH que relatam relacionar com outros homens cis que possuem relacionamentos estáveis (casamento, namoro, relação aberta) com mulheres cis. Os internautas interlocutores evidenciam que esse tipo de parceiro são os melhores, pois eles se entregam aos desejos, às práticas de sexo desprotegido consensual e ao HIV, e “levam para casa”, infectando suas respectivas parceiras e casos extraconjugais, o que nos faz retornar ao primeiro capítulo dessa pesquisa, ao evidenciar a difusão do fenômeno da casa para rua e da rua para casa e salientar a abrangência no perfil social e demográfico do HIV.

³⁶ O intuito desta pesquisa não é levantar questões como: idade, renda, etnia, escolaridade.

partir do período de coleta de dados, os termos que mais se replicavam, identificando, assim, aproximadamente quinze termos para cada subcategoria a partir dos agrupamentos. Após as observações na rede e por não contabilizarmos quantas vezes cada verbete foi empregado, optamos por elencar determinadas expressões, dando um leve destaque àqueles termos em que a sua proporção aparece com mais frequência, visto que todas elas possuem uma grandiosidade para esta pesquisa. A partir disso, temos as seguintes categorias fragmentadas por agrupamento e ordem semântica:

- i. **ARGUMENTOS E FUNDAMENTOS PARA OS ATORES SOCIAIS DO CLUBE DO CARIMBO.** Nessa subcategoria, agrupamos as palavras que estão inseridas nesse contexto de justificativa, ou seja, o que leva um HSH a buscar e a transmitir consensualmente o vírus do HIV.
- ii. **PRÁTICAS PARA TRANSMISSÃO:** Intencionalidade Consensual do HIV Através de práticas inseridas no contexto do Clube do Carimbo. Essa subcategoria buscou agrupar quais as intencionalidades presentes nos discursos, contemplando, assim, o caminho paralelo entre algo consensual e algo não consensual (criminoso), evidenciando que os HSH adotam várias intencionalidades, que podem ser negociadas, comercializadas ou ocultadas.
- iii. **PERFIL:** Identificação dos Atores Sociais dentro do Clube do Carimbo. Essa subcategoria permitiu identificar quais são os HSH que adotam esse fenômeno, abarcando seu perfil como Carimbador, Carimbado, Organizador de Festas entre outros.
- iv. **COMPORTAMENTOS SEXUAIS & PRÁTICAS SEXUAIS:** Atos e Ações de Transmissão Consensual do HIV no Clube do Carimbo. Nessa subcategoria, construíram-se as práticas e comportamentos sexuais adotadas pelos HSH no que diz respeito à oferta e à procura consensual do HIV, e os mecanismos que eles adotam para a possibilidade de transmissão, identificando, assim, duas novas práticas nesta pesquisa, categorizadas como HIV *in Capa* e HIV *in Vitro*.
- v. **CONCRETIZAÇÃO DO FENÔMENO NO ESPAÇO CONCRETO POR MEIO DOS GODDESS SPACES.** Visando contemplar a disseminação do fenômeno no espaço concreto, essa subcategoria que perpassa por encontros serviu para identificar quais são os *Goddess Spaces* em que as práticas de transmissão, encontros, oferta e procura pelo HIV consensual ocorre. Ela foi substancial para a pesquisa, para salientar que a prática é verídica, evidenciada a partir de organização de festas de soroconversão.

As redes de sociabilidade virtual construída a partir de sites, blogues e outras redes sociais da internet, conforme Silva (2009) torna-se um verdadeiro paraíso para as manifestações comunitárias virtuais. O Clube do Carimbo, ao romper com as fronteiras simbólicas, definidoras e delimitadoras da identidade e dos comportamentos “normais” exigidos pela sociedade, passa a ser visto como uma comunidade imaginada, provedor de significação, signos e identidades culturais diante da sociedade em que vivemos atualmente. Sucessivamente, o Clube do Carimbo caminha em estruturar o suporte individual, a troca de conhecimento, a administração coletiva dos riscos oriundos de outras práticas e outros atores, tal como os *outsiders*. Ao deslocar-se do ideal em que as práticas sexuais são construídas, como as medidas de prevenção por meio de profilaxias, o Clube do Carimbo não deixa de possuir conflitos como uma “coletividade”, visto que ser carimbador precisa, acima de tudo, estar distante de qualquer tratamento relacionado ao HIV/AIDS.

No que diz respeito às nossas análises, as nuvens de palavras são recursos gráficos que possuem como pilar a representação da frequência de palavras utilizadas em um texto ou proferidas em um discurso. Entretanto, as comunidades virtuais catalogadas neste trabalho apresentaram desafios, ao mesmo tempo em que possibilitaram a construção de objetos substanciais para as interpretações. Nessa esfera, o anonimato se tornou uma coparticipação rica, visto que esse fenômeno estimula e encoraja os atores sociais a dizerem com sinceridade seus discursos (mesmo que em forma de texto), contornando assim coerções e intimidações de um encontro cara-a-cara.

Por meio da coleta de dados deste trabalho, elaboramos as imagens (nuvens de palavras) a partir de agrupamentos termos que foram expostos nos grupos, cujas dimensões indicam a sua frequência e contexto semântico. Entretanto, como trabalhamos com uma quantidade expressiva de grupos e que, em um determinado momento, esses discursos passaram a compor uma equivalência de homogeneidade, visto que a flutuação dos grupos é constante, a nossa amostragem tomou como base a frequência e relevância, fomentando contornos significativos para a pesquisa e elucidando o fenômeno estudado, afinal, é um dos objetivos específicos do trabalho.

Ao adotar esse trajeto, não estamos buscando inviabilizar a quantidade (numérica) de expressões proferidas pelos interlocutores, mas expor a grandeza no que diz respeito à frequência e à relevância destas nos grupos analisados. Como efeito, a proporcionalidade das palavras que compõem a nuvem apresenta a mesma frequência, contudo, possuem a sua relevância (grandeza) heterogênea dentro das subcategorias.

Dessa maneira, as palavras foram agrupadas em cada nuvem seguindo uma rede semântica de acordo com a sua frequência, mas respeitando a sua grandeza-relevância dentro dos contextos analisados.

No que diz respeito à análise da subcategoria cognominada de *Argumentos e Fundamentos*, foi concebida a partir da nuvem de palavras expressões proferidas pelos internautas interlocutores.

Figura 02: Nuvem De Palavras Referente à Categoria Argumentos e Fundamentos para os Atores Sociais do Clube Do Carimbo



Elaborado pelo autor (2022).

A nuvem de palavras (Figura 02) mostra quais são as palavras que os internautas interlocutores mais expressam como elementos associados à busca e a transmissão consensual do HIV, mesmo que estejam em grandezas distintas. As alegações a respeito da justificativa do fenômeno advêm de expressões como: Raiva, Orgulho, Desejo, Liberdade, Heroísmo, Excitação, Fetiche, Quebra de Rotina, entre outras. Evidencia-se que cada ator social que busca infectar-se e transmitir consensualmente o HIV está atrelado a uma perspectiva singular que diz respeito à sua identidade e à sua afirmação como indivíduo na sociedade. Além disso, apesar da grandeza ser heterogênea, observa-se nas expressões a criação de sentimentos complexos que compõem a matriz coletiva e individual de cada ator social, bem como suas peculiaridades sociais e aspectos subjetivos.

Cada um desses atores sociais carrega em si valores variados. Numa primeira perspectiva, após a fase de descobrimento da soropositividade, um comportamento natural do ser humano aflora: o da vingança, conduzido pela raiva. Logo, “eu vou infectar todo mundo”, seja consensual ou não consensual porque me infectaram (para aqueles casos em que não ocorreu o consenso). Ao agrupar as palavras como angústia, liberdade, resistência, a postura de antecipar um diagnóstico advém do comportamento

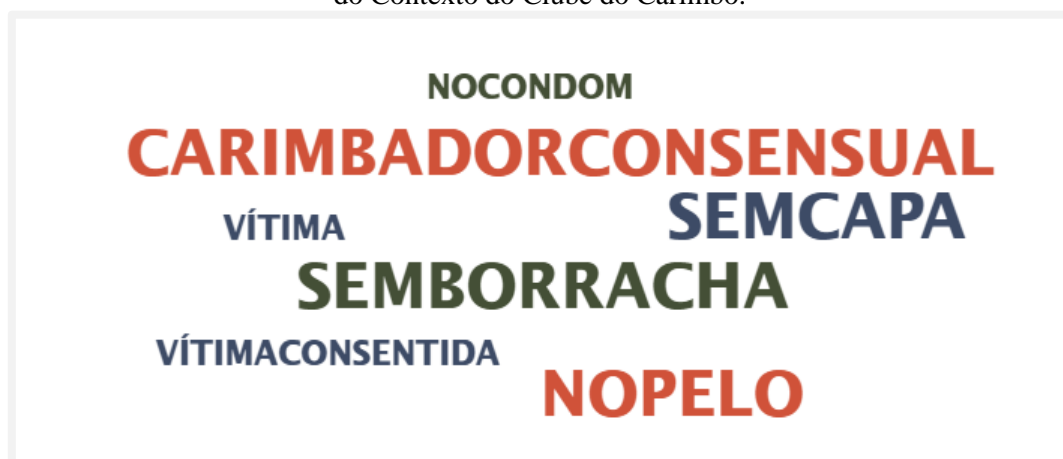
de liberar-se de algo que assombra a maioria desses HSH, as testagens rápidas, visto que, ao se infectarem consensualmente – “não necessito mais passar por essa ‘dor de cabeça’ e tomo o controle da minha vida” –, afastando-se dessa preocupação constante e fixa em suas vidas.

Além disso, atos de heroísmo e intimidade revelam um contexto atrelado à demonstração de amor, visto que, muitas das vezes, essas pessoas potencializam o amor-próprio em suas relações, tal como apresenta Maria Angêla Paulilo (2004) posto que, através de determinadas práticas sexuais, as pessoas são conectadas entre si, construindo vínculos, paixão, prazer, amor, afeto, que emergem a partir de narrativas com construções simbólicas em distintas escalas entre os atores envolvidos. O HIV torna-se, então, para esses atores, uma tatuagem infinita. Uma prova de amor para o resto da vida.

Por fim, o que podemos verificar a respeito da aventura, quebra de rotina, excitação e desejo advêm da fuga, uma busca paralela do sujeito para se autoafirmar, buscar sua identidade e seu lugar no mundo. É complexo narrar o que cada um desses atores sociais pensa a respeito disso, visto que cada um deles possui as suas particularidades para o fenômeno, atrelados à sua carga cultural e social.

No que diz respeito à categoria intitulada de *Transmissão*, foi substancial para identificar as intencionalidades que delimitam o Clube do Carimbo.

Figura 03: Nuvem de Palavras Referente à Categoria Sobre Práticas Para Transmissão Dentro do Contexto do Clube do Carimbo.



Elaborado pelo autor (2022).

Conforme a figura 03, transar sem camisinha existe, sempre existiu e sempre existirá. Quando você opta por transar sem camisinha, existe uma intencionalidade nisso, uma intenção de fazer aquilo que pode desdobrar-se em uma conjuntura positiva ou negativa. Existem subjetividades nos discursos que se revelam a partir de

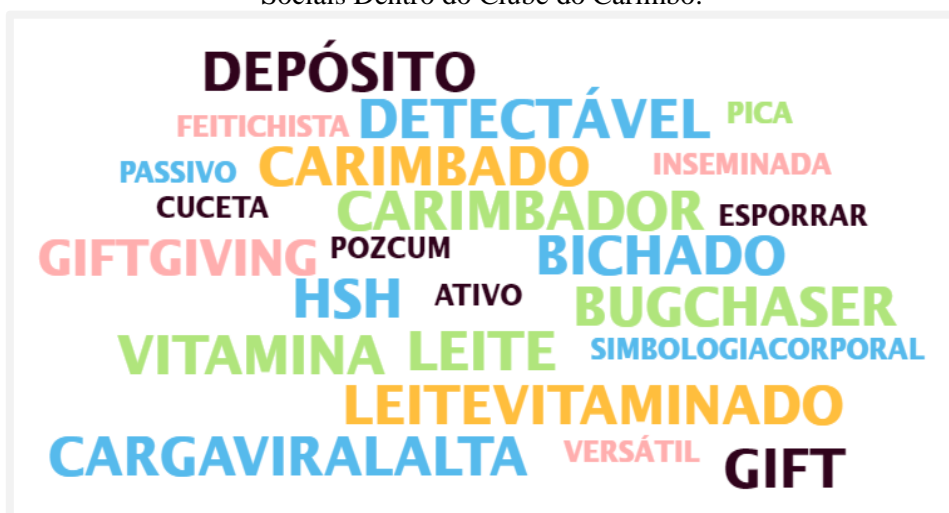
posicionamentos e condutas que parece inclinar-se para um jogo de concordância e discordância a partir de modelos de prevenção, uma contrarreação a esse discurso preventivo e patologizante.

As argumentações a respeito da transmissão intencional vêm de conteúdos interligados entre os termos: Sem camisinha, Sem Borracha, No Condom, Carimbador Consensual e Vítima Consentida.

Nos levantamentos realizados para esta pesquisa, a intencionalidade em isentar o preservativo é acompanhada de argumentos associados à intimidade, à sensação, ao incômodo de usar preservativo. Uma parte dos internautas interlocutores reforçava o discurso de um maior contato com o parceiro, criando contornos por meio de palavras e discursos que motivassem a exclusão da camisinha, o que ocasionaria um quadro de vítimas de carimbada. Por se tratar, neste trabalho, de um grupo que busca e difunde consensualmente o HIV, a exclusão da camisinha não é algo conversado ou negociado, visto que a intencionalidade em excluir o preservativo já era consensual entre os HSH. Assim, a prática compete, sobretudo, em “chegar, botar sem capa, fuder e leitar dentro”, conforme evidenciam os múltiplos discursos nos grupos analisados.

No que se refere à categoria *Perfil*, processo em que é possível identificar os atores sociais dentro do Clube do Carimbo, são nítidas as subjetividades presentes nos grupos analisados.

Figura 04: Nuvem de Palavras Referente à Categoria sobre Perfil de Identificação dos Atores Sociais Dentro do Clube do Carimbo.



Elaborado pelo autor (2022).

Evidenciado na figura 04, o ator social e seu corpo são capazes de produzir elementos para a formação de autoidentidades. São representadas por múltiplas estratégias lingüísticas que permeiam práticas políticas e sociais. Os discursos

evidenciados pelos internautas interlocutores retratam diferentes narrativas, revelando múltiplas possibilidades para os atores sociais que participam dos grupos.

A partir dos diálogos, os atores sociais fornecem perfis identitários que facilitam a busca e a transmissão do HIV, identificando qual lugar social (estratificação social) ele ocupa nos grupos. Nessa perspectiva, os atores sociais que se autointitulam Carimbadores, Depósito, Leitador, Bichado, Vitaminado carregam simbologias e signos que poucos conseguem identificar para quem convive fora dos grupos. Para quem está inserido ou compreende um pouco da subcultura do Clube do Carimbo, reconhece que nesse horizonte estratificado, os atores sociais que se consideram Bichados, Carimbadores, Vitaminados são respeitados, verdadeiros anjos, sem a auréola, sem asas.

De acordo com Ivan Pimentel, Ana Carolina Barbosa & Jeziel Silva (2021) a gramática à qual o Clube do Carimbo recorre tange as maneiras e peculiaridades para referir-se às relações sexuais que o envolvem, possibilitando, assim, um modo específico de ver e agir, que serve como uma ideologia a ser proferida por esses corpos, como o termo Simbologia Corporal, em que, por meio de tatuagens, é possível identificar (na esfera do Clube do Carimbo) a qual perfil identitário o ator social pertence, tal como o símbolo do Escorpião, que, ao ser tatuado, na parte inferior do abdômen, remete à identificação de um ator social que se intitula Carimbador.

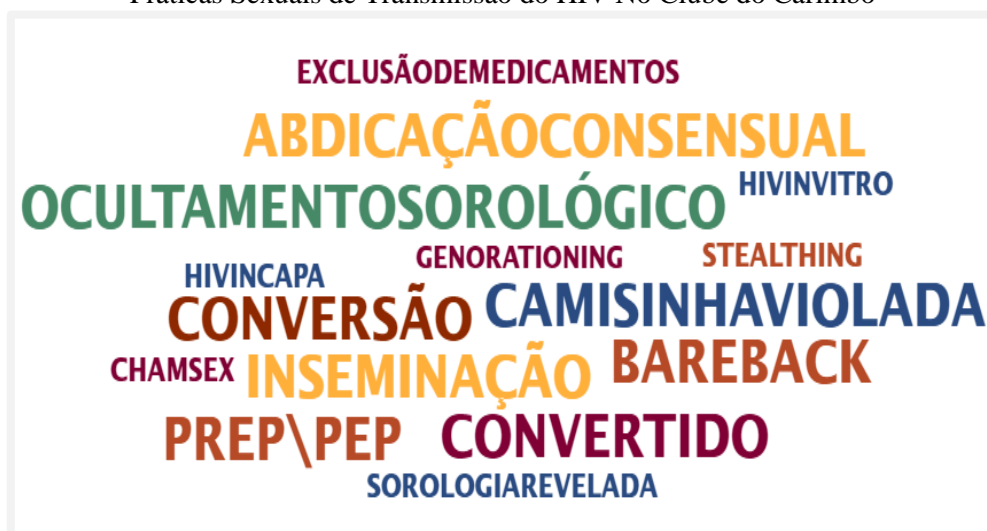
Nesse âmbito da gramática própria, algumas palavras estão sempre atreladas a múltiplos códigos e decodificações, tais como: as altas taxas sorológicas em seus corpos, que são reveladas por termos como Vitaminado, Bichado, *Poz Cum*, Porra Bichada, Detectável, práticas e preferências sexuais que tangem contextos de Ativo, Passivo, Depósito, Leitador, Cuceta, e o perfil identitário que permeia a decodificação identitárias como o *Gift*, Carimbador, *Bug Chaser*, Carimbador e Carimbado. Por fim, a partir das investigações, percebemos que a transmissão consensual do HIV transforma os praticantes envolvidos, realocando as suas identidades e (dês) fixando os padrões de normalidades cultivadas a partir de um modelo social e cultural de condutas a serem seguidas, inclusive dentro do próprio contexto do Clube do Carimbo.

Assim, o corpo desse sujeito passa a ser visto por ele e por quem está nessa esfera como um lugar de intercâmbio, um sentido de proximidade, liberdade e individualidade, uma espécie de fronteira a ser ultrapassada e conquistada. O contato da pele com a pele, dos fluidos com o corpo-pele não é simplesmente uma visão que destaca a troca simbólica entre os HSH, mas uma fronteira que é deslocada,

concebendo ao ator social envolvido nesse fenômeno sentimentos que dizem respeito à sua própria existência individual e coletiva em face do mundo.

A subcategoria “Comportamentos Sexuais e Práticas Sexuais” expõe os atos e ações da transmissão consensual do HIV pelo Clube do Carimbo e dos adeptos a este fenômeno.

Figura 05: Nuvem de Palavras Referente à Categoria Sobre Comportamentos sexuais & Práticas Sexuais de Transmissão do HIV No Clube do Carimbo



Elaborado pelo autor (2022).

Evidenciado na figura 05, as vidas sexuais dos atores sociais são marcadas pelas suas pluralidades, principalmente a partir dos discursos culturais que são contraditórios, afinal, sabemos bem para quem são direcionadas as medidas de profilaxia Prep e Pep, visto que os comportamentos que adotam relações sem camisinha são categorizado como algo imoral, sujo, extremamente condenatório para HSH (principalmente para homossexuais masculinos), mas que, para a esfera da masculinidade hegemônica heterossexual, parece estar tudo bem. Uma sociedade totalmente des(Prep) arada!

É na intimidade das interações sexuais que as regras e os regulamentos que marcam os corpos são subvertidos, reestruturando as estruturas impostas e, conseqüentemente, as que seriam adotadas. Os múltiplos internautas interlocutores evidenciam um erotismo que transpassa a atividade sexual como prazer, uma estrutura fixada. Quando ocorre a transgressão das normas sujeitas, novos valores, normas e desafios passam a ser adotadas a partir do propósito individual e coletivo desses atores sociais. Os pressupostos a respeito dos comportamentos e práticas sexuais decorrem das narrativas que potencializam esferas como *Chamsex*, *Bareback*, *Stealthing*, *Generationing*, ocultamento e revelação sorológica, além de práticas como *HIV in Vitro* e *HIV in Capa*. A partir das narrativas, esses internautas produzem discursos que

permeiam o controle de como, onde e quando querem vivenciar as práticas sexuais, pois elas também dizem exatamente quem eles são diante de quatro paredes de um motel barato ou dentro de um fusca enferrujado numa viela escura, principalmente quando o prazer é colocado em primeira instância para esses atores.

No que concerne ao termo inseminação, este representa, dentro do grupo, uma prática clínica que já é conhecida da sociedade: a inseminação artificial. Nessa esfera, esses atores sociais cunharam esse termo como uma prática em que ocorre o depósito de esperma diretamente no ânus, ressaltando que o importante é a quantidade de sêmen concentrada no ânus, direcionando, assim, essa esfera para questões como depósito (quem recebe uma grande quantidade de esperma) e leitor (quem produz uma grande quantidade de esperma).

Já a expressividade e vigor do termo soroconversão advém da mudança do status sorológico do ator social, passando de HIV- para HIV+. Nessa direção, a “troca” do status implica alterações significativas desses atores sociais, concebendo que as práticas e comportamentos sexuais em que eles se envolvem direcionam para questões que abarcam a liberdade desses corpos, produzindo uma maneira mais liberta de perceber e pensar nos riscos de infecção pelo HIV. Nesse flerte ambíguo entre liberdade e prazer, a perspectiva está profundamente conectada com a idéia de controle de suas próprias escolhas. Por essa razão, verificamos que as práticas referentes aos comportamentos e práticas sexuais advêm das singularidades de histórias pessoais de cada HSH participante dos grupos, reafirmando suas identidades e revelando seus direitos e a confirmação de suas verdades através de suas vivências, que prosseguem através das suas experiências pessoais e coletivas através do fenômeno.

Por fim, para a concretização do fenômeno no espaço concreto, observamos que a categoria de análise *Encontros* foi substancial para a pesquisa, pois, a partir dela, foi possível identificar quais são os *Goddess Spaces* em que a prática é efetuada pelos HSH que procuram e oferecem a transmissão consensual do HIV

O espaço é vivido e percebido de múltiplas maneiras pelos atores sociais do Clube do Carimbo. Uma das características que a Geografia nos permite a partir das análises do espaço diz respeito às representações que os sujeitos fazem dos espaços. Para muitos HSH que estão inseridos nas práticas de transmissão intencional do HIV consensual (e não consensual), o espaço é construído socialmente através das percepções e da interpretação dos indivíduos, conforme se observa na imagem a seguir (Figura 06).

Figura 06: Nuvem de Palavras Referente à Categoria do Virtual ao Real: Concretização do Fenômeno de Transmissão Consensual do HIV no Espaço Concreto por Meio dos *Goddess Spaces*.



Elaborado pelo autor (2022).

Para esses atores sociais, as práticas de transmissão consensual do HIV são possíveis graças à conectividade entre espaço real (*Goddess Spaces*, Festas de Soroconversão, Festas de Roleta Russa) com o ciberespaço (comunidades virtuais, Salas de Bate Papo, Twitter, Aplicativos (Grindr principalmente) e os Grupos no Whatsapp). Como mencionamos anteriormente, o corpo no espaço apresenta significados, signos, decodificações que revelam as práticas sociais contidas naquele espaço e nos corpos que ocupam e transitam por ele. O espaço para esses HSH advém da conexão dos fenômenos relacionada à visão de mundo que esses atores sociais adotam, bem como suas experiências, emoções, representações, relações. Para eles, as festas de soroconversão se tornam um espaço de alegria, prazer, materialização dos seus desejos mais secretos.

Para determinados internautas interlocutores, a presença em um grupo na rede, ou seja, em um espaço virtual, denota uma facilidade na busca e encontros de parceiros. Através da descrição de “si mesmo”, objetiva-se despertar idéias, fantasias, objetivos, implicações para quem manda a mensagem e para quem recebe. A partir dessa autodescrição, que em grande parte acompanha vídeos, fotos, emojis, como foi observado durante esta dissertação, representações e linguagens são criadas, fazendo com que as subjetividades sejam identificadas, permitindo relações cada vez mais abertas, flexíveis e múltiplas entre os atores sociais que se envolvem no fenômeno.

Contudo, muito dos HSH que possuem como prática a transmissão consensual do HIV relatam que a busca de parceiros de forma online apresenta lacunas monótonas de serem dribladas, como as mentiras que podem aflorar por meio da manipulação do

corpo, padrões distorcidos diante da fala e do comportamento. Outra esfera adotada referente ao mundo virtual de encontros advém das tensões construídas que esbarram em eixos como a demora de encontros no espaço concreto real, as dificuldades de se relacionar, as moralidades sexuais e padrões de corpos, gerando, assim, cansaço, ilusões e fadigas para esses homens. A construção de relações que envolvem os sujeitos no ciberespaço possui contradições, visto que muitos HSH buscam construir relações para concretizar seus desejos, fantasias e prazeres, mas, ao transpor os encontros face-a-face, não desejam (de fato) corporificar e materializar essas relações. Muitos interlocutores apresentam, em suas narrativas, que a virtualidade atrapalha seus encontros, visto que os diálogos ficam apenas restritos à tel@.

Para esses atores sociais, que adotam comportamentos mais objetivos e práticos, os encontros cara-a-cara, por meio dos *Goddess Spaces*, tornam-se um caminho mais fluído, com estradas menos tortuosas e sem pedágios. Para eles, ao frequentarem um espaço em que os desejos e fantasias são realmente realizados o caminho é rápido: “encontrar alguém pra “trepar” gostoso, leitar bastante dentro de um buraco ou sentar numa pica”. O nome, idade, onde mora ou status civil pouco importa, entretanto, fenômenos contidos na interação podem até emergir, como bater um papo para conhecer algumas características, realizar algumas perguntas de cunho social, mas não é regra. Em síntese, a busca pela prática de transmissão consensual do HIV apresenta fronteiras que são, ao mesmo tempo, ultrapassadas e limitadas pelas interações entre o mundo virtual e o real.

É por meio da web conforme afirma Richard Miskolci (2009) que os HSH encontram uma maneira de conhecer parceiros, fazer amizades, criar redes e contatos. No que abarca o Clube do Carimbo, existe uma parcela de HSH que prefere contactar os Carimbadores ou Vitaminados no espaço virtual, visto que o “direto ao ponto” torna-se fluído, contribuindo para uma “redução de danos” no espaço-tempo real. Contudo, outra parcela desses atores sociais prefere frequentar os *Goddess Spaces*, pois o encontro, na visão deles, é mais fácil, “é leite pra dentro e pra fora”, sem muitas barreiras, sem desistências e muitas perguntas, que, segundo eles, acabam tirando o tesão.

Identificar e refletir sobre alguns aspectos do modo como as práticas sexuais se desenvolvem em quatro paredes, seja de um motel barato ou num apartamento de luxo à beira-mar, ainda é algo que choca para quem vive, principalmente, numa sociedade controlada pelo conservadorismo e seus alicerces, os quais são oriundos de uma

combinação complexa de fatores culturais, históricos, institucionais, familiares, que se tornam presente na vida de muitos cidadãos. Ouvimos palmas e não digo aqui de aplausos, mas da dança de anatomias aptas a desenvolver qualquer espacialidade, sem afligir-se com conseqüências violentas, e sim, cada vez mais, penetradas, “anal-ogas”.

O ator social, ao assumir posturas que caminham na contramão de muitas janelas regulamentárias presentes na sociedade, ainda é motivo para arregalar os olhos, principalmente quando o assunto envolve práticas sexuais adjuntas de uma liberdade maior do indivíduo como o *barebacking*. Falar de sexo a três, masturbação, fetiches, BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo e masoquismo) e outras práticas pouco difundidas e conhecidas ainda é motivo para ser considerado como “imorais, sujos, pervertidos e doentes”. Dessa maneira, apesar de todo contexto histórico-social a respeito da sexualidade e das civilizações, discutir abertamente práticas sexuais, hoje em dia, é muito complexo.

3.3.1- PARA ALEM DA ANAL (ÓGIAS): HIV IN VINTRO E HIV IN CAPA

As normas sexuais impostas a partir do fenômeno do HIV fizeram com que o corpo fosse privatizado, principalmente aqueles corpos que "distorciam" da normalidade heterossexual e se localizavam a margem do modelo binário homem\mulher, heterossexual\homossexual, pênis\vagina. Em similaridade com as afirmações de Gilles Lipovetsky (2005) verificamos que, na sociedade capitalista, o corpo é remodelado a todo instante. Nesse momento, ele não se qualifica unicamente como abjeção, mas também passa a ser visto como uma multiplicidade que atende distintos operantes, tornando a nossa identidade a florada, desinibida da vergonha, transformando o corpo marcado como espetáculo, obrigado a ser apreciado e tocado a olho nu.

Segundo Gilles Deleuze & Félix Guattari (2004) as sociedades modernas produziram uma série de privatizações a respeito do corpo, transformando determinadas zonas, áreas, espaços do corpo em espaços abstratos, intocáveis, silenciados. Nessa perspectiva, retomamos ao pensamento de Preciado (2014) ao salientar que o primeiro órgão a ser privatizado, colocado fora do campo social, é o ânus, tornando-se um órgão abjeto, mas jamais silenciado. Para Sáez & Carroscosa (2016) o ânus é uma grande metáfora para controlar os sistemas sociais. Durante a época do período epidêmico do HIV, o ânus foi categorizado como objeto de repulsa e estigma, principalmente por parte da Igreja, organizando toda uma vida cultural em torno dele, centrado principalmente nas medidas sanitárias impostas pelos "fiscais de cu".

Gilmaro Nogueira (2020) afirma que não podemos pensar em práticas sexuais apenas como meras experiências, visto que elas são profundamente permeadas por discursos, normas, patologizações e julgamentos morais, sociais e religiosos. O sexo anal é uma dessas práticas, dentre tantas outras que necessitam ser mais exploradas, visto que o ânus deve ser observado e estudado para uma categorização além de um orifício utilizado para expelir excrementos ou medir a temperatura quando um quadro de apendicite aparece. A centralidade anal pode ser observada a partir dos discursos espalhados pela rede, trocados em diversos ambientes do espaço virtual, como blogues, mensagens de texto, salas de bate-papo, potencializando o ânus a uma escala a ser conquistada, descoberta e ultrapassada, visto que ele se transforma em uma fronteira viva e desafiadora, conforme observou Victor Hugo Barreto (2017).

O ânus é analisado como um espaço de vulnerabilidade e, conseqüentemente, a preocupação sanitária e higienista advinda da epidemia do vírus da imunodeficiência humana fizeram com que esse espaço se transformasse em algo a ser evitado, reprovado, escondido e camuflado, visto que ele foi construído, ao longo do panorama histórico do HIV/AIDS, como o “espaço principal de contaminação”. Observa-se, em Sáez & Carrascosa (2016) que os discursos hierarquizam corpos e órgãos. O ator social masculino e seu ânus, na história da epidemia do HIV, tiveram uma profunda ligação, um “ímã desgraçado” que não era somente merecedor de castigos divinos, conforme salientamos no início deste texto, mas merecedor de uma moléstia grave, em que o portador do vírus fosse capaz de agoniar e clamar por piedade, conforme as matérias jornalísticas evidenciaram durante anos em suas capas, uma verdadeira violência estrutural.

Para Barreto (2017) a construção social do ânus é recoberta de relações de poder, atravessada por múltiplas questões da estrutura social – idade, raça, religião - que potencializa, nos corpos, comandos e significados a respeito dos seus eixos, e que enraíza profundamente esses demarcadores. Aquilo que deveria ser tratado como uma crise de saúde pública transformou o sexo, as práticas sexuais, as relações homoeróticas e o cu em uma ameaça a ser combatida. O cu converteu-se em uma referência pecadora, como um órgão infeccioso, responsável pelo vetor de transmissão, baseando-se em conceitos e imagens morais e ideológicas, e em uma aproximação cruel com a morte, esclarecem Sáez & Carrascosa (2016).

Apesar das práticas transgressoras de *Stealth* e *Generation* serem recentes e terem ganhado fortes estudos por meio dos trabalhos feministas, conforme afirma

Marcilene Jesus (2019) dado o exposto de que se abre uma possibilidade para autorização do aborto legal, trago à tona outras duas práticas sexuais que estão imbricadas na subcultura do Clube do Carimbo, nas quais denominei de *HIV in Vitro* & *HIV in Capa*, que tem se tornado foco de discussão dentro da esfera da comunidade virtual e dos grupos.

A prática sexual exposta denominada *HIV in Vitro* advém principalmente da prática de sexo grupal, visto que a quantidade de sêmen é maior, devido à quantidade de homens cis na participação do fenômeno (aliás, durante a pesquisa, nenhum homem trans foi identificado). Nessa prática, os atores sociais envolvidos não ejaculam dentro do ânus diretamente, na camisinha ou em outras partes do corpo, como a boca (outro órgão fetichizado, diga-se de passagem). O esperma é depositado em um recipiente, tal como copo ou pote feito, em grande parte, de vidro. Sucessivamente, utilizam-se seringas descartáveis, aspirando esperma e depositando diretamente no ânus do parceiro.

Nessa prática, o depósito feito no ânus advém de três maneiras: (I) utilizando a Seringa hipodérmica e depositando “doses” de esperma; (II) Utilizando Plug Anal Vazado com Túnel, dando uma maior profundidade e vazão para o depósito do esperma e (III) Auxiliado pelas mãos, o depósito – ator social que recebe grande quantidade de esperma por vias anais, conforme explicita Luís Augusto Silva (2008), abre o ânus para que os sêmens possam ser depositados, de forma indireta, operando com a ajuda de seringas ou do plug anal ou de forma direta, despejando o esperma coletado “*in vitro*” todo de uma vez.

Colaborando com a prática de disseminação do HIV, a segunda prática explicitada, categorizada como *HIV in Capa*, origina-se a partir de encontros sexuais nos quais a camisinha é\foi utilizada e o esperma ainda é encontrada em seu interior. Nessa prática, os atores sociais envolvidos ejaculam ou já ejacularam dentro da camisinha – termo conhecido na subcultura do Clube do Carimbo como capa. Conseqüentemente, a camisinha não é descartada ao lixo após o ato sexual. O esperma contido em seu interior é despejado na boca do indivíduo fazendo-o engolir sucessivamente após sugar todo o líquido presente no preservativo. Para essa prática, utilizam-se camisinhas convencionais masculinas, diferenciando-se de uma prática sexual oral com ejaculação, visto que, nessa última, o esperma é depositado diretamente na boca.

Os *Goddess Spaces*, como os cinemas eróticos, praças em que sociabilidade homoerótica ocorre e os banheiros públicos são os principais alvos para essa prática, conforme expõe Lourenço (2015) visto que o ator social, ao adentrar nesses espaços e ao avistar camisinhas usadas, faz com que seu imaginário crie cenas em sua mente, tentando decodificar e imaginando quem eram os atores sociais que utilizaram aquele preservativo, assim como as suas histórias daquela relação e, conseqüentemente, a sorologia de quem usou. Essa prática transgressora tem ganhado adeptos na subcultura do Clube do Carimbo, pois encontrar uma camisinha usada em parques, praças, banheiros públicos, cinemas e outros espaços e, conseqüentemente, “provar do leitinho” contido na capa, levanta questões a respeito de novas práticas e de questões de saúde pública, política e social.

Todavia, encontrar um preservativo usado em um *Goddess Spaces* e fetichizar as histórias, cenas, atores sociais, corpos, tempo e espaço não significa, de fato, encontrar um “leite vitaminado”, visto que isso remete para duas compreensões substanciais a respeito do sêmen: (a) Pode ser que o esperma presente na camisinha tenha HIV e (b) Pode ser que o esperma presente na camisinha não tenha HIV. Nesse momento, identificamos uma espécie de “Roleta Russa do HIV *in Capa*” na qual a busca e a obtenção de um “leite rico em lactobacilos vivos” podem vir a ser concretizadas ou descartadas.

Contudo, se existe uma transmissão a partir do ato sexual, por que determinados indivíduos optariam por esses modelos “*In Vitro*”? O próprio conceito que tange a possibilidade de um perigo imprevisível torna-se um atrativo e um alto potencial erótico (BARRETO, 2019). As práticas de HIV *in Vitro* e HIV *in Capa* envolvem situações que se entrelaçam a respeito da subcultura do Clube do Carimbo e fora dela. No universo on-line, o corpo torna-se um objeto alocado para fora das normas e convenções civilizatórias e patológicas, em que o repúdio e o nojo geram condições ambíguas a respeito do aceitável e do descartado. Os prazeres eróticos que algumas práticas fornecem para alguns atores sociais dependem de parâmetros como intensidades, valores, normas e condutas distintas, visto que cada um deles possui uma excitação, uma vontade, um desejo.

Assim, para esses indivíduos que adotam comportamentos categorizados como “*In Vitro*”, seus fetiches, desejos e fantasias estão conectados com seus prazeres eróticos abstratos presentes em suas mentes e que se manifestam no espaço concreto a partir de inúmeras formas. Para cada ator social, o nível de abstração de determinado

fenômeno caminha em escalas distintas, atingindo práticas e comportamentos heterogêneos.

Para finalizar, gostaria de mencionar que, por muita das vezes, me peguei pensando, durante a observação participante, se os discursos proferidos pelos internautas nos quinze grupos freqüentados durante esse trabalho eram realmente reais, se aquelas falas, textos, emojis, áudios eram um “outro show do eu”, uma segunda identidade e totalmente distanciada do meu “eu real”. Interagir em um espaço virtual apresenta lacunas que nem sempre serão preenchidas, visto que a linguagem corporal do sujeito diz muito sobre ele e sobre o que ele pensa a respeito do que está sendo dito e abordado.

Nesse ínterim, os fetiches considerados “pesados”, como o da transmissão do HIV, são algo concreto que imbrica os universos online e os espaços concretos da nossa sociedade. Como todo espaço virtual e concreto, os *outsiders* são presentes, pessoas que freqüentam esses locais e adotam o velho comportamento de “só tô dando uma olhadinha”, como se estivesse pronto a comprar algo, mas claro, verificar antes. Na verdade, esses atores sociais estão dentro de várias lojas, repletas de “manequins vivos”, que pulsam sangue, roçam pau com pau e que piscam o cu, um verdadeiro mundo de fronteiras e deslocamentos que a geografia sexual ainda não contempla em sua totalidade.

Logo, esses espaços virtuais onde ocorre a troca de experiências criminais (não somente o Clube do Carimbo) exibem contornos relevantes para pesquisas que abordem temas complexos, que, apesar de serem conhecidos, são ocultados ou pouco explorados. No que diz respeito ao sujeito real, ele não se distancia do sujeito virtual, eles se imbricam em um só, em interações diferentes em um espaço-tempo. Conforme percebi e observei nos grupos, muitos internautas parecem sempre estar “pisando em ovos”, tornando-se, assim, sujeitos que gostariam ou possuem interesse na prática, mas mantêm uma distância segura atrás da tela. Caminhando nessa perspectiva Le Breton (2013) afirma que a ambigüidade dessa vontade está profundamente conectada em abdicar a qualquer desejo ou vontade, concebendo, assim, o ator social à onipotência imaginária ou real, produto a ser consumido, e transforma-se em consumidor.

Por fim, os internautas que realmente se identificam como Carimbadores, *Gifts Givers*, *Bug Chaser* ou Depósitos lutam contra qualquer desperdício de ‘leite vitaminado’, pois, para eles, o esperma é visto como um líquido muito valioso e que implica complexas abordagens e compreensões. Na subcultura do Clube do Carimbo,

toda e qualquer “vitamina” é reverenciada, seja pelos senhores ou pelos seus vassallos sexuais, que, ao serem desejados devem imediatamente corresponder, e ao serem expelidos, devem ser consumidos em sua totalidade – até a última gota, manifestando um jogo de poder e privilégio para aqueles que estão nas festas, saunas, roletas russas, cabines de cinema, banheiros públicos, ou procurando preservativos com sêmen em quaisquer *Goddess Spaces*. É através desse meio que o corpo é levado ao seu extremo limite, seja pela presença de práticas de *Chamsex* ou através de abordagens que perpassam pelas esferas de risco. Destarte, ao que tudo indica, ainda existe um longo, profundo, violento e complexo caminho a ser (re) descoberto e pesquisado dentro do Clube do Carimbo, visto que grande parte do que a sociedade evidenciou, notificou, televisionou significa uma pequena porção exposta do fenômeno.

CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

A necessidade de categorizar e apontar tudo que acontece na sociedade faz com que múltiplos corpos sofram na pele marcas que nem o tempo torna capaz de apagar. O HIV/AIDS atrelado aos “5H” foi violentamente difundido pela Igreja, Estado e pela mídia concebendo a população momentos de pânico e pavor que se alastram até os dias de hoje. Para muitos, a infecção/doença estava atrelada a determinados grupos devido aos seus comportamentos e práticas sexuais que com o passar do tempo e uma maior incidência no espaço geográfico, foi capaz de provocar questionamentos a respeito do vírus e os seus respectivos atores sociais. Com a feminilização e heterossexualização do HIV/AIDS percebe-se o discurso da mídia e a presença de órgãos a fim de amenizar uma problemática sanitária e pública que há mais de 40 anos foi extremamente direcionada aos homossexuais masculinos.

A fragmentação dos espaços de sociabilidades homossexual foi impulsionada pelo processo de gentrificação de determinados territórios *Queer*, edificados a partir da década de 1960 e que foram passíveis de transformações substanciais. Esse processo não se restringia apenas a reconfiguração territorial de partes centrais ou subúrbios da cidade, mas abarcava também a esfera social. Logo, os espaços que antigamente eram ocupados pela população LGBTQIA+, foram substituídos ou transferidos, criando um delineamento territorial e social.

A vista disso, investigações históricas sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo foram capazes de reconstruir espaços vistos como marginais ou em um tom mais “espirituoso”, zonas alternativas da cidade. Dentro de pouco tempo, os *Goddess Spaces* se tornaram permeáveis para que a “contravenção” das normais fosse executada. Essas relações não se restringiam unicamente as essas áreas, ultrapassavam as inúmeras ruas, vielas, becos e morros da cidade. A cidade “reproduz, além da violação dos direitos, formas autoritárias de apreensão do espaço público, em que determinados indivíduos/segmentos são atormentados, violentados e aterrorizados”, conforme afirmam Andrea Silva & Silvana Santos (2015, p. 504). Assim, é a presença dos grupos marginalizados que enriquece a diversidade socioespacial, tornando-se um elemento substancial para aconteça a materialização.

As marcas que determinados grupos carregam em seus corpos ultrapassam fronteiras fixas e imaginárias, determinando onde e como determinados sujeitos devem estar e ocupar. Dado as investigações da pesquisa, verificamos que o HIV/AIDS

continua sendo um aprisionamento para milhares de pessoas, que ao descobrir a sua sorologia, adentram em armários cada vez mais fechados e escuros. O estigma carregado durante anos por múltiplos atores sociais ainda são presentes no Brasil, desdobrando assim pensamentos machistas, sexistas e homofóbicos. Apesar da transmutação no perfil epidemiológico da infecção\doença, percebe-se um direcionamento para o público LGBTQIA+ com mais enfoque, enfatizando a necessidade de prevenção e testagem para o vírus.

Além disso, podemos verificar que a coexistência por meio do poder e resistência, torna-se um tesouro substancial para a composição (ciber.) espacial. Desta maneira, é fundamental interpretar que as esferas do “visível” e do “invisível” são desfechos que constituem uma mesma realidade espacial, pois ao mesmo tempo se torna segregada e integralizada. Assim, fica evidente de que a relação entre o corpo e espacialidade favorece, proporciona e constrói a legitimação. Além disso, expõe a rejeição ou admiração de determinados corpos, transformando-se assim marcas do corpo e no corpo, que podem ser encaradas como reconhecidas ou excluídas, presente na vida de diversos indivíduos.

Sendo assim, o mesmo espaço que consiste e abarca os processos heteronormativos são os mesmos em que esse sistema\ordem pode ser subvertido, pois é a partir da força expressa no espaço, da utilização do espaço por outros corpos que essa subversão ocorre. É a partir da posição que determinados corpos ocupam que ele pode estar no centro das estratificações do desejo, sendo cobiçados ou desejados, atendendo aos padrões compulsórios esperados ou na periferia, na margem da centralidade do poder e da ordem, sendo violentamente reprimidos e rejeitados, tornando-se pretextos para que insultos, agressões verbais e falecimentos ocorram.

O corpo metaforiza o social e vice-versa. É no interior do corpo que as possibilidades sociais e culturais se desenvolvem. Aos órgãos que compõem o corpo são atribuídos significados, valores e representações de uma sociedade para a outra e conseqüentemente dentro de uma mesma sociedade, representando e estabelecendo fronteiras precárias, ameaçadas e dispostas a serem colonizadas ou colonizadoras. Nesta perspectiva evidenciar o corpo como escala primária e conseqüentemente, o ânus como escala secundária nos remete que o corpo é repleto de pontos norteadores da vida, múltiplos e multifacetado de valores, afinal, um joelho ralado na infância não é a mesma coisa do que uma espinha na ponta do nariz, visto que o joelho, parte sul do corpo que

cobermos ou escondemos, possui uma escala de valor mais baixa do que o rosto, um espaço valorizado assim como os gêneros.

Nos dias atuais, o ciberespaço é uma ferramenta de interação vital entre seus navegantes, capaz de promover e estimular com que desejos corpos, fantasias e desejos se manifestem, tornando-se materializado no espaço concreto. Através da tel@, o espaço abstrato do sujeito ganha vida, transpondo da alma para a tela e da tela para a alma e a cama. É por meio das comunidades virtuais que diversos atores sociais manifestam seus desejos e fantasias, tornando-se astronautas anônimos nesse grande universo virtual.

A partir da construção de prazeres eróticos nos *Goddess Spaces*, um pano de fundo do desejo sexual é erguido, concretizando com que a rua se torne um palco intenso para que os desejos produzidos dentro da tel@ ultrapasse a esfera do ciberespaço e se expresse. Agora, os espaços comerciais, públicos ou privados se tornam um verdadeiro “harém” de corpos, identidades, desejos, representando possibilidades para interações e experiências. As identidades e as fantasias passam a ser negociadas fazendo com que a ponte entre o mundo impessoal da rua e o mundo intensamente pessoal (do imaginário ou do virtual) seja revelada. Agora, a necessidade de dispor de espaços de concreto, sejam eles os *Goddess Spaces* ou *Holy Space* para que as fantasias e os desejos sejam saciados, visto que o rompimento de conjunto de normas, valores e ordens serão subvertidos de agora em diante, abstraindo os padrões dominantes.

Vale mencionar que é através do comportamento de masculinidade hegemônica dominante, que nós mesmos construímos um reino, um aplicativo, uma vila, uma metrópole ou até mesmo um país que se viravolta contra nós mesmos, os próprios habitantes e produtores da urbe, reforçando o panorama de que o Sol não nasce para todos, não existe direito à cidade para determinados corpos e populações e principalmente, de que, a liberdade de ser quem eu desejar, disseminada na rede como forma de emancipação e autonomia pessoal não passa de um “mito genocida”.

Ademais, conforme pudemos observar ao longo desta dissertação, principalmente no que tange ao último capítulo, existe uma subcultura de práticas e comportamentos sexuais na web que espalhados por meio de grupos, difunde o HIV de forma proposital consensual e de forma proposital não consensual. Os motivos que levam o sujeito a abarcar nessa viagem advêm de inúmeros fatores, tornando a rede um grande mar possível de encontrar essas embarcações e ilhas e consecutivamente, realizar

mercantilizações do que diz respeito ao HIV e Infecções Sexualmente Transmissíveis. É por meio desse grande oceano que festas para transmissão do HIV são organizadas em espaços fechados e extremamente seletivos.

Ao adentrar nesse universo “subterrâneo” da rede, percebemos que uma parcela de HSH se torna apenas *outsider*, curioso a fim de encontrar em um mundo virtual, a segurança de materializar os seus desejos, mesmo que de forma online. Para os mais corajosos, a internet é vista apenas como uma ferramenta que possibilita a comunicação e encurta as burocracias, visto que para eles, o mundo online e off-line é imbricado, tornando-se verdadeiros lagos de prazer, sedução, erotismo e difusão de HIV.

Assim sendo percebe-se que para muitos, o HIV é um troféu disputado, uma medalha, brasão a ser estampado, sinônimo de luta, resistência e orgulho e que ao difundir o vírus de forma proposital e consensual, estaria perpetuando essas posicionalidades. Cada um dos atores sociais envolvidos na prática seja o perfil que for independente da sua localização, etnia, idade condição econômica e profissão carrega em si marcas do HIV, do desejo, fantasia, subjetividades. Para você leitor, arregalar os olhos e julgar questionando “Por quê?” advém de fatores sociais, políticos e culturais, assim como para muitos desses carimbadores, depósitos, leitores, vitaminados, bichados, viver com HIV e difundi-lo tem um contexto, uma carga muito além do viral e que se desdobra em carga cultural, pessoal, individual, coletiva. Não cabe a mim, pesquisador, independente da posicionalidade que eu tenho – privilegiada, diga-se de passagem, e nem você leitor (a), independente de frequentar ou não a academia de julgar, condenar ou recriar. Pontuo novamente que cabe aos órgãos federais, municipais ou estaduais a fiscalização de determinadas práticas e parafilias.

Por fim, como posicionamento político atermo a necessidade das testagens para IST’s de forma frequente (e sigilosa, pois existe um comitê de ética a respeito), utilizar medidas de prevenção – que são gratuitas como camisinha e PrEP ou PEP para todos seja você homem cis, mulher cis, homem trans, mulher trans, travestis, de média, pequena ou grande cidade, heterossexual, homossexual, bissexual. É uma luta que ocorreu no passado que vigora até os dias de hoje e devemos difundir, visto que é um dos melhores do mundo e temos direito de usufruir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Gabriel de Souza. **O Segundo Armário: Diário de um Jovem Soropositivo**. INDEX ebooks, 2014.

ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 09-24, 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARCELLOS, Christovam de Castro; BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro. Redes sociais e difusão da AIDS no Brasil. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana**, v. 121, n. 1, p. 11-24, 1996.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de Orgias para Homens: Territórios de Intensidade e Socialidade Masculina**. Salvador (BA): Devires, 2017.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Sexo Pig: Algumas notas sobre prazeres extremos**. IN: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago (Orgs.). **Práticas Sexuais: Itinerários, Possibilidades e Limites de Pesquisa**. Salvador (BA): Devires, p. 125-151, 2019.

BARROS, José D'Assunção. Escala: um conceito primordial para a geografia, história e demais ciências humanas. **História Revista**, v. 25, n. 1, p. 93-115, 2020.

BASTOS, Francisco Inácio. **AIDS na terceira década**. Editora Fiocruz, 2006.

BATISTA, Micheline Dayse Gomes. Second Life: cibercorpos e experimentações identitárias em um mundo virtual. IN: Crisis analógica, futuro digital: **Anais... IV Congresso Online del Observatorio para la Cibersociedad**, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/MichelineBatista/publication/230669884_Second_Life_cibercorpos_e_experimentacoes_identitarias_em_um_mundo_virtual/links/09e41502c4a530991000000/Second-Life-cibercorpos-e-experimentacoes-identitarias-em-um-mundo-virtual.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2022.

_____. **O Second Life e a vivência do 'segundo corpo'**. IN: FERREIRA, Jonatas; SCRIBANO, Adrián. (Orgs.). **Corpos em concerto: diferenças, desigualdades, desconformidades**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 179-200, 2011.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BERLINGUER, Giovanni. Globalização e Saúde Global. **Estudos Avançados**, v.13, n.35, p.21-38, 1999.

BERNAND, Carmen. **História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

BEZERRA, Vladimir; SILVA, Vera Lúcia Marques da. **Bareback, Risco e Prazer na Perspectiva de Usuários da Profilaxia Pré-exposição (PrEP) ao HIV: um estudo etnográfico**. IN: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago (Orgs.). **Práticas Sexuais: Itinerários, Possibilidades e Limites de Pesquisa**. Salvador (BA): Devires, p. 232-248, 2019.

BINNIE, Jon, LONGHURST, Robyn, PEACE, Robin. **Upstairs/downstairs – Place matters, bodies matter**. IN: BELL, D; BINNIE, J; HOLLIDAY, R; LONGHURST, R. **Pleasure zones: bodies, cities, spaces**. New York: Syracuse University Press, p. vii – xiv, 2001.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Breeding Theory: Foucault e Goffman no estudo de performances do desejo bareback em grupos de whatsapp**. IN: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago (Orgs.). *Práticas Sexuais: Itinerários, Possibilidades e Limites de Pesquisa*. Salvador (BA): Devires, p. 249 - 267, 2019.

BOURNE, Adam; REID, David; HICKSON, Ford; RUEDA, Sergio Torres; Weatherburn, Peter. **Chemsex study: drug use in sexual settings among gay & bisexual men in Lambeth, Southwark & Lewisham**. London: Sigma Research, 2014.

BRENNAN, Joseph. Stealth breeding: bareback without consent. **Psychology & Sexuality**, v. 8, n. 4, p. 318-333, 2017.

BRIGNOL, Sandra; DOURADO, Inês. Inquérito sociocomportamental sobre as práticas sexuais desprotegidas entre homens que fazem sexo com homens usuários da Internet. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, n. 3, p. 423-434, 2011.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Euclides Ayres de; SZWARCOWALD, Célia Landmann. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical [online]**, v. 34, n. 2, p. 207-217, 2001.

BRODSKY, Alexandra. Rape-adjacent: Imagining legal responses to nonconsensual condom removal. **Colum. J. Gender & L.**, v. 32, p. 183, 2016

BROWN, Michael. **Closet Space: Geographies of Metaphor from the Body to the Globe**. Routledge: Londres, 2000.

BROWNE, Katherine. **Contestando o privilégio anglo-americano na produção do conhecimento em Geografias das Sexualidades e de Gênero**. IN: Silva, Maria das Graças Silva Nascimento; Silva, Joseli Maria (Orgs). *Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial*. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 135 -156, 2011.

BULL, Sheana.; MCFARLANE, Mary. Soliciting sex on the Internet: what are the risks for sexually transmitted diseases and HIV? **Sexually transmitted diseases**, p. 545-550, 2000.

CAREY, James; MEJIA, Roberto; BINGHAM, Trista; CIESIELKI, Carol; GELAUDE, Deborah; HERBEST, Jeffrey H et.al. Drug use, high-risk sex behaviors, and increased risk for recent HIV infection among men who have sex with men in Chicago and Los Angeles. **AIDS and Behavior**, v. 13, n. 6, p. 1084-1096, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo**, v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Livro Digital: Ebooks Brasil: 2002. Disponível em: <<https://www.baixelivros.com.br/literatura-estrangeira/alice-no-pais-das-maravilhas>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

CARVALHO, Carlos Alberto; AZEVÊDO, José Henrique Pires. Do AZT à PrEP e à PEP: AIDS, HIV, movimento LGBTI e jornalismo. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 2, p.246-260, 2019.

CARVALHO, Leonardo Arquimimo de; CARVALHO, Luciana Jordão da Motta Armiliato de. HIV e Barebacking: Uma Breve Leitura Garantista. **Revista Jurídica (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 330, n. 330, p. 81-91, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto, FRANCO, Samuel. Homossexualidade: verdades e mitos. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, p.119-130, 2012.

CEZAR, Vagner Mendes; DRAGANOV, Patricia Bover. A História e as Políticas Públicas do HIV no Brasil sob uma Visão Bioética. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 18, n. 3, p.151-156, 2014.

CLAVAL, Paul. “A VOLTA DO CULTURAL” NA GEOGRAFIA. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 01, n 01, p.19-28, 2002.

_____. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

_____. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 20, n.3, p.05-24, 2011.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013.

CORNETT, McKenney. Taking the Lead: A Strategic Analysis of Stealthing and the Best Route for Potential Civil Plaintiffs to Recover. **Wm. & Mary J. Race Gender & Soc. Just.**, v. 27, p. 931, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas/Geographies of cultural interactions in the urban space. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 207-224, 2010.

DARTORA, William Jones; ÂNFLOR, Éder Propp; SILVEIRA, Letícia Ribeiro da Pavão. Prevalência do HIV no Brasil 2005-2015: dados do Sistema Único de Saúde. **Revista Cuidarte**, v. 8, n. 3, p. 1919-1928, 2017.

DÉBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

EBRAHIM, Sumayya. I’m not sure this is rape, but: An exposition of the stealthing trend. **Sage Open**, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2021, 2019.

EVERS, Ymke., VAN LIERE, Geneviève., HOEBE, Christian., DUKERS-MUIJRERS, Nicole. Chemsex among men who have sex with men living outside major cities and associations with sexually transmitted infections: A cross-sectional study in the Netherlands. **PLOS ONE**, v. 14, n. 5, p.1-15, 2019.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Gramond, 2005.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti do. Sadomasoquismo Erótico ao BDSM: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização. IN: Seminário Internacional Fazendo Gênero X, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, p. 01-12, 2013.

FELBERG, Edgard. **O sexo nu: bareback e outras reflexões**. Curitiba: Appris, 2015.

FERNANDES, Belmiro Vivaldo Santana. Chemsex—a prática do uso predominante de drogas por homens gays em contextos sexuais no reino unido e sua chegada ao brasil. **Revista Jurídica Eletrônica Direito, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 4, n. 8, 2019.

FERRARI, Wendell; NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do; NOGUEIRA, Conceição; RODRIGUES, Liliana. Violências nas trajetórias afetivo-sexuais de jovens gays: “novas” configurações e “velhos” desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2729-2738, 2021.

FERREIRA, João Batista. **Patologias da solidão**. IN: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnolia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Orgs). Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho, Curitiba: Juruá, p. 275-280, 2013.

FILHO, Vicente de Paula Nascimento Leite; FREITAS, Gabriela Pereira de. Ao sul do corpo: abordagens não hegemônicas que abalam a masculinidade tóxica vigente. **Esferas**, n. 18, p.180-193, 2020.

FONSECA, Maria Goretti; BASTOR, Francisco Inácio; DERRICO, Mônica; ANDRADE, Carla L. Tavares de; TRAVASSOS, Cláudia; SZWARCOWALD, Celia Landmann. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, p. 77-87, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLANETTO, Beatriz Helena; KOZEL, Salette. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 3, p. 215-232, 2014.

GALVÃO, Jane. As **respostas das organizações não governamentais brasileiras frente à epidemia do HIV/AIDS**. IN: PARKER, Richard Guy (Org.). Políticas, Instituições e AIDS: Enfrentando a epidemia no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, p. 72-108, 1997.

GARCÍA-IGLESIAS, Jaime. Wanting HIV is ‘such a hot choice’: Exploring bugchasers’ fluid identities and online engagements. **Deviant Behavior**, v. 41, n. 10, p. 1232-1243, 2020.

GAUTHIER, Deann K; FORSYTH, Craig J. Bareback sex, bug chasers, and the gift of death. **Deviant behavior**, v. 20, n. 1, p. 85-100, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GONÇALVES, Paloma Isabele; CARVALHO, Rabech Thiffany Regina de. **Sthealthing e o Direito Penal Brasileiro**. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/18187/2/ARTIGO%20sthealthing%202021.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

GORBACH, Pamina; GALEA, Joseph; AMANI, Bahman et. al., Don’t ask, don’t tell: patterns of HIV disclosure among HIV positive men who have sex with men with recent STI practicing high risk behavior in Los Angeles and Seattle. **Sexually transmitted infections**, v. 80, n. 6, p. 512-517, 2004.

GOUVEIA, Roberto; PALMA, José João. SUS: na contramão do neoliberalismo e da exclusão social. **Estudos avançados**, v. 13, p. 139-146, 1999.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GROV, Christian. "Make me your death slave": Men who have sex with men and use the internet to intentionally spread HIV. **Deviant Behavior**, v. 25, n. 4, p. 329-349, 2004.

GROV, Christian; PARSONS, Jeffrey. Bug chasing and gift giving: the potential for HIV transmission among barebackers on the internet. **AIDS Education & Prevention**, v. 18, n. 6, p. 490-503, 2006.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **O Anti Edipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Assírio & Alvim: Lisboa, 2004.

GUDIÑO, María Elina. Geografía de las redes: impacto en la reconfiguración escalar del territorio latinoamericano. **Geo UERJ**, v. 2, n. 18, p. 1-23, 2008.

GUILLAUME, Marc. **A revolução comutativa**. IN: PARENTE, André. (Org.). *Tramas da rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, p. 142-160, 2013.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HALKITIS, Perry; PARSONS, Jeffrey. Intentional unsafe sex (barebacking) among HIV-positive gay men who seek sexual partners on the Internet. **AIDS CARE**, v.15, n.3, p.367-378, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** IN: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 103-133, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANEY, Daniel. **"Internet Chat Rooms are a Common Way to Arrange Risky Sexual Encounters."** The Associated Press. 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-corpo. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JADE, Caio. **"Homem que é homem...": suspeitas transmaculinas sobre as práticas sexuais de homens cisgêneros-heterossexuais em banheiros**. IN: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago (Orgs.). *Práticas Sexuais: Itinerários, Possibilidades e Limites de Pesquisa*. Salvador (BA): Devires, p. 199-211, 2019.

JESUS, Marcilene Pereira De. **A Prática Do Stealthing E A Possibilidade Da Aplicação De Analogia Para Autorização Do Aborto Legal**. 2019, 11p. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Direito da Faculdade Evangélica de Rubiataba - Rubiataba/GO - Brasil, 2019.

JIN, Fengyi; CRAWFOD, June; PRESTAGE, Garrett; ZABLOTSKA, Iryna; IMRIE, John et al., Unprotected anal intercourse, risk reduction behaviours, and subsequent HIV infection in a cohort of homosexual men. **AIDS**, v. 23, n. 2, p. 243-252, 2009.

JOHNSTON, Lynda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: geographies of sexualities**. Rowman & Littlefield: Lanham, 2010.

JÚNIOR, Jorge Leite. **Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

JUNIOR, Wilson Nascimento Almeida. **Palavras Dissidentes: a explosão ao HIV/AIDS no discurso de um blog de barebacking Sex direcionado a homens que tem sexo com outros homens**, 115f, 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2017.

KLEIN, Hugh. Generationing, stealthing, and gift giving: the intentional transmission of HIV by HIV-positive men to their HIV-negative sex partners. **Health psychology research**, p.54-59, 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petropolis (Rio de Janeiro): Editora Vozes, 2007.

_____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas (SP): Papirus, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999.

_____. **O ciberespaço e a economia da atenção**. IN: PARENTE, André. (Org.). *Tramas da rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, p. 174-188, 2013.

LIMA, Juliana Domingos. **Sobre o “stealthing”, a prática de retirar a camisinha durante a relação sem consentimento da parceira**. 2017. Disponível em: <<https://arquivoradical.wordpress.com/2017/05/09/sobre-o-stealthing-a-pratica-de-retirar-a-camisinha-durante-a-relacao-sem-consentimento-da-parceira/>>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. **Pouca Saúde e muita Saúva: sanitário, interpretações do país e ciências sociais**. IN: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. (Orgs.). *Cuidar, Controlar, Curar ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

LIMA, George José Santos; QUEIROZ, Marta Maria Azevedo. A Produção De Sentidos Sobre Homossexualidade No Jornal Diário Do Povo. **Revista Sociais e Humanas**, v. 30, n. 2, 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2005.

LOPES, Yan de Jesus. **As Parafilias e os Transtornos Parafílicos, Uma Perspectiva das Variações Sexuais Normais e Patológicas**, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5905776/mod_resource/content/1/7-parafilias_Lopes%202017.pdf>. Acesso em: 17 mar.2022.

LOURENÇO, Gilclécia Oliveira; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; LIMA, Ricardo Delgado Marques de. Nem santa, nem puta, apenas mulher: a feminização do HIV/aids e a experiência de soropositividade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 30, p. 262-281, 2018.

LOURENÇO, Romário Rodrigues. **Bug Chaser**. São Paulo: edição do autor, 2015.

LOURO, Paulo Fernandes. A Guerra do Peloponeso e o Enfraquecimento do Sentimento Cívico entre os Gregos. **Revista Phoinix**, v.3, p. 335-341, 1997.

LOWNDES, Catherine. **Doenças Sexualmente Transmissíveis na Mulher**. IN: GIFFIN, K.M. (Org.). Questões da saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 253-280, 1999.

LUSSAULT, Michel. **El hombre espacial: La construcción social del espacio humano**. Amorrortu Editores: Buenos Aires, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNONI, Maria da Graça Mello; FIGUEIREDO, Wellington dos Santos. Geografia e Tecnologia: O Ciberespaço como dimensão Socioespacial. **Ciência Geográfica - Bauru**, v. 23, nº2, p.590- 603, 2019.

MAIO, Marcos Chor. **Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX**. IN: MONTEIRO, Simone; SANSOME, Livio. (Orgs.) Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p.15- 44, 2004.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, v. 20, n. 35, p. 201-208, 2014.

MARINA, José Antonio. **O quebra-cabeça da sexualidade**. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2008.

MARQUES, Bruna Muniz. **“Clubes do Carimbo” sob a luz do sistema normativo penal brasileiro Conteúdo Jurídico**, Brasília- DF: 24 dez 2021. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/55401/clubes-do-carimbo-sob-a-luz-do-sistema-normativo-penal-brasileiro>. Acesso em: 24 dez. 2021.

MARTINEZ, Sergio Rodrigo., OLIVEIRA, Gabrielle Cajueiro de. “O CLUBE DO CARIMBO”: As consequências criminais da transmissão voluntária do HIV. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2016/04/carimbo.html>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MASSEY, Doreen Barbara. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen Barbara; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 6, n. 12, 2004.

MATIAS, Keidy Narely Costa. A tríade dialética espacial de Henri Lefebvre. **Cadernos de Pesquisa do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS)**, v. 34, n. 1, p. 80–103, 2021.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. IN: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de., CASTRO, Paula Almeida de (Orgs). Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83, 2011.

McQUIRE, Scott. **O direito à cidade em rede: redes digitais e espaço público urbano**. IN: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia – desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 2015.

MENDES, Marina. Interação virtual e identidade. **Cadernos da Escola de Comunicação**, v. 1, n. 9, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Casos de AIDS diminuem no Brasil**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/casos-de-aids-diminuem-no-brasil>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 78-88, 2000.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, v. 9, n. 2, 2009.

_____. “Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 61–90, 2015.

_____. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 263-268, 2017.

MORAIS, Dalila Priscila Andrade. **Estudo dos artigos 130, 131 e 132 do Código Penal Brasileiro: Baseado na doutrina de Luiz Regis Prado, 2017**. Disponível em: <<https://dalilandrademorais.jusbrasil.com.br/artigos/383319600/estudo-dos-artigos-130-131-e-132-do-codigo-penal-brasileiro>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MORAN, Dominique, JORDAAN, Jacob. HIV/AIDS in Russia: determinants of regional prevalence. **International Journal of Health Geographics**, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2007.

MOSKOWITZ, David.; ROLOFF, Michael. The existence of a bug chasing subculture. **Culture, Health & Sexuality**, v. 9, n. 4, p. 347-357, 2007.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Transmissão dolosa do HIV-AIDS: Relatos da imprensa brasileira. **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, v.13, n.32, p.157-174, 2002.

MOWLABOCUS, Sharif. **Cultura do Gaydar: torcendo a história da mídia digital na Grã-Bretanha do século XX**. IN: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (Org.). *No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia – desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume, 2015.

MOZER, Thiago Scarpat. A vigilância do afeto na territorialidade digital: regime de controle dos corpos no aplicativo Grindr. IN: **Anais... VI Simpósio Internacional LAVITS (Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade): ASSIMETRIAS E (IN) VISIBILIDADES: VIGILÂNCIA, GÊNERO E RAÇA**. Salvador (BA), 2019. Disponível em: <<https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/Mozer-2019-LAVITSS.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

NABOZNY, Almir. **Espaço e as redes de interdependência na produção da invisibilidade da exploração sexual comercial-infanto-juvenil feminina**. IN: SILVA, Joseli Maria. (Org.) *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa (PR): TODAPALAVRA, p. 153-176, 2009.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A face visível da AIDS. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 4, n. 1, p. 169-184, 1997.

NELVO, Romário Vieira. O enredo das condenações: uma etnografia entre documentos e "justiça" acerca de casos de transmissão do HIV. **Idealizando: revista de ciências sociais da UFPE**, v. 1, n. 2, p. 102-121, 2017.

NETO, Alfredo de Oliveira. **Internet e HIV/AIDS: o poder da informação e da desinformação**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NETO, Atílio Brisighelli; ARAÚJO, Angela Covre de; DOHER, Marisa Petruscelli, HADDAD, Melina de Arruda. Revisão sobre a eficácia do preservativo em relação à proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e gestação. **Diagnostico e Tratamento. Diagn Tratamento**, v. 14, n. 3, p. 123-125, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo: ensaio de uma crítica do cristianismo**. Ebook: Brasil, 2002. Disponível em: <https://aletp.com.br/wp-content/uploads/2017/12/nietzsche-o-anticristo.pdf> Acesso em: 10 nov. 2021.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças & Pegações On line: Subversões e reiteraões de gênero e sexualidade**. Salvador (BA): Editora Devires, 2020.

NUNES, Camila Xavier. **Geografias do corpo: por uma geografia da diferença**. 2014. 245f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Geografia) –Pós-graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NUNES, Danilo Henrique; LEHFELD, Lucas Souza. Stealthing: aspectos acerca da violência de gênero e afronta aos direitos fundamentais e à cidadania. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 3, n. 2, p. 93-108, 2018.

NUNES, Diego Miranda; SILVA, Susana Maria Velela da. O ciberespaço e a geografia: notas iniciais sobre homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo tinder em Rio Grande-RS. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 199-215, 2020.

OLIVEIRA, Mateus da Silva. **A punição penal na roleta-russa do sexo: uma análise jurídico-social à luz da teoria geral dos direitos fundamentais**. 2018. 56 p. (Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia), Curso de Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais – Direito, Centro de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade Federal de Campina Grande – Sousa- Paraíba - Brasil, 2018.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba**. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLTRAMARI, Leandro. Bareback: roleta russa ou a ética sadeana? **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 6, n. 72, p. 2-19, 2005.

PAIT, Heloisa; LAET, Juliana. **Formas sociais, subjetividade e ação: buscando modelos para uma nova política democrática no Brasil**. IN: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (Org.). No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia – desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, p.225-224, 2015.

PARENTE, André. **Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade**. IN: PARENTE, André. (Org.). Tramas da rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, p. 91-110, 2013.

PARKER, Richard Guy. Reflexões sobre a sexualidade na sociedade latino-americana: implicações para intervenções em face do HIV/AIDS. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 7, p. 99-108, 1997.

_____. **Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAULA, Paulo Sérgio Rodrigues de. **Barebacking sex: a roleta-russa da Aids?** Editora Multifoco, 2010.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. AIDS: os sentidos do risco. **Anais... VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social no novo milênio**. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, p.1-51, 2004. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MariaAngelaPaulilo.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.8, n.2, p.23-50, 2017.

_____. Geografia do HIV/AIDS entre falas: Análise do discurso de jovens soropositivos em Presidente Prudente, SP. **Hygeia**, v.15, n.31, p.82-94, 2019.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado—estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. **Iberic@ 1**, p. 123-136, 2016.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos Masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo**. Tese de Livre Docente apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Campus de Bauru, 2017.

PERLONGHER, Nestor. Disciplinar os poros e as paixões. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]**, v. 2, n. 3, p. 35-37, 1985.

PEREIRA, Carla Rocha; MONTEIRO, Simone Souza. A criminalização da transmissão do HIV no Brasil: avanços, retrocessos e lacunas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 4, p. 1185-1205, 2015.

PIMENTEL, Ivan Ignácio. **Processo de construção dos atores, padrões de sexualidades homossexuais e os Tlovers na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XXI**. 2016. 273 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PIMENTEL, Ivan Ignácio; BARBOSA, Ana Carolina Santos. Ciberespaço, tlovers e travestis: a emergência de novas dinâmicas no território de prostituição de travestis no Bairro da Glória-RJ. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 216-236, 2020.

PIMENTEL, Ivan Ignácio; BARBOSA, Ana Carolina Santos; SILVA, Jeziel Silveira. Qual o Espaço do T-Lover?: O Armário no Contexto do Ciberespaço. **Geo UERJ**, n. 39, p. 55134, 2021.

PIMENTEL, Ivan Ignácio, SILVA, Jeziel Silveira, SILVA, Leticia Marques. O Medo Urbano e o Protagonismo dos T-Lovers No Ciberterritório: o Fim do Território De Prostituição de Travestis no Bairro Da Glória? **Revista Geografar**, v.17, n.1, p.183-207,2022.

PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira; DIAS, Fernanda Lima Aragão; SILVA, Kelanne Lima da; SCOPACASA, Ligia Fernandes; GUBERT, Fabiane

do Amaral. Relação entre infidelidade e infecção ao HIV/AIDS na visão de homens heterossexuais. **Ciencia y Enfermería**, v. 18, n. 3, p. 39-48, 2012.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, p. 159-195, 2012.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Reflexões sobre o advento da cibergeografia ou o surgimento da geografia política do ciberespaço: contribuição à crítica à geografia crítica. **Anais... II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <<https://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/hindenburgo-pires.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2022.

PORTINARI, Denise Berruezo; WOLFGANG, Simone Marie Berthe Medina. Imagens e marcas: um imaginário ligado à epidemia de HIV-Aids no Brasil, **ALCEU**, v. 17, n. 34, p. 45-6, 2017.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2012.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto contrasexual**. (MPG Ribeiro, Trad.). São Paulo: n-1 edições, 2014.

PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS (UNAIDS). **Relatório global do UNAIDS sobre prevenção destaca avanços e desafios da resposta à AIDS no Brasil 2016**. Disponível em:<<https://unaids.org.br/2016/07/3883/>>. Acesso em: 02 dez. 2021.

_____. **Retrospectiva 2017 do UNAIDS no Brasil**. Disponível em:<https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Retrospectiva-2017-UNAIDS_160618_web.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

_____. **RELATÓRIO INFORMATIVO - DIA MUNDIAL DA AIDS 2021**. Disponível em:<https://unaids.org.br/wpcontent/uploads/2021/12/2021_12_01_UNAIDS_2021_FactSheet_Traduzido.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ROCHA, Rick Afonso. O masculinismo gore-ejaculatório e a ameaça rugosa. **Hybris: revista de filosofia**, v. 12, n. 2, p. 301-334, 2021.

ROSALES, Emilio Oiliem Hernández. **Educação em saúde para mulheres em idade fértil sobre as doenças sexualmente transmissíveis: projeto de intervenção**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização), Universidade Federal de Minas Gerais: Orientador: Prof. Dr. Alisson Araújo. Divinópolis, Minas Gerais, 2016.

ROTELLO, Gabriel. **Comportamento Sexual e AIDS: A cultura gay em transformação**. São Paulo: Summus, 1998.

SABATINE, Thiago Teixeira. **Travesti reflexiva- notas sobre o facebook e as práticas políticas mediada digitalmente**. IN: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (Org.). No emaranhado da rede: gênero, sexualidade e mídia – desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume, p. 109-119, 2015.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Letramento: Belo Horizonte (MG) 2016.

SANTOS, Elizete de Oliveira; SILVA, Francisco Antonio Carneiro da. Revisitando o conceito de escala na geografia. **Boletim de Geografia**, v. 32, n. 3, p. 16-27, 2014.

SANTOS, Marta Alves. Lutas sociais pela saúde pública no Brasil frente aos desafios contemporâneos. **Revista Katálysis**, v. 16, p. 233-240, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo- Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamento teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Sheila Castro dos; KOZEL, Salette. A santificação do lugar. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.7, n.2, p. 193-206, 2013.

SCARCE, Michael. A ride on the wild side. **Poz magazine**, v. 70, p. 52-55, 1999. Disponível em:< <https://www.poz.com/article/A-Ride-on-the-Wild-Side-1460-8374>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCHOBBER, Juliana. HIV/Aids: uma tragédia plantada no solo africano. **Ciência & Cultura**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 18, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu [online], n. 28, p. 19-54, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHERNOFF, Michael. **Without condoms: Unprotected sex, gay men and barebacking**. Routledge: New York, 2006.

SILVA, Andrea Lima da.; SANTOS, Silvana Mara de Moraes. “O sol não nasce para todos”: uma análise do direito à cidade para os segmentos LGBT. **SER Social, Brasília**, v. 17, n. 37, p. 498-516, 2015.

SILVA, Carlos Alberto Franco da.; TANCAMAN, Michéle. A dimensão Socioespacial do Ciberespaço: uma nota. **GEOgraphia**, v. 1, n. 2, p. 55-66, 1999.

SILVA, José Adriano Góes. **AIDS: desafios iniciais e de sempre**. Curitiba: Appris, 2015.

SILVA, Joseli Maria. **Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica**. IN: SILVA, Joseli Maria. (Org.) Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa (PR): TODAPALAVRA, p. 55-92, 2009a.

_____. **Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades**. IN: SILVA, Joseli Maria. (Org.) Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa (PR): TODAPALAVRA, p. 25-54, 2009b.

_____. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. IN: SILVA, Joseli Maria. (Org.) Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa (PR): TODAPALAVRA, p. 93-114, 2009c.

_____. **Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica**. IN: HEIDRICH, Álvaro Luiz, COSTA, Benhur Pinós da, e PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Orgs). Maneiras de ler: geografia e cultura – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p.28-36, 2013.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. **Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking**. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

_____. Masculinidades transgressivas: uma discussão a partir das práticas de barebacking. **Fazendo Gênero-Corpo, Violência e Poder. Extraído el**, v. 4, 2008. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST46/Luis_Augusto_Vasconcelos_da_Silva_46.pdf>. Acesso em: 11 mar.2022.

_____. Barebacking and the possibility of seroconversion. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 6, p. 1381-1389, 2009.

_____. A cibersexualidade e a pesquisa online: algumas reflexões sobre o conceito de barebacking. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 513-528, 2010a.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da; IRIAT, Jorge Alberto Bernstien. Práticas e sentidos do barebacking entre homens que vivem com HIV e fazem sexo com homens. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, p. 739-752, 2010b.

SILVA, Matheus Barros da. A tragédia grega: uma manifestação política. **Plêthos**, v.3, n. 1, p.30-46, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 73-102, 2000.

SINGER, Paul; CAMPOS, Oswaldo, OLIVEIRA, Elizabeth Machado de. **Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

SMITH, Davey.; DRUMRIGHT, Lydia.; FROST, Simon.; DAAR, Eric.; ESPITIA, Stephen.; GORBACH, Pamina.; LITTLE, Susan. Characteristics of recently HIV-infected men who use the Internet to find male sex partners and sexual practices with those partners. **JAIDS Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes**, v. 43, n. 5, p. 582-587, 2006.

SMITH, Neil. **Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e a produção de escala geográfica**. IN: ARANTES, Antonio A. (Org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, p. 132-159, 2000.

SNYDER, Timothy. **Na contramão da liberdade: a guinada autoritária nas democracias contemporâneas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Rosana de Lima. Estigmas da AIDS: Em busca da cura. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_COMUNICACOES_SOARES.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021.

SOUZA, Eloisio Moulin de. Pós-modernidade nos estudos organizacionais: equívocos, antagonismos e dilemas. **Cadernos Ebape. BR**, v. 10, n. 2, p. 270-283, 2012.

SOUZA, Helena Sofia Martins de; FONSECA, Paula. As tribos urbanas: as de ontem até às de hoje. **Nascer e Crescer: revista do Hospital de Crianças Maria Pia**, v.18, n.3, 209–214, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

TERTO JR, Veriano de Souza. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. **Horizontes antropológicos**, v. 8, p. 147-158, 2002.

TEWKSBURY, Richard. "Click here for HIV": An analysis of Internet-based bug chasers and bug givers. **Deviant Behavior**, v. 27, n. 4, p. 379-395, 2006.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VAZ, Paulo. **Esperança e excesso**. IN: PARENTE, André. (Org.). *Tramas da rede: Novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, p.189-208, 2013.

VIANA, Fabrício. **O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido**. Bons Livros: Editora Digital, 2014.

VIEIRA, Galba Taciana Sarmiento. **Desafios para prevenção do HIV/AIDS em mulheres no Brasil**. 1998. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 1998.

WEISSBERG, Jean-Lois. **Paradoxos da Teleinformática**. IN: PARENTE, André (Org.). *Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, p. 113-141, 2013.

WHITFIELD, Darren.; KATTARI, Shanna.; WALLS, N. Eugene.; AL-TAYYIB, Alia. Grindr, scruff, and on the hunt: predictors of condomless anal sex, internet use, and mobile application use among men who have sex with men. **American journal of men's health**, v. 11, n. 3, p. 775-784, 2017.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 7-72, 2000.

© copyright Jeziel Silveira Silva, 2022.

All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.